

Arthur
Conan
Doyle



A VOLTA DE SHERLOCK HOLMES



CLÁSSICOS  ZAHAR



Arthur Conan Doyle

A VOLTA DE
SHERLOCK HOLMES

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



SUMÁRIO

Apresentação

I. A Casa Vazia

II. O Construtor de Norwood

III. Os Dançarinos

IV. O Ciclista Solitário

V. A Escola do Priorado

VI. Black Peter

VII. Charles Augustus Milverton

VIII. Os Seis Napoleões

IX. Os Três Estudantes

X. O Pincenê de Ouro

XI. O Atleta Desaparecido

XII. A Granja da Abadia

XIII. A Segunda Mancha

APRESENTAÇÃO

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto a ficção científica, as novelas históricas, a poesia e a não ficção. Sem dúvida, porém, seu maior reconhecimento vem dos contos e romances do detetive Sherlock Holmes e seu fiel parceiro e amigo, o dr. Watson.

Os contos nunca deixaram de ser reimpressos desde que o primeiro deles foi publicado, em 1891, e os romances foram traduzidos para quase todos os idiomas. Centenas de atores encarnaram a dupla nos palcos, no rádio e nas telas; revistas e livros sobre o detetive são lançados todo ano; fã-clubes reúnem-se com regularidade. Infinitamente imitado, parodiado e citado, Holmes já foi identificado como uma das três personalidades mais conhecidas do mundo ocidental, ao lado de Mickey Mouse e do Papai Noel.

Os treze contos que compõem *A volta de Sherlock Holmes* foram publicados entre outubro de 1903 e dezembro de 1904 pela *Strand Magazine*, periódico britânico que levou os casos e a figura de Holmes ao conhecimento do grande público. Sua primeira edição americana em livro foi lançada em fevereiro de 1905 por McClure, Philips & Co, com tiragem superior a 28 mil exemplares e ilustrações de Charles Raymond Mcauley. Já a primeira edição britânica foi publicada em março do mesmo ano por George Newnes Ltd., com tiragem de 15 mil exemplares e ilustrações de Sidney Paget.

Analisando os recursos literários de Conan Doyle, temos uma narrativa que casa perfeitamente diálogo, descrição, caracterização e *timing*. A modéstia aparente de sua linguagem oculta um profundo reconhecimento da complexidade humana. E repare-se como o autor é hábil em colocar o leitor entre seus dois grandes protagonistas, “a meio caminho”, como diz John le Carré: Holmes é genial, e o leitor nunca o alcançará (e talvez nem queira); mas nem por isso deve desanimar, pois é mais perspicaz que o dr. Watson...

A presente edição traz o texto integral e mais de 40 ilustrações originais,

incluindo as de Sidney Paget, o clássico ilustrador das histórias do grande detetive de Baker Street.

I. A CASA VAZIA

FOI NA PRIMAVERA de 1894 que Londres inteira ficou em alvoroço, e a alta sociedade consternada, com o assassinato do *Honourable* Ronald Adair em circunstâncias extremamente inusitadas e inexplicáveis. O público já tomara conhecimento dos detalhes do crime revelados na investigação policial; muita coisa, porém, foi suprimida naquela ocasião, pois as razões para a acusação pareciam tão esmagadoramente fortes que não foi necessário apresentar todos os fatos. Somente agora, passados quase dez anos, tenho permissão para fornecer os elos que faltavam para compor a totalidade daquela notável cadeia. O crime foi interessante em si mesmo, mas para mim esse interesse não foi nada comparado às suas incríveis consequências, que me valeram o maior choque e surpresa que experimentei em minha aventureira vida. Mesmo agora, após esse longo intervalo, percebo-me emocionado ao pensar nisso e sinto mais uma vez aquela súbita onda de alegria, assombro e incredulidade que submergiu por completo a minha mente. Que me seja permitido dizer, àqueles que mostraram algum interesse nos vislumbres que dei vez por outra dos pensamentos e ações de um homem extraordinário, que não devem me culpar se não partilhei com eles meu conhecimento, pois eu teria considerado de meu mais elementar dever fazê-lo, não estivesse impedido por uma proibição taxativa de seus próprios lábios, a qual só foi suspensa no dia 3 do mês passado.

Pode-se imaginar que minha estreita intimidade com Sherlock Holmes havia despertado em mim profundo interesse pelo crime, e que após o desaparecimento de Holmes nunca deixei de ler com atenção os vários problemas que se apresentaram perante o público; mais de uma vez, cheguei mesmo a tentar, para minha própria satisfação, empregar seus métodos na solução desses casos, embora com medíocre sucesso. Nenhum, contudo, atraiu-me tanto quanto essa tragédia de Ronald Adair. Ao ler as provas apresentadas no inquérito, que conduziram a um veredicto de assassinato premeditado por parte de pessoa ou pessoas desconhecidas, compreendi com

mais clareza que nunca a perda que a comunidade sofrera com a morte de Sherlock Holmes. Certos pontos naquele estranho caso, eu tinha certeza, o teriam atraído de maneira especial, e os esforços da polícia teriam sido suplementados, ou mais provavelmente antecipados, pela observação treinada e a mente alerta do primeiro agente criminal da Europa. O dia inteiro, enquanto fazia minha ronda, revirei o caso em minha mente, sem encontrar uma explicação sequer que me parecesse adequada. Correndo o risco de chover no molhado, vou recapitular os fatos tais como eram do conhecimento do público quando da conclusão do inquérito.

O *Honourable* Ronald Adair era o segundo filho do conde de Maynooth, na época governador de uma das colônias australianas. A condessa retornara da Austrália para se submeter a uma operação de catarata e estava morando com o filho Ronald e a filha Hilda em Park Lane, nº 427. O jovem frequentava a melhor sociedade e, até onde se sabe, não tinha inimigos nem vícios particulares. Havia sido noivo de Miss Edith Woodley, de Carstairs, mas o noivado fora rompido por mútuo consentimento alguns meses antes e não havia sinal de que algum sentimento profundo subsistisse. Quanto ao resto, o rapaz levava a vida num círculo estreito e convencional, pois seus hábitos eram tranquilos e sua natureza, pouco emotiva. No entanto, esse sereno jovem aristocrata é que foi surpreendido pela morte, da mais estranha e inesperada forma, entre as dez horas e as onze e vinte da noite de 30 de março de 1894.

Ronald Adair era um aficcionado das cartas — jogava regularmente, mas nunca fazia apostas que o pudessem prejudicar. Era membro dos clubes de baralho Baldwin, Cavendish e Bagatelle. Foi mostrado que no dia de sua morte, depois do jantar, havia jogado um *rubber* de *whist* neste último clube. Jogara ali também à tarde. Os testemunhos dos que haviam jogado com ele — Mr. Murray, Sir John Hardy e o coronel Moran — mostraram que o jogo fora *whist* e que as cartas haviam se distribuído de maneira bastante equilibrada. Adair talvez tivesse perdido umas cinco libras, não mais. Era dono de uma fortuna considerável, e uma perda como essa não o poderia ter afetado de maneira alguma. Havia jogado praticamente todos os dias, num clube ou noutro, mas era um jogador cauteloso e geralmente deixava a mesa como vencedor. Os testemunhos revelaram que algumas semanas antes, em parceria com o coronel Moran, ele havia de fato ganhado numa noite nada

menos que 420 libras de Godfrey Milder e Lord Balmoral. Esta era sua história recente, tal como revelada no inquérito.

Na noite do crime, Adair voltou do clube exatamente às dez horas. Sua mãe e sua irmã haviam saído para visitar um parente. A criada declarou que o ouviu entrar na sala da frente no terceiro andar, que geralmente usava como sua sala de estar. Ela havia acendido a lareira, e, como esta fumegava, abrira a janela. Não se ouviu nenhum som saído daquele cômodo até onze e vinte, hora em que Lady Maynooth e a filha voltaram. Desejando dar boa-noite ao filho, ela tentou entrar na sala. Mas a porta estava trancada por dentro e suas batidas e gritos não tiveram resposta. Conseguiu-se ajuda e arrombou-se a porta. O infeliz rapaz foi encontrado caído no chão junto à mesa. Sua cabeça fora horivelmente mutilada por uma bala dundun, mas nenhuma arma de qualquer tipo foi encontrada no aposento. Sobre a mesa viam-se duas notas de dez libras e mais dez libras e dezessete xelins em moedas de prata e de ouro, arrumadas em pequenas pilhas de valor variado. Havia também alguns números numa folha de papel, com os nomes de alguns amigos dos clubes ao lado, a partir do que se conjecturou que, antes de morrer, o jovem tentava avaliar suas perdas ou ganhos no carteadado.



“O infeliz rapaz foi encontrado caído no chão junto à mesa.” [G.A. Dowling, *Portland Oregonian*, 9 de julho de 1911]

Um exame minucioso das circunstâncias só serviu para tornar o caso mais complexo. Em primeiro lugar, não se conseguiu entender por que o rapaz teria trancado a porta por dentro. Havia a possibilidade de que o assassino tivesse feito isso e depois escapado pela janela. Mas esta ficava a pelo menos seis metros do jardim e bem acima de um canteiro de açafrões em plena floração. Nem as flores nem a terra mostravam qualquer sinal de terem sido incomodadas, nem havia quaisquer marcas na estreita faixa de grama que separava a casa da rua. Ao que tudo indicava, portanto, fora o próprio jovem quem trancara a porta. Mas como viera a morrer? Ninguém poderia ter subido até a janela sem deixar rastros. Na hipótese de que um homem tivesse atirado através da janela, teria sido um tiro extraordinário para ser capaz de infligir um ferimento tão fatal. Por outro lado, Park Lane é uma via pública movimentada e há um ponto de carros de aluguel a menos de noventa metros da casa. Ninguém ouvira o disparo. Lá estava, no entanto, o homem morto, e lá estava a bala de revólver que explodira, como fazem balas com ogiva de chumbo, infligindo assim um ferimento que devia ter causado morte

instantânea. Essas eram as circunstâncias do Mistério de Park Lane. A complicá-las ainda mais, havia a total ausência de motivo, pois, como eu disse, não se conhecia um só inimigo do jovem Adair e não se fizera nenhuma tentativa de tirar o dinheiro ou outros objetos de valor da sala.

Revirei esses fatos na minha mente o dia inteiro na tentativa de chegar a uma teoria capaz de conciliá-los e encontrar aquela linha de menor resistência que, nas palavras do meu pobre amigo, era o ponto de partida de toda investigação. Confesso que fiz pouco progresso. À tarde, perambulei pelo Parque e por volta das seis horas encontrei-me na esquina de Oxford Street com Park Lane. Um grupo de vadios na calçada, todos com os olhos fixos numa mesma janela, me fez voltar o olhar para a casa que eu fora ver. Um homem alto e magro, com óculos escuros, que segundo minhas fortes suspeitas devia ser um detetive à paisana, expunha uma teoria de sua própria lavra, enquanto os demais se agrupavam à sua volta para ouvir. Aproximei-me dele o mais que pude, mas como suas observações me pareceram absurdas, voltei a me afastar, desgostoso. Ao fazê-lo, esbarrei num ancião deformado que estava atrás de mim e derrubei vários livros que ele carregava. Lembro-me de que, ao apanhá-los, observei o título de um deles, *The Origin of Tree Worship*, e tive a impressão de que o sujeito devia ser algum pobre bibliófilo que, por ofício ou *hobby*, colecionava volumes obscuros. Tentei me desculpar pelo acidente, mas ficou claro que aqueles livros que eu tão desafortunadamente maltratara eram objetos muito preciosos aos olhos do dono. Com um rosnado de irritação, ele deu meia-volta e vi suas costas encurvadas e suas costeletas brancas desaparecerem em meio à multidão.



“Derrubei vários livros que ele carregava.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]



“Com um rosnado, ele deu meia-volta.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

Minha observação do nº 427 de Park Lane pouco contribuiu para elucidar o problema em que eu estava interessado. A casa era separada da rua por uma mureta e uma grade, que não tinham no todo mais de um metro e meio de altura. Era muito fácil para qualquer um, portanto, entrar no jardim; a janela, contudo, era inteiramente inacessível, pois não havia nenhum cano d'água ou o que quer que fosse para ajudar o mais ágil dos homens a escalá-la. Mais intrigado que nunca, voltei sobre os meus passos para Kensington. Não fazia nem cinco minutos que estava em meu gabinete quando a criada entrou para dizer que alguém desejava me ver. Para meu pasmo, não era senão meu estranho colecionador de livros, com seu rosto murcho e esperto emergindo de uma moldura de cabelos brancos, e seus preciosos volumes, pelo menos uma dúzia deles, enfiados sob o braço direito.

“Está surpreso por me ver, senhor”, disse, numa voz estranha que mais parecia um grasnido.

Reconheci que estava.

“Bem, tenho consciência, e quando por acaso o vi entrar nesta casa, ao vir manquejando atrás do senhor, pensei com meus botões: vou entrar e fazer uma visita para esse gentil cavalheiro; vou lhe dizer que, se minhas maneiras foram um pouco ríspidas, foi sem intenção de magoá-lo e que lhe estou muito agradecido por apanhar meus livros.”

“Ora, não foi nada”, respondi. “Posso lhe perguntar como sabia quem eu era?”

“Bem, se não for muita liberdade, sou seu vizinho, pois tenho minha lojinha na esquina de Church Street e estou muito feliz em vê-lo, com certeza. Talvez o senhor também seja um colecionador; aqui estão *British Birds*, Catulo, e *The Holy War* — todos por uma pechincha. Com cinco volumes poderia encher exatamente aquela brecha na segunda prateleira. Dá impressão de desarrumação, não acha?”

Virei a cabeça para olhar a estante atrás de mim. Quando a desvirei, Sherlock Holmes me sorria do outro lado da mesa do meu gabinete. Levantei-me, fitei-o durante alguns segundos em absoluto assombro, e em seguida parece que desmaiei pela primeira e última vez na minha vida. O que sei é que uma névoa cinza girou diante dos meus olhos e quando ela se dissipou

meu colarinho estava desabotoado e eu tinha nos lábios um ressaibo de conhaque. Holmes debruçava-se sobre minha cadeira, seu frasco na mão. “Meu caro Watson”, disse a voz de que eu me lembrava tão bem, “devo-lhe mil desculpas. Não tinha ideia de que ficaria tão abalado.”



“Quando a desvirei, Sherlock Holmes me sorria do outro lado da mesa do meu gabinete.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

Agarrei-o pelo braço.

“Holmes!” exclamei. “É realmente você? É mesmo possível que esteja vivo? Que tenha conseguido escalar aquele abismo medonho?”

“Um momento”, atalhou-me. “Tem certeza de que está em condições de conversar? Você recebeu um grave choque com minha reaparição desnecessariamente dramática.”

“Estou bem, mas realmente, Holmes, mal posso acreditar no que vejo. Céus! Pensar que você — você, entre todos os homens — está aqui no meu gabinete!” Agarrei-o de novo pela manga e senti o braço fino, vigoroso, sob o tecido. “Bem, um espírito você certamente não é”, disse eu. “Meu caro

amigo, estou radiante por vê-lo. Sente-se e conte-me como escapou com vida daquele abismo pavoroso.”

Ele se sentou diante de mim e acendeu um cigarro à sua maneira antiga, displicente. Vestia a sobrecasaca andrajosa do comerciante de livros, mas o resto desse indivíduo, cabelos brancos e livros velhos, amontoava-se sobre a mesa. Holmes parecia ainda mais magro e seus traços mais bem-definidos que nos velhos tempos, mas sua face aquilina exibia um branco fosco que me disse que não vinha levando uma vida saudável nos últimos tempos.

“Estou feliz por poder me esticar, Watson”, disse ele. “Não é brincadeira um homem alto subtrair uns trinta centímetros de sua estatura durante horas a fio. Agora, meu caro companheiro, no que diz respeito a explicações, temos, se posso pedir sua colaboração, uma longa e perigosa noite de trabalho à nossa frente. Talvez seja melhor que eu lhe faça um relato de toda a situação quando esse trabalho terminar.”

“Estou ardendo de curiosidade. Realmente prefiro ouvir agora.”

“Virá comigo esta noite?”

“Quando quiser e para onde quiser.”

“Isso é de fato como nos velhos tempos. Teremos tempo para comer alguma coisa ou mesmo jantar antes de ir. Bem, sobre aquele abismo. Não tive maior dificuldade em sair pela simples razão de que jamais estive nele.”

“Nunca estive nele?”

“Não, Watson, nunca estive nele. Meu bilhete para você foi absolutamente genuíno. Tive poucas dúvidas de que chegara ao fim de minha carreira quando divisei a figura um tanto sinistra do finado professor Moriarty na trilha estreita que levava à segurança. Li uma intenção inexorável em seus olhos cinzentos. Assim, troquei algumas palavras com ele e obtive sua cortês permissão para escrever o curto bilhete que você recebeu mais tarde. Deixei-o junto de minha cigarreira e meu bastão e segui andando pela trilha, Moriarty ainda nos meus calcanhares. Quando cheguei ao fim dela, fiquei na defensiva. Ele não puxou nenhuma arma, mas se jogou sobre mim e me agarrou com seus braços compridos. Sabia que seu próprio jogo terminara e era apenas um homem aflito por se vingar de mim. Cambaleamos juntos na beira do precipício. Mas eu tenho algum conhecimento de baritsu, o sistema japonês de luta, que me foi muito útil mais de uma vez. Desvencilhei-me de

seus braços, e ele, com um grito horrível, deu pontapés como um louco por alguns segundos e tentou agarrar o ar com as duas mãos. Mas, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu se equilibrar e despencou. Com o rosto na borda, eu o vi cair por um longo trecho. Depois se chocou com uma pedra, ricocheteou e caiu de cheio na água.”

Ouvi com assombro essa explicação, que Holmes deu entre baforadas de seu cigarro.

“Mas as pegadas!” exclamei. “Vi, com meus próprios olhos, que duas linhas desciam a trilha e nenhuma voltava.”

“Aconteceu da seguinte maneira. No instante em que o professor desapareceu, percebi que sorte realmente extraordinária o Destino me reservara. Eu sabia que Moriarty não era o único homem que havia jurado a minha morte. Havia pelo menos três outros cujo desejo de se vingar de mim seria apenas intensificado com a morte de seu líder. Eram todos homens extremamente perigosos. Algum deles poderia efetivamente me acertar. Por outro lado, se todos estivessem convencidos de que eu estava morto, esses homens tomariam liberdades; ficariam desprevenidos, e mais cedo ou mais tarde eu poderia destruí-los. Essa seria a hora para eu anunciar que ainda pertencia ao reino dos vivos. O cérebro funciona tão rapidamente que acredito que havia raciocinado tudo isto antes que o professor Moriarty chegasse ao fundo do poço da catarata de Reichenbach. “Levantei-me e examinei a parede rochosa atrás de mim. Em seu pitoresco relato do episódio, que li com grande interesse alguns meses mais tarde, você afirma que a parede se erguia a prumo. Isso não é literalmente verdade. Viam-se alguns pequenos pontos de apoio para os pés e indicação de algumas saliências. O rochedo era tão alto que escalá-lo todo seria uma impossibilidade óbvia, assim como era impossível sair pela trilha molhada sem deixar pegadas. Eu poderia, é verdade, ter calçado minhas botas de trás para frente, como fiz em ocasiões similares, mas a visão de três linhas de pegadas numa única direção teria certamente sugerido uma trapaça. No fim das contas, portanto, o melhor que eu tinha a fazer era arriscar a escalada. Não foi nada agradável, Watson. A queda d’água atroava sob mim. Não sou fantasioso, mas dou-lhe minha palavra de que ouvi a voz de Moriarty gritando para mim do fundo do abismo. Um erro teria sido fatal. Mais de uma vez, quando tufos de capim se desprendiam e minha mão ou meu pé escorregavam nos entalhes úmidos das

rochas, pensei que estava perdido. Mas fui subindo com enorme esforço e finalmente cheguei a uma saliência com cerca de um metro de profundidade, coberta com um macio musgo verde, onde eu podia ficar sem ser visto, no mais perfeito conforto. Eu estava esticado ali quando você, meu caro Watson, e toda a sua comitiva investigavam da maneira mais solidária e eficiente as circunstâncias de minha morte.

“Por fim, quando haviam todos chegado às suas conclusões inevitáveis e inteiramente errôneas, vocês voltaram para o hotel e fui deixado a sós. Eu tinha imaginado que chegara ao fim de minha aventura, mas uma ocorrência muito inesperada mostrou-me que ainda havia surpresas reservadas para mim. Uma pedra enorme, ao despencar lá de cima, passou com estrondo por mim, bateu na trilha e ricocheteou no abismo. Por um instante, achei que havia sido um acidente; mas um momento depois, levantando os olhos, vi a cabeça de um homem contra o céu quase escuro e outra pedra atingiu a saliência em que eu estava esticado, batendo a uns trinta centímetros da minha cabeça. O significado disso era óbvio. Moriarty não estivera sozinho. Um aliado — e aquele único vislumbre já me fizera ver que homem perigoso esse aliado podia ser — montara guarda enquanto o professor me atacava. À distância, sem ser visto por mim, ele fora uma testemunha da morte do amigo e de minha fuga. Esperara-me e depois, dando a volta até o topo do rochedo, tentara ser bem-sucedido onde o companheiro fracassara.

“Não precisei de muito tempo para refletir sobre isso, Watson. Mais uma vez, vi aquela face implacável olhar por sobre o rochedo e sabia que ela era precursora de mais uma pedra. Desci para a trilha. Acho que não teria conseguido fazer aquilo a sangue-frio. Foi cem vezes mais difícil que subir. Mas não tive tempo de pensar no perigo, pois uma outra pedra passou por mim sibilando enquanto eu me pendurava pelas mãos na borda da saliência. Na metade do caminho, escorreguei, mas graças a Deus aterrissei, machucado e sangrando, na trilha. Saí na disparada e andei mais de quinze quilômetros pelas montanhas no escuro; uma semana mais tarde eu me encontrava em Florença, com a certeza de que ninguém no mundo sabia o que fora feito de mim.

“Eu tinha um único confidente: meu irmão Mycroft. Devo-lhe muitas desculpas, meu caro Watson, mas era de suma importância que se pensasse que eu estava morto, e não há dúvida de que você não teria escrito um relato

tão convincente de meu triste fim se não pensasse que era verdadeiro. Várias vezes durante os últimos três anos, peguei da pena para lhe escrever, mas sempre temia que sua estima por mim o tentasse a alguma indiscrição que trairia meu segredo. Por essa razão, dei-lhe as costas esta tarde quando você derrubou meus livros, porque naquele momento eu corria perigo, e qualquer demonstração de surpresa e emoção de sua parte teria chamado atenção para minha identidade e levado aos mais deploráveis e irreparáveis resultados. Quanto a Mycroft, tive de confiar nele para obter o dinheiro de que precisava. As coisas em Londres não correram tão bem quanto eu esperara, pois o julgamento da quadrilha de Moriarty deixou em liberdade dois de seus membros mais perigosos, meus inimigos mais vingativos. Assim, viajei durante dois anos pelo Tibete, e ali distraí-me visitando Lassa e passando alguns dias com o líder dos lamas. Talvez você tenha lido sobre as notáveis explorações de um norueguês chamado Sigerson, mas tenho certeza de que nunca lhe ocorreu que estava recebendo notícias deste seu amigo. Depois passei pela Pérsia, dei uma chegada em Meca e fiz uma breve mas interessante visita ao califa em Cartum, cujos resultados comuniquei ao Ministério das Relações Exteriores. De volta à França, dediquei alguns meses a uma pesquisa sobre os derivados do coltar, num laboratório em Montpellier, no sul do país. Tendo concluído esse trabalho de maneira satisfatória e sendo informado de que restava apenas um de meus inimigos em Londres, eu estava prestes a retornar quando meus movimentos foram apressados pela notícia desse tão extraordinário Mistério de Park Lane. Esse crime me atraiu não só por seus próprios méritos, mas porque parecia oferecer algumas oportunidades pessoais muito peculiares. Vim imediatamente para Londres, apresentei-me em pessoa em Baker Street, lancei Mrs. Hudson num violento acesso histérico e constatei que Mycroft havia conservado meus aposentos e meus papéis exatamente como sempre haviam estado. Foi assim, meu caro Watson, que hoje às duas horas vi-me na velha poltrona da minha velha sala, só desejando poder ver meu velho amigo Watson na outra poltrona que ele tantas vezes adornara.”

Esta foi a extraordinária narrativa que ouvi naquela noite de abril — narrativa que teria sido absolutamente inacreditável para mim, não fosse ela confirmada pela visão real da figura alta e magra e o rosto bem definido, ansioso, que eu pensara que nunca voltaria a ver. De alguma maneira ele

ficara sabendo de minha própria triste perda, e mostrou seu pesar mais por suas maneiras que por palavras. “O trabalho é o melhor antídoto para o sofrimento, meu caro Watson”, disse, “e eu tenho um trabalho para nós esta noite que, se conseguirmos levar a cabo com êxito, será o bastante para justificar a vida de um homem neste planeta.” Implorei-lhe em vão que me dissesse mais. “Você ficará sabendo o suficiente antes que amanheça”, respondeu. “Temos três anos do passado para discutir. Deixe que isso baste até nove e meia, quando daremos início à notável aventura da casa vazia.”

Foi realmente como nos velhos tempos quando, nessa hora, vi-me sentado ao lado dele num *hansom*, meu revólver no bolso e a emoção da aventura no coração. Holmes estava frio, grave e silencioso. Quando a luz dos lampiões de rua iluminava seus traços austeros, eu via que tinha as sobrancelhas franzidas em reflexão e os lábios finos cerrados. Eu não sabia que animal selvagem estávamos prestes a caçar na selva criminal de Londres, mas tinha certeza, a partir da atitude desse exímio caçador, que a aventura era da maior gravidade, ao mesmo tempo em que o sorriso sardônico que rompia ocasionalmente sua ascética casmurrice não pressagiava nada de bom para o objeto de nossa busca.

Eu havia imaginado que nosso destino era Baker Street, mas Holmes parou o carro de praça na esquina de Cavendish Square. Observei que, ao descer, ele olhou cautelosamente para a direita e para a esquerda, e em cada esquina subsequente tomou todo cuidado para se assegurar que não estava sendo seguido. Nosso trajeto foi sem dúvida singular. O conhecimento que Holmes possuía dos atalhos era extraordinário, e nessa ocasião ele passou rapidamente, e com um passo seguro, através de uma rede de cavalariças e estábulos, de cuja existência eu nunca suspeitara. Desembocamos por fim numa ruela ladeada por casas velhas e sombrias, que nos levou a Manchester Street. Ali ele enveredou brevemente por uma passagem estreita, transpôs um portão de madeira e entrou num pátio deserto, onde abriu com uma chave a porta dos fundos de uma casa. Entramos juntos e ele a fechou atrás de nós.

O lugar estava escuro como breu, mas ficou evidente para mim que era uma casa vazia. Nossos pés produziam rangidos e estalos no assoalho nu, e, estendendo a mão, toquei numa parede cujo papel pendia em tiras. Os dedos frios e magros de Holmes fecharam-se em torno do meu pulso e ele me conduziu por um longo corredor, até que vi obscuramente a suja bandeira

sobre a porta. Ali Holmes virou subitamente para a direita, e vimo-nos num cômodo vazio, grande e quadrado, muito escuro nos cantos, mas tenuemente iluminado no centro pelas luzes da rua lá fora. Como não havia nenhuma lâmpada por perto e a janela estava coberta por grossa camada de poeira, só conseguíamos discernir ali dentro a silhueta um do outro. Meu companheiro pôs a mão no meu ombro e os lábios em meu ouvido.

“Sabe onde estamos?” sussurrou.

“Em Baker Street, sem dúvida”, respondi, olhando pela janela obscurecida.

“Exatamente. Estamos em Camden House, que fica defronte ao nosso velho apartamento.”

“Mas por que estamos aqui?”

“Porque daqui temos uma vista excelente do nosso pitoresco prédio. Pode se dar ao incômodo, Watson, de chegar um pouco mais perto da janela, tomando todo o cuidado para não se mostrar, e depois olhar para nossos velhos aposentos — o ponto de partida de tantos de seus pequenos contos de fadas? Veremos se meus três anos de ausência anularam por completo minha capacidade de surpreendê-lo.

Avancei sorrateiramente e olhei para a janela tão conhecida. Quando bati os olhos nela, tive de sufocar um grito de espanto. A persiana estava fechada e uma luz forte ardia na sala. A sombra de um homem sentado numa cadeira lá dentro era projetada num contorno preciso, preto, sobre a tela luminosa da janela. A cabeça aprumada, os ombros quadrados, os traços bem-definidos eram inconfundíveis. O rosto estava um pouco de lado e o efeito era o de uma daquelas silhuetas pretas que nossos avós gostavam de emoldurar. Era uma reprodução perfeita de Holmes. Fiquei tão espantado que estendi a mão para me assegurar de que o homem estava mesmo ali ao meu lado. Um riso silencioso o sacudia.



“Avancei sorrateiramente e olhei para a janela tão conhecida.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“E então?” perguntou.

“Meu Deus!” exclamei. “É maravilhoso.”

“Espero que nem a idade faça murchar nem o hábito deteriore minha infinita variedade”, disse ele, e reconheci na sua voz a alegria e o orgulho do artista perante sua própria criação. “Parece mesmo comigo, não é?”

“Eu poderia jurar que era você.”

“O mérito pela execução cabe a Monsieur Oscar Meunier, de Grenoble, que levou alguns dias para fazer a moldagem. É um busto de cera. O resto eu mesmo arranjei em minha visita a Baker Street esta tarde.”

“Mas por quê?”

“Porque, meu caro Watson, eu tinha a mais forte das razões para desejar que certas pessoas pensassem que estava ali quando de fato me encontrava em outro lugar.”

“Pensou que o apartamento estava sendo observado?”

“Sei que estava sendo observado.”

“Por quem?”

“Por meus velhos inimigos, Watson. Pela encantadora agremiação cujo líder jaz na catarata Reichenbach. Você deve se lembrar que eles, e somente eles, sabiam que eu ainda estava vivo. Deviam acreditar que, mais cedo ou mais tarde, eu voltaria para o meu apartamento. Vigiam-no constantemente, e nesta manhã me viram chegar.”

“Como sabe?”

“Porque reconheci a sentinela deles quando dei uma olhada pela minha janela. É um sujeito bastante inofensivo, chamado Parker, garroteador por ofício e um notável artista com o berimbau de boca. Não lhe dei nenhuma importância. Mas dei muita à pessoa muito mais temível que estava atrás dele, o amigo do peito de Moriarty, o criminoso mais astuto e perigoso de Londres. Esse é o homem que está à minha procura esta noite, Watson, enquanto ignora por completo que nós estamos à procura *dele*.”

Pouco a pouco os planos do meu amigo se revelavam. Daquele conveniente esconderijo, os vigias estavam sendo vigiados e os perseguidores, perseguidos. Aquela sombra angulosa lá em cima era a isca, e nós éramos os caçadores. Ficamos ali juntos na escuridão observando as figuras apressadas que passavam e repassavam à nossa frente. Holmes mantinha-se silencioso e imóvel; mas eu sabia que estava intensamente alerta e que seus olhos não se desviavam do fluxo de passantes. Era uma noite gélida e tempestuosa, e o vento assobiava com estridência pela rua comprida. Muita gente ia de um lado para outro, a maioria com os rostos encobertos por casacos e cachecóis. Uma ou duas vezes tive a impressão de já ter visto a mesma figura antes; em especial, notei dois homens que pareciam abrigar-se do vento no vão da porta de uma casa um pouco adiante na rua. Tentei chamar a atenção do meu companheiro, mas ele expressou impaciência e continuou fitando a rua. Mais de uma vez pôs-se a agitar o pé e a bater os dedos de leve na parede. Ficou evidente para mim que ele se tornava inquieto e que seus planos não estavam funcionando inteiramente a contento. Por fim, quando a meia-noite se aproximava e a rua se esvaziava aos poucos, ele se pôs a andar de um lado para outro da sala em incontável agitação. Eu estava prestes a lhe fazer uma observação quando levantei os olhos para a janela iluminada e, mais uma vez, tive uma surpresa quase tão grande quanto a anterior. Agarrei o braço de Holmes e apontei para cima.

“A sombra se moveu!”

De fato, agora não o víamos mais de perfil, eram as costas que se voltavam para nós.

Três anos certamente não haviam suavizado as asperezas de seu temperamento ou sua impaciência com uma inteligência menos ágil que a sua.

“Claro que se moveu”, disse. “Será que sou um pateta tão ridículo, Watson, que montaria um boneco imóvel e esperaria que alguns dos mais argutos homens da Europa se deixassem enganar? Faz duas horas que estamos nesta sala, e Mrs. Hudson mudou a posição do manequim oito vezes, ou uma vez a cada quarto de hora. Ela trabalha pela frente, de modo que sua sombra nunca pode ser vista. Ah!” engoliu o ar numa exclamação aguda, alvoroçado. Na semiobscuridade vi sua cabeça projetada para a frente, toda a sua postura rígida, atenta. Lá fora, a rua estava absolutamente deserta. Aqueles dois homens talvez ainda estivessem agachados no vão da porta, mas eu não os podia ver mais. Tudo estava quieto e escuro, exceto aquela brilhante tela amarela diante de nós, com a figura negra delineada em seu centro. Mais uma vez, no completo silêncio, ouvi aquela nota fina, sibilante, que falava de uma intensa excitação reprimida. Um instante depois ele me puxou de volta para o canto mais escuro da sala, e senti sua mão sobre meus lábios, numa advertência. Os dedos que me agarravam tremiam. Eu jamais vira meu amigo mais perturbado, embora a rua escura continuasse solitária e parada diante de nós.

De repente, porém, percebi o que os sentidos mais aguçados dele já haviam distinguido. Um som baixo, sub-reptício chegou aos meus ouvidos, não da direção de Baker Street, mas do fundo da própria casa em que nos escondíamos. Uma porta se abriu e bateu. Um instante depois passos furtivos se fizeram ouvir no corredor — passos que pretendiam ser silenciosos, mas reverberavam asperamente por toda a casa vazia. Holmes agachou-se contra a parede e eu fiz o mesmo, minha mão se fechando sobre o cabo do meu revólver. Perscrutando a escuridão, vi o vago contorno de um homem, uma sombra mais escura que a escuridão da porta aberta. Ele ficou parado por um instante, depois avançou, agachando-se, ameaçador, pelo aposento. Essa figura sinistra estava a menos de três metros de nós, e eu havia me preparado para seu salto sobre mim, quando percebi que ele não tinha a menor suspeita

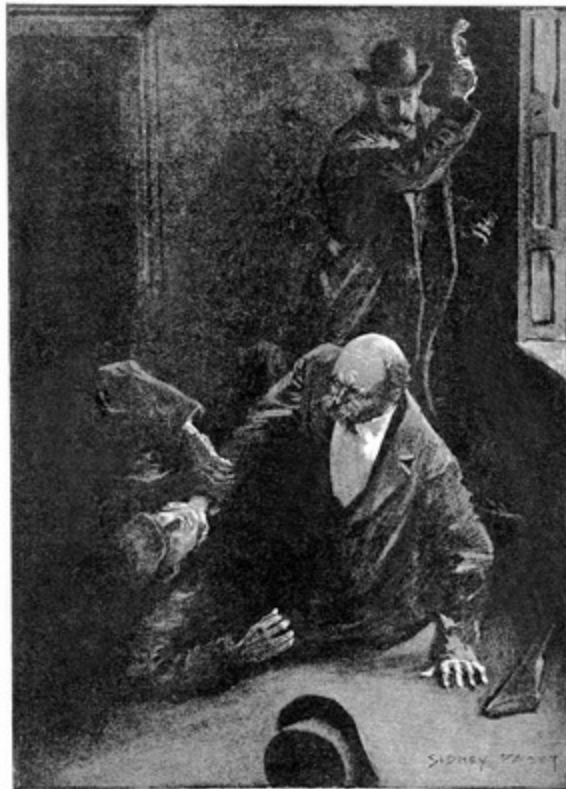
de nossa presença. Passou bem junto de nós, moveu-se furtivamente até a janela, e, muito suavemente, sem fazer barulho, ergueu-a uns quinze centímetros. Quando ele se abaixou até o nível dessa abertura, a luz da rua, não mais obscurecida pelo vidro empoeirado, caiu sobre seu rosto. O homem parecia fora de si de nervosismo. Seus dois olhos brilhavam como estrelas e seu semblante se agitava convulsivamente. Era um homem de certa idade, com um nariz fino, saliente, uma fronte alta, calva, e um enorme bigode grisalho. Um chapéu alto estava empurrado para a nuca, e o peito duro da camisa de gala brilhava através do sobretudo aberto. Sua face era macilenta e morena, sulcada por rugas profundas. Levava nas mãos o que parecia ser um bastão, mas, ao ser posto no chão, produziu um som metálico. Em seguida, o homem tirou do bolso do sobretudo um objeto volumoso e se ocupou de alguma tarefa que terminou com um estalo alto, brusco, como se uma mola tivesse se encaixado no lugar. Ainda ajoelhado no chão, ele se inclinou para a frente e jogou todo o seu peso e força sobre alguma alavanca, e o efeito foi um rangido longo, um rodopio, que terminou mais uma vez num forte estalo. Depois ele se endireitou e pude ver que o que tinha na mão era algum tipo de arma de fogo, com a soleira curiosamente deformada. Ele abriu-lhe a culatra, enfiou alguma coisa ali e fechou o bloco da culatra. Depois, agachando-se, apoiou a ponta do cano no parapeito da janela aberta, e vi seu comprido bigode pender sobre a coronha e seu olho brilhar ao perscrutar pela mira. Ouvi um pequeno suspiro de satisfação quando ele ajeitou a soleira no ombro e viu aquele alvo espantoso, o homem negro contra o fundo amarelo, claramente postado na extremidade de sua massa de mira. Por um instante, ficou rígido e imóvel. Depois seu dedo se retesou no gatilho. Ouviu-se um zunido alto, estranho, e um longo e argentino tilintar de vidro quebrado. Nesse instante Holmes saltou como um tigre sobre as costas do exímio atirador e derrubou-o de bruços no chão. Um momento depois ele se reergueu, e, com força convulsiva, agarrou Holmes pelo pescoço; mas eu lhe golpeei a cabeça com a coronha do meu revólver e ele caiu de novo no chão. Caí sobre o homem, e, enquanto o segurava, meu camarada deu um assobio estridente num apito. Ouviu-se um tropel de passos correndo sobre o assoalho e dois policiais fardados e um detetive à paisana precipitaram-se pela porta da frente e irromperam no aposento.



“A luz da rua caiu sobre seu rosto.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]



“Depois, agachando-se, apoiou a ponta do cano no parapeito da janela aberta.” [G.A. Dowling, *Portland Oregonian*, 9 de julho de 1911]



“Agarrou Holmes pelo pescoço.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“É você, Lestrade?” perguntou Holmes.

“Sim, Mr. Holmes. Eu mesmo assumi o serviço. É bom vê-lo de volta a Londres.”

“Acho que vocês estão precisando de uma pequena ajuda não oficial. Três homicídios não desvendados em um ano é demais, Lestrade. Mas você tratou o Mistério Moseley com mais do que sua usual... isto é, você tratou do caso bastante bem.”

Todos nós havíamos nos levantado, nosso prisioneiro resfolegando, com um robusto policial de cada lado. Alguns curiosos já começam a se juntar na rua. Holmes foi até a janela, fechou-a e cerrou as persianas. Lestrade conseguiu duas velas e os policiais haviam descoberto suas lanternas. Finalmente pude dar uma boa olhada em nosso prisioneiro.

Era uma face extremamente viril e ao mesmo tempo sinistra que se

voltava para nós. Com a fronte de um filósofo em cima e o queixo de um sensualista embaixo, o homem devia ter começado com grandes potenciais para o bem e para o mal. Mas não se podia fitar seus cruéis olhos azuis, com suas pálpebras caídas, cínicas, ou o nariz feroz, agressivo, e a testa ameaçadora, com rugas profundas, sem ler os mais claros sinais de perigo da natureza. Ele não tomou conhecimento de nenhum de nós — seu olhos fixavam-se no rosto de Holmes com uma expressão em que a raiva e o espanto se misturavam em medidas iguais. “Demônio!” murmurava sem cessar, “seu demônio esperto, esperto!”

“Ah, coronel”, disse Holmes, arrumando seu colarinho amarrotado, ‘as viagens terminam em encontros de amantes’, como diz a velha peça. Parece-me que não tenho o prazer de vê-lo desde que me brindou com aquelas atenções quando eu me encontrava na saliência de um rochedo sobre a catarata de Reichenbach.”

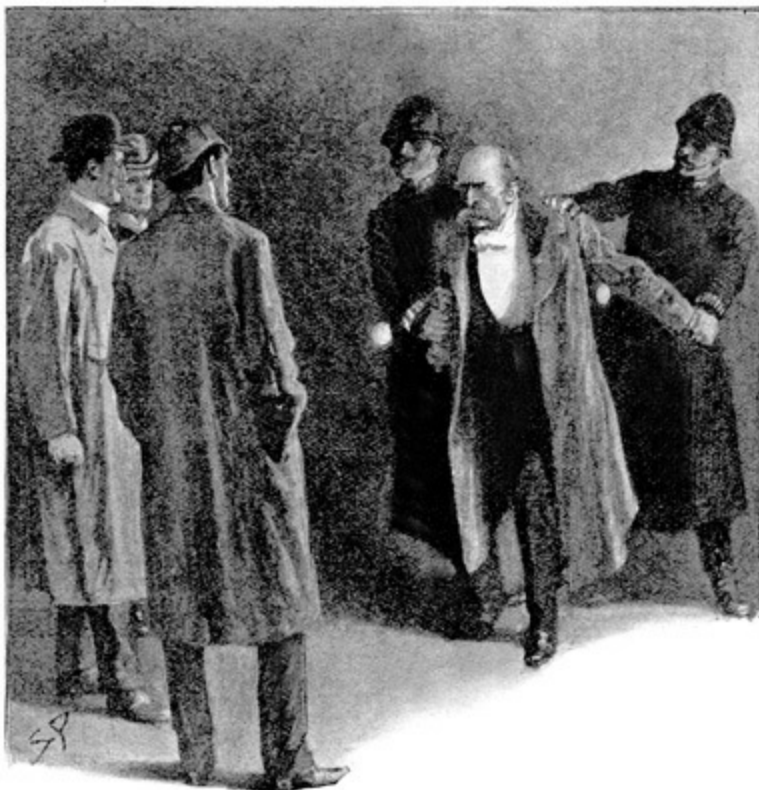
O coronel continuava fitando meu amigo como um homem em transe. “Demônio astuto, astuto!” era só o que ele conseguia dizer.

“Ainda não o apresentei”, disse Holmes. “Este, cavalheiros, é o coronel Sebastian Moran, outrora do Exército Indiano de Sua Majestade, e o melhor caçador de caça pesada que nosso Império Oriental jamais produziu. Estou certo, coronel, ao dizer que o número de tigres que abateu ainda não foi igualado?”

Furioso, o velho nada dizia, sempre olhando fixamente para meu companheiro; com seus olhos selvagens e seu bigode eriçado, ele mesmo se parecia incrivelmente com um tigre.

“Espanta-me que meu simplíssimo estratagema tenha podido enganar um *shikari** tão tarimbado”, disse Holmes. “Deve conhecê-lo muito bem. Nunca amarrou um cabrito debaixo de uma árvore, instalou-se na copa com seu rifle e ficou à espera de que a isca lhe trouxesse o tigre? Esta casa vazia é minha árvore, e você é meu tigre. Era possível que você deixasse outras armas de prontidão, para o caso de haver vários tigres, ou para a remota possibilidade de errar a pontaria. Estas”, mostrou o que o cercava, “são minhas outras armas. O paralelo é exato.”

O coronel Moran deu um salto adiante, com um rosnado de raiva, mas os policiais o arrastaram para trás. A fúria em seu rosto era medonha.



“O coronel Moran deu um salto adiante, com um rosnado de raiva.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Confesso que você me fez uma pequena surpresa”, disse Holmes. “Não previ que você mesmo usaria esta casa vazia e esta conveniente janela da frente. Imaginei-o operando da rua, onde meu amigo Lestrade e seus alegres companheiros o aguardavam. Fora isso, tudo se passou como eu esperava.”

O coronel Moran virou-se para o detetive oficial.

“O senhor pode ter ou não uma causa justa para me prender”, disse, “mas com certeza não há razão para que eu me submeta às troças desse indivíduo. Se estou nas mãos da lei, que tudo seja feito de maneira legal.”

“Bem, isso é bastante razoável”, respondeu Lestrade. “Deseja dizer mais alguma coisa antes de sairmos, Mr. Holmes?”

Holmes pegara no chão a potente pistola de ar comprimido e examinava seu mecanismo.

“Uma arma admirável e singular”, disse, “não faz barulho e tem enorme poder. Conheci Von Herder, o mecânico alemão cego que a fabricou por encomenda do falecido professor Moriarty. Durante anos soube de sua

existência, embora nunca tenha tido oportunidade de manuseá-la antes. Recomendo-a particularmente à sua atenção, Lestrade, e também as balas especiais para ela.”

“Não tenha dúvida de que cuidaremos disso, Mr. Holmes”, respondeu Lestrade, quando todo o grupo se dirigia para a porta. “Tem mais alguma coisa a dizer?”

“Só uma pergunta: que acusação vai preferir?”

“Que acusação? Ora, é claro, tentativa de assassinato contra Mr. Sherlock Holmes.”

“Não faça isso, Lestrade. Não pretendo figurar nesse caso de maneira alguma. O mérito pela notável detenção que acaba de ser efetuada pertence a você e somente a você. Sim, Lestrade, eu o cumprimento! Com sua feliz mistura de astúcia e audácia, você o pegou.”

“Eu peguei? Peguei quem, Mr. Holmes?”

“O homem que toda a polícia tem procurado em vão — o coronel Sebastian Moran, aquele que atirou no *Honourable* Adair com uma bala dundum através de uma janela da frente aberta no terceiro andar de uma casa em Park Lane, nº 427, no dia 30 do mês passado. Esta deve ser a acusação, Lestrade. E agora, Watson, se puder suportar a corrente de ar que entra por uma janela quebrada, parece-me que meia hora em meu gabinete, com um charuto, poderá lhe proporcionar algum divertimento proveitoso.”

Nossos velhos aposentos haviam permanecido intactos graças à supervisão de Mycroft Holmes e ao cuidado direto de Mrs. Hudson. É verdade que, ao entrar, notei uma arrumação desusada, mas os velhos marcos estavam todos em seus lugares. Lá estava o canto da química e a mesa com tampo de pinho, manchado de ácidos. Numa estante, enfileiravam-se os enormes álbuns de recortes e livros de referência que muitos de nossos concidadãos tanto teriam gostado de queimar. Os diagramas, o estojo do violino e o porta-cachimbo — até o chinelo persa que guardava o tabaco — pude vê-los todos ao dar uma olhada à minha volta.

A sala tinha dois ocupantes — um era Mrs. Hudson, que nos deu um sorriso radiante quando entramos, o outro era o estranho boneco que desempenhara papel tão importante nas aventuras da noite. Era um modelo cor de cera de meu amigo, feito com tal arte que era uma réplica idêntica.

Estava sobre uma mesinha, e o roupão de Holmes havia sido enrolado em volta dela de tal maneira que a ilusão que se tinha da rua era absolutamente perfeita.

“Espero que tenha observado todas as precauções, Mrs. Hudson”, disse Holmes.

“Eu ia até ele de joelhos, senhor, como mandou.”

“Excelente. A senhora fez tudo muito bem. Observou aonde a bala foi parar?”

“Sim, senhor. Lamento dizer que seu bonito busto ficou estragado, pois ela varou a cabeça e foi bater na parede. Peguei-a no tapete. Aqui está!”

Holmes estendeu-a para mim. “Uma bala de chumbo, como vê, Watson. Há gênio nisso — pois quem esperaria que uma coisa destas pudesse ser atirada com uma pistola de ar comprimido? Muito bem, Mrs. Hudson. Estou muito agradecido por sua ajuda. E agora, Watson, queira se instalar na sua velha poltrona mais uma vez, pois há vários pontos que eu gostaria de discutir com você.”

Ele havia se desvencilhado da sobrecasaca puída e agora era o Holmes de antigamente, metido no roupão cor de rato que tirou de sua efígie.

“Os nervos do velho *shikari* não perderam sua serenidade, nem os olhos sua agudeza”, disse ele, com uma risada, ao inspecionar a testa esotraçada de seu busto.

“Chumbo no meio da nuca e vestígios pelo cérebro. Ele era o melhor atirador da Índia, e creio que há poucos melhores em Londres. Conhecia-o de nome?”

“Não, não conhecia.”

“Bem, bem, assim é a fama! Mas afinal, se não me engano, você também nunca tinha ouvido falar do professor James Moriarty, o detentor de um dos melhores cérebros do século. Passe-me meu índice de biografias que está ali na estante.”

Virou as páginas preguiçosamente, reclinando-se em sua poltrona e soprando grandes nuvens de fumaça de seu charuto.

“Minha coleção de nomes é excelente”, disse. “O próprio Moriarty é o bastante para tornar qualquer letra ilustre, e aqui está Morgan, o envenenador; Merridew, de abominável memória, e Mathews, que me quebrou o canino

esquerdo na sala de espera em Charing Cross; finalmente, cá está nosso amigo desta noite.”



“‘Minha coleção de emes é excelente’, disse.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

Entregou-me o livro, e li:

Moran, Sebastian, coronel. Desempregado. Pertenceu ao 1st Bangalore Pioneers. Nascido Londres, 1840. Filho de Sir Augustus Moran, C.B., ex-ministro para a Pérsia. Estudou em Eton e Oxford. Serviu na Campanha Jowaki, na Campanha Afegã, em Charasiab (incursões), Sherpur e Cabul. Autor de “Heavy Game of the Western Himalayas” (1881); “Three Months in the Jungle” (1884). Endereço: Conduit Street. Clubes: Anglo-Indian, Tankerville, Bagattele Card Club.

Na margem estava escrito, na letra precisa de Holmes:

O segundo homem mais perigoso em Londres.

“É surpreendente”, disse eu, devolvendo-lhe o volume. “A carreira do

homem é a de um soldado honrado.”

“É verdade”, respondeu Holmes. “Até certo ponto ele se houve muito bem. Sempre foi um homem com nervos de aço, e até hoje corre na Índia a história de como rastejou por uma vala à procura de um feroz tigre ferido. Há árvores, Watson, que crescem até certa altura, e então subitamente desenvolvem uma feia excentricidade. Você verá isso muitas vezes no ser humano. Tenho uma teoria de que o indivíduo reencena em seu desenvolvimento toda a procissão de seus ancestrais, e que uma virada assim súbita para o bem ou para o mal expressa uma forte influência presente em seu *pedigree*. A pessoa torna-se, por assim dizer, o epítome da história de sua própria família.”

“É sem dúvida bastante imaginoso.”

“Bem, não insisto sobre ela. Seja qual for a causa, o coronel Moran começou a se aviltar. Sem nenhum escândalo declarado, tornou sua permanência na Índia insustentável. Reformou-se, veio para Londres, e mais uma vez adquiriu má fama. Foi nessa época que foi procurado pelo professor Moriarty, para quem atuou durante algum tempo como chefe do estado-maior. Moriarty dava-lhe dinheiro com liberalidade e só o usou em um ou dois serviços muito especiais, que nenhum criminoso comum poderia ter empreendido. Talvez você tenha alguma lembrança da morte de Mrs. Stewart, de Lauder, em 1887. Não? Bem, tenho certeza de que Moran estava por trás de tudo; mas nada pôde ser provado. O coronel era ocultado de maneira tão astuciosa que, mesmo quando a quadrilha de Moriarty foi desbaratada, não conseguimos incriminá-lo. Você se lembra de como cerrei as venezianas, com medo de pistolas de ar comprimido, quando estive na sua casa naquele dia? Você sem dúvida achou que eu estava imaginando coisas. Mas eu sabia exatamente o que fazia, pois sabia da existência dessa pistola extraordinária e sabia também que um dos melhores atiradores do mundo estaria atrás dela. Quando estávamos na Suíça, ele nos seguiu com Moriarty e foi sem dúvida ele quem me fez passar aquele mau quarto de hora na saliência de um rochedo junto à catarata de Reichenbach.

“Como você pode imaginar, li os jornais com certa atenção durante minha estada na França, à espreita de uma oportunidade para meter-lhe as algemas. Enquanto ele estivesse livre em Londres, minha vida realmente não valeria um tostão furado. Essa sombra iria pairar sobre mim noite e dia e,

mais cedo ou mais tarde, ele teria uma chance. Que podia eu fazer? Não podia atirar nele se o avistasse, ou eu mesmo iria para o banco dos réus. De nada adiantaria recorrer a um juiz. Eles não poderiam interferir com base no que lhes pareceria uma suspeita fantástica. Assim, eu nada podia fazer. Mas observava as notícias criminais, sabendo que mais cedo ou mais tarde o pegaria. Aconteceu então a morte desse Ronald Adair. Minha chance finalmente chegara! Sabendo o que eu sabia, não era certo que aquilo havia sido feito pelo coronel Moran? Ele havia jogado cartas com o rapaz; seguira-o do clube até sua casa; atirara nele através da janela aberta. Não havia nenhuma dúvida quanto a isso. As balas já seriam suficientes para pôr sua cabeça num laço. Vim para cá imediatamente. Fui visto pela sentinela que, eu sabia, iria chamar a atenção do coronel para a minha presença. Ele não poderia deixar de relacionar meu súbito retorno com seu crime e de ficar terrivelmente alarmado. Eu tinha certeza de que ele faria uma tentativa de me tirar do caminho *de imediato* e lançaria mão de sua arma assassina para esse propósito. Deixei um excelente alvo para ele na janela e, tendo avisado a polícia de que seus homens poderiam ser necessários — aliás, Watson, você descobriu a presença deles naquele vão de porta com certa precisão —, ocupei o que me pareceu ser um posto de observação judicioso, sem sonhar que ele escolheria o mesmo lugar para atacar. E agora, meu caro Watson, ainda resta alguma coisa que eu deva explicar?”

“Sim”, respondi. “Você não deixou claro qual foi o motivo do coronel Moran ao assassinar o *Honourable* Ronald Adair.”

“Ah! Meu caro Watson, penetramos aí naqueles reinos da conjectura, em que a mais lógica das mentes pode se enganar. Cada um pode formular sua própria hipótese com relação aos dados disponíveis, e a sua tem tanta probabilidade de ser correta quanto a minha.”

“Então você formulou uma?”

“Penso que não é difícil explicar os fatos. Fica patente que o coronel Moran e o jovem Adair ganharam juntos uma quantia considerável de dinheiro. Ora, Moran indubitavelmente roubava no jogo — disso eu sei há muito tempo. Acredito que, no dia do assassinato, Adair tivesse descoberto que Moran andava trapaceando. Muito provavelmente, havia falado com ele a sós e ameaçado denunciá-lo, a menos que ele se desligasse voluntariamente do clube e promettesse não jogar cartas de novo. É improvável que um

rapazote como Adair fosse provocar de imediato um escândalo medonho, denunciando um homem tão mais velho que ele. Provavelmente agiu como eu disse. Ser excluído de seus clubes significava a ruína para Moran, que vivia de ganhos desonestos nas cartas. Por isso ele matou Adair, que naquele momento tentava calcular a quantia que ele mesmo deveria devolver, pois não podia se beneficiar das trapagens do parceiro. Trancou a porta para que as senhoras não o surpreendessem e insistissem em saber o que estava fazendo com aqueles nomes e aquele dinheiro. Parece razoável?”

“Não tenho a menor dúvida de que você acertou em cheio na verdade.”

“A hipótese será confirmada ou refutada no julgamento. Enquanto isso, aconteça o que acontecer, o coronel Moran não nos perturbará mais, a famosa pistola de ar comprimido de Von Herder vai embelezar o Museu da Scotland Yard e, mais uma vez, Mr. Sherlock Holmes está livre para dedicar sua vida ao exame daqueles interessantes probleminhas que a vida complexa de Londres apresenta com tanta abundância.”

* “Um caçador, um desportista”, em anglo-indiano no original.

II. O CONSTRUTOR DE NORWOOD

DO PONTO DE VISTA do *expert* criminal, disse Mr. Sherlock Holmes, “Londres tornou-se uma cidade singularmente desinteressante desde a morte do falecido e pranteado professor Moriarty”. “Não acredito que você encontrasse muitos cidadãos decentes que concordassem com isso”, respondi.

“Bem, bem, não devo ser egoísta”, disse ele com um sorriso, ao afastar sua cadeira da mesa do desjejum. “Quem ganha com isso é certamente a comunidade, e ninguém perde, exceto o pobre especialista sem trabalho, cuja ocupação desapareceu. Com aquele homem em cena, nosso jornal da manhã apresentava infinitas possibilidades. Muitas vezes era apenas o menor dos rastros, Watson, a mais débil indicação, mas o bastante para me dizer que o grande cérebro maligno estava lá, assim como os mais tênues tremores das bordas da teia nos fazem lembrar a aranha hedionda que se embosca no centro. Roubos triviais, assaltos insólitos, transgressões sem propósito — para o homem que possuía a pista, tudo podia ser integrado num todo conectado. Para o estudioso científico das mais altas esferas do crime, nenhuma capital da Europa oferecia as mesmas vantagens que Londres. Mas agora...” Deu de ombros, numa censura jocosa ao estado de coisas que ele próprio tanto fizera para produzir.

Na época de que falo, fazia sete meses que Holmes estava de volta e eu, a seu pedido, vendera meu consultório e voltara a partilhar os velhos aposentos em Baker Street. Um jovem médico, chamado Verner, comprara meu pequeno consultório de Kensington, pagando com uma relutância assombrosamente pequena o preço mais alto que eu me aventurara a pedir — um incidente que só se explicou alguns anos depois, quando descobri que Verner era um parente distante de Holmes e fora meu amigo quem realmente arranjava o dinheiro.

Nossos meses de parceria não haviam sido tão monótonos quanto ele declarara, pois constato, examinando minhas anotações, que esse período

incluiu o caso dos documentos do ex-presidente Murillo, e também o episódio chocante do vapor holandês *Friesland*, que por pouco não nos custou a vida. Contudo, como sua natureza fria e orgulhosa era sempre avessa a qualquer coisa do gênero do aplauso público, Holmes me obrigou, nos termos mais severos, a não dizer mais palavra a respeito dele mesmo, de seus métodos ou de seus sucessos — proibição que, como expliquei, só agora foi suspensa.

Mr. Sherlock Holmes reclinava-se em sua poltrona após seu extravagante protesto, e desdobrava seu jornal matutino com pachorra, quando soou um violento toque da campainha, seguido imediatamente por uma batida oca, como se alguém espancasse a porta externa com o punho. Quando esta foi aberta, ouvimos uma corrida tumultuosa vestíbulo adentro, um tropel de passos rápidos na escada e um instante depois um rapaz de olhos arregalados e frenético, pálido, despenteado e palpitante irrompeu na sala. Olhou de um para outro de nós, e, sob nosso olhar de indagação, percebeu que nos devia algum pedido de desculpa por essa entrada pouco cerimoniosa.



“Um rapaz de olhos arregalados e frenético irrompeu na sala.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Sinto muito, Mr. Holmes”, exclamou. “Não deve me culpar. Estou quase louco, Mr. Holmes, sou o infeliz John Hector McFarlane.”

Fez o anúncio como se o nome por si só explicasse tanto a sua visita quanto os seus modos, mas pude ver pelo semblante impassível de meu companheiro que não significava mais para ele do que para mim.

“Aceite um cigarro, Mr. McFarlane”, disse ele, estendendo sua cigarreira. “Tenho certeza de que, com seus sintomas, meu amigo dr. Watson aqui lhe prescreveria um sedativo. Tem feito tanto calor nestes últimos dias... Agora, caso se sinta um pouco mais tranquilo, eu gostaria que se sentasse naquela cadeira e nos contasse muito lenta e calmamente quem é o senhor e o que deseja. Mencionou seu nome como se eu devesse reconhecê-lo, mas asseguro-lhe que, além dos fatos óbvios de que é solteiro, advogado, maçom e asmático, não sei coisa alguma a seu respeito.”

Conhecendo tão bem os métodos de meu amigo, não tive dificuldade em acompanhar suas deduções e observar os trajes desmazelados, o maço de documentos legais, o berloque na corrente do relógio e a respiração que as haviam sugerido. Nosso cliente, porém, fitou-o embasbacado.

“Isso mesmo, sou tudo isso, Mr. Holmes, e, além do mais, sou o homem mais desgraçado de Londres neste momento. Pelo amor de Deus, não me abandone, Mr. Holmes! Se eles vierem me prender antes que eu tenha terminado minha história, faça-os me dar tempo, de modo que eu possa lhe dizer toda a verdade. Eu iria para a cadeia feliz se soubesse que está trabalhando por mim aqui fora.”

“Prendê-lo!” disse Holmes. “Isto é realmente muito agrad... muito interessante. Sob que acusação pensa que será detido?”

“Sob a acusação de ter assassinado Mr. Jonas Oldacre, de Lower Norwood.”

O semblante expressivo de meu amigo mostrou uma piedade em que receio ter percebido uma ponta de satisfação.

“Veja só”, disse ele, “ainda há pouco, no desjejum, eu dizia a meu amigo Watson que os casos sensacionais haviam desaparecido de nossos jornais.”

Nosso visitante estendeu o braço e, com a mão trêmula, pegou o *Daily Telegraph* que Holmes tinha sobre os joelhos.

“Se o senhor o tivesse olhado, teria percebido num relance qual foi o objetivo que me trouxe aqui esta manhã. Tenho a impressão de que meu nome e meu infortúnio devem estar na boca de todo mundo.” Virou o matutino para expor a página central. “Aqui está, e, com sua permissão, vou ler a notícia. Ouça isto, Mr. Holmes. As manchetes são: ‘Caso Misterioso em Lower Norwood. Desaparecimento de Conhecido Construtor. Suspeita de Assassinato e Incêndio Premeditado. Uma Pista do Criminoso.’ Essa é a pista que eles já estão seguindo, Mr. Holmes, e sei que ela leva infalivelmente a mim. Fui seguido desde a London Bridge Station, e tenho certeza de que esperam apenas o mandado para me prender. Isso vai partir o coração de minha mãe... vai partir-lhe o coração!” Torcia as mãos agoniado e balançava para a frente e para trás na cadeira.

Olhei com interesse para aquele homem, acusado de ter cometido um crime violento. Tinha os cabelos muito louros e uma beleza desbotada, com olhos azuis assustados, uma face escanhoadada e uma boca fraca, sensível. Devia andar pelos vinte e sete anos, e suas roupas e porte eram os de um cavalheiro. Do bolso de seu sobretudo leve de verão, projetava-se o maço de papéis carimbados que proclamava sua profissão.

“Precisamos usar o tempo que temos”, disse Holmes. “Watson, você teria a bondade de pegar o jornal e ler o parágrafo em questão?”

Ontem, tarde da noite, ou nesta madrugada, ocorreu um incidente em Lower Norwood que aponta, segundo se teme, para um grave crime. Mr. Jonas Oldacre é um conhecido morador daquele subúrbio, onde desenvolve seus negócios como construtor há muitos anos. Mr. Oldacre é solteiro, tem cinquenta e dois anos e mora em Deep Lane House, na extremidade de Sydenham da estrada daquele nome. Tem reputação de ser um homem de hábitos excêntricos, reservado e recluso. Faz alguns anos que está praticamente afastado dos negócios, em que se diz que acumulou considerável fortuna. Ainda existe um pequeno depósito de madeiras no fundo da casa, e na noite passada, por volta das doze horas, foi dado um alarme de que as tábuas estavam pegando fogo. Os carros de bombeiro logo chegaram ao local, mas o fogo queimou a madeira seca com grande ímpeto e foi impossível deter a conflagração até que todo o depósito fosse inteiramente consumido. Até esse ponto, o episódio tinha a aparência de um acidente comum, mas novos indícios parecem apontar para um grave crime. Houve surpresa diante da ausência do dono do estabelecimento na cena do incêndio e seguiu-se uma

averiguação que mostrou que ele desaparecera da casa. Um exame de seu quarto revelou que a cama estava intacta e um cofre que havia ali estava aberto; vários papéis importantes encontravam-se espalhados pelo aposento, e, finalmente, havia sinais de uma luta assassina, pequenos sinais de sangue tendo sido encontrados no quarto, além de uma bengala de carvalho, também com manchas de sangue no punho. Sabe-se que Mr. Jonas Oldacre havia recebido um visitante tardio em seu quarto durante a noite; a bengala ali encontrada foi identificada como pertencente a essa pessoa, um jovem advogado de Londres chamado John Hector McFarlane, sócio minoritário de Graham & McFarlane, em Gresham Buildings, nº 426. A polícia acredita que já possui indícios que fornecem um motivo muito convincente para o crime, e, tudo considerado, não pode haver dúvida de que desdobramentos sensacionais se seguirão.

Mais tarde. — Corre o rumor, quando começamos a imprimir, de que Mr. John Hector McFarlane realmente foi preso, acusado de ter assassinado Mr. Jonas Oldacre. Pelo menos é certo que um mandado foi expedido. Houve novos e sinistros desdobramentos na investigação de Norwood. Além dos sinais de uma luta no quarto do infeliz construtor, sabe-se agora que as janelas à francesa de seu quarto (que fica no térreo) foram encontradas abertas e que havia marcas, como se algum objeto volumoso tivesse sido arrastado até o depósito de madeiras; por fim, afirma-se que foram encontrados restos carbonizados entre as cinzas de carvão do incêndio. A teoria da polícia é de que um crime extremamente dramático foi cometido, que a vítima foi golpeada até a morte em seu quarto, seus papéis vasculhados e seu corpo arrastado até a pilha de tábuas, a que em seguida se ateou fogo para esconder todos os vestígios do crime. A condução da investigação criminal foi deixada nas experientes mãos do inspetor Lestrade, da Scotland Yard, que está seguindo as pistas com a energia e a sagacidade de costume.

Sherlock Holmes ouviu esse notável relato de olhos fechados, as pontas dos dedos unidas.

“O caso sem dúvida tem alguns pontos de interesse”, disse ele, na sua maneira lânguida. “Posso perguntar, em primeiro lugar, Mr. McFarlane, como o senhor pode ainda estar em liberdade, já que parece haver provas suficientes para justificar sua prisão?”

“Moro em Torrington Lodge, em Blackheath, com meus pais, Mr. Holmes, mas ontem à noite, tendo que discutir negócios muito tarde com Mr. Jonas Oldacre, hospedei-me num hotel em Norwood e vim de lá para o meu escritório. Não sabia nada sobre o caso até que, no trem, li o que o senhor acaba de ouvir. Percebendo de imediato o horrível perigo de minha posição, vim correndo pôr o caso em suas mãos. Não tenho dúvida de que teria sido preso ou no meu escritório na City ou em minha casa. Um homem me seguiu

desde a London Bridge Station, e não tenho dúvida... Céus, que é isso?”

Era um toque da campainha, seguido imediatamente por passos pesados na escada. Um momento depois, nosso velho amigo Lestrade apareceu no vão da porta. Sobre seu ombro, vislumbrei um ou dois policiais fardados lá fora.

“Mr. John Hector McFarlane?” perguntou Lestrade.

Nosso infeliz cliente levantou-se, com o rosto lívido.

“Eu o prendo pelo assassinato deliberado de Mr. Jonas Oldacre, de Lower Norwood.” McFarlane virou-se para nós com um gesto de desespero e voltou a se sentar em sua cadeira como alguém esmagado.



“Eu o prendo pelo assassinato deliberado de Mr. Jonas Oldacre.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“Um momento, Lestrade”, disse Holmes. “Meia hora a mais ou a menos não pode fazer nenhuma diferença para você, e o cavalheiro estava prestes a nos fazer um relato desse caso tão interessante que poderia nos ajudar a elucidá-lo.”

“Penso que não haverá dificuldade em elucidá-lo”, disse Lestrade,

impiedosamente.

“Mesmo assim, com sua permissão, eu estaria muito interessado em ouvir o relato dele.”

“Bem, é difícil lhe recusar alguma coisa, pois foi útil à força uma ou duas vezes no passado, e temos uma dívida para com o senhor na Scotland Yard”, disse Lestrade. “Ao mesmo tempo, devo ficar com meu prisioneiro e sou obrigado a adverti-lo de que tudo que venha a dizer poderá ser usado como prova contra ele.”

“Isso é tudo o que eu quero”, disse nosso cliente. “Só lhe peço que ouça e reconheça a verdade absoluta.”

Lestrade consultou o relógio. “Vou lhe dar meia hora”, disse.

“Primeiro devo explicar”, disse McFarlane, “que não sabia nada a respeito de Mr. Jonas Oldacre. Seu nome me era conhecido, porque meus pais tiveram contato com ele muitos anos atrás, mas afastaram-se. Portanto, fiquei muito surpreso ontem quando, por volta das três da tarde, ele entrou em meu escritório na City. Mas fiquei ainda mais espantado quando me disse o objetivo de sua visita. Tinha nas mãos várias folhas de caderno, cobertas de garatujas — aqui estão elas —, e as pôs sobre minha mesa.

“‘Aqui está meu testamento’, disse. ‘Quero que ponha isso na forma legal apropriada, Mr. McFarlane. Esperarei aqui sentado enquanto faz isso.’

“Pus-me a copiar, e podem imaginar o meu pasmo quando vi que, com algumas restrições, ele havia deixado todos os seus bens para mim. Era um homem estranho, com cara de doninha e cílios brancos, e quando levantei o olhar para ele, descobri seus argutos olhos cinzentos fixados em mim com uma expressão divertida. Mal pude acreditar em meus próprios sentidos ao ler os termos do testamento; mas ele explicou que era um solteirão sem praticamente nenhum parente vivo, que conhecera meus pais na juventude e que sempre ouvira falar de mim como um rapaz de muito mérito e tinha certeza de que o dinheiro estaria em mãos dignas. Só consegui, é claro, gaguejar meus agradecimentos. O testamento foi devidamente encerrado, assinado e testemunhado por meu escriturário. Está nestas folhas azuis, e estas tiras, como expliquei, são o rascunho. Mr. Jonas Oldacre informou-me então que havia vários documentos — arrendamentos de prédios, títulos de propriedade, hipotecas, certificados provisórios de subscrição de ações e

assim por diante — que era preciso que eu visse e compreendesse. Disse que não ficaria sossegado até que tudo estivesse acertado e implorou-me que fosse à sua casa em Norwood aquela noite, levando comigo o testamento, para resolver tudo. ‘Lembre-se, meu rapaz, nem uma palavra aos seus pais sobre o caso até que tudo esteja resolvido. Vamos guardar isso como uma surpresinha para eles.’ Insistiu muito nisso e me fez prometer que o faria.

“Pode imaginar, Mr. Holmes, que eu não estava predisposto a lhe recusar nada que pudesse pedir. Ele era meu benfeitor, e meu único desejo era realizar suas vontades em tudo e por tudo. Portanto, mandei um telegrama para casa dizendo que tinha negócios importantes a resolver e que me era impossível dizer o quanto poderia me atrasar. Mr. Oldacre dissera-me que gostaria que eu ceasse com ele às nove, pois não estaria em casa antes dessa hora. Mas tive alguma dificuldade em encontrar sua casa e eram quase nove e meia quando cheguei lá...”

“Um momento!” disse Holmes. “Quem abriu a porta?”

“Uma mulher de meia-idade, que era, suponho, a governanta dele.”

“E foi ela, presumo, que mencionou o seu nome.”

“Exatamente”, disse McFarlane.

“Por favor, prossiga.”

Mr. McFarlane enxugou a testa molhada e continuou sua narrativa:

“Essa mulher me introduziu numa sala de estar, onde uma refeição frugal estava posta. Mais tarde, Mr. Jonas Oldacre me levou para o seu quarto de dormir. Havia ali um cofre pesado; abrindo-o, ele tirou grande quantidade de documentos, que examinamos juntos. Eram entre onze horas e meia-noite quando terminamos. Observando que não devíamos perturbar a governanta, ele me fez sair à francesa pela janela que estivera aberta o tempo todo.”



“Grande quantidade de documentos, que examinamos juntos.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“A persiana estava descida?” perguntou Holmes.

“Não posso ter certeza, mas acredito que estava apenas semifechada. Sim, lembro-me de como ele a subiu para abrir a janela. Não consegui encontrar minha bengala, e ele disse: ‘Não tem importância, meu rapaz. Eu o verei muitas vezes, espero, e guardarei sua bengala até que volte para buscá-la.’ Deixei-o lá, o cofre aberto e os papéis reunidos em maços sobre a mesa. Era tão tarde que eu não poderia voltar para Blackheath, assim passei a noite no Anerley Arms, e não soube de mais nada até ler sobre esse horrível acontecimento hoje de manhã.”

“Mais alguma coisa que queira perguntar, Mr. Holmes?” disse Lestrade, que erguera as sobrancelhas uma ou duas vezes durante essa extraordinária explicação.

“Não até ter estado em Blackheath.”

“Quer dizer Norwood”, corrigiu Lestrade.

“Ah, sim, sem dúvida era isso que queria dizer”, respondeu Holmes com seu sorriso enigmático. Lestrade aprendera por mais experiências do que gostaria de reconhecer que aquele cérebro afiado era capaz de ver através do que era impenetrável para ele. Vi-o olhar intrigado para meu companheiro.

“Creio que gostaria de trocar uma palavrinha logo mais com o senhor”, disse ele. “Agora, Mr. McFarlane, dois de meus policiais estão à porta, e há um *four-wheeler* esperando.” O infeliz jovem levantou-se, e com um último olhar suplicante para nós, retirou-se. Os oficiais o conduziram ao carro de aluguel, mas Lestrade ficou. Holmes havia pegado as páginas que compunham o rascunho do testamento e olhava para elas com o mais agudo interesse em seu semblante.



“O infeliz jovem levantou-se.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Há alguns aspectos de interesse nesse documento, não é Lestrade?” disse, estendendo-os.

O policial examinou-os com uma expressão perplexa.

“Consigo ler as primeiras linhas, as do meio da segunda página e uma ou duas no final. Essas estão claras como um impresso”, disse, “mas a letra entre esses trechos é muito ruim, e há três lugares em que não consigo ler coisa alguma.”

“Como explica isso?” perguntou Holmes.

“Bem, como o *senhor* explica isso?”

“Isso foi escrito num trem; a letra boa representa estações, a letra ruim, movimento, e a letra muito ruim, desvios. Um perito diria imediatamente que isto foi escrito numa linha suburbana, já que em nenhum lugar nas vizinhanças imediatas de uma grande cidade poderia haver uma sucessão tão rápida de desvios. Se admitirmos que toda a viagem foi ocupada na redação do testamento, tratava-se de um trem expresso, que parou apenas uma vez entre Norwood e London Bridge.”

Lestrade começou a rir.

“É demais para mim quando embarca em suas teorias, Mr. Holmes”, disse. “Que relação tem isso com o caso?”

“Bem, corrobora a história do rapaz, mostrando que o testamento foi escrito por Jonas Oldacre em sua viagem ontem. É curioso — não é? — que o homem redija um documento tão importante de maneira tão descuidada. Isso sugere que não achava que o documento teria muita importância prática. Se um homem fizesse um testamento sem pretender que ele fosse efetivo algum dia, poderia fazê-lo dessa maneira.”

“Bem, ele traçou sua própria sentença de morte ao mesmo tempo”, disse Lestrade.

“Ah, acha isso?”

“O senhor não?”

“Bem, é muito possível, mas o caso ainda não está claro para mim.”

“Não está claro? Bem, se isso não está claro, o que *poderia* estar? Temos aqui um rapaz que fica sabendo de repente que, se certo homem mais velho morrer, ele herdar uma fortuna. Que faz ele? Não diz nada a ninguém e planeja uma visita a seu cliente aquela noite, sob algum pretexto; espera que a única outra pessoa da casa esteja deitada e depois, na solidão do quarto de um homem, ele o mata, queima seu corpo num depósito de madeira e parte para um hotel da vizinhança. As manchas de sangue no quarto e também na bengala são muito leves. É provável que ele imaginasse que seu crime seria incruento e esperasse que, se o corpo fosse carbonizado, isso ocultaria todos os vestígios do método de seu assassinato — vestígios que, por alguma razão, teriam apontado para ele. Tudo isso não é óbvio?”

“Parece-me, meu bom Lestrade, um pouquinho óbvio demais”, disse

Holmes. “Você não acrescenta imaginação às suas outras grandes qualidades, mas, se pudesse se colocar por um momento no lugar desse rapaz, escolheria a primeira noite depois que o testamento fora feito para cometer seu crime? Não lhe pareceria perigoso estabelecer uma relação tão próxima entre os dois incidentes? Além disso, escolheria uma ocasião em que se sabe que você está na casa, quando uma governanta lhe abriu a porta? E, finalmente, você se daria a um enorme trabalho para esconder o corpo, mas esqueceria sua própria bengala para mostrar que era o criminoso? Confesse, Lestrade, que tudo isso é muito improvável.”

“Quanto à bengala, Mr. Holmes, sabe tão bem quanto eu que um criminoso muitas vezes fica nervoso e faz essas coisas, que um homem sereno evitaria. Muito provavelmente ele teve medo de voltar ao quarto. Dê-me outra teoria que se ajuste aos fatos.”

“Eu poderia muito facilmente lhe dar uma dúzia”, disse Holmes. “Aqui está, por exemplo, uma muito possível e até provável. Esta eu lhe dou de presente. O homem mais velho está mostrando documentos de evidente valor. Um vagabundo de passagem os vê pela janela, cuja persiana está semiaberta. Sai o advogado. Entra o vagabundo! Ele pega uma bengala que vê ali, mata Oldacre e vai embora, depois de queimar o corpo.”

“Por que o vagabundo queimaria o corpo?”

“Quanto a isso, por que McFarlane o teria feito?”

“Para esconder alguma prova.”

“Possivelmente o vagabundo quis esconder que um assassinato havia sido cometido.”

“E por que o vagabundo não levou nada?”

“Porque eram papéis que ele não podia negociar.”

Lestrade sacudiu a cabeça, embora tenha me parecido que suas maneiras eram menos peremptoriamente seguras que antes.

“Bem, Mr. Sherlock Holmes, pode procurar seu vagabundo, e enquanto se ocupa disso nós nos agarraremos ao nosso homem. O futuro mostrará quem está certo. Mas observe este ponto, Mr. Holmes: até onde sabemos, nenhum dos papéis foi removido, e o prisioneiro é o único homem no mundo que não tinha nenhum motivo para removê-los, pois era o legítimo herdeiro de tudo e entraria na posse deles de qualquer maneira.”

Meu amigo pareceu impressionado com essa observação.

“Não quero negar que os indícios, sob certos aspectos, são muito fortemente favoráveis à sua teoria”, disse. “Desejo apenas salientar que há outras teorias possíveis. Como você diz, o futuro decidirá. Bom dia! Atrevo-me a dizer que no curso do dia darei uma passada em Norwood para ver como você está se saindo.”

Quando o detetive partiu, meu amigo levantou-se e fez seus preparativos para o dia de trabalho com o ar alerta de um homem que tem uma tarefa agradável diante de si.

“Meu primeiro movimento, Watson”, disse ele, enfiando a sobrecasaca, alvoroçado, “deverá ser, como eu disse, na direção de Blackheath.”



“‘Meu primeiro movimento, Watson’, disse ele, ‘deverá ser na direção de Blackheath.’”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“E por que não Norwood?”

“Porque temos neste caso um incidente singular que ocorre quase imediatamente após outro incidente singular. A polícia está cometendo o erro

de concentrar sua atenção no segundo, porque por acaso é este que realmente é criminoso. Mas é evidente para mim que a maneira lógica de abordar o caso é começar tentando lançar alguma luz sobre o primeiro incidente: o curioso testamento, tão repentinamente redigido, e para um herdeiro tão inesperado. Talvez isso contribua um pouco para simplificar o que se seguiu. Não, meu caro, não penso que você possa me ajudar. Não há perspectiva de perigo, ou eu não sonharia em dar um passo sem você. Acredito que quando o vir à noite, terei condições de contar que fui capaz de fazer alguma coisa por esse infeliz jovem que se jogou sob minha proteção.”

Era tarde quando meu amigo retornou, e pude ver, com uma olhadela em seu rosto abatido e ansioso, que as grandes esperanças com que começara não haviam se realizado. Passou uma hora à toa com seu violino, tentando apaziguar sua perturbação. Finalmente deixou de lado o instrumento e mergulhou num relato detalhado de seus contratempos.

“Está tudo dando errado, Watson — mais errado impossível. Falei grosso diante de Lestrade, mas, palavra de honra, acho que desta vez o sujeito está na pista certa e nós na errada. Todos os meus instintos dizem uma coisa e os fatos dizem outra, e tenho muito medo de que os tribunais britânicos ainda não tenham atingido o nível de inteligência em que darão preferência a minhas teorias sobre os fatos de Lestrade.”

“Foi a Blackheath?”

“Fui, Watson. Fui lá e descobri muito depressa que o falecido e pranteado Oldacre era um rematado patife. O pai de McFarlane estava fora, à procura do filho. A mãe estava em casa — uma criaturinha pequena, fofa, de olhos azuis, trêmula de medo e indignação. É claro que não quis sequer admitir a possibilidade de ele ser culpado. Mas não expressou nem surpresa nem pesar pela sorte de Oldacre. Ao contrário, falou dele com tal rancor que, inconscientemente, estava dando considerável reforço à acusação da polícia; pois, é claro, se o filho a ouvira falar do homem daquela maneira, isso o teria predisposto a ódio e violência. ‘Ele mais parecia um macaco maligno e ardiloso que um ser humano’, disse ela, ‘e sempre foi assim, desde quando era um rapazote.’

“‘A senhora o conhecia nessa época?’ perguntei.

“‘Sim, eu o conhecia bem; na verdade, ele foi meu pretendente. Graças a Deus tive o bom senso de me afastar dele e me casar com um homem melhor,

apesar de mais pobre. Eu era noiva dele, Mr. Holmes, quando ouvi uma história chocante sobre como soltou um gato dentro de um viveiro, e fiquei tão horrorizada com sua brutal crueldade que não quis mais nada com ele.’ Remexeu numa escrivaninha e logo me apresentou a fotografia de uma mulher, degradantemente desfigurada e mutilada com uma faca. ‘Esta é minha própria fotografia’, disse ela. ‘Ele a enviou para mim neste estado, com sua maldição, na manhã de meu casamento.’



“Ele a enviou para mim neste estado, com sua maldição, na manhã de meu casamento.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“‘Bem’, observei, ‘pelo menos ele já a perdoou, pois deixou tudo que tinha para o seu filho.’

“‘Nem meu filho nem eu queremos nada de Jonas Oldacre, vivo ou morto!’ exclamou ela, com dignidade. ‘Há um Deus no céu, Mr. Holmes, e esse mesmo Deus que puniu aquele perverso vai mostrar, em Seu tempo certo, que as mãos de meu filho são inocentes do sangue dele.’

“Bem, tentei uma ou duas pistas, não consegui chegar a nada que

pudesse ajudar nossa hipótese e topei com vários pontos que a refutariam. Finalmente desisti e lá fui eu para Norwood.”

“Esse lugar, Deep Dene House, é uma casa grande e moderna, de tijolos aparentes; fica recuada no terreno, com um gramado semeado de loureiros defronte. À direita, a certa distância da estrada, vê-se o depósito de madeira que foi o cenário do incêndio. Aqui está uma planta aproximada numa folha de minha agenda. Essa janela à esquerda é a que dá para o quarto de Oldacre. Como vê, é possível olhar lá dentro a partir da estrada. Esse foi praticamente o único pequeno consolo que tive hoje. Lestrade não estava lá, mas seu policial chefe fez as honras. Eles haviam acabado de descobrir um grande tesouro. Tinham passado a manhã revolvendo as cinzas da madeira queimada e, além dos restos orgânicos carbonizados, haviam encontrado vários discos de metal descorados. Examinei-os com cuidado e não havia dúvida de que eram botões de calças. Cheguei até a distinguir que um deles estava marcado com o nome ‘Hyams’, o alfaiate de Oldacre. Em seguida inspecionei o gramado com muito cuidado, à procura de sinais e rastros, mas essa seca deixou tudo duro como ferro. Não havia nada para se ver, exceto que algum corpo ou fardo havia sido arrastado através de uma cerca viva baixa de alfeneiros, ao longo da pilha de tábuas. Tudo isso, é claro, encaixa-se na teoria oficial. Rastejei pelo gramado com um sol de agosto nas costas, mas me levantei ao cabo de uma hora sem ter apurado coisa alguma.

“Bem, depois desse fiasco, fui até o quarto e o examinei também. As manchas de sangue são muito tênues, meras nódoas e descolorações, mas sem dúvida frescas. A bengala havia sido removida, mas também nela as marcas eram leves. Não há nenhuma dúvida de que a bengala pertence a nosso cliente. Ele admite isso. Foi possível distinguir pegadas dos dois homens no tapete, mas nenhuma de uma terceira pessoa, o que mais uma vez é um ponto para o outro lado. O escore deles aumentava o tempo todo, e nós não saíamos do lugar.

“Só obtive um pequeno lampejo de esperança — mas acabou dando em nada. Examinei o conteúdo do cofre, a maior parte do qual havia sido retirada e deixada sobre a mesa. Os papéis haviam sido postos em envelopes lacrados, um ou dois dos quais haviam sido abertos pela polícia. Até onde pude ver, não tinham grande valor, nem a caderneta bancária mostrava que Mr. Oldacre estivesse em circunstâncias tão abastadas. Mas tive a impressão de que nem

todos os papéis estavam ali. Havia alusões a alguns títulos — provavelmente os mais valiosos — que não pude encontrar. Isso, é claro, se pudéssemos prová-lo claramente, viraria o argumento de Lestrade contra ele próprio, pois quem roubaria uma coisa sabendo que logo depois a herdaria?

“Finalmente, tendo revistado tudo sem encontrar nenhuma pista, tentei minha sorte com a governanta. Mrs. Lexington é o nome dela, uma mulher baixinha, morena, silenciosa, com olhos desconfiados e oblíquos. Ela poderia nos contar alguma coisa se quisesse — estou convencido disto. Mas mostrou-se impenetrável. Sim, tinha aberto a porta para Mr. McFarlane às nove e meia. Queria que sua mão tivesse secado antes que o fizesse. Fora se deitar às dez e meia. Seu quarto fica do outro lado da casa, e não pôde ouvir nada do que se passou. Mr. McFarlane havia deixado o chapéu e, segundo ela se lembrava, também a bengala, no vestibulo. Ela fora despertada pelo alarme de incêndio. Seu pobre e querido patrão certamente havia sido assassinado. Se ele tinha inimigos? Bem, todo homem tem inimigos, mas Mr. Oldacre era muito reservado e só entrava em contato com outras pessoas através dos negócios. Ela vira os botões e tinha certeza de que pertenciam às roupas que ele usava ontem à noite. A pilha de tábuas estava muito seca, pois fazia um mês que não chovia. Queimava como isca, e, quando ela chegara ao local, não se podia ver nada senão chamas. Ela e todos os bombeiros sentiram cheiro de carne queimada vindo do meio dela. Nada sabia sobre os papéis, nem sobre os negócios privados de Mr. Oldacre.

“Portanto, meu caro Watson, este é o relato de um fracasso. Mesmo assim... mesmo assim...”, cerrou suas mãos magras num paroxismo de convicção, “*sei* que está tudo errado. Sinto isso nos meus ossos. Há uma coisa que não apareceu, e aquela governanta sabe o que é. Havia uma espécie de rebeldia amuada nos olhos dela que só combina com um conhecimento culposo. Não adianta falar mais sobre isso, Watson, mas, a menos que um feliz acaso sobrevenha, temo que o Caso do Desaparecimento de Norwood não figurará naquela crônica de nossos sucessos que prevejo que um público paciente terá de suportar mais cedo ou mais tarde.”



“Havia uma espécie de rebeldia amuada nos olhos dela.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“Certamente”, disse eu, “a aparência do homem impressionaria qualquer júri, não é?”

“Esse é um argumento perigoso, meu caro Watson. Lembra-se daquele terrível assassino, Bert Stevens, que quis que o livrássemos em 1887? Haveria um jovem de maneiras mais brandas, mais gênero escola dominical?”

“É verdade.”

“A menos que consigamos estabelecer uma teoria alternativa, o homem está perdido. É difícil encontrar uma falha na acusação que pode ser apresentada agora contra ele, e toda a investigação adicional só serviu para reforçá-la. Por falar nisso, há um curioso detalhezinho acerca daqueles papéis que pode servir de ponto de partida para uma inquirição. Ao examinar a caderneta bancária, descobri que o saldo estava baixo principalmente em razão de cheques vultosos feitos durante o ano passado para Mr. Cornelius. Confesso que estaria interessado em saber quem pode ser esse Mr. Cornelius

com quem um construtor aposentado fez transações tão consideráveis. Será possível que tenha tido alguma participação no caso? Cornelius pode ser um corretor, mas não encontramos nenhum certificado provisório de subscrição de ações que corresponda a esses grandes pagamentos. Na falta de qualquer outra indicação, minhas pesquisas devem agora tomar a forma de uma indagação no banco quanto ao cavalheiro que descontou esses cheques. Mas temo, meu caro companheiro, que nosso caso termine de maneira inglória, com Lestrade enforcando nosso cliente, o que certamente será um triunfo para a Scotland Yard.”

Não sei se Sherlock Holmes chegou a pregar o olho aquela noite, mas quando desci para o desjejum encontrei-o pálido e atormentado, os olhos parecendo ainda mais brilhantes em razão das sombras escuras que os envolviam. O tapete em volta de sua poltrona estava juncado de pontas de cigarros e das primeiras edições dos jornais matutinos. Havia um telegrama aberto sobre a mesa.

“Que pensa disto, Watson?” perguntou, jogando-o para mim. Era de Norwood e dizia o seguinte:

Importantes indícios novos em mãos. Culpa de McFarlane definitivamente estabelecida. Aconselho-o a abandonar o caso.

LESTRADE

“Parece sério”, disse eu.

“É Lestrade cantando de galo”, respondeu Holmes com um sorriso mordaz. “Apesar disso, pode ser prematuro abandonar o caso. Afinal, importantes indícios novos são uma faca de dois gumes, e talvez possam cortar numa direção muito diferente da que Lestrade imagina. Tome seu desjejum, Watson, depois sairemos juntos para ver o que podemos fazer. Sinto que vou precisar da sua companhia e do seu apoio moral hoje.”

Meu amigo não tomou o desjejum, pois era uma de suas peculiaridades que em seus momentos mais intensos não se permitisse comer nada, e já o vi abusar de sua constituição de ferro até desmaiar de pura inanição. “No momento não posso gastar energia e força nervosa com a digestão”, dizia em resposta a minhas advertências médicas. Não fiquei surpreso, portanto, quando nessa manhã ele deixou sua refeição intocada atrás de si e partiu

comigo para Norwood. Uma multidão de curiosos mórbidos ainda estava reunida em torno de Deep Dene House, uma casa de subúrbio exatamente como descrevi. Dentro dos portões, Lestrade veio ao nosso encontro, o rosto corado com a vitória, as maneiras excessivamente triunfantes.

“E então, Mr. Holmes, já provou que estamos errados? Encontrou seu vagabundo?”, exclamou ele.

“Não cheguei a qualquer tipo de conclusão”, respondeu meu companheiro.

“Mas nós chegamos à nossa ontem, e agora ela se prova correta; portanto, deve reconhecer que estivemos um pouco à sua frente desta vez, Mr. Holmes.”

“Pelo seu ar, parece que alguma coisa inusitada aconteceu”, disse Holmes.

Lestrade riu alto.

“O senhor não gosta de levar a pior, como qualquer um de nós”, disse. “Um homem não pode esperar ter sempre razão... pode, dr. Watson? Venham por aqui, por favor, cavalheiros, e acho que posso convencê-los de uma vez por todas de que foi John McFarlane que cometeu este crime.”

Levou-nos por um corredor até um vestibulo escuro adiante.

“Foi aqui que o jovem McFarlane deve ter vindo para pegar seu chapéu depois que o crime foi cometido”, disse ele. “Agora, vejam isto.” Acendeu um fósforo de repente, de maneira dramática, e expôs à sua luz uma mancha de sangue na parede caiada. Quando aproximou o fósforo, vi que era mais que uma mancha. Era a nítida impressão de um polegar.



“Era mais que uma mancha. Era a nítida impressão de um polegar.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“Examine isto com sua lente de aumento, Mr. Holmes.”



“Examine isto com sua lente de aumento, Mr. Holmes.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Sim, é o que estou fazendo.”

“Sabe que não há duas impressões de polegar iguais?”

“Já ouvi alguma coisa do gênero.”

“Nesse caso, quer por favor comparar essa marca com esta impressão em cera do polegar direito do jovem McFarlane, que mandei tirar esta manhã?”

Quando ele segurou a impressão de cera perto da mancha de sangue, não foi preciso uma lente de aumento para se ver que as duas eram indubitavelmente do mesmo polegar. Ficou evidente para mim que nosso infeliz cliente estava perdido.

“Isto é definitivo”, disse Lestrade.

“Sim, é definitivo”, ecoei involuntariamente.

“É definitivo”, disse Holmes.

Alguma coisa em seu tom me chamou a atenção, e me virei para fitá-lo. Ocorrera uma mudança extraordinária em sua fisionomia. Ela se retorcia,

divertidíssima. Seus dois olhos brilhavam como estrelas. Tive a impressão de que fazia um esforço desesperado para conter um ataque de riso convulsivo.

“Ah, meu Deus! Meu Deus!” disse ele finalmente. “Ora, ora, quem teria pensado nisso? E como as aparências podem ser enganosas, sem dúvida! Um homem de aspecto tão agradável! Isto é para aprendermos a não confiar em nosso próprio julgamento... não é, Lestrade?”

“Certamente, alguns de nós somos um pouco propensos demais à presunção, Mr. Holmes”, disse Lestrade. A insolência do homem era de enlouquecer, mas não podíamos nos ofender.

“Que coisa providencial que esse rapaz tenha apertado o polegar contra a parede ao tirar seu chapéu do gancho! Aliás, pensando bem, um gesto muito natural.” Exteriormente, Holmes estava calmo, mas todo o seu corpo se sacudia com excitação reprimida enquanto falava.

“Por falar nisso, Lestrade, quem fez esta notável descoberta?”

“Foi a governanta, Mrs. Lexington, que chamou a atenção do policial da noite para ela.”

“Onde estava o policial da noite?”

“Ele ficou de guarda no quarto onde o crime foi cometido, para assegurar que nada fosse tocado.”

“Mas por que a polícia não viu esta marca ontem?”

“Bem, não tínhamos nenhum motivo especial para fazer um exame cuidadoso do vestíbulo. Além disso, não é um lugar muito visível, como vê.”

“Não, não, claro que não. Suponho que não haja dúvida de que a marca estava aí ontem?”

Lestrade olhou para Holmes como se pensasse que ele estava enlouquecendo. Confesso que eu mesmo estava surpreso tanto com a alegria que manifestava quanto com sua observação disparatada.

“Não sei se o senhor pensa que McFarlane saiu da cadeia na calada da noite para vir reforçar as provas contra si mesmo”, disse Lestrade. “Qualquer perito do mundo pode dizer se isto é ou não a marca do polegar dele.”

“É inquestionavelmente a marca do polegar dele.”

“Pronto, isso é o bastante”, disse Lestrade. “Sou um homem prático, Mr. Holmes, e depois que obtenho minhas provas chego a minhas conclusões. Se

tiver alguma coisa a dizer, o senhor me encontrará redigindo meu relatório na sala.”

Holmes havia recobrado seu comedimento, embora eu ainda tivesse a impressão de detectar lampejos de divertimento em sua expressão.

“Ai de mim, este é um triste desdobramento, não é, Watson?” disse ele. “No entanto, há nele pontos singulares que encerram algumas esperanças para nosso cliente.”

“Fico encantado em ouvir isso”, disse eu, com entusiasmo. “Tive medo de que estivesse tudo acabado para ele.”

“Eu dificilmente chegaria a dizer isso, meu caro Watson. O fato é que há uma falha realmente grave nessa prova a que nosso amigo atribui tanta importância.”

“É mesmo, Holmes? Qual é?”

“Só isto: eu *sei* que essa marca não estava aí quando examinei o vestíbulo ontem. E agora, Watson, vamos dar um pequeno passeio por aí ao sol.” Com o cérebro confuso, mas com alguma esperança de volta no coração, acompanhei meu amigo num giro pelo jardim. Holmes examinou com grande interesse todas as faces da casa, uma a uma. Depois conduziu-me para dentro da casa e esquadrinhou a construção inteira, do porão ao sótão. Os cômodos estavam em sua maior parte sem mobília, mas nem por isso Holmes deixou de inspecionar todos eles minuciosamente. Por fim, no corredor de cima, que levava a três quartos desocupados, ele foi novamente tomado por um espasmo de divertimento.

“Há realmente algumas características singularíssimas neste caso, Watson”, disse. “Penso que está na hora de comunicar nossos segredos a nosso amigo Lestrade. Ele deu seu sorrisinho à nossa custa, e talvez possamos fazer o mesmo com ele se minha interpretação deste problema se provar correta. Sim, sim; acho que percebo como deveríamos abordá-lo.”

O inspetor da Scotland Yard continuava escrevendo na sala de estar quando Holmes o interrompeu.

“Pelo que entendi, você está escrevendo um relatório deste caso”, disse.

“Isso mesmo.”

“Não acha que talvez seja um pouco prematuro? Não posso deixar de pensar que suas provas não estão completas.”

Lestrade conhecia meu amigo bem demais para não fazer caso de suas palavras. Pousou a pena e encarou-o com curiosidade.

“Que quer dizer, Mr. Holmes?”

“Apenas que há uma testemunha importante que você não viu.”

“É capaz de apresentá-la?”

“Acho que sim.”

“Então faça-o.”

“Farei o que puder. De quantos policiais você dispõe?”

“Tenho três nas proximidades.”

“Excelente!” disse Holmes. “Posso perguntar se são todos homens grandes, competentes e de voz forte?”

“Sem dúvida, embora eu não consiga entender como suas vozes entram nessa história.”

“Talvez eu o possa ajudar a entender isso e mais uma ou duas outras coisas também”, disse Holmes. “Por favor, chame seus homens, e tentarei.”

Cinco minutos depois três policiais estavam reunidos no vestíbulo.

“No barracão dos fundos vocês encontrarão grande quantidade de palha”, disse Holmes. “Peço-lhes que tragam dois fardos grandes cá para dentro. Creio que isso será de grande ajuda para trazer a testemunha de que preciso. Muito obrigado. Acredito que você tem fósforos no bolso, Watson. Agora, Mr. Lestrade, vou lhe pedir que me acompanhe ao patamar superior.”

Como eu disse, havia ali um corredor largo ao longo de três quartos vazios. Fomos todos enfileirados por Holmes numa ponta do corredor, os policiais rindo e Lestrade olhando espantado para meu amigo, uma mescla de expectativa e escárnio em seu semblante. Holmes postou-se diante de nós com a expressão de um mágico executando um truque.

“Poderia por gentileza mandar um de seus policiais buscar dois baldes d’água? Ponham a palha aqui no chão, longe da parede dos dois lados. Agora acho que estamos todos prontos.”

Lestrade começou a ficar vermelho e furibundo.

“Não sei se está fazendo uma brincadeira conosco, Mr. Sherlock Holmes”, disse. “Se sabe de alguma coisa, certamente pode dizê-la sem toda esta palhaçada.”

“Eu lhe garanto, meu bom Lestrade, que tenho um excelente motivo para tudo que faço. Talvez você se lembre que caçooou um pouco de mim algumas horas atrás, quando a sorte parecia lhe sorrir, por isso permita-me um pouco de pompa e cerimônia agora. Eu poderia lhe pedir, Watson, que abrisse aquela janela e depois pusesse seu fósforo na ponta da palha?” Fiz isso e, impelido pela corrente de ar, um rolo de fumaça cinza rodopiou pelo corredor afora, enquanto a palha estalava e chamejava.

“Vejam agora se conseguimos encontrar essa testemunha para você, Lestrade. Poderia pedir a todos que se juntassem a mim no grito de ‘Fogo’? Então, agora; um, dois, três...”

“Fogo!” gritamos todos nós.

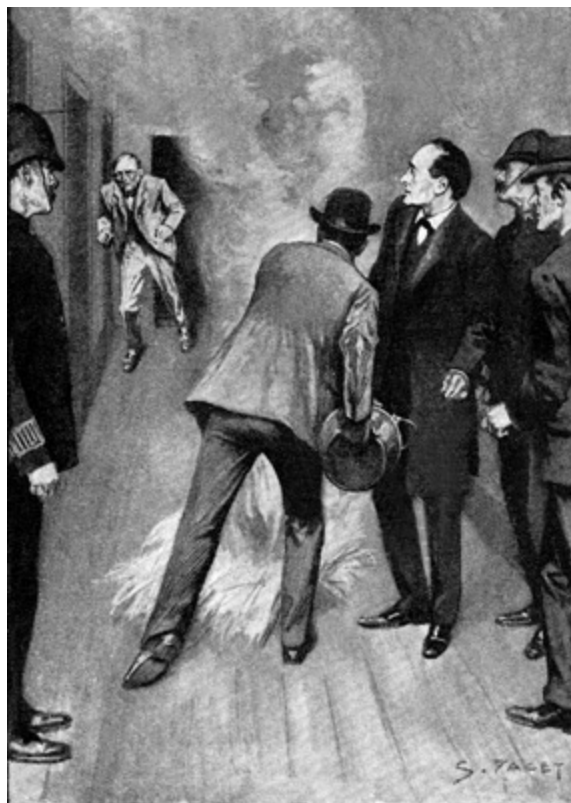
“Muito obrigado. Teriam a bondade de repetir?”

“Fogo!”

“Só mais uma vez, cavalheiros, e todos juntos.”

“Fogo!” O grito deve ter soado sobre toda Norwood.

Ele mal se calara quando algo de espantoso aconteceu. Uma porta se abriu de repente no que parecia ser uma parede sólida no fim do corredor, e um homenzinho mirrado saiu em disparada, como um coelho para fora da toca.



“Um homenzinho mirrado saiu em disparada.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Excelente!” disse Holmes com serenidade. “Watson, um balde d’água na palha. É o bastante! Lestrade, permita-me apresentar-lhe a importante testemunha que lhe faltava, Mr. Jonas Oldacre.”

O detetive arregalou os olhos para o recém-chegado, em pasmo absoluto. O homem piscava à luz intensa do corredor, olhando para nós e para o fogo latente. Era um semblante odioso — matreiro, vicioso, maligno, com olhinhos evasivos, cinza-claro, e pestanas brancas.

“Mas o que é isto?” perguntou Lestrade finalmente. “O que andou fazendo esse tempo todo, hein?”

Oldacre deu uma risadinha constrangida, esquivando-se da furiosa cara vermelha do detetive.

“Não fiz mal a ninguém.”

“Não fez mal? Fez o que podia para mandar um inocente para a forca. Se não fosse por este cavalheiro aqui, provavelmente teria conseguido.” A mísera criatura começou a choramingar.

“Pode ficar certo, senhor, de que tudo não passou de brincadeira.”

“Ah, então foi uma brincadeira? Não vai conseguir rir muito dela agora, eu lhe prometo. Levem-no e mantenham-no na sala de estar até eu descer. Mr. Holmes”, continuou, depois que os outros saíram, “eu não podia falar diante dos oficiais, mas não me importo de dizer, na presença do dr. Watson, que essa foi a coisa mais brilhante que o senhor já fez, embora seja um mistério para mim como conseguiu. Salvou a vida de um inocente e impediu um escândalo gravíssimo, que teria arruinado minha reputação na polícia.”

Holmes sorriu e deu uma palmadinha no ombro de Lestrade.



“Holmes sorriu e deu uma palmadinha no ombro de Lestrade.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Longe de ficar arruinada, meu caro, verá que sua reputação crescerá imensamente. Basta que faça algumas alterações no relatório que estava escrevendo, e eles vão compreender como é difícil jogar poeira nos olhos do inspetor Lestrade.”

“E não quer que seu nome apareça?”

“Em absoluto. O trabalho é sua própria recompensa. Talvez eu venha a

obter o mérito também algum dia no futuro distante, quando permitir a meu dedicado historiador divulgar suas anotações mais uma vez — hein, Watson? Bem, agora vamos ver onde esse rato se escondia.”

Uma divisória de ripas e estuque, em que se dissimulava habilmente uma porta, havia sido erguida através do corredor, a um metro e oitenta do fim. O compartimento era iluminado por dentro por fendas sob o beiral. Dentro havia uma mobília sumária e uma provisão de comida e água, junto com vários livros e papéis.

“É a vantagem de ser construtor”, disse Holmes quando saíamos. “O sujeito foi capaz de instalar seu pequeno esconderijo sem cúmplice algum — a não ser, é claro, essa preciosa governanta, que eu não perderia tempo em acrescentar à sua bagagem, Lestrade.”

“Seguirei seu conselho. Mas como soube deste lugar, Mr. Holmes?”

“Cheguei à conclusão de que o sujeito estava num esconderijo dentro da casa. Quando percorri um corredor e constatei que ele era um metro e oitenta mais curto que o correspondente no andar de baixo, ficou muito claro onde ele estava. Pensei que não teria sangue-frio para ficar quieto diante de um alarme de incêndio. Poderíamos, é claro, ter entrado para pegá-lo, mas diverti-me fazê-lo se revelar; além disso, eu tinha o direito de lhe pregar uma pequena peça, Lestrade, por ter caçoado de mim de manhã.”

“Bem, o senhor certamente tirou a diferença. Mas como diabos ficou sabendo que ele estava na casa?”

“A impressão digital, Lestrade. Você disse que ela era definitiva; e de fato, mas num sentido muito diferente. Eu sabia que ela não estava lá na véspera. Presto muita atenção a detalhes, como talvez já tenha observado; examinara o vestíbulo e tinha certeza de que a parede estava limpa. Portanto, a impressão havia sido posta ali durante a noite.”

“Mas como?”

“De maneira muito simples. Quando aqueles pacotes foram lacrados, Jonas Oldacre conseguiu que McFarlane firmasse um dos lacres pondo o polegar na cera mole. A coisa deve ter sido feita de maneira tão rápida e natural que suponho que o rapaz nem se lembre disso. É muito provável que tenha acontecido por acaso e que o próprio Oldacre não tivesse ideia do uso que faria disso. Ruminando o caso nessa toca, ocorreu-lhe de repente a prova

absolutamente acachapante que poderia forjar contra McFarlane usando aquela impressão de polegar. Foi a coisa mais simples do mundo para ele obter uma impressão de cera a partir do lacre, umedecê-la com o sangue que pôde obter com uma alfinetada e aplicar a marca na parede durante a noite, ou com sua própria mão ou com a da governanta. Se você examinar esses documentos que ele levou consigo para o esconderijo, aposto que encontrará o lacre com impressão digital.”



Mr. Jonas Oldacre [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Maravilhoso!” disse Lestrade. “Maravilhoso! É tudo claro como cristal, como o senhor diz. Mas qual foi o objetivo de toda essa fraude colossal, Mr. Holmes?”

Eu estava me divertindo ao ver como as maneiras arrogantes do detetive haviam se transformado de repente nas de uma criança que faz perguntas a seu professor.

“Bem, não me parece que seja muito difícil explicar. O cavalheiro que

nos espera agora lá embaixo é uma pessoa muito passional, maldosa e vingativa. Sabe que outrora foi rejeitado pela mãe de McFarlane? Não sabe! Eu lhe disse que devia ir a Blackheath primeiro e só depois a Norwood. Bem, esse insulto, como ele o considerou, fermentou em seu cérebro perverso, maquinador, e durante toda a sua vida ele ansiou por vingança, sem nunca encontrar uma oportunidade. Nestes últimos dois anos, as coisas correram mal para ele — especulações secretas, acho — e está em maus lençóis. Decide trapacear seus credores, e para esse fim paga cheques vultosos a um certo Mr. Cornelius, que é, imagino eu, ele mesmo sob outro nome. Ainda não segui o rastro desses cheques, mas não tenho dúvida de que foram depositados sob esse nome em alguma cidade da província onde Oldacre levava, de tempos em tempos, uma vida dupla. Ele pretendia mudar seu nome totalmente, sacar seu dinheiro e desaparecer, para começar vida nova em outro lugar.”

“Bem, isso é muito plausível.”

“Deve ter ocorrido a ele que, desaparecendo, poderia desviar todos os seus perseguidores de suas pegadas; ao mesmo tempo, poderia se vingar de maneira ampla e avassaladora da ex-namorada se conseguisse dar a impressão de que havia sido assassinado pelo único filho dela. Era uma obra-prima da vileza e ele a levou a cabo como um mestre. A ideia do testamento, que forneceria um motivo óbvio para o crime, a visita secreta sem que os pais dele soubessem, a retenção da bengala, o sangue, os vestígios animais e os botões na pilha de tábuas, tudo foi admirável. Era uma rede da qual, algumas horas atrás, me parecia não haver como escapar. Mas faltou-lhe aquele supremo talento do artista: saber quando parar. Desejou melhorar o que já era perfeito — apertar ainda mais a corda em volta do pescoço de sua infeliz vítima — e assim arruinou tudo. Vamos descer, Lestrade. Quero fazer apenas uma ou duas perguntas a ele.”

A maligna criatura estava sentada em sua sala de estar com um policial de cada lado.

“Foi uma brincadeira, senhor, nada mais”, gemia ele sem cessar. “Eu lhe asseguro, senhor, que só me escondi para ver o efeito de meu desaparecimento; tenho certeza de que não será injusto a ponto de imaginar que eu teria permitido que qualquer mal acontecesse a esse pobre rapaz, Mr. McFarlane.”

“Cabe ao tribunal decidir isso”, disse Lestrade. “De todo modo, vamos prendê-lo sob acusação de conspiração, se não por tentativa de assassinato.”

“E provavelmente o senhor verá que os credores vão bloquear a conta bancária de Mr. Cornelius”, disse Holmes.

O homenzinho levou um susto e pousou seus olhos malévolos em meu amigo.

“Tenho muito a lhe agradecer”, disse. “Talvez possa pagar minha dívida algum dia.”

Holmes sorriu com indulgência.

“Imagino que por alguns anos o senhor terá seu tempo totalmente ocupado”, disse. “A propósito, que foi aquilo que pôs na pilha de tábuas junto com suas calças velhas? Um cachorro morto, ou coelhos, ou o quê? Não vai contar? Ah, que falta de delicadeza a sua! Bem, aposto que foi um par de coelhos, o que explicaria tanto o sangue quanto os restos carbonizados. Se algum dia escrever um relato deste caso, Watson, um par de coelhos lhe servirá perfeitamente.”

III. OS DANÇARINOS

HOLMES PASSARA algumas horas sentado em silêncio, com as costas longas e magras curvadas sobre um recipiente químico em que preparava uma infusão particularmente malcheirosa. Tinha a cabeça enterrada no peito e, do meu ponto de vista, parecia uma ave esguia e estranha, com plumagem de um cinza fosco e um topete preto na cabeça.

“Então, Watson”, disse ele de repente, “não está mesmo pretendendo investir em títulos sul-africanos?”

Tive um sobressalto de espanto. Por mais acostumado que estivesse às curiosas faculdades de Holmes, essa súbita intromissão em meus pensamentos mais íntimos pareceu-me completamente inexplicável.

“Como diabos sabe disso?” perguntei.

Ele girou em seu tamborete, um tubo de ensaio fumegante na mão e um lampejo de divertimento nos olhos fundos.

“Vamos, Watson, confesse que está completamente embasbacado”, disse.

“Estou.”

“Eu deveria fazê-lo escrever isso num papel e assinar.”

“Por quê?”

“Porque daqui a cinco minutos você vai dizer que a coisa é toda absurdamente simples.”

“Tenho certeza de que não direi nada parecido.”

“Você vê, meu caro Watson” — apoiou seu tubo de ensaio no suporte e começou a perorar com o ar de um professor dirigindo-se a seus alunos — “não é realmente difícil construir uma série de inferências, cada uma dependente da anterior e cada uma simples em si mesma. Se, depois disso, simplesmente ocultamos todas as inferências centrais e apresentamos à nossa audiência só o ponto de partida e a conclusão, podemos produzir um efeito

surpreendente, embora talvez enganoso. Ora, não foi realmente difícil, por uma inspeção do sulco entre o seu dedo indicador e o polegar esquerdos, ter certeza de que você não pretendia investir seu pequeno capital em minas de ouro.”

“Não vejo nenhuma relação.”

“Muito provavelmente não; mas posso lhe mostrar rapidamente uma relação estreita. Aqui estão os elos ausentes dessa cadeia muito simples: 1. Você tinha giz entre seu indicador e polegar esquerdos ao voltar do clube ontem à noite. 2. Você passa giz ali quando joga bilhar, para o taco não espirrar. 3. Você só joga bilhar com Thurston. 4. Você me disse quatro semanas atrás que Thurston tinha uma opção de algumas propriedades sul-africanas que expiraria em um mês e desejava que você as partilhasse com ele. 5. Seu talão de cheques está trancado na minha gaveta, e você não me pediu a chave. 6. Você não pretende investir seu dinheiro dessa maneira.”

“Mas é absurdamente simples!” exclamei.

“Naturalmente!” disse ele, levemente irritado. “Todo problema se torna muito pueril quando lhe é explicado. Aqui está um inexplicado. Como entende isto, Watson?” Jogou uma folha de papel sobre a mesa e virou-se mais uma vez para sua análise química.

Olhei com espanto os absurdos hieróglifos no papel.

“Ora, Holmes, isto é um desenho de criança”, exclamei.

“Ah, acha isso?”

“Que mais poderia ser?”

“Isso é o que Mr. Hilton Cubitt, de Ridling Thorpe Manor, em Norfolk, está muito aflito para saber. Essa pequena charada chegou pelo primeiro correio, e ele deveria seguir pelo trem seguinte. A campainha está tocando, Watson. Não ficaria muito surpreso se fosse ele.”

Ouvimos passos pesados na escada e um instante depois entrou um cavalheiro alto, de rosto bem escanhado e corado, cujos olhos claros e faces rosadas falavam de uma vida longe dos nevoeiros de Baker Street. Ao entrar, pareceu trazer consigo uma lufada do ar forte, fresco e revigorante do litoral leste. Depois de apertar nossas mãos, estava prestes a se sentar quando seus olhos bateram no papel com os curiosos sinais, que eu acabara de examinar e deixara sobre a mesa.

“E então, Mr. Holmes, o que acha que isso quer dizer?” exclamou. “Disseram-me que o senhor gosta de mistérios esquisitos, e acho que não poderia encontrar um mais esquisito que esse. Mandeí o papel na frente para que tivesse tempo de estudá-lo antes que eu chegasse.”

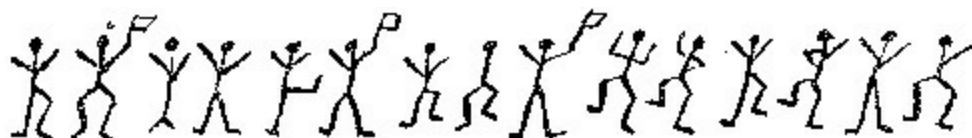


“O que acha que isso quer dizer?” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“É certamente uma produção curiosa”, disse Holmes. “À primeira vista, parece uma travessura infantil. Consiste em muitas figurinhas absurdas dançando através do papel sobre o qual são desenhadas. Por que o senhor atribuiria alguma importância a algo tão grotesco?”

“Eu nunca o faria, Mr. Holmes. Mas minha mulher o faz. Isso a está matando de medo. Ela não diz nada, mas posso ver terror em seus olhos. É por isso que quero tirar todo esse assunto a limpo.”

Holmes segurou o papel de modo que a luz do sol brilhasse sobre ele. Era uma folha arrancada de um caderno. Sobre ela, viam-se os seguintes sinais, feitos a lápis:



Holmes examinou-a por algum tempo e depois, dobrando-a cuidadosamente, guardou-a em sua caderneta.



“Holmes segurou o papel.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Este promete ser um caso dos mais interessantes e inusitados”, disse. “Deu-me alguns detalhes em sua carta, Mr. Hilton Cubitt, mas eu lhe ficaria muito grato se tivesse a bondade de repetir tudo em benefício de meu amigo, dr. Watson.”

“Não sou grande coisa como contador de histórias”, disse nosso visitante, apertando e soltando suas mãos grandes e fortes. “Por favor pergunte-me sobre qualquer coisa que eu não deixe clara. Vou começar com a época de meu casamento, ano passado; mas antes de tudo quero dizer que, embora eu não seja um homem rico, minha gente vive em Ridling Thorpe há

cinco séculos, e não há família mais conhecida no condado de Norfolk. Ano passado vim a Londres para o Jubileu e hospedei-me numa pensão em Russell Square, porque Parker, o vigário de nossa paróquia, estava lá. Havia no estabelecimento uma jovem senhora americana — Patrick era seu sobrenome, Elsie Patrick. De alguma maneira ficamos amigos, de modo que, antes que meu mês terminasse, eu estava tão apaixonado quanto um homem pode ficar. Casamo-nos discretamente num cartório e voltamos para Norfolk como marido e mulher. Talvez lhe pareça uma loucura, Mr. Holmes, que um homem de uma família boa e antiga se case dessa maneira, sem saber nada sobre o passado ou a gente de sua mulher; mas se a visse e a conhecesse, talvez pudesse entender.

“Ela foi muito franca sobre isso, a minha Elsie. Não posso dizer que não me deu todas as oportunidades de escapar, se quisesse. ‘Tive algumas relações muito desagradáveis em minha vida’, disse ela; ‘quero esquecê-las por completo. Prefiro nunca me referir ao passado, porque isso é muito penoso para mim. Se ficar comigo, Hilton, terá uma mulher que não tem nada de que precise se envergonhar pessoalmente; mas deverá se contentar com minha palavra sobre isso e me permitir manter silêncio sobre tudo que se passou até o momento em que me tornei sua. Se estas condições forem duras demais, volte para Norfolk e deixe-me na vida solitária em que me encontrou.’ Foi só na véspera de nosso casamento que ela me disse exatamente estas palavras. Respondi-lhe que estava satisfeito em tomá-la sob suas próprias condições e tenho cumprido minha palavra.

“Bem, agora faz um ano que estamos casados, e temos sido muito felizes. Cerca de um mês atrás, porém, no fim de junho, notei pela primeira vez sinais de perturbação. Um dia minha mulher recebeu uma carta dos Estados Unidos. Vi o selo americano. Ficou branca como papel, leu a carta e jogou-a no fogo. Não fez nenhuma alusão a ela depois, e eu tampouco, pois promessa é promessa; mas desde então nunca mais teve um momento de tranquilidade. Há sempre um ar de medo em seu rosto — como se estivesse na expectativa. Ela deveria confiar em mim. Descobriria que sou seu melhor amigo. Mas até que ela fale, não posso dizer nada. Acredite, é uma mulher verdadeira, Mr. Holmes, e seja qual for o infortúnio que tenha ocorrido em sua vida passada, não foi culpa dela. Sou um simples fidalgo rural de Norfolk, mas não há homem na Inglaterra que preze a honra de sua família

mais do que eu. Ela sabe bem disso, e sabia muito antes de se casar comigo. Nunca faria nada para manchá-la — disso eu tenho certeza.

“Bem, chego agora à parte mais esquisita da minha história. Cerca de uma semana atrás — foi na terça-feira da semana passada —, descobri no peitoril de uma janela várias figurinhas dançarinas absurdas, como essas no papel. Estavam rabiscadas a giz. Pensei que fora o rapaz da estrebaria que as desenhara, mas o garoto jurou nada saber sobre aquilo. De todo modo, elas tinham aparecido durante a noite. Mande lavar-las e só mencionei o assunto para minha mulher depois. Para minha surpresa, ela levou aquilo muito a sério e pediu que, se os rabiscos voltassem a aparecer, eu a deixasse vê-los. Nada apareceu durante uma semana; então, ontem de manhã, encontrei esse papel sobre o relógio de sol no jardim. Mostrei-o para Elsie e ela caiu desmaiada. Desde então parece uma sonâmbula, semiatorreada, sempre com terror no fundo dos olhos. Foi então que lhe escrevi e enviei o papel, Mr. Holmes. Não é uma coisa que eu possa levar à polícia, pois eles ririam de mim, mas o senhor me dirá o que fazer. Não sou um homem rico; mas se houver algum perigo ameaçando minha querida mulher eu gastaria meu último *penny* para protegê-la.”

Era uma excelente criatura, esse homem do velho solo inglês — simples, honesto e gentil, com seus grandes e sinceros olhos azuis e seu rosto largo, decente. Seu amor pela mulher e a confiança que depositava nela estavam estampados no seu semblante. Holmes, que ouvira sua história com a máxima atenção, ficou algum tempo pensando em silêncio.

“Não acha, Mr. Cubitt”, disse por fim, “que a melhor atitude seria fazer um apelo direto à sua mulher e lhe pedir que partilhe seu segredo com o senhor?”

Hilton Cubitt sacudiu sua cabeça grande.

“Promessa é promessa, Mr. Holmes. Se Elsie desejasse me contar, contaria. Se não, não me cabe forçar sua confiança. Mas tenho direito a assumir minha própria linha de conduta — e é o que farei.”

“Nesse caso eu o ajudarei com todo empenho. Em primeiro lugar, ouviu falar da presença de estranhos nas suas vizinhanças?”

“Não.”

“Suponho que seja um lugar muito sossegado. Qualquer cara nova

despertaria comentários, não é?”

“Na vizinhança imediata, sim. Mas temos vários balneários não muito distantes. E os fazendeiros aceitam hóspedes.”

“Esses hieróglifos têm evidentemente um sentido. Se for um sentido arbitrário, pode ser impossível para nós desvendá-lo. Se, por outro lado, for sistemático, não tenho dúvida de que o decifraremos. Mas esta amostra particular é tão curta que nada posso fazer, e os fatos que me trouxe são tão vagos que não temos bases para uma investigação. Eu lhe sugiro que volte para Norfolk, mantenha-se vigilante e faça uma cópia exata de todos novos homenzinhos dançarinos que possam aparecer. É realmente lamentável que não tenhamos uma reprodução dos que foram feitos a giz no peitoril da janela. Faça indagações discretas quanto à presença de quaisquer estranhos na vizinhança. Quando tiver colhido novos indícios, venha me ver novamente. Este é o melhor conselho que posso lhe dar, Mr. Hilton Cubitt. Se houver algum novo desdobramento que exija ação urgente, estarei sempre pronto para correr a seu encontro em sua casa de Norfolk.”

Essa entrevista deixou Sherlock Holmes muito pensativo e nos dias seguintes eu o vi pegar a tira de papel na sua caderneta e contemplar longa e gravemente as curiosas figuras nela rabiscadas. Não fez, porém, nenhuma alusão ao caso até uma tarde cerca de duas semanas depois. Eu estava saindo, quando ele me chamou de volta.

“Você deveria ficar aqui, Watson.”

“Por quê?”

“Porque recebi um telegrama de Hilton Cubitt esta manhã — lembra-se de Hilton Cubitt, dos dançarinos? Ele deveria chegar a Liverpool Street à uma e vinte. Poderá estar aqui a qualquer momento. Pelo seu telegrama, entendi que houve alguns novos incidentes de importância.”

Não tivemos de esperar muito, pois nosso fidalgo de Norfolk veio direto da estação, tão depressa quanto um *hansom* pôde trazê-lo. Parecia amedrontado e abatido, com olhos cansados e rugas na testa.

“Esse negócio está me dando nos nervos, Mr. Holmes”, disse ele enquanto afundava numa poltrona, como um homem exausto. “Já é ruim o bastante sentir-se cercado por pessoas invisíveis, desconhecidas, que pretendem alguma coisa em relação a você, mas quando se percebe também

que essa situação está simplesmente matando sua mulher pouco a pouco, é mais do que um homem pode suportar. Ela está se consumindo com isso — simplesmente se consumindo diante de meus olhos.”

“Ela já disse alguma coisa?”

“Não, Mr. Holmes, não disse. E, no entanto, houve vezes em que a pobre menina quis falar, mas não conseguiu forças para dar o passo decisivo. Tentei ajudá-la; mas confesso que o fiz de maneira desajeitada e a demovi da ideia de contar. Ela falou sobre minha velha família, sobre nossa reputação no condado e o orgulho que temos de nossa honra ilibada, e tive sempre a impressão de que iria chegar ao ponto; mas de uma maneira ou de outra a conversa se desviou antes que chegássemos lá.”

“Mas o senhor descobriu alguma coisa pelo seu lado?”

“Muitas, Mr. Holmes. Tenho vários desenhos novos de dançarinos para o senhor examinar e, o que é mais importante, eu vi o sujeito.”

“Quê? O homem que os desenha?”

“Sim, eu o vi em ação. Mas vou lhe contar tudo pela ordem. Quando voltei de minha visita ao senhor, a primeira coisa que vi na manhã seguinte foi uma nova safra de dançarinos. Havia sido desenhados a giz na porta de madeira preta do galpão de ferramentas, que fica ao lado do gramado, bem à vista das janelas da frente. Fiz uma cópia exata; aqui está ela.” Desdobrou um papel e o pôs sobre a mesa. Aqui está uma reprodução dos hieróglifos:



“Excelente!” exclamou Holmes. “Excelente! Por favor, continue.”

“Depois de fazer a cópia, apaguei as marcas, mas duas manhãs depois uma nova inscrição apareceu. Tenho uma cópia dela aqui:



Holmes esfregou as mãos e deu uma risadinha, deliciado.

“Nosso material está se acumulando rapidamente”, disse.

“Três dias mais tarde apareceu uma mensagem rabiscada num papel; foi deixada sob um seixo em cima do relógio de sol. Cá está. Os caracteres, como vê, são exatamente os mesmos da vez anterior. Depois disso, resolvi ficar de atalaia. Assim, peguei meu revólver e instalei-me em meu gabinete, que dá vista para o gramado e o jardim. Por volta das duas da manhã, eu estava sentado junto à janela; exceto pelo luar lá fora, tudo estava escuro; de repente, ouvi passos atrás de mim e lá estava minha mulher, de penhoar. Ela me implorou que fosse para a cama. Disse-lhe francamente que desejava ver quem estava se divertindo daquela maneira à nossa custa. Ela respondeu que aquilo era alguma brincadeira boba, a que eu não deveria dar nenhuma atenção.



“Três dias mais tarde uma mensagem foi deixada sob um seixo em cima do relógio de sol.”
[Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Se isso realmente o incomoda, Hilton, deveríamos fazer uma viagem,

você e eu, e assim evitar esse aborrecimento.’

“‘Quê? Ser expulso de nossa própria casa por um brincalhão?’ respondi. ‘Ora, faríamos o condado inteiro rir de nós.’

“‘Bem, venha se deitar’, disse ela, ‘podemos conversar sobre isso amanhã de manhã.’

“De repente, enquanto ela falava, vi seu rosto ficar mais branco ainda à luz da lua e sua mão se retesou sobre o meu ombro. Alguma coisa estava se movendo na sombra do galpão de ferramentas. Vi uma figura escura que se arrastou pelo canto do galpão e se agachou em frente à porta. Pegando minha pistola, eu ia sair quando minha mulher me abraçou e me segurou com força convulsiva. Tentei me desvencilhar dela, mas ela me agarrou da maneira mais desesperada. Finalmente me liberei, mas na altura em que eu tinha aberto a porta e chegado ao galpão, a criatura desaparecera. Havia deixado um rastro de sua presença, porém, pois lá estava, na porta, exatamente o mesmo arranjo dos dançarinos que já havia aparecido duas vezes e que eu copiara no papel. Não havia outro sinal do sujeito em parte alguma, embora eu tenha percorrido todo o terreno da casa. O espantoso, contudo, é que ele certamente estava lá o tempo todo, pois quando examinei a porta novamente, de manhã, vi que rabiscara mais algumas de suas figuras sob a linha que eu já vira.”



“Minha mulher me abraçou.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Tem esse novo desenho?”

Mais uma vez ele apresentou um papel. A nova dança tinha esta forma:



“Diga-me”, disse Holmes — e pude ver por seus olhos que estava muito alvoroçado — “isto foi um mero acréscimo ao primeiro desenho, ou pareceu ser inteiramente separado?”

“Estava numa almofada diferente da porta.”

“Excelente! Isto é de longe o mais importante de tudo para nossos propósitos. Deixa-me cheio de esperança. Agora, Mr. Hilton Cubitt, por favor, continue seu interessantíssimo relato.”

“Não tenho nada mais a dizer, Mr. Holmes, exceto que fiquei zangado com minha mulher aquela noite por ter me segurado quando eu teria podido pegar aquele velhaco covarde. Ela disse que temeu que algo de mau me

acontecesse. Por um instante, passou-me pela cabeça que talvez ela temesse, na verdade, que algo de mau acontecesse a *ele*, pois eu não podia duvidar que ela sabia quem era esse homem e o que ele queria dizer com esses estranhos sinais. Mas há um tom na voz de minha mulher, Mr. Holmes, e um brilho em seus olhos que proíbe a dúvida, e tenho certeza de que era realmente minha segurança que a preocupava. Esses foram os acontecimentos; agora quero o seu conselho quanto ao que devo fazer. Por mim, poria meia dúzia dos meus peões escondidos nos arbustos, e quando o sujeito aparecesse de novo lhe daria uma sova tal que ele nos deixaria em paz para sempre.”

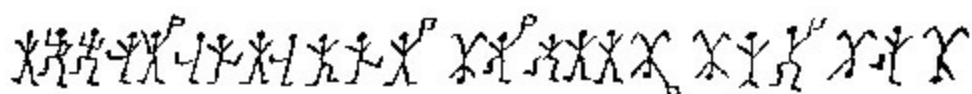
“Temo que o caso seja complexo demais para remédios tão simples”, disse Holmes. “Quanto tempo vai ficar em Londres?”

“Tenho de voltar hoje mesmo. Não deixaria minha mulher passar a noite sozinha por nada neste mundo. Ela está muito nervosa e suplicou-me que voltasse.”

“Creio que está certo. Mas se pudesse ficar, eu possivelmente poderia voltar com o senhor dentro de um ou dois dias. De todo modo, deixará estes papéis comigo, e parece-me muito provável que eu possa lhe fazer uma visita em breve e lançar alguma luz sobre o seu caso.”

Sherlock Holmes preservou suas tranquilas maneiras profissionais até que nosso visitante nos deixou, embora fosse fácil para mim, que o conhecia tão bem, ver que estava profundamente alvoroçado. Assim que as costas largas de Hilton Cubitt desapareceram pela porta, meu parceiro correu até a mesa, dispôs todas as tiras de papel com dançarinos à sua frente e lançou-se num intrincado e complexo cálculo. Durante duas horas eu o observei enquanto cobria de números e letras folha após folha de papel, tão completamente absorto em seu trabalho que havia evidentemente esquecido minha presença. Em alguns momentos estava fazendo progresso e trabalhava assobiando e cantando; em outros se sentia confuso e passava longos períodos parado, a testa sulcada e os olhos vazios. Finalmente pulou da cadeira com um grito de satisfação e pôs-se a andar de um lado para outro da sala esfregando as mãos. Em seguida escreveu um longo telegrama num formulário. “Se minha resposta para isto for a que espero, você terá um lindo caso para acrescentar à sua coleção, Watson”, disse ele. “Espero que possamos ir até Norfolk amanhã e levar a nosso amigo algumas novidades muito precisas sobre o segredo que tanto o contraria.”

Confesso que fiquei cheio de curiosidade, mas como sabia que Holmes gostava de fazer suas revelações em seu próprio tempo e à sua própria maneira, esperei até que lhe fosse conveniente me confiar sua descoberta. Mas a resposta ao telegrama sofreu um atraso e seguiram-se dois dias de impaciência, durante os quais Holmes ficava de orelha em pé a cada toque da campainha. Na noite do segundo dia chegou uma carta de Hilton Cubitt. Tudo estava calmo com ele, exceto pelo aparecimento de uma longa inscrição sobre o pedestal do relógio de sol naquela manhã. Ele anexara uma cópia dela, que está reproduzida aqui:



Depois de se curvar sobre essa grotesca barra por alguns minutos, Holmes levantou-se subitamente, com uma exclamação de surpresa e consternação. Seu rosto estava desfigurado pela ansiedade.

“Deixamos este caso ir longe demais”, disse. “Há um trem para North Walsham esta noite?”

Consultei o horário. O último acabara de partir.

“Então vamos tomar o desjejum cedo e pegar o primeiro da manhã”, disse Holmes. “Nossa presença é necessária com a máxima urgência. Ah! Aqui está nosso esperado cabograma. Um momento, Mrs. Hudson, talvez haja uma resposta. Não, isto é exatamente o que eu esperava. Esta mensagem torna ainda mais essencial que comuniquemos imediatamente a Hilton Cubitt em que pé estão as coisas, pois essa rede em que nosso simples fidalgo de Norfolk está enredado é singular e perigosa.”

Foi isso que ela de fato provou ser, e agora, que chego à melancólica conclusão de uma história que me parecera ser apenas pueril e extravagante, experimento novamente a consternação e o horror que me invadiram. Quisera eu ter um desfecho mais feliz para comunicar a meus leitores; mas estas são as crônicas do fato e devo seguir, até sua lúgubre crise, a estranha cadeia de eventos que durante alguns dias fez de Ridling Thorpe Manor um nome conhecido em toda a Inglaterra.

Mal havíamos descido do trem em North Walsham e mencionado o nome de nosso destino, quando o chefe da estação correu em nossa direção.

“São os detetives de Londres, não é?” perguntou.



“São os detetives de Londres, não é?” perguntou.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

Uma expressão de aborrecimento passou pelo semblante de Holmes.

“Que o leva a pensar isso?”

“O inspetor Martin, de Norwich, acaba de passar por aqui. Mas talvez sejam os cirurgiões. Ela não está morta — ou não estava, pelas últimas notícias. Talvez cheguem a tempo de salvá-la — ainda que seja para a forca.”

Holmes tinha a fronte carregada de ansiedade.

“Vamos para Ridling Thorpe Manor”, disse ele, “mas não sabemos de nada que aconteceu aqui.”

“É um caso terrível”, disse o chefe da estação. “Foram baleados, Mr. Hilton Cubitt e a mulher. Ela atirou nele e depois em si mesma — é o que dizem os criados. Ele está morto e ela, desenganada. Ah, meu Deus, uma das famílias mais antigas do condado de Norfolk, e uma das mais honradas.”

Sem uma palavra, Holmes correu para uma carruagem e, durante a longa

viagem de mais de dez quilômetros, não abriu a boca. Raras vezes eu o vira tão completamente desanimado. Estivera inquieto durante toda a viagem de Londres até ali, e eu observara que folheava os jornais da manhã com ansiosa atenção; mas agora aquela súbita realização de seus piores temores o deixou em profunda melancolia. Havia contudo muita coisa interessante à nossa volta, pois atravessávamos uma das zonas rurais mais singulares da Inglaterra, onde algumas cabanas espalhadas representavam a população de hoje, enquanto em todas as direções enormes igrejas de torres quadradas elevavam-se da paisagem plana e verde, contando a glória e a prosperidade da velha East Anglia. Por fim a orla violeta do Oceano Germânico apareceu sobre a borda verde do litoral de Norfolk, e o cocheiro apontou com seu chicote duas velhas cumeeiras que se projetavam de um arvoredor. “Lá está Ridling Thorpe Manor”, disse ele.

Quando nos aproximamos do pórtico, observei diante dele, ao lado da quadra de tênis, o portão preto do galpão de ferramentas e o pedestal do relógio de sol, com que tínhamos tão estranhas associações. Um homenzinho garboso, com maneiras vivazes e alertas e um bigode encerado, havia acabado de apear de um *dog-cart* alto. Apresentou-se como inspetor Martin, da polícia de Norfolk, e ficou consideravelmente espantado ao ouvir o nome de meu companheiro.

“Mas como, Mr. Holmes, o crime só foi cometido às três horas desta madrugada! Como pôde ouvir falar dele em Londres e chegar ao local ao mesmo tempo que eu?”

“Eu o previ. Vim na esperança de evitá-lo.”

“Então deve ter provas importantes que ignoramos, porque consta que era um casal extremamente unido.”

“Tenho apenas os indícios dos dançarinos”, disse Holmes. “Vou lhe explicar do que se trata mais tarde. Enquanto isso, como é tarde demais para prevenir essa tragédia, estou muito ansioso por usar o conhecimento que possuo para assegurar que a justiça seja feita. O senhor se associará a mim em sua investigação, ou prefere que eu atue de maneira independente?”

“Ficaria orgulhoso se pudéssemos atuar juntos, Mr. Holmes,” disse francamente o inspetor.

“Nesse caso, eu gostaria de ouvir os depoimentos e examinar o local

sem um instante de protelação desnecessária.”

O inspetor Martin teve o bom senso de deixar meu amigo fazer as coisas à sua maneira, contentando-se em observar atentamente os resultados. O cirurgião local, um velho de cabeça branca, que acabara de descer do quarto de Mrs. Cubitt, contou que os ferimentos que ela sofrera eram graves, mas não necessariamente fatais. A bala atravessara a parte frontal do cérebro, e provavelmente ela demoraria algum tempo para recobrar a consciência. Perguntado se ela levara um tiro ou atirara em si mesma, não quis aventurar nenhuma opinião conclusiva. Certamente a bala fora disparada muito de perto. Somente uma pistola fora encontrada no aposento, da qual duas balas haviam sido disparadas. Mr. Hilton Cubitt levara um tiro no coração. Era igualmente concebível que ele tivesse atirado nela e depois em si mesmo, ou que ela tivesse sido a criminosa, porque o revólver estava no chão, a meio caminho entre os dois.

“Ele foi removido?” perguntou Holmes.

“Não mudamos nada de lugar, exceto a dama. Não podíamos deixá-la ali no chão, ferida.”

“Há quanto tempo está aqui, doutor?”

“Desde as quatro horas.”

“Alguém mais?”

“Sim, o inspetor aqui.”

“E não tocaram em nada?”

“Em nada.”

“Agiram com grande prudência. Quem os chamou?”

“A criada, Saunders.”

“Foi ela que deu o alarme?”

“Ela e Mrs. King, a cozinheira.”

“Onde estão as duas agora?”

“Na cozinha, eu creio.”

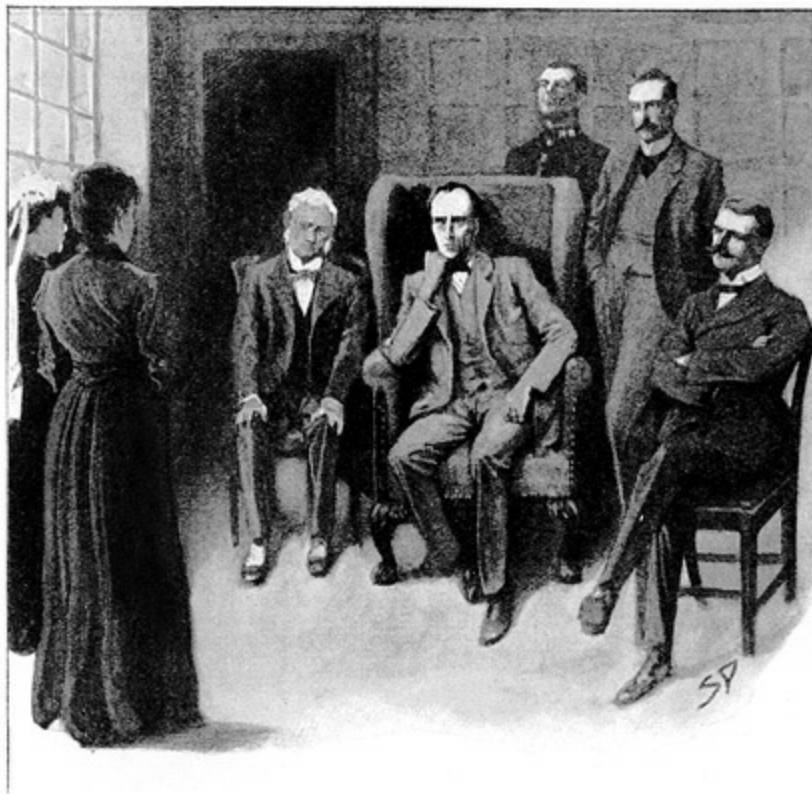
“Então me parece que o melhor seria ouvir a história delas imediatamente.”

O velho salão, com lambris de carvalho e janelas altas, fora transformado num tribunal de investigação. Holmes sentou-se numa cadeira

grande, de estilo antigo, seus olhos inexoráveis lampejando em seu semblante abatido. Eu podia ler neles o firme propósito de dedicar sua vida àquela busca, até que o cliente que não fora capaz de salvar estivesse finalmente vingado. O impecável inspetor Martin, o velho e encanecido médico rural, eu mesmo e um impassível policial de aldeia compusemos o resto daquele estranho grupo.

As duas mulheres contaram sua história de maneira bastante clara. Haviam sido despertadas de seu sono pelo som de uma explosão, a que se seguiu uma outra um minuto depois. Elas dormiam em quartos vizinhos, e Mrs. King correria para Saunders. Haviam descido a escada juntas. A porta do gabinete estava aberta e uma vela ardia sobre a mesa. O patrão estava caído de bruços no centro do aposento. Estava certamente morto. Sua mulher encontrava-se agachada perto da janela, a cabeça encostada na parede. Estava horrivelmente ferida e tinha um lado do rosto todo ensanguentado. Respirava com dificuldade, mas era incapaz de dizer alguma coisa. O corredor, bem como o gabinete, estava cheio de fumaça e cheirando a pólvora. A janela estava certamente fechada e trancada por dentro. As duas mulheres foram taxativas quanto a esse ponto. Elas haviam mandado chamar o médico e o policial imediatamente. Depois, com a ajuda do cavaleiro e do rapaz da estrebaria, haviam carregado sua ama ferida para o quarto dela. Tanto ela quanto o marido tinham estado deitados na cama. Ela usava um vestido, ele tinha um roupão sobre a roupa de dormir. Nada fora mexido no gabinete. Até onde sabiam, nunca houvera uma desavença entre marido e mulher. Elas sempre os haviam considerado um casal muito unido.

Esses foram os pontos principais do depoimento das criadas. Em resposta ao inspetor Martin, elas deixaram claro que todas as portas estavam trancadas por dentro e que ninguém poderia ter fugido da casa. Em resposta a Holmes, ambas disseram lembrar que haviam sentido o cheiro de pólvora desde o momento em que saíram correndo de seus quartos no último andar. “Aconselho-o a prestar muita atenção a esse fato”, disse Holmes ao policial. “E agora penso que estamos em condições de empreender um exame completo do aposento.”



“Ambas disseram lembrar que haviam sentido o cheiro de pólvora.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

O gabinete revelou-se um cômodo pequeno, com três lados forrados de livros e uma escrivaninha defronte de uma janela comum, que dava para o jardim. Nossa atenção voltou-se primeiro para o corpo do pobre fidalgo, cuja enorme estrutura estava estendida através da sala. Suas roupas em desordem mostravam que tivera de se levantar às pressas. A bala o atingira pela frente e ficara no seu corpo após penetrar o coração. Sua morte certamente fora instantânea e indolor. Não havia vestígios de pólvora nem em seu roupão nem em suas mãos. Segundo o cirurgião, a senhora tinha manchas no rosto, mas nenhuma na mão.



“Nossa atenção voltou-se primeiro para o corpo do pobre fidalgo.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“A ausência delas não significa nada, embora sua presença possa significar tudo”, disse Holmes. “A menos que a pólvora de um cartucho mal encaixado espirre para trás, pode-se disparar vários tiros sem que fique um sinal. Sugiro que o corpo de Mr. Cubitt seja removido agora. Suponho, doutor, que não recuperou a bala que feriu a senhora?”

“Isso exigirá uma operação delicada. Mas ainda restam quatro cartuchos no revólver. Dois foram disparados e dois ferimentos infligidos, de modo que é possível explicar cada bala.”

“É o que parece”, disse Holmes. “Quem sabe o senhor tem uma explicação também para a bala que atingiu tão obviamente a beirada da janela?”

Ele havia se virado subitamente e seu dedo comprido e magro apontava um buraco que atravessara o caixilho inferior da janela, uns dois centímetros e meio acima da base.

“Meu Deus!” exclamou o inspetor.

“Como conseguiu ver isso?”

“Vi porque estava procurando.”

“Maravilhoso!” disse o médico rural. “O senhor certamente tem razão. Então um terceiro tiro foi disparado, e portanto uma terceira pessoa devia estar presente. Mas como isso pode ter acontecido, e como essa pessoa conseguiu escapar?”

“Este é o problema que nos compete resolver agora”, disse Sherlock Holmes. “Lembra-se, inspetor Martin, de que, quando as criadas disseram que ao deixar seus quartos sentiram imediatamente um cheiro de pólvora, observei que esse ponto era de extrema importância?”

“Sim, senhor; mas confesso que não o entendi muito bem.”

“Sugere que no momento do disparo tanto a janela quanto a porta do gabinete haviam estado abertas. De outro modo os vapores da pólvora não teriam se espalhado tão depressa pela casa. Para isso, era preciso haver uma corrente de ar no cômodo. A porta e a janela só estiveram abertas por um tempo muito curto, porém.”

“Como prova isso?”

“Porque a vela não pingou.”

“Excelente!” exclamou o inspetor. “Excelente!”

“Tendo certeza de que a janela estivera aberta no momento da tragédia, ocorreu-me que poderia ter havido uma terceira pessoa no caso, que ficou do lado de fora desta abertura e atirou através dela. Qualquer tiro dirigido para essa pessoa poderia ter atingido o caixilho. Procurei e, de fato, lá estava a marca da bala!”

“Mas como a janela veio a ser fechada e trancada?”

“O primeiro instinto da mulher teria sido fechar e trancar a janela. Mas, veja só, que é isto?”

Era uma bolsa de mulher que estava sobre a mesa do gabinete — uma elegante bolsinha de couro de crocodilo e prata. Holmes abriu-a e despejou o conteúdo. Havia vinte notas de cinquenta libras do Banco da Inglaterra, presas com um elástico — mais nada.

“Isto deve ser preservado, pois vai figurar no julgamento”, disse Holmes, entregando a bolsa e seu conteúdo ao inspetor. “Tentemos agora

lançar uma luz sobre essa terceira bala, que, pelo modo como a madeira se estilhaçou, foi claramente disparada de dentro do cômodo. Gostaria de ver Mrs. King, a cozinheira, novamente... Disse-nos, Mrs. King, que foi despertada por uma explosão *forte*. Quis dizer com essas palavras que ela lhe pareceu mais forte que a segunda?”

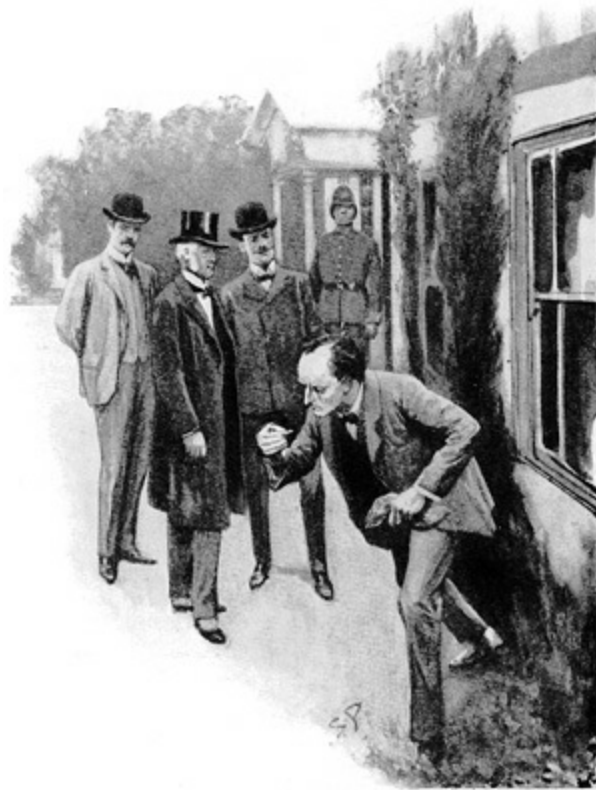
“Bem, senhor, ela me tirou do meu sono, por isso é difícil julgar. Mas pareceu muito forte.”

“Não acha que dois tiros podem ter sido disparados quase no mesmo instante?”

“Certamente eu não poderia afirmar isso, senhor.”

“Acredito que foi sem dúvida o que aconteceu. Eu diria, inspetor Martin, que já esgotamos tudo o que esta sala pode nos ensinar. Se tiver a bondade de dar uma volta comigo, veremos que novos indícios o jardim tem a oferecer.”

Um canteiro de flores chegava até a janela do gabinete, e todos soltamos uma exclamação quando nos aproximamos dele. As flores estavam pisoteadas e a terra fofa, toda marcada com pegadas. Eram pés grandes, masculinos, com pontas peculiarmente compridas e finas. Holmes procurou entre a grama e as folhas como um cão farejador atrás de uma ave ferida. Depois, com um grito de satisfação, inclinou-se e apanhou um pequeno cilindro de lata.



“Inclinou-se e apanhou um pequeno cilindro de lata.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Foi o que pensei”, disse; “o revólver tinha um ejeter e aqui está o terceiro cartucho. Penso realmente, inspetor Martin, que nosso caso está quase concluído.”

A fisionomia do inspetor rural havia demonstrado seu intenso espanto diante do rápido e magistral progresso da investigação de Holmes. De início ele mostrara alguma disposição para afirmar sua própria posição, mas agora, vencido pela admiração, estava pronto a acompanhar Holmes, sem perguntas, para onde ele o quisesse levar.

“De quem suspeita?” perguntou.

“Tratarei disso mais tarde. Há vários pontos nesse problema que ainda não pude lhe explicar. Agora que cheguei tão longe, é melhor que eu avance em minhas próprias linhas e depois elucide a questão completa de uma vez por todas.”

“Como desejar, Mr. Holmes, contanto que pegue nosso homem.”

“Não tenho nenhum desejo de fazer mistério, mas é impossível neste momento de ação entrar em explicações longas e complexas. Tenho todos os

fios do caso em minha mão. Mesmo que essa senhora nunca recobre a consciência, podemos reconstituir os fatos da noite passada e assegurar que a justiça seja feita. Em primeiro lugar, desejo saber se há uma hospedaria nesta redondeza conhecida como ‘Elrige’s’.”

Os criados foram interrogados, mas nenhum deles ouvira falar de tal lugar. O rapaz da estrebria deu uma pista ao lembrar que um fazendeiro com esse nome morava a alguns quilômetros dali, na direção de East Ruston.

“É uma fazenda isolada?”

“Muito isolada, senhor.”

“É possível que ainda não tenham ouvido falar do que aconteceu aqui durante a noite?”

“Pode ser que não, senhor.”

Holmes pensou por um momento; depois um curioso sorriso brincou sobre seu rosto.

“Sele um cavalo, meu rapaz”, disse ele. “Desejo que leve um recado à Elrige’s Farm.”

Tirou do bolso as várias tiras de dançarinos. Tendo-as diante de si, trabalhou por algum tempo na mesa do gabinete. Finalmente, entregou um bilhete ao garoto, instruindo-o a entregá-lo em mãos ao destinatário e, em especial, a não responder a nenhum tipo de pergunta que pudessem lhe fazer. Vi o lado de fora do bilhete, endereçado em caracteres espalhados, irregulares, muito diferentes da letra precisa usual de Holmes. Era dirigido a Mr. Abe Slaney, Elrige’s Farm, East Ruston, Norfolk.

“Penso, inspetor”, observou Holmes, “que o senhor faria bem se telegrafasse pedindo uma escolta, pois, se meus cálculos se provarem corretos, poderá ter um prisioneiro particularmente perigoso para conduzir à prisão do condado. O menino que vai levar este bilhete poderia certamente passar seu telegrama. Se houver um trem à tarde para Londres, Watson, parece-me que deveríamos tomá-lo, pois tenho uma análise química de certo interesse para terminar e esta investigação está chegando rapidamente a seu desfecho.”

Depois de despachar o rapaz com o bilhete, Sherlock Holmes deu instruções aos criados. Se aparecesse alguma visita perguntando por Mrs. Hilton Cubitt, deveriam, sem dar nenhuma informação sobre seu estado de

saúde, conduzi-la imediatamente à sala de estar. Foi veemente. Por fim, conduziu-nos à sala de estar, com a observação de que agora o caso estava fora de nossas mãos e deveríamos nos entreter o melhor que pudéssemos até termos condições de ver o que nos estava reservado. O médico partiu para junto de seus pacientes e ficamos só o inspetor e eu.

“Creio que posso ajudá-los a passar uma hora de uma maneira proveitosa”, disse Holmes, aproximando sua cadeira da mesa e espalhando diante de si os vários papéis em que estavam registradas as cabriolas dos dançarinos. “Quanto a você, amigo Watson, não sei como lhe agradecer por ter suportado que sua curiosidade natural permanecesse tanto tempo insatisfeita. Ao senhor, inspetor, todo este incidente pode atrair como um estudo profissional fora do comum. Devo lhes contar, antes de mais nada, todas as interessantes circunstâncias associadas às consultas anteriores que Mr. Hilton Cubitt me fez em Baker Street.” Recapitulou então brevemente os fatos já registrados.

“Tenho aqui diante de mim estas singulares garatujas, de que poderíamos rir não tivessem se revelado o prenúncio de tragédia tão terrível. Tenho bastante familiaridade com todas as formas de escrita secreta; eu mesmo escrevi uma insignificante monografia sobre esse assunto em que analiso cento e sessenta diferentes cifras; mas confesso que esta é inteiramente nova para mim. O objetivo dos que inventaram o sistema foi, ao que parece, ocultar que esses caracteres transmitem uma mensagem e dar a impressão de que são meros desenhos aleatórios de criança.

“Tendo reconhecido, contudo, que os símbolos representavam letras, e tendo aplicado as regras que nos guiam em todas as formas de escrita secreta, a solução foi bastante fácil. A primeira mensagem submetida a mim era tão curta que me foi impossível fazer mais do que dizer com alguma confiança que o símbolo  representava a letra E. Como os senhores sabem, E é a letra mais comum na língua inglesa; predomina de maneira tão acentuada que mesmo numa frase curta podemos esperar encontrá-la numa frequência maior. Entre os quinze símbolos da primeira mensagem, quatro eram iguais, portanto era razoável considerar que fossem a letra E. É verdade que, em alguns casos, a figura carregava uma bandeira e em outros não, mas era provável, a partir do modo como as bandeiras estavam distribuídas, que elas fossem usadas para quebrar a sentença em palavras. Aceitei isso como uma

hipótese e registrei que E era representado por .

“Mas então apareceu a real dificuldade da pesquisa. A ordem das letras depois de E na língua inglesa não é de modo algum bem definida, e qualquer preponderância que possa ser demonstrada na média de uma folha impressa pode ser invertida numa única frase curta. Em geral, por ordem de frequência, as letras são T, A, O, I, N, S, H, R, D e L; mas T, A, O e I estão quase lado a lado, e seria um trabalho interminável tentar cada combinação até chegar a algum significado. Assim, aguardei novo material. Em minha segunda entrevista com Mr. Hilton Cubitt, ele pôde me dar duas outras frases curtas e uma mensagem que pareceu — já que não havia nenhuma bandeira — compor-se de uma única palavra. Aqui estão os símbolos. Ora, nessa palavra única eu detectei dois E, vindo em segundo e quarto lugares numa palavra de cinco letras. Podia ser “*sever*”, “*lever*” ou “*never*”. Não pode haver dúvida de que, como resposta a um apelo, esta última é de longe a mais provável, e as circunstâncias indicavam ser aquilo uma resposta escrita pela senhora. Aceitando isso como correto, podemos dizer agora que os símbolos  representam respectivamente N, V e R.

“Eu ainda continuava em considerável dificuldade, mas uma ideia feliz me forneceu várias outras letras. Ocorreu-me que se aqueles apelos vinham, como eu supunha, de alguém que tivera intimidade com a senhora em sua vida pregressa, uma combinação que contivesse dois E separados por três letras poderia muito bem representar o nome ‘ELSIE’. A um exame, descobri que essa combinação formava o término da mensagem que se repetira três vezes. Tratava-se certamente de um apelo a ‘Elsie’. Desta maneira obtive meus L, S e I. Mas que apelo podia ser esse? A palavra que precedia ‘Elsie’ tinha só quatro letras e terminava com E. Com certeza devia ser ‘COME’. Tentei todas as outras quatro letras que terminavam em E, mas não consegui achar nenhuma que se encaixasse no caso. Assim, agora eu estava de posse de C, O e M e tinha condições de atacar mais uma vez a primeira mensagem, dividindo-a em palavras e usando pontos para cada símbolo ainda desconhecido. Tratada dessa maneira, ela assumiu a seguinte forma:

. M .ERE . .E SL. NE.

“Ora, a primeira letra só pode ser A, uma descoberta extremamente útil uma vez que ela ocorre nada menos que três vezes nesta curta frase; e o H é igualmente óbvio na segunda palavra. Agora ela se torna:

AM HERE A.E SLANE.

Ou, preenchendo as lacunas óbvias no nome:

AM HERE ABE SLANEY [estou aqui Abe Slaney].

Eu tinha tantas letras agora que pude passar com considerável confiança para minha segunda mensagem, que assumiu a forma:

A. ELRI.ES.

Isto só podia fazer algum sentido se eu usasse T e G como as letras que faltavam e supusesse que esse era o nome de alguma casa ou hospedaria em que o autor estava hospedado.”

O inspetor e eu havíamos ouvido com o máximo interesse esse relato detalhado e claro de como meu amigo obtivera resultados que haviam levado a um domínio tão completo de nossas dificuldades.

“Que fez então, senhor?” perguntou o inspetor.

“Eu tinha todas as razões para supor que esse Abe Slaney era um americano, uma vez que Abe é uma contração americana e uma vez que uma carta dos Estados Unidos havia sido o ponto de partida de toda a inquietação. Tinha também todos os motivos para pensar que havia um segredo criminoso envolvido. As alusões da senhora a seu passado e sua recusa a fazer confidências ao marido apontavam ambas nessa direção. Assim, telegrafei para meu amigo Wilson Hargreave, do Bureau de Polícia de Nova York, que já fez uso mais de uma vez de meu conhecimento sobre o crime na cidade de Londres. Perguntei-lhe se o nome Abe Slaney lhe era conhecido. Aqui está a resposta: “O mais perigoso escroque de Chicago.” Na mesma tarde em que recebi sua resposta, Hilton Cubitt me enviou a última mensagem de Slaney. Trabalhei com as letras conhecidas e ela ganhou esta forma:

ELSIE .RE.ARE TO MEET THY GO.

“A adição de dois P e um D completaram a mensagem [“Elsie, prepara-te para encontrar teu deus”], o que me mostrou que o bandido estava passando da persuasão às ameaças, e meu conhecimento dos facínoras de Chicago levou-me a pensar que ele poderia pôr suas palavras em prática muito rapidamente. Vim imediatamente para Norfolk com meu amigo e colega dr. Watson, mas, infelizmente, apenas a tempo de constatar que o pior já ocorrera.

“É um privilégio estar associado ao senhor na investigação de um caso”,

disse o inspetor, calorosamente. “Vai me desculpar, contudo, se lhe falar com franqueza. O senhor só tem de prestar contas a si mesmo, mas eu tenho de responder perante meus superiores. Se esse Abe Slaney que está em Elrige é mesmo o assassino, e se ele tiver fugido enquanto estou aqui sentado, certamente me verei em graves apuros.”

“Não precisa se preocupar. Ele não tentará fugir.”

“Como sabe?”

“Fugir seria uma confissão de culpa.”

“Então vamos lá prendê-lo.”

“Eu o espero aqui a qualquer momento.”

“Mas por que ele viria?”

“Porque escrevi pedindo-lhe que viesse.”

“Mas isto é inacreditável, Mr. Holmes! Por que haveria ele de atender ao seu chamado? Um pedido como esse não iria, isto sim, despertar suas desconfianças e levá-lo a fugir?”

“Creio que soube formular a carta”, respondeu Sherlock Holmes. “Na verdade, ou muito me engano, ou ali vem vindo o cavalheiro em pessoa.”

Um homem trilhava a largas passadas o caminho que levava à porta. Era um sujeito alto, bem-apessoado e moreno; usava um terno de flanela cinza e um chapéu-panamá; tinha uma barba preta eriçada, um grande e agressivo nariz adunco e brandia uma bengala ao andar. Caminhava com arrogância, como se o lugar lhe pertencesse, e deu na campainha um toque forte, confiante.

“Acredito, cavalheiros”, disse Holmes calmamente, “que deveríamos tomar nossa posição atrás da porta. Todas as precauções são necessárias quando se está lidando com um sujeito desse naipe. Vai precisar de suas algemas, inspetor. Pode deixar que eu falo com ele.”

Esperamos em silêncio por um minuto — um daqueles minutos que nunca conseguimos esquecer. Então a porta se abriu e o homem entrou. Num instante Holmes encostou um revólver na sua cabeça e Martin fechou as algemas sobre seus pulsos. Tudo foi feito tão rápida e habilmente que o sujeito ficou impotente antes de saber que estava sendo atacado. Furioso, olhava de um para outro de nós com um par de olhos pretos dardejantes. Depois soltou uma risada amarga.



“Holmes encostou um revólver na sua cabeça e Martin fechou as algemas sobre seus pulsos.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]

“Bem, cavalheiros, desta vez levaram a melhor sobre mim. Parece que não estão para brincadeiras. Mas vim aqui em resposta a uma carta de Mrs. Hilton Cubitt. Não me digam que ela está envolvida nisto! Não me digam que ela ajudou a preparar uma armadilha para mim!”



“Bem, cavalheiros, desta vez levaram a melhor sobre mim.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

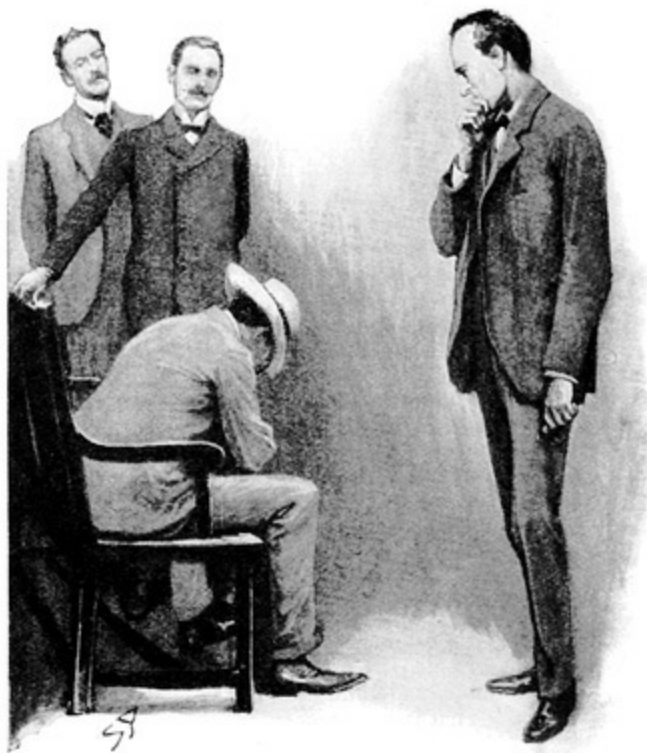
“Mrs. Hilton Cubitt foi gravemente ferida e está à morte.”

O homem soltou um grito rouco de dor que ecoou pela casa.

“Os senhores estão loucos!” gritou, arrebatado. “Foi ele que ficou ferido, não ela. Quem seria capaz de machucar a pequena Elsie? Posso tê-la ameaçado, que Deus me perdoe, mas nunca teria tocado num fio de cabelo de sua bonita cabeça. Desmintam isso! Digam que ela não está ferida!”

“Foi encontrada gravemente ferida ao lado do marido morto.”

Ele desabou no canapé com um gemido profundo e enterrou o rosto nas mãos algemadas. Durante cinco minutos ficou em silêncio. Depois levantou o rosto de novo e falou com a serenidade fria do desespero.



“Enterrou o rosto nas mãos algemadas.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1903]



“A serenidade fria do desespero.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

“Nada tenho a esconder dos senhores, cavalheiros”, disse. “Se eu atirei no homem, ele também atirou em mim, e não há assassinato nisso. Mas se pensam que eu poderia ter ferido aquela mulher, então não me conhecem, ou não a conhecem. Eu lhes digo que nunca um homem neste mundo amou mais uma mulher do que eu a amava. Eu tinha direito a ela. Ela se comprometeu comigo anos atrás. Quem era esse inglês para se intrometer entre nós? Eu lhes digo que tinha legítimo direito a ela; eu estava apenas exigindo o que me pertencia.”

“Ela se livrou da sua influência quando descobriu que homem o senhor é”, disse Holmes severamente. “Fugiu dos Estados Unidos para evitá-lo e casou-se com um cavalheiro honrado na Inglaterra. O senhor seguiu a pista dela, veio para cá e tornou sua vida um inferno no intuito de induzi-la a abandonar o marido, que ela amava e respeitava, e fugir com o senhor, a quem temia e odiava. Terminou provocando a morte de um homem nobre e impelindo a mulher dele ao suicídio. Foi esta sua participação neste caso, Mr. Abe Slaney, e responderá por isso perante a lei.”

“Se Elsie morrer, não me importo com o que possa ser de mim”, disse o americano. Abriu uma das mãos e olhou para um bilhete amassado na sua palma. “Veja aqui, senhor”, gritou, com um lampejo de desconfiança nos olhos, “não está tentando me assustar com essa história, não é? Se a senhora está tão gravemente ferida como diz, quem foi que escreveu este bilhete?” Jogou o papel na mesa.

“Eu o escrevi para trazê-lo aqui.”

“O senhor o escreveu? Não havia ninguém na terra, fora a Junta, que soubesse o segredo dos homenzinhos dançarinos. Como pôde escrever isso?”

“O que um homem pode inventar, outro pode descobrir”, disse Holmes. “Está chegando um carro de aluguel para levá-lo a Norwich, Mr. Stanley. Mas, nesse ínterim, o senhor tem tempo para fazer uma pequena reparação pelo dano que causou. Sabe que a própria Mrs. Hilton Cubitt esteve sob grave suspeita de ter assassinado o marido e que foi só graças à minha presença aqui, e ao conhecimento que por acaso possuo, que se livrou da acusação? O mínimo que lhe deve é deixar claro para todo o mundo que ela não foi em absoluto, direta ou indiretamente, responsável pelo trágico fim dele.”

“Não quero outra coisa”, disse o americano. “Acredito que não tenho melhor maneira de me defender que expor a verdade nua e crua.”

“É meu dever adverti-lo de que isso será usado contra o senhor”, exclamou o inspetor, com a magnífica equidade do direito criminal britânico. Slaney sacudiu os ombros.

“Correrei esse risco”, disse. “Em primeiro lugar, quero que compreendam, cavalheiros, que conheço essa senhora desde que ela era uma criança. Éramos sete numa quadrilha em Chicago, e o pai de Elsie era o chefe da Junta. Era um homem inteligente, o velho Patrick. Foi ele que inventou essa escrita, que passaria por um rabisco de criança, a menos que se tivesse a chave para ela. Bem, Elsie aprendeu alguns de nossos costumes, mas não podia suportar o negócio e, como tinha um pouco de dinheiro honesto dela própria, escapou à perseguição de todos nós e partiu para Londres. Havia sido minha noiva e teria se casado comigo, acredito, se eu tivesse seguido uma outra profissão, mas não queria estar envolvida com nada de desonesto. Foi só depois de seu casamento com esse inglês que consegui descobrir seu paradeiro. Escrevi-lhe, mas não recebi nenhuma resposta. Vim então para cá, e como cartas de nada adiantavam, pus minhas mensagens onde ela podia lê-las.

“Bem, faz um mês que estou aqui. Fiquei morando nessa fazenda, onde tinha um quarto no térreo e podia sair e entrar toda noite sem que ninguém percebesse. Tentei tudo que podia para persuadir Elsie a fugir comigo. Sabia que ela lia as mensagens, pois uma vez ela escreveu uma resposta sob uma delas. Depois me desesperei e comecei a ameaçá-la. Então ela me enviou uma carta, implorando-me que fosse embora e dizendo que ficaria consternada se algum escândalo atingisse seu marido. Disse que desceria quando o marido estivesse dormindo, às três da manhã, e conversaria comigo através da última janela, se depois eu partisse e a deixasse em paz. Desceu e trouxe dinheiro consigo, tentando me subornar para que eu partisse. Isso me deixou louco, e agarrei-lhe o braço, tentando puxá-la através da janela. Nesse momento o marido dela entrou correndo, revólver em punho. Elsie jogou-se no chão e eu e ele ficamos face a face. Eu também estava armado e apontei meu revólver para que ficasse com medo e me deixasse ir embora. Ele atirou e não acertou em mim. Disparei minha arma quase no mesmo instante, e ele caiu. Fugi pelo jardim e enquanto corria ouvi a janela sendo fechada atrás de mim. Esta é a

mais pura verdade, senhores, palavra por palavra, e não soube de mais nada até que aquele garoto chegou a cavalo com um bilhete que me fez caminhar até aqui, como um palerma, e me entregar nas mãos dos senhores.”

Um carro de aluguel chegara enquanto o americano falava. Dentro estavam sentados dois policiais fardados. O inspetor Martin levantou-se e tocou no ombro de seu prisioneiro.

“É hora de irmos.”

“Posso vê-la antes?”

“Não, ela está inconsciente. Mr. Sherlock Holmes, só espero, caso venha a ter novamente um dia um caso importante, ter a boa sorte de tê-lo ao meu lado.”

Fomos à janela e vimos o carro partir. Quando me volvei, bati o olho na bolinha de papel que o prisioneiro jogara na mesa. Era o bilhete com que Holmes o atraía. “Veja se consegue lê-lo, Watson”, disse ele, com um sorriso.

Não continha nenhuma palavra, só esta pequena linha de dançarinos:



“Se usar o código que expliquei”, disse Holmes, “verá que significa simplesmente ‘come here at once’. Eu estava convencido de que este era um convite que ele não recusaria, já que nunca imaginaria que podia vir de alguma outra pessoa senão a senhora. E assim, meu caro Watson, acabamos por usar os dançarinos para o bem, quando foram tantas vezes usados como agentes do mal, e penso que cumpri minha promessa de lhe dar algo de inusitado para seu caderno. Nosso trem parte às três e quarenta e tenho a impressão de que estaremos de volta a Baker Street para jantar.”

Apenas uma palavra de epílogo. O americano, Abe Slaney, foi condenado à morte nas sessões de inverno do tribunal do condado de Norwich; mas sua pena foi comutada em trabalhos forçados em virtude de circunstâncias atenuantes e da certeza de que Hilton Cubitt disparara o primeiro tiro. Sobre Mrs. Hilton Cubitt, eu soube apenas que se recobrou

inteiramente e que continua viúva, dedicando-se a cuidar dos pobres e administrar a propriedade do marido.

IV. O CICLISTA SOLITÁRIO

DO ANO DE 1894 a 1901 inclusive, Mr. Sherlock Holmes foi um homem muito ocupado. Pode-se dizer com segurança que não houve um caso público de alguma dificuldade em que não tenha sido consultado durante esses oito anos, além das centenas de casos privados, alguns do mais intrincado e extraordinário caráter, em que desempenhou papel de destaque. Muitos sucessos surpreendentes e alguns fracassos inevitáveis foram o resultado desse longo período de trabalho ininterrupto. Como preservei anotações muito completas de todos esses casos, e estive eu mesmo envolvido em muitos deles, pode-se imaginar que não me é fácil escolher os que devo expor perante o público. Serei, contudo, fiel à minha regra anterior e darei preferência aos casos cujo interesse provenha menos da brutalidade do crime que da engenhosidade e qualidade dramática da solução. Por esta razão, passo agora a expor para o leitor os fatos associados a Miss Violet Smith, o ciclista solitário de Charlington e a curiosa consequência de nossa investigação, que culminou numa tragédia inesperada. É verdade que as circunstâncias não permitiram nenhuma ilustração daqueles poderes pelos quais meu amigo era famoso, mas alguns pontos do caso o fizeram sobressair entre aqueles longos registros de crimes de que colho o material para estas pequenas narrativas.



Miss Violet Smith, professora de música [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1903]

Consultando minha agenda para o ano de 1895, vejo que foi num sábado, dia 23 de abril, que ouvi falar pela primeira vez de Miss Violet Smith. Sua visita foi, eu me lembro, extremamente mal recebida por Holmes, pois naquele momento ele estava imerso num problema muito abstruso e complicado relativo à peculiar perseguição sofrida por John Vincent Harden, o conhecido milionário do tabaco. Meu amigo, que amava acima de todas as coisas a precisão e a concentração do pensamento, irritava-se com tudo que lhe distraísse a atenção. Entretanto, sem uma aspereza, alheia à sua natureza, foi-lhe impossível se recusar a ouvir a história da jovem e bela mulher, alta, grácil e majestosa, que se apresentou em Baker Street tarde da noite e implorou seu auxílio e conselho. Foi inútil alegar que seu tempo já estava inteiramente ocupado, pois a jovem viera com a determinação de contar sua história, e ficou evidente que nada senão a força a tiraria da sala antes que o tivesse feito. Com uma expressão resignada e um sorriso um pouco entediado, Holmes pediu à intrusa que se sentasse e nos contasse o que a perturbava.

“Pelo menos não é sua saúde”, disse ele, quando a dardejou com seu

olhar arguto; “uma ciclista tão entusiasta deve estar cheia de energia”.

Surpresa, ela baixou os olhos para os próprios pés, e observei a ligeira aspereza causada pela fricção da borda do pedal num lado da sola.

“Sim, ando muito de bicicleta, Mr. Holmes, e isso tem certa relação com esta minha visita de hoje.”

Meu amigo segurou a mão nua da senhora e examinou-a com tanta atenção e tão pouco sentimento quanto um cientista teria mostrado por um espécime.



“Meu amigo segurou a mão nua da senhora e examinou-a.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Vai me desculpar, tenho certeza. É meu ofício”, disse ele ao soltar a mão. “Quase caí no erro de supor que era datilógrafa. Mas claro que é musicista. Vê a ponta do dedo espatulada, Watson, comum a ambas as profissões? Há uma espiritualidade no rosto, porém” — ele o voltou delicadamente para a luz — “que a datilografia não gera. Esta senhora é uma musicista.”

“De fato, Mr. Holmes, ensino música.”

“No campo, presumo, a julgar por sua cútis.”

“Isso mesmo, senhor; perto de Farnham, na fronteira de Surrey.”

“Uma vizinhança bonita e rica nas mais interessantes associações. Lembra-se, Watson, foi perto dali que apanhamos Archie Stamford, o ferreiro. E então, Miss Violet, que lhe aconteceu perto de Farnham, na fronteira de Surrey?”

A jovem senhora, com grande clareza e serenidade, fez o curioso relato que se segue:

“Meu pai morreu, Mr. Holmes. Era James Smith, que regia a orquestra no antigo Teatro Imperial. Minha mãe e eu ficamos sem um parente no mundo, exceto um tio, Ralph Smith, que foi para a África vinte e cinco anos atrás, e desde então nunca tivemos notícia dele. Quando meu pai morreu ficamos muito pobres, mas um dia fomos informadas de que havia um anúncio no *Times* indagando por nosso paradeiro. Pode imaginar como ficamos alvoroçadas, pois pensamos que alguém nos deixara uma fortuna. Fomos imediatamente ao advogado cujo nome era fornecido no jornal. Lá encontramos dois cavalheiros, Mr. Carruthers e Mr. Woodley, que estavam visitando seu país, vindos da África do Sul. Disseram que meu tio era amigo deles, que morrera alguns meses antes na pobreza em Johannesburgo, e lhes pedira, ao exalar seu último suspiro, que procurassem suas parentas e cuidassem para que nada lhes faltasse. Pareceu-nos estranho que tio Ralph, que não tomara conhecimento de nossa existência enquanto vivia, mostrasse tanto zelo por nós depois de morto; mas Mr. Carruthers explicou que meu tio acabara de saber da morte do irmão e por isso se sentia responsável por nossa sorte.”

“Desculpe-me”, disse Holmes; “quando foi essa entrevista?”

“Dezembro passado — quatro meses atrás.”

“Por favor, continue.”

“Mr. Woodley pareceu-me uma pessoa extremamente odiosa. Estava sempre revirando os olhos para mim — um rapaz grosseiro, bochechudo, de bigode ruivo, com o cabelo emplastrado dos dois lados da testa. Pareceu-me absolutamente abominável — e tenho certeza de que Cyril não gostaria que eu conhecesse uma pessoa como ele.”

“Ah! O nome dele é Cyril!” disse Holmes, sorrindo.

A moça corou e riu.

“É, Mr. Holmes, Cyril Morton, um engenheiro elétrico; esperamos estar casados no fim do verão. Ah, meu Deus, como *comecei* a falar sobre ele? O que eu queria dizer é que Mr. Woodley era absolutamente odioso, mas Mr. Carruthers, uma pessoa muito mais velha, era mais agradável. Era um moreno amarelado, escanhado e de poucas palavras; mas tinha maneiras polidas e um sorriso agradável. Perguntou em que condições havíamos ficado e, ao constatar que éramos muito pobres, sugeriu que eu fosse ensinar música para sua única filha, de dez anos de idade. Quando eu disse que não gostaria de deixar minha mãe, sugeriu que eu fosse para casa em todos os fins de semana; ofereceu-me cem libras por ano, o que era certamente uma remuneração esplêndida. Assim, acabei aceitando e fui para Chiltern Grange, a menos de dez quilômetros de Farnham. Mr. Carruthers era viúvo, mas havia contratado uma governanta, uma pessoa de certa idade, muito respeitável, chamada Mrs. Dixon para cuidar de sua casa. A menina era um encanto e tudo pareceu promissor. Mr. Carruthers era muito amável, muito musical, e passávamos horas agradáveis juntos à noite. Todo fim de semana eu ia para a casa de minha mãe em Londres.

“A primeira falha em minha felicidade foi a chegada do bigodudinho ruivo, Mr. Woodley. Ele chegou para uma visita de uma semana, mas, ah, aquilo pareceu três meses para mim. Era um sujeito pavoroso, despótico com todos os outros, mas para mim era algo infinitamente pior. Fazia-me uma corte odiosa, gabava-se de sua riqueza, dizia que se eu me casasse com ele poderia ter os mais belos diamantes de Londres; finalmente, quando mostrei que não queria ter nada a ver com ele, abraçou-me um dia depois do jantar — era horrendamente forte — e jurou que não me largaria até que eu o beijasse. Mr. Carruthers entrou e o separou de mim, diante do que ele investiu contra o próprio anfitrião, derrubando-o no chão com um soco que lhe cortou o rosto. Este foi o fim de sua visita, como pode imaginar. Mr. Carruthers desculpou-se comigo no dia seguinte e assegurou-me que eu nunca voltaria a ser exposta a semelhante insulto. Desde então não voltei a ver Mr. Woodley.

“E agora, Mr. Holmes, chego finalmente à coisa especial que me fez vir lhe pedir conselho hoje. Precisa saber que todos os sábados de manhã vou de bicicleta até a estação de Farnham para pegar o trem das doze e vinte e dois

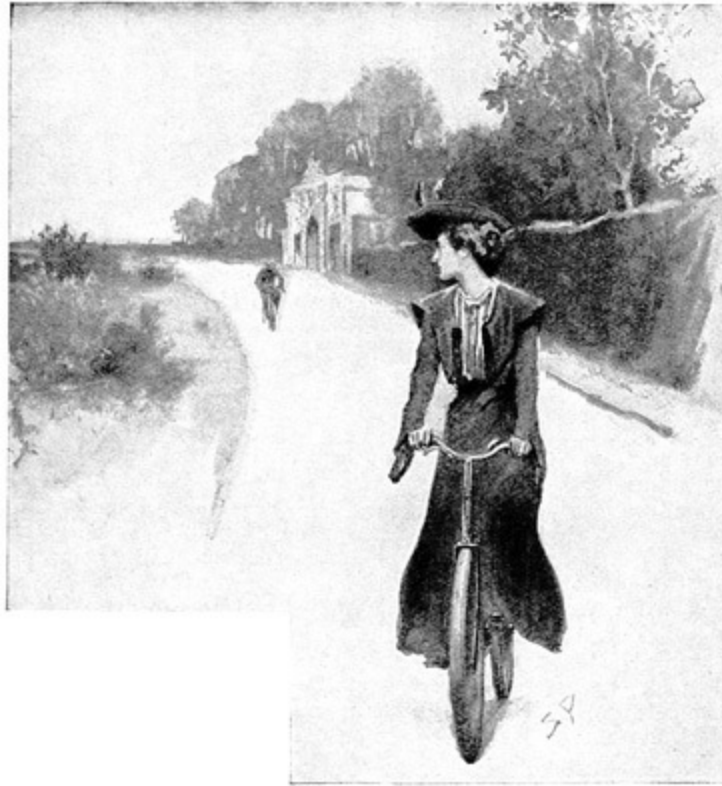
para Londres. A estrada de Chiltern Grange para lá é erma, especialmente num trecho, pois por mais de um quilômetro e meio ela passa entre a charneca de Charlington, de um lado, e os bosques que contornam Charlington Hall, de outro. O senhor não conseguiria achar um trecho de estrada mais deserto; muito raramente se encontra ali mesmo uma carroça, ou um camponês, até que se chegue à estrada principal perto de Crooksbury Hill. Duas semanas atrás, eu estava passando por esse lugar quando, por acaso, olhei sobre meu ombro e vi um homem cerca de duzentos metros atrás de mim, também de bicicleta. Pareceu ser de meia-idade e tinha uma barba curta e escura. Olhei de novo para trás antes de chegar a Farnham, mas o homem desaparecera e não pensei mais nisso. Mas pode imaginar como fiquei surpresa, Mr. Holmes, quando, ao voltar na segunda-feira, vi o mesmo homem no mesmo trecho da estrada. Meu espanto foi ainda maior quando o incidente ocorreu de novo, exatamente como antes, no sábado e na segunda-feira seguintes. Ele sempre se mantinha à distância e não me molestava de maneira alguma; mesmo assim, aquilo era certamente muito estranho. Falei a respeito com Mr. Carruthers, que se mostrou interessado e me comunicou que encomendara um coche-aranha e um cavalo, para que no futuro eu não passasse mais por aquelas estradas ermas desacompanhada.

“O coche e o cavalo deveriam ter chegado esta semana, mas por alguma razão não foram entregues; assim, mais uma vez, tive de ir de bicicleta para a estação. Isto foi na manhã de hoje. Pode imaginar que dei uma olhada ao chegar à charneca de Charlington, e lá estava o homem, com certeza, exatamente onde estivera duas semanas antes. Sempre guardava uma distância tal de mim que eu não podia ver seu rosto claramente, mas era sem dúvida um desconhecido. Vestia um terno escuro e tinha um boné de pano na cabeça. A única coisa em seu rosto que eu podia ver claramente era sua barba escura. Hoje não me senti alarmada, mas muito curiosa, e decidi descobrir quem ele era e o que queria. Passei a pedalar mais devagar, mas ele fez o mesmo. Depois parei por completo, mas ele também parou. Em seguida preparei uma armadilha para ele. Há uma curva muito fechada na estrada, e eu a fiz pedalando muito rapidamente e logo em seguida parei e esperei. Imaginava que ele viria na disparada e me ultrapassaria antes de conseguir parar. Mas ele simplesmente não apareceu. Retornei então e examinei a estrada antes da curva. Podia ver um quilômetro e meio de estrada, mas ele

não estava à vista. Mas, para tornar a coisa mais extraordinária, não havia nesse trecho nenhuma estrada secundária que pudesse ter tomado.”



“Sempre guardava uma distância tal de mim que eu não podia ver seu rosto.” [Anônimo, *Portland Oregonian*, 23 de julho de 1911]



“Passei a pedalar mais devagar.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Holmes deu uma risadinha e esfregou as mãos.

“Esse caso realmente apresenta algumas características peculiares”, disse. “Quanto tempo transcorreu entre o momento em que fez a curva e sua descoberta de que não havia ninguém na estrada?”

“Dois ou três minutos.”

“Então ele não teria podido voltar pela estrada, e a senhora diz que não há estradas laterais?”

“Nenhuma.”

“Então certamente ele pegou uma trilha de pedestres de um lado ou de outro.”

“Não pode ter feito isso do lado da charneca, ou eu o teria visto.”

“Então, pelo processo de exclusão, devemos concluir que ele seguiu em direção a Charlinton Hall, que, pelo que sei, se ergue num vasto terreno de um lado da estrada. Mais alguma coisa?”

“Nada, Mr. Holmes, a não ser que fiquei tão perplexa que não

conseguiria ter sossego enquanto não viesse vê-lo e recebesse seu conselho.”

Holmes fez um breve silêncio.

“Onde está o seu noivo?” perguntou finalmente.

“Está na Midland Electric Company, em Coventry.”

“Ele não lhe faria uma visita-surpresa?”

“Oh, Mr. Holmes! Como se eu não o conhecesse!”

“Teve algum outro admirador?”

“Vários, antes de conhecer Cyril.”

“E desde então?”

“Houve esse homem pavoroso, Woodley, se é que posso chamá-lo de admirador.”

“Ninguém mais?”

Nossa bela cliente pareceu um pouco confusa.

“Quem era ele?” perguntou Holmes.

“Ah, pode ser uma mera fantasia minha; mas por vezes tive a impressão de que meu patrão, Mr. Carruthers, tem grande interesse por mim. Ficamos muito juntos ali. Eu toco os acompanhamentos para ele à noite. Nunca disse nada. É um perfeito cavalheiro. Mas uma moça sempre sabe.”

“Ah!” Holmes pareceu preocupado. “Que faz ele para ganhar a vida?”

“É um homem rico.”

“Sem carruagens nem cavalos?”

“Bem, pelo menos é bastante abastado. Mas vai à cidade duas ou três vezes por semana. Tem profundo interesse por ações de minas de ouro sul-africanas.”

“A senhora me comunicará qualquer novo desdobramento, Miss Smith. Estou muito ocupado neste momento, mas encontrarei tempo para fazer algumas investigações sobre seu caso. Nesse meio-tempo, não tome nenhuma medida sem meu conhecimento. Até logo. Espero que só venhamos a receber boas notícias da senhora.”

“É parte da ordem natural das coisas que uma garota como esta tenha admiradores”, disse Holmes meditativo, fumando seu cachimbo, “mas de preferência não em bicicletas em estradas rurais desertas. Algum enamorado

secreto, sem dúvida. Mas há detalhes curiosos e sugestivos nesse caso, Watson.”

“Por que ele apareceria somente nesse trecho?”

“Exatamente. Nosso primeiro esforço deve ser para descobrir quem são os locatários de Charlington Hall. Além disso, que relações são essas entre Carruthers e Woodley, já que parecem ser homens de tipos tão diferentes? Como *ambos* se tornaram tão ciosos em zelar pelas parentas de Ralph Smith? Mais um ponto. Que tipo de *ménage* é esse que paga o dobro do preço de mercado a uma governanta mas não mantém um cavalo, embora se situe a quase dez quilômetros da estação? Esquisito, Watson — muito esquisito!”

“Vai até lá?”

“Não, meu caro, você vai até lá. Isso pode ser uma intriga insignificante e não posso interromper minha outra importante pesquisa por causa dela. Na segunda-feira você chegará de manhã cedo a Farnham e se esconderá perto da charneca de Charlington; observará esses fatos por você mesmo e agirá como seu próprio julgamento aconselhar. Depois, tendo indagado acerca dos ocupantes do solar, voltará e me fará um relatório. E agora, Watson, nem mais uma palavra sobre o assunto até que tenhamos algumas alpondras sólidas, sobre as quais possamos ter esperança de chegar à nossa solução.”

Como a senhora nos informara que viajava nas segundas-feiras pelo trem que sai de Waterloo às nove e cinquenta, saí cedo e peguei o de nove e treze. Na estação de Farnham, não tive nenhuma dificuldade em descobrir o caminho para a charneca de Charlington. Era impossível enganar-se com relação ao cenário da aventura da jovem senhora, pois a estrada corre entre a charneca aberta de um lado e, do outro, uma velha sebe de teixos que contorna um parque pontilhado de árvores magníficas. Havia um portão principal de pedra, manchado de líquen, cada pilar coroado por emblemas heráldicos semiesfacelados, mas, além desse caminho central para carruagens, observei que em vários pontos da sebe havia brechas pelas quais passavam trilhas. A casa era invisível da estrada, mas todos os seus arredores falavam de melancolia e decadência.

A charneca estava coberta de manchas douradas de tojos em flor, brilhando magnificamente à luz do radiante sol da primavera. Tomei posição atrás de uma dessas moitas, de modo a avistar tanto o portão do solar quanto um longo trecho da estrada dos dois lados dele. Ela estava deserta quando eu

a deixara, mas agora eu via um ciclista rumando na direção oposta àquela em que eu viera. Vestia um terno escuro e vi que tinha uma barba preta. Ao chegar à extremidade do terreno de Charlington, saltou da bicicleta e entrou com ela por uma brecha na sebe, desaparecendo da minha vista.

Um quarto de hora depois, apareceu um segundo ciclista. Dessa vez era a jovem vindo da estação. Eu a vi olhar à sua volta quando chegou à sebe de Charlington. Um instante depois o homem emergiu de seu esconderijo, saltou em sua bicicleta e seguiu-a. Em toda a vasta paisagem aquelas eram as únicas figuras em movimento, a graciosa moça, sentada muito ereta em sua bicicleta, e o homem atrás dela, muito inclinado sobre seu guidom, todos os seus movimentos parecendo curiosamente furtivos. Ela virou a cabeça para vê-lo e diminuiu a velocidade. Ele fez o mesmo. Ela parou. Ele também parou imediatamente, mantendo-se duzentos metros atrás dela. O movimento seguinte da jovem foi tão inesperado quanto afoito. Ela pedalou de repente, arremessando-se direto contra ele! Mas ele foi tão rápido quanto ela, e saiu correndo numa fuga desesperada. Logo ela retomou seu caminho, a cabeça altivamente erguida, não se dignando a tomar mais conhecimento de seu silencioso perseguidor. Ele também havia se virado e continuou mantendo distância até que a curva da estrada os escondeu da minha vista.

Continuei em meu esconderijo, e isso foi bom porque pouco depois o homem reapareceu, pedalando lentamente de volta. Entrou nos portões do solar e apeou da bicicleta. Durante alguns minutos pude vê-lo entre as árvores. Tinha as mãos levantadas e parecia estar arrumando a gravata. Depois montou na bicicleta e afastou-se de mim pelo caminho que conduzia ao solar. Corri pela charneca e espiei por entre as árvores. Bem longe, consegui vislumbrar a antiga construção cinza com suas chaminés Tudor eriçadas, mas o caminho passava por um denso agrupamento de arbustos e não vi mais o meu homem.

Apesar disso, pareceu-me que eu havia feito um trabalho bastante bom naquela manhã e foi de muito bom humor que caminhei de volta para Farnham. O corretor de imóveis local não pôde me dizer nada sobre Charlington Hall e me encaminhou para uma firma muito conhecida em Pall Mall. Passei por lá a caminho de casa e fui cortesmente recebido pelo agente. Não, eu não poderia alugar Charlington Hall durante o verão. Estava simplesmente atrasado. O solar fora alugado cerca de um mês antes. O

inquilino chamava-se Mr. Williamson. Era um cavalheiro idoso e respeitável. O polido agente lamentava não poder dizer mais nada, mas os negócios dos clientes não eram assuntos que pudesse comentar.

Mr. Sherlock Holmes ouviu com atenção o longo relatório que pude lhe apresentar naquela tarde, mas não pronunciou aquela palavra de lacônico louvor que eu esperava e tanto teria valorizado. Ao contrário, seu semblante austero ficou ainda mais severo que de costume quando comentou as coisas que eu fizera e as que deixara de fazer.

“Seu esconderijo, meu caro Watson, era muito inconveniente. Você deveria ter se escondido atrás da sebe; assim poderia ter visto mais de perto essa interessante pessoa. Como fez, ficou a centenas de metros de distância e pôde me contar ainda menos que Miss Smith. Ela pensa que não conhece o homem, mas estou convencido de que conhece. De outra maneira, por que se mostraria ele tão intensamente preocupado em impedi-la de se aproximar o bastante para ver seus traços? Você diz que ele estava curvado sobre o guidom. Veja, mais uma vez um disfarce. Você realmente se saiu muito mal. O homem volta para a casa e você quer descobrir quem ele é. Vem procurar um agente imobiliário de Londres!”

“Que deveria ter feito?” exclamei, com certa veemência.

“Ter ido à taberna mais próxima. Esse é o centro dos mexericos rurais. Eles lhe teriam revelado todos os nomes, do patrão à copeira. Williamson! Esse nome não me diz nada. Se é idoso, não pode ser o ativo ciclista que foge a toda velocidade da perseguição daquela jovem. Que ganhamos com a sua expedição? O conhecimento de que a história da moça é verdadeira. Nunca duvidei disso. Que há uma conexão entre o ciclista e o solar. Nunca duvidei disso também. Que o solar está alugado para Williamson. Que nos adianta saber disso? Bem, bem, meu caro senhor, não fique tão abatido, não há praticamente mais nada a fazer até o próximo sábado, e nesse meio-tempo posso fazer eu mesmo uma ou duas investigações.”

Na manhã seguinte recebemos um bilhete de Miss Smith contando de maneira breve e precisa os incidentes que eu vira, mas o ponto alto da carta estava no *post-scriptum*:

Tenho certeza de que respeitará meu segredo, Mr. Holmes, se eu lhe disser que minha posição se tornou difícil em razão do fato de que meu patrão me pediu em casamento.

Estou convencida de que seus sentimentos são os mais profundos e os mais honrados. Ao mesmo tempo, estou comprometida, é claro. Ele recebeu minha recusa com muita seriedade, mas também com muita gentileza. O senhor pode compreender, contudo, que a situação está um pouco tensa.

“Nossa jovem amiga parece estar penetrando em águas profundas”, disse Holmes, pensativo, ao terminar de ler a carta. “O caso certamente apresenta mais características de interesse e mais possibilidade de desdobramentos do que pensei de início. Um dia calmo e pacífico no campo não me faria mal; estou propenso a dar uma chegada lá esta tarde e testar uma ou duas teorias que elaborei.”

O dia calmo de Holmes no campo teve um desfecho singular, pois ele chegou a Baker Street à noite com um lábio cortado e um galo na testa, além de uma aparência geral de desregramento que teria feito de sua própria pessoa objeto adequado para uma investigação da Scotland Yard. Estava imensamente deliciado com suas aventuras e riu às gargalhadas ao contá-las.

“Faço tão pouco exercício que é sempre um prazer”, disse. “Você sabe que tenho alguma competência no bom e velho esporte britânico do boxe. Ocasionalmente isso é útil. Hoje, por exemplo. Sem ele, eu teria fracassado de maneira vergonhosa.”

Pedi que me contasse o que acontecera.

“Encontrei aquela taberna rural que já havia recomendado à sua atenção, e lá fiz indagações discretas. Fiquei junto ao balcão e um taberneiro tagarela me contou tudo que eu queria. Williamson é um homem de barba branca que mora sozinho no Hall com uma pequena criadagem. Corre um rumor de que é ou foi clérigo; um ou dois incidentes em sua curta permanência na casa, porém, pareceram-me muito pouco eclesiásticos. Já fiz algumas indagações numa agência clerical; disseram-me que houve um sacerdote com esse nome cuja carreira foi singularmente sombria. O taberneiro me informou ainda que o homem costuma receber visitas nos fins de semana — “um bando exuberante, senhor” — no solar, especialmente um cavalheiro de bigode ruivo, chamado Mr. Woodley, que estava sempre lá. Tínhamos chegado a esse ponto quando quem se aproxima, senão o próprio cavalheiro, que estivera tomando sua cerveja no salão e ouvira toda a conversa? Quem era eu? Que queria? Que pretendia, fazendo perguntas? Falava com grande

fluência e seus adjetivos eram muito vigorosos. Encerrou uma série de insultos com uma pancada traiçoeira com as costas da mão, que não consegui evitar inteiramente. Os minutos seguintes foram deliciosos. Foi um direto de esquerda contra os socos de um valentão. Saí como você me vê. Mr. Woodley voltou para casa numa carroça. Assim terminou minha viagem ao campo; devo confessar que, embora agradável, meu dia na fronteira de Surrey não foi muito mais proveitoso que o seu.”



“Foi um direto de esquerda contra os socos de um valentão.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

A quinta-feira trouxe-nos outra carta de nossa cliente:

Não ficará surpreso, Mr. Holmes, ao saber que estou deixando o emprego com Mr. Carruthers. Nem a remuneração elevada pode me conciliar com os desconfortos de minha situação. No sábado irei para Londres e não pretendo voltar. Mr. Carruthers comprou um coche-aranha, de modo que os perigos de uma estrada solitária, se é que havia algum, estão agora superados.

Quanto à causa especial de minha demissão, não se trata apenas da situação tensa com Mr. Carruthers, mas do reaparecimento daquele homem odioso, Mr. Woodley.

Ele foi sempre medonho, mas parece mais horrível que nunca agora, pois ao que tudo indica sofreu um acidente e está muito desfigurado. Vi-o pela janela, mas folgo em dizer que não nos falamos. Ele teve uma longa conversa com Mr. Carruthers, que depois pareceu muito nervoso. Woodley deve estar hospedado nas vizinhanças, pois, embora não tenha dormido aqui, eu o vi de relance de novo esta manhã, andando sorrateiramente pelo jardim. Eu preferiria ter um animal selvagem solto por aqui. Detesto-o e temo-o mais do que posso dizer. Como *pode* Mr. Carruthers suportar uma criatura como essa por um momento? Seja como for, todas as minhas aflições estarão terminadas no sábado.

“Assim espero, Watson, assim espero”, disse Holmes gravemente. “Há alguma intriga profunda envolvendo essa frágil mulher e é nosso dever cuidar para que ninguém a moleste durante essa última viagem. Penso, Watson, que teríamos tempo para ir lá juntos sábado de manhã e assegurar que esta investigação curiosa e abrangente não tenha um fim adverso.”

Confesso que até essa altura eu não considerara o caso muito sério — parecia-me mais grotesco e esquisito que perigoso. Que um homem ficasse à espera de uma mulher muito bonita e a seguisse não era algo inédito, e se ele era tão pouco ousado que não só não se atrevia a lhe dirigir a palavra como chegava a fugir quando ela se aproximava, não devia ser um agressor muito temível. O cruel Woodley era uma pessoa muito diferente, mas, exceto numa ocasião, não havia molestado nossa cliente, e agora visitava a casa de Carruthers sem a incomodar. O homem da bicicleta era sem dúvida membro daqueles grupos que passavam fins de semana no Hall, de que o taberneiro falara, mas quem era ele, ou o que queria, continuava tão obscuro como sempre. Foi a severidade das maneiras de Holmes e o revólver que enfiou no bolso antes de deixar nossos aposentos que me deu a impressão de que podia haver uma tragédia oculta por trás daquela curiosa cadeia de eventos.

Uma noite chuvosa fora seguida por uma esplêndida manhã, e a zona rural coberta de charnecas, com os arbustos incandescentes de tojo em flor, parecia ainda mais bonita aos meus olhos cansados dos cinzas pardacentos, acastanhados e esverdeados de Londres. Holmes e eu caminhamos pela estrada larga e arenosa, inalando o ar fresco da manhã e apreciando a música dos passarinhos e a suave aragem da primavera. De uma elevação na estrada, na encosta de Crooksbury Hill, pudemos ver o sombrio solar despontando entre os carvalhos antigos, que, por mais velhos que fossem, eram ainda mais jovens que o prédio que cercavam. Holmes apontou para a longa extensão de

estrada que serpenteava, uma faixa de um amarelo-avermelhado, entre o marrom da charneca e o verde viçoso dos bosques. Muito ao longe, um pontinho preto, podíamos ver um veículo movendo-se em nossa direção. Holmes soltou uma exclamação de impaciência.

“Eu dera uma margem de meia hora”, disse ele. “Se aquele for o seu carro, ela deve estar vindo pegar o trem anterior. Temo, Watson, que ela passe de Charlington antes que consigamos alcançá-la.”

A partir do instante em que deixamos a elevação, não pudemos mais ver o veículo, mas apressamos o passo de tal maneira que comecei a sentir o peso de minha vida sedentária e fui forçado a ficar para trás. Holmes, no entanto, estava sempre em forma, porque dispunha de reservas inesgotáveis de energia. Seguiu no mesmo passo elástico até que, de repente, quando estava a uns cem metros à minha frente, parou, e o vi erguer a mão num gesto de desgosto e desespero. No mesmo instante, um *dog-cart* vazio, o cavalo a meio galope, as rédeas pendentes, surgiu da curva da estrada e avançou rápida e ruidosamente na nossa direção.

“Tarde demais, Watson; tarde demais!” exclamou Holmes, enquanto eu corria, ofegante, ao encontro dele. “Que tolo eu fui ao não pensar no trem anterior! É sequestro, Watson — sequestro! Assassinato! Sabe Deus o quê! Bloqueeie a estrada! Detenha o cavalo! Isso mesmo. Agora pulemos nele e vejamos se posso reparar as consequências de minha própria asneira.”

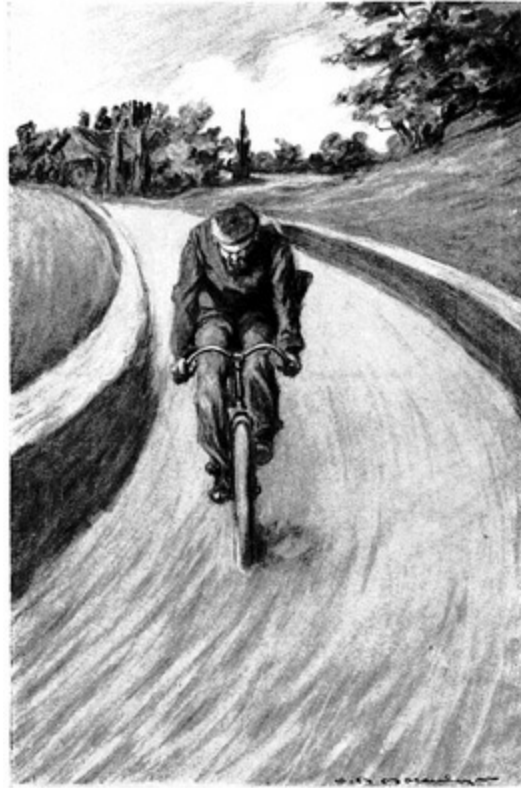


“Tarde demais, Watson; tarde demais!” exclamou Holmes.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Havíamos saltado no *dog-cart*, e Holmes, depois de virar o cavalo, deu-lhe uma forte chicotada e voltamos a toda pela estrada. Quando ultrapassamos a curva, todo o trecho de estrada entre o solar e a charneca se abriu para nós. Agarrei o braço de Holmes.

“Lá está o homem!” disse eu, arfante.

Um ciclista solitário vinha em nossa direção. Tinha a cabeça abaixada e os ombros caídos, pois punha toda a energia que possuía nos pedais. Voava como se estivesse numa corrida. Subitamente, levantou o rosto barbado, viu-nos perto de si, aproximou a bicicleta da margem da estrada e saltou. A barba cor de carvão fazia singular contraste com a palidez da sua face, e seus olhos brilhavam como se tivesse febre. Olhou fixamente para nós e para o *dog-cart*. Fez então uma expressão de espanto.



“Um ciclista solitário vinha em nossa direção.” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Alto lá! Parem aí!” gritou, segurando sua bicicleta de modo a bloquear a estrada. “Onde conseguiram esse *dog-cart*? Pare, homem!” gritou, puxando uma pistola de seu bolso lateral. “Parem, senão, por Deus, vou meter uma bala no seu cavalo.”

Holmes jogou as rédeas no meu colo e saltou do carro.

“O senhor é o homem que queremos. Onde está Miss Violet Smith?” perguntou a seu modo rápido e claro.

“Isso é o que eu lhes pergunto. Estão no *dog-cart* dela. Devem saber onde ela está.”

“Encontramos o carro na estrada. Não havia ninguém nele. Estamos voltando para ajudar a jovem senhora.”

“Meu Deus! Meu Deus! Que haverei de fazer?” gritou o estranho, em extremo desespero. “Eles a pegaram, aquele diabólico Woodley e o patife daquele pastor. Vamos, homem, vamos, se realmente são amigos dela. Fiquem do meu lado e conseguiremos salvá-la, mesmo que eu tenha de deixar

minha carcaça em Charlington Wood.”

Muito perturbado, saiu correndo, pistola na mão, para uma brecha na sebe. Holmes o seguiu, e eu, deixando o cavalo pastando na beira da estrada, segui Holmes.

“Foi por aqui que eles passaram”, disse, apontando para várias pegadas no chão lamacento. “Ei! Pare um minuto! Quem está nessa moita?”

Era um rapazote de uns dezessete anos, vestido como um moço de estrebaria, com calções e perneiras de couro. Estava deitado de costas, joelhos para cima, um corte terrível na cabeça. Parecia desacordado, mas vivo. Uma olhada em seu ferimento mostrou-me que ele não atingira o osso.

“Esse é Peter, o cavaliço”, exclamou o estranho. “Era ele que a conduzia. Os animais o puxaram para fora e lhe deram uma cacetada. Deixem-no deitado; não podemos fazer nada por ele, mas podemos salvá-la do pior destino que uma mulher pode ter.”

Corremos freneticamente pela trilha, que serpenteava entre as árvores. Havíamos chegado aos arbustos que contornavam a casa quando Holmes parou.

“Eles não foram para a casa. Aqui estão suas pegadas à esquerda — aqui, ao lado dos loureiros. Ah, é como eu disse.”

Enquanto ele falava, um grito agudo de mulher — um grito que vibrou com um frenesi de horror — irrompeu da densa moita de arbustos diante de nós. Terminou subitamente em sua nota mais alta com um engasgo e um gorgolejo.

“Por aqui! Por aqui! Eles estão na pista de boliche”, gritou o desconhecido, investindo por entre os arbustos. “Ah, os cães covardes! Sigam-me, cavalheiros! Tarde demais! Tarde demais! Céus!”

Havíamos saído de repente numa encantadora clareira gramada, toda cercada por árvores antigas. Do lado mais distante dela, sob a sombra de um enorme carvalho, via-se um singular grupo de três pessoas. Uma era uma mulher, nossa cliente, encurvada e enfraquecida, um lenço amarrado na boca. Diante dela estava um rapaz brutal, de traços grosseiros e bigode ruivo; tinha as pernas, com polainas, afastadas, uma mão nos quadris e a outra sacudindo o cabo de um chicote de montaria, toda a sua atitude sugerindo uma fanfarronada triunfante. Entre eles um homem idoso, de barba grisalha,

usando uma sobrepeliz curta sobre um terno leve de *tweed*, havia evidentemente acabado de officiar o sacramento do matrimônio, pois quando aparecemos punha no bolso seu Livro de Orações e dava uma palmada nas costas do sinistro noivo em jovial congratulação.

“Estão casados?” perguntei, arfante.

“Venham!” gritou nosso guia. “Venham!” Atravessou a clareira correndo, Holmes e eu nos seus calcanhares. Quando nos aproximamos, a senhora cambaleou e apoiou-se no tronco da árvore. Williamson, o ex-clérigo, fez-nos uma mesura com uma polidez zombeteira e o cruel Woodley avançou dando uma gargalhada brutal e exultante.



“Quando nos aproximamos, a senhora cambaleou e apoiou-se no tronco da árvore.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Pode tirar a sua barba, Bob”, disse ele. “Eu o reconheço perfeitamente. Bem, você e seus companheiros chegaram na hora certa; permitam-me apresentá-los a Mrs. Woodley.”

A reação de nosso guia foi singular. Arrancou a barba escura com que se

disfarçara e jogou-a no chão, revelando sob ela um rosto comprido, amarelado e escanhado. Depois levantou seu revólver e apontou para o jovem valentão, que avançava sobre ele, sacudindo seu perigoso chicote de montaria na mão.

“Sim”, disse nosso aliado. “Eu sou Bob Carruthers, e verei esta mulher desagravada mesmo que tenha de morrer na forca para isso. Juro por Deus que cumprirei minha palavra.”

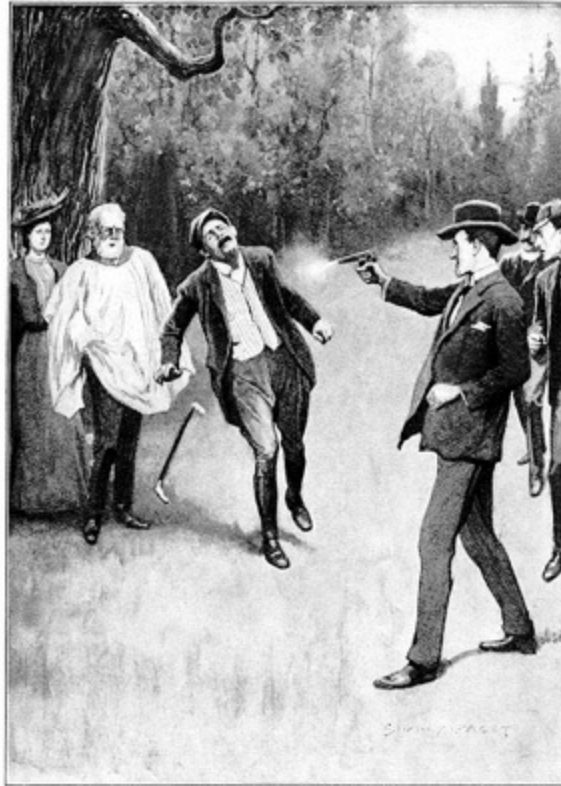
“Chegou tarde demais. Ela é a minha esposa!”

“Não, é a sua viúva.”



“Não, é a sua viúva.” [Anônimo, *Portland Oregonian*, 23 de julho de 1911]

Seu revólver disparou e vi o sangue jorrar da frente do colete de Woodley. Ele rodopiou com um grito e caiu de costas, sua hedionda cara vermelha tornando-se de repente de uma palidez pavorosa, mosqueada. O velho, ainda vestindo sua sobrepeliz, irrompeu numa enfiada de blasfêmias obscenas como eu nunca ouvira antes e puxou o próprio revólver, mas antes de poder erguê-lo fixou os olhos no cano da arma de Holmes.



“Ele rodopiou com um grito e caiu de costas.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Chega disto”, disse meu amigo, friamente. “Solte essa pistola. Watson, pegue-a! Aponte-a contra a cabeça dele! Obrigado. E você, Carruthers, dê-me aquele revólver. Não teremos mais nenhuma violência. Vamos, entregue-me a arma!”

“Mas quem é o senhor?”

“Meu nome é Sherlock Holmes.”

“Meu Deus!”

“Vejo que já ouviu falar de mim. Represento a polícia oficial até que ela chegue. Ei, você!” gritou ele para o cavaleiro apavorado, que tinha aparecido na orla da clareira. “Venha cá. Leve esse bilhete a Farnham cavalcando o mais depressa que puder.” Rabiscou algumas palavras numa folha de sua agenda. “Entregue isto ao superintendente na delegacia. Até que ele chegue, devo manter todos vocês sob minha custódia pessoal.”

A personalidade forte e autoritária de Holmes dominou a cena, e todos se comportaram igualmente como fantoches em suas mãos. Williamson e Carruthers viram-se carregando o ferido Woodley para a casa, e eu dei o

braço à moça assustada. O homem ferido foi deitado em sua cama, e eu o examinei a pedido de Holmes. Levei meu relatório para a antiga sala de jantar colgada de tapeçarias, onde ele estava, com seus dois prisioneiros diante de si.

“Ele vai viver”, disse eu.

“O quê?” exclamou Carruthers dando um salto da cadeira. “Vou lá em cima e acabo com ele. Está me dizendo que essa moça, esse anjo, vai ficar presa a esse infame Jack Woodley pelo resto da vida?”

“Não precisa se preocupar com isso”, disse Holmes. “Há duas excelentes razões pelas quais ela não deve estar casada com ele em hipótese alguma. Em primeiro lugar, certamente podemos questionar se Mr. Williamson tem o direito de celebrar um casamento.”

“Fui ordenado”, exclamou o velho malandro.

“E também afastado do estado clerical.”

“Uma vez ministro, sempre ministro.”

“Não me parece. E quanto à licença?”

“Tínhamos uma licença para o casamento. Está aqui no meu bolso.”

“Nesse caso você a obteve mediante um ardil. Mas, seja como for, um casamento forçado não é um casamento, é um crime de extrema gravidade, como logo vão descobrir. Ou muito me engano, ou terão tempo para refletir sobre o assunto durante os próximos dez anos. Quanto a você, Carruthers, teria feito melhor se tivesse mantido sua pistola no bolso.”

“É o que estou começando a pensar, Mr. Holmes; lembrando de todas as precauções que havia tomado para proteger essa jovem — porque eu a amava, Mr. Holmes, e nunca soubera antes o que é o amor —, fiquei completamente louco ao ver que ela estava em poder do sujeito mais grosseiro, mais cruel da África do Sul, um homem cujo nome inspira o maior terror de Kimberleya Johannesburgo. Nem vai acreditar, Mr. Holmes, mas desde que essa moça começou a trabalhar para mim, não a deixei passar por esta casa, onde sabia que esses canalhas estavam escondidos, sem a seguir em minha bicicleta, para que nenhum mal lhe acontecesse. Eu me mantinha à distância dela e usava uma barba, para que não me reconhecesse, porque é uma jovem boa e briosa e não teria trabalhado para mim por muito tempo se tivesse descoberto que eu a estava seguindo pelas estradas rurais.”

“Por que não lhe contou do perigo?”

“Porque, mais uma vez, ela teria me deixado, e eu não podia suportar essa perspectiva. Mesmo que não pudesse me amar, eu ficava feliz apenas em ver sua linda figura pela casa e em ouvir o som da sua voz.”

“Bem”, disse eu, “chama isso de amor, Mr. Carruthers, mas eu o chamaria de egoísmo.”

“Talvez as duas coisas se misturem. De todo modo, eu não podia deixá-la partir. Além disso, com essa corja por aí, era bom que ela tivesse alguém por perto para cuidar dela. Depois, quando o telegrama chegou, soube que eles tinham sido obrigados a agir.”

“Que telegrama?”

Carruthers tirou um telegrama do bolso.

“Aqui está”, disse.

Era curto e conciso:

O VELHO MORREU.

“Hum!” disse Holmes. “Acho que percebo como as coisas funcionaram, e posso compreender como essa mensagem iria, como diz, levá-los a uma crise. Mas enquanto vocês esperam, seria bom que fossem me contando o que puderem.”

O velho réprobo com a sobrepeliz explodiu numa saraivada de palavras chulas.

“Céus!”, disse ele, “se você abrir o bico, Bob Carruthers, eu o tratarei tão bem quanto você tratou Jack Woodley. Pode choramingar por causa da moça o quanto queira, isso não é da conta de ninguém, mas se entregar seus companheiros a este guarda à paisana vai se arrepender do dia em que nasceu.”

“Não precisa se exaltar, Vossa Reverência”, disse Holmes, acendendo um cigarro. “A culpa dos senhores está bastante clara, o que peço são apenas alguns detalhes para saciar minha curiosidade pessoal. No entanto, se alguma coisa os impede de falar, eu mesmo o farei, e verão se têm alguma chance de manter seus segredos. Em primeiro lugar, três de vocês, neste jogo, vieram da África do Sul — você, Williamson, você, Carruthers, e Woodley.”

“Mentira número um”, disse o velho; “eu nunca tinha visto nenhum deles até dois meses atrás, e nunca pus o pé na África do Sul em minha vida. De modo que, se puder, que conte outra, Mr. Intrometido Holmes.”

“Ele está dizendo a verdade”, disse Carruthers.

“Bem, bem, então dois de vocês vieram de lá. Sua reverência é um artigo feito em casa. Vocês tinham conhecido Ralph Smith na África do Sul. Tinham motivos para acreditar que ele não tinha muito tempo de vida. Descobriram que a sobrinha dele herdaria a sua fortuna. Que me dizem disto, hein?”

Carruthers inclinou a cabeça e Williamson soltou uma praga.

“Ela era a parente mais próxima, sem dúvida, e vocês sabiam que o velho não faria testamento.”

“Não estava em condições de ler nem de escrever”, disse Carruthers.

“Assim, vieram para cá, vocês dois, e procuraram a moça. A ideia era que um de vocês se casaria com ela, e o outro ficaria com uma parte do dinheiro. Por alguma razão, Woodley foi escolhido para ser o marido. Qual foi ela?”

“Nós a disputamos no baralho. Ele ganhou.”

“Entendo. Você contratou a moça, e Woodley deveria cortejá-la. Ela reconheceu o grosseirão bêbado que era e não quis ter nada com ele. Nesse meio-tempo o arranjo dos dois ficou bastante perturbado pelo fato de que você mesmo se apaixonou pela senhora. Não pôde mais tolerar a ideia de que esse facínora ficaria com ela.”

“Não, Deus é testemunha, não pude!”

“Houve uma briga entre vocês. Ele foi embora enraivecido e começou a fazer seus próprios planos, independentemente de você.”

“Parece incrível, Williamson, mas não há muita coisa que possamos contar para este cavalheiro”, exclamou Carruthers com uma risada amarga. “Sim, brigamos, e ele me derrubou no chão. De todo modo, isso eu já descontei. Depois eu o perdi de vista. Foi quando ele se associou a este padre renegado aqui. Descobri que tinham se instalado juntos neste lugar, no caminho que ela tinha de fazer para a estação. Desde então, fiquei de olho nela, pois sabia que havia alguma crueldade no ar. Eu os visitava de vez em quando, pois estava aflito por saber o que andavam armando. Dois dias atrás

Woodley foi à minha casa com este telegrama, que dizia que Ralph Smith estava morto. Perguntou-me se eu cumpriria o trato. Respondi que não. Perguntou se queria casar eu mesmo com a moça e lhe dar uma parte. Disse que o faria de muito bom grado, mas ela não queria casar comigo. Ele disse: “Vamos fazê-la se casar primeiro; em uma ou duas semanas talvez ela veja as coisa de maneira um pouco diferente.” Eu disse que não queria saber de violência e ele foi embora, praguejando com sua boca suja e jurando que ainda a teria. Ela iria deixar a minha casa neste fim de semana, e arranjei um coche para levá-la à estação, mas estava tão inquieto que a segui em minha bicicleta. Mas ela saíra havia algum tempo, e antes que eu pudesse alcançá-la o mal estava feito. Só percebi que alguma coisa acontecera quando vi os senhores voltando pela estrada no *dog-cart* dela.”

Holmes levantou-se e jogou a ponta do cigarro na lareira. “Fui muito obtuso, Watson”, disse. “Quando você contou em seu relatório que vira o ciclista arrumando a gravata, segundo lhe pareceu, entre os arbustos, isso deveria ter bastado para me revelar tudo. Seja como for, podemos nos congratular por um caso curioso e, sob alguns aspectos, singular. Vejo três policiais rurais se aproximando e fico satisfeito por ver que o rapazola da estrebaria consegue acompanhá-los; é provável, portanto, que nem ele nem o interessante noivo tenham ficado permanentemente lesados por suas aventuras desta manhã. Penso, Watson, que na sua condição de médico você poderia examinar Miss Smith e dizer-lhe que, se estiver suficientemente recuperada, ficaremos felizes em escoltá-la até a casa de sua mãe. Se ela ainda não estiver bem, verá que a sugestão de que pretendemos telegrafar para um jovem eletricista nas Midlands provavelmente completará a cura. Quanto ao senhor”, disse para Mr. Carruthers, “penso que fez o que podia para reparar sua participação numa trama perversa. Aqui está o meu cartão, e se meu depoimento puder lhe ser útil em seu julgamento, estarei a seu dispor.”



“Holmes jogou a ponta do cigarro na lareira.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

No turbilhão de nossa atividade incessante, muitas vezes foi difícil para mim, como o leitor provavelmente já observou, dar o toque final a minhas narrativas, e fornecer aqueles últimos detalhes que os curiosos podem esperar. Cada caso foi o prelúdio de outro, e, uma vez encerrada a crise, os atores desapareceram por completo de nossas vidas agitadas. Encontro no entanto, no fim de meus manuscritos relativos a este caso, uma breve nota em que registrei que Miss Violet Smith realmente herdou uma grande fortuna e é atualmente a mulher de Cyril Morton, sócio majoritário de Morton & Kennedy, a famosa firma de eletricitas de Westminster. Williamson e Woodley foram ambos julgados por sequestro e agressão, o primeiro tendo sido condenado a sete anos e o segundo a dez. Sobre o destino de Carruthers, não tenho nenhum registro, mas estou certo de que seu ataque não foi considerado muito grave pelo Tribunal, uma vez que Woodley tinha a reputação de ser um facínora extremamente perigoso, e creio que alguns meses foram suficientes para atender às exigências da Justiça.

V. A ESCOLA DO PRIORADO

TIVEMOS ALGUMAS ENTRADAS e saídas dramáticas em nosso pequeno palco em Baker Street, mas não consigo me lembrar de nada mais repentino e surpreendente que a primeira aparição do dr. Thorneycroft Huxtable, M.A., Ph.D. etc. Seu cartão, que parecia pequeno demais para transportar o peso de suas distinções acadêmicas, o precedeu por alguns segundos, e em seguida ele próprio entrou — tão grande, tão pomposo e tão digno que parecia a própria encarnação da solidez e da autoconfiança. Sua primeira ação, contudo, mal a porta se fechara atrás dele, foi cair cambaleando sobre a mesa, de onde escorregou para o chão, e lá ficou aquela majestática figura, prostrada e desacordada sobre nosso tapete de pele de urso, diante da lareira.

Levantamos de um salto e por alguns instantes contemplamos em silencioso espanto aquela formidável ruína, que falava de alguma tempestade súbita e fatal em algum local distante no oceano da vida. Depois Holmes se apressou em lhe pôr uma almofada sob a cabeça, e eu em lhe molhar os lábios com conhaque. O semblante carregado e branco estava vincado com linhas de preocupação, as bolsas pendentes sob os olhos fechados eram cor de chumbo, a boca frouxa caía dolorosamente nos cantos, as papadas não estavam barbeadas. O colarinho e a camisa exibiam a fuligem de um longo dia, e o cabelo se arrepiava, despenteado, na cabeça bem conformada. Tínhamos diante de nós um homem presa de profundo sofrimento.



“O semblante carregado e branco estava vincado com linhas de preocupação.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Que é isso, Watson?” perguntou Holmes.

“Exaustão absoluta — possivelmente fome e fadiga”, respondi, com o dedo sobre o pulso fraco, onde a torrente da vida escorria rala e minguada.

“Passagem de ida e volta para Mackleton, no norte da Inglaterra”, disse Holmes, tirando-a do bolso do relógio. “Ainda não é meio-dia. Ele certamente partiu muito cedo.”

As pálpebras pregueadas haviam começado a tremer, e agora um par de olhos cinza vazios nos fitava. Um instante depois o homem ficou de quatro e se levantou, a face rubra de vergonha.

“Perdoe esta fraqueza, Mr. Holmes; estava um pouco nervoso. Muito obrigado, se eu pudesse tomar um copo de leite e comer um biscoito, certamente me sentiria melhor. Vim pessoalmente, Mr. Holmes, para garantir que voltaria comigo. Temi que nenhum telegrama pudesse convencê-lo da absoluta urgência do caso.”

“Quando estiver inteiramente recuperado...”

“Já estou muito bem. Não sei como pude ficar tão fraco. Gostaria que fosse comigo para Mackleton no próximo trem, Mr. Holmes.”



“Não sei como pude ficar tão fraco.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

Meu amigo sacudiu a cabeça.

“Meu colega, o dr. Watson, poderia lhe dizer que estamos muito ocupados no momento. Estou contratado nesse caso dos Documentos Ferrers e o assassinato de Abergavenny está para ser julgado. Só um problema muito importante poderia me tirar de Londres agora.”

“Importante!” Nosso visitante jogou as mãos para o alto. “Não ouviu nada sobre o sequestro do filho único do duque de Holderness?”

“Quê? O ex-ministro de Estado?”

“Exatamente. Tentamos manter a notícia fora dos jornais, mas houve algumas insinuações no *Globe* ontem à noite. Pensei que a notícia podia ter chegado aos seus ouvidos.”

Esticando o braço comprido e fino, Holmes pegou o volume “H” de sua enciclopédia de referência.

“Holdernesse, sexto duque, K.G., P.C. — metade do alfabeto! ‘Barão Beverly, conde de Carston’ — Deus do céu, que lista! ‘Lord lieutenant de Hallamshire desde 1900. Casou-se com Edith, filha de Sir Charles Appledore, 1888. Herdeiro e filho único, Lord Saltire. Possui cerca de duzentos e cinquenta mil acres. Minérios em Lancashire e Gales. Endereço: Carlton House Terrace; Holdernesse Hall, Hallamshire; Castelo de Carston, Bangor, Gales. Lorde do Almirantado, 1872; principal secretário de Estado para ...’ Bem, bem, este homem é sem dúvida um dos mais notáveis súditos da Coroa!”

“O mais notável e talvez o mais rico. Estou ciente, Mr. Holmes, de que tem uma visão muito elevada no tocante à sua profissão e de que se dispõe a trabalhar por amor ao trabalho. Posso lhe dizer, contudo, que Sua Graça já me comunicou que um cheque de cinco mil libras será entregue à pessoa que puder lhe dizer onde está o filho e outro de mil libras para quem puder dizer quem foi o homem ou os homens que o levaram.”

“É uma oferta principesca”, disse Holmes. “Parece-me, Watson, que acompanharei o dr. Huxtable de volta para o norte da Inglaterra. E agora, dr. Huxtable, quando tiver acabado de tomar esse leite, queira por gentileza me contar o que aconteceu, quando aconteceu e como aconteceu, e, por fim, o que o dr. Thorneycroft Huxtable da Escola do Priorado, perto de Mackleton, tem a ver com o assunto e por que vem aqui três dias depois do acontecimento — o estado de seu queixo revela a data — pedir meus humildes serviços.”

Nosso visitante havia consumido seu leite com biscoitos. A luz voltara a seus olhos e a cor às suas faces quando ele se pôs a explicar a situação com grande vigor e clareza.

“Devo informar-lhes, cavalheiros, de que a Priorado é uma escola preparatória, da qual sou o fundador e o diretor. *Huxtable’s Sidelights on Horace* talvez traga meu nome à lembrança dos senhores. O Priorado é, sem exceção, a melhor e mais seleta escola preparatória da Inglaterra. Lord Leverstoke, o conde de Blackater, Sir Cathcart Soames — todos eles confiaram seus filhos a mim. Mas senti que minha escola havia atingido o zênite quando, três semanas atrás, o duque de Holdernesse me enviou Mr. James Wilder, seu secretário, com a informação de que o jovem Lord Saltire, de dez anos de idade, seu único filho e herdeiro, estava prestes a ser confiado

a meus cuidados. Mal sabia eu que isso seria o prelúdio do mais esmagador infortúnio de minha vida.

“O menino chegou em 1º de maio, pois naquele dia se iniciava o período letivo do verão. Era um jovem encantador e logo se adaptou a nós. Posso lhe dizer — acredito que não estou sendo indiscreto, reservas são absurdas num caso como este — que não era extremamente feliz em casa. É um segredo de polichinelo que o conde não teve uma vida conjugal pacífica, e o casal acabou se separando por mútuo consentimento, após o que a duquesa fixou residência no sul da França. Isso aconteceu pouco tempo atrás, e sabe-se que o menino tomou claramente o partido da mãe. Ficou muito triste depois que ela deixou Holderness Hall e foi por essa razão que o duque desejou enviá-lo para meu estabelecimento. Em duas semanas o menino estava perfeitamente em casa conosco e, ao que parecia, absolutamente feliz.

“Ele foi visto pela última vez na noite de 13 de maio — isto é, a noite de segunda-feira passada. Seu quarto era no segundo andar e chegava-se a ele por um outro quarto maior, onde dois meninos dormiam. Como estes não viram nem ouviram coisa alguma, é certo que o jovem Saltire não passou por ali. A janela dele estava aberta e há uma hera resistente entre ela e o chão. Não pudemos encontrar nenhuma pegada embaixo, mas essa era com certeza a única saída possível.

“A ausência dele foi descoberta às sete horas da manhã de terça-feira. A cama estava desarrumada. Antes de sair, vestira-se por completo com seu uniforme habitual: paletó Eton preto e calças cinza-escuro. Não havia nenhum sinal de que alguém entrara no quarto e é absolutamente certo que qualquer coisa como gritos ou uma luta teriam sido ouvidos, pois Caunter, o menino mais velho do quarto contíguo tem sono muito leve.

“Quando o desaparecimento de Lord Saltire foi descoberto, fiz imediatamente uma chamada de todo o estabelecimento — meninos, professores e criados. Foi então que verificamos que Lord Saltire não fugira sozinho. Heidegger, o professor de alemão, estava ausente. O quarto dele ficava no segundo andar, na extremidade oposta do prédio, dando para o mesmo lado que o de Lord Saltire. Sua cama também estava desarrumada; mas ele saíra claramente sem estar de todo vestido, pois sua camisa e suas meias estavam no chão. Havia descido indubitavelmente pela hera, pois pudemos ver pegadas no ponto em que pousou no gramado. Sua bicicleta,

que era guardada num pequeno galpão ao lado desse gramado, também desaparecera.

“Ele estava comigo havia dois anos, e viera com as melhores referências; mas era um homem silencioso e mal-humorado, não muito querido nem pelos professores nem pelos meninos. Não se conseguiu encontrar um só rastro dos fugitivos, e agora, na manhã de quinta-feira, estamos tão ignorantes quanto estávamos na terça-feira. É claro que indagações foram feitas imediatamente em Holderness Hall. O solar fica a poucos quilômetros da escola, e imaginamos que, num súbito ataque de saudades, o menino voltara para o pai, mas não tinham tido nenhuma notícia dele. O duque está extremamente aflito — e, quanto a mim, os senhores mesmos viram o grau de prostração nervosa a que o suspense e a responsabilidade me reduziram. Mr. Holmes, se alguma vez já lançou mão de seus plenos poderes, eu lhe imploro que o faça agora, pois nunca em sua vida poderia ter um caso que os merecesse mais.”

Sherlock Holmes ouvira com a máxima concentração o relato do infeliz mestre-escola. Suas sobrancelhas cerradas e o sulco profundo entre elas mostravam que não precisava de nenhuma exortação para concentrar toda sua atenção num problema que, afora os enormes interesses envolvidos, devia atraí-lo tão diretamente, com seu amor pelo complexo e o inusitado. Em seguida puxou sua caderneta e fez uma ou duas anotações.

“O senhor foi muito negligente não me procurando mais cedo”, disse com severidade. “Vou iniciar minha investigação com séria desvantagem. É inconcebível, por exemplo, que essa hera e esse gramado não tivessem revelado nada a um observador treinado.”

“A culpa não é minha, Mr. Holmes. Sua Graça estava extremamente desejoso de evitar qualquer escândalo público. Temia que a infelicidade de sua família fosse exibida ao mundo. Tem profunda aversão a qualquer coisa desse tipo.”

“Mas houve alguma investigação oficial?”

“Houve, e provou-se extremamente decepcionante. Chegou-se a obter uma pista aparente, pois alguém contou ter visto um menino e um rapaz deixando uma estação das redondezas num trem matutino. Só na noite passada tivemos notícia de que a dupla havia sido encontrada em Liverpool e provara não ter nenhuma conexão com o assunto que nos interessava. Foi

então que, em meu desespero e decepção, depois de uma noite insone, vim direto procurá-lo pelo primeiro trem da manhã.”

“Suponho que a investigação local foi relaxada enquanto se seguia a pista falsa?”

“Foi inteiramente abandonada.”

“Portanto três dias foram desperdiçados. O caso foi tratado de maneira deplorável.”

“Só posso concordar.”

“No entanto, o problema deve ser passível de uma solução cabal. Ficarei muito feliz em examiná-lo. Conseguiu estabelecer alguma relação entre o menino desaparecido e esse professor de alemão?”

“Nenhuma.”

“Ele era aluno desse professor?”

“Não; até onde sei, os dois nunca haviam trocado uma palavra.”

“Isso é certamente muito singular. O menino tinha uma bicicleta?”

“Não.”

“Deu-se falta de outra bicicleta?”

“Não.”

“Tem certeza?”

“Absoluta.”

“Bem, o senhor não pretende seriamente sugerir que esse alemão partiu de bicicleta na calada da noite carregando o menino no colo, não é?”

“Certamente não.”

“Nesse caso, que teoria tem em mente?”



“Que teoria tem em mente?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“A bicicleta pode ter sido um disfarce. Ela pode ter sido escondida em algum lugar e os dois terem ido embora a pé.”

“Sem dúvida; mas parece um disfarce bastante absurdo, não acha? Havia outras bicicletas nesse galpão?”

“Várias.”

“Caso quisesse dar a ideia de que haviam partido de bicicleta, não teria ele escondido duas?”

“Suponho que sim.”

“Claro que sim. A teoria do disfarce não funciona. Mas o incidente é um ponto de partida admirável para uma investigação. Afinal, não é assim tão fácil esconder ou destruir uma bicicleta. Mais uma pergunta. Alguém visitou o menino na véspera de seu desaparecimento?”

“Não.”

“Ele recebeu alguma carta?”

“Sim, uma.”

“De quem?”

“Do pai.”

“O senhor abre as cartas dos meninos?”

“Não.”

“Como sabe que era do pai?”

“O brasão estava no envelope e era endereçada na letra peculiarmente firme do duque. Além disso, o duque se lembra de ter escrito.”

“Ele recebera uma carta antes disso?”

“Nenhuma nos dias anteriores.”

“Algum dia recebera uma da França?”

“Não, nunca.”

“Está percebendo aonde quero chegar com minhas perguntas, é claro. Ou o menino foi levado à força ou partiu de livre e espontânea vontade. Neste último caso, seria de esperar que teria sido necessária alguma indução do exterior para que um menino de tão pouca idade fizesse semelhante coisa. Se não recebeu nenhuma visita, essa indução deve ter vindo por carta. Por isso tento saber quem eram seus correspondentes.”

“Lamento não poder ajudá-lo muito. Seu único correspondente, até onde sei, era o próprio pai.”

“Que lhe escreveu no próprio dia de seu desaparecimento. As relações entre pai e filho eram amigáveis?”

“Sua Graça não é muito amigável com ninguém. Vive completamente imerso em grandes questões públicas e é bastante refratário a todas as emoções comuns. Mas era sempre bondoso com o menino, à sua maneira.”

“Mas era com a mãe que ele tinha maior afinidade, não é?”

“Sim.”

“Ele disse isso?”

“Não.”

“O duque, então?”

“Meu Deus, não!”

“Então como pode saber?”

“Tive uma conversa confidencial com Mr. James Wilder, o secretário de

Sua Graça. Foi ele quem me deu essa informação sobre os sentimentos de Lord Saltire.”



O duque e seu secretário [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Entendo. A propósito, aquela última carta do duque — encontraram-na no quarto do menino depois que ele desapareceu?”

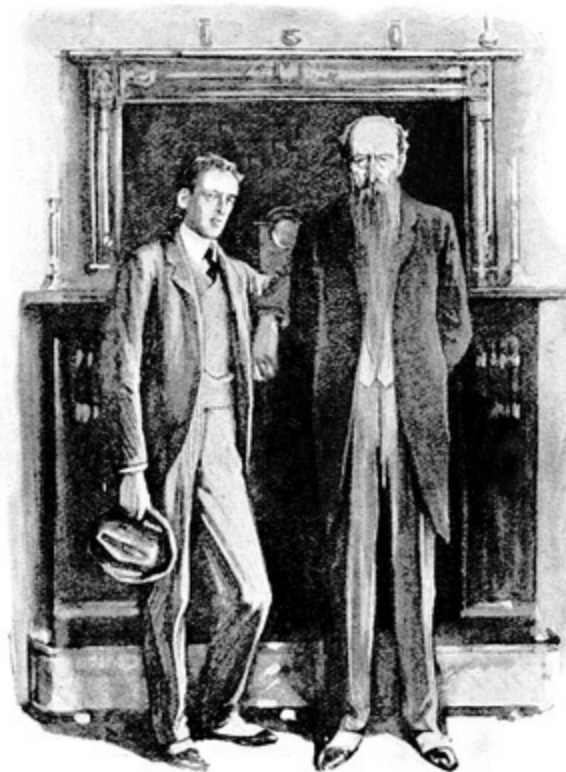
“Não; ele a levou consigo. Creio, Mr. Holmes, que está na hora de partirmos para Euston.”

“Vou chamar um *four-wheeler*. Den-tro de um quarto de hora estaremos a seu dispor. Se vai telegrafar para casa, Mr. Huxtable, seria bom deixar que as pessoas na sua vizinhança pensassem que a investigação ainda está em curso em Liverpool ou aonde mais aquela pista falsa o tenha levado. Nesse meio-tempo, farei um trabalho silencioso bem na sua porta; talvez o rastro não esteja frio demais para que dois velhos cães de caça como Watson e eu consigamos farejá-lo.”



Aquela noite nos encontrou na atmosfera fria, revigorante, da região de Peak, em que a famosa escola do dr. Huxtable se situa. Já estava escuro quando chegamos lá. Havia um cartão na mesa do salão e o mordomo sussurrou alguma coisa para o patrão, que se virou para nós extremamente alvoroçado. “O duque está aqui”, disse. “O duque e Mr. Wilder estão no gabinete. Venham, senhores, vou apresentá-los.”

Eu já vira, é claro, retratos do famoso estadista, mas o próprio homem era muito diferente de suas representações. Era alto e imponente, escrupulosamente vestido, com um rosto magro, encovado, e um nariz grotescamente encurvado e comprido. Sua pele era de uma palidez fosca, o que chocava ainda mais em contraste com uma barba rala e comprida de um vermelho vivo, que caía sobre seu colete branco, com uma corrente de relógio brilhando por sua orla. Essa era a majestosa figura que nos fitava, impassível, postado diante da lareira do dr. Huxtable. A seu lado estava um homem muito jovem, que compreendi ser Wilder, seu secretário particular. Era baixo, nervoso e alerta, com inteligentes olhos azul-claros e traços expressivos. Foi ele que de imediato, e num tom incisivo e positivo, iniciou a conversa.



“A seu lado estava um homem muito jovem.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Estive aqui esta manhã, dr. Huxtable, para impedir que fosse a Londres, mas era tarde demais. Soube que seu objetivo era convidar Mr. Sherlock Holmes para assumir o caso. Sua Graça está surpresa, dr. Huxtable, ao vê-lo dar um passo como esse sem o consultar.”

“Quando soube que a polícia fracassara...”

“Sua Graça não está em absoluto convencido de que a polícia fracassou.”

“Mas certamente, Mr. Wilder...”

“Sabe perfeitamente, dr. Huxtable, que Sua Graça está particularmente preocupado em evitar qualquer escândalo público. Prefere confiar seu segredo ao menor número de pessoas possível.”

“O problema pode ser facilmente remediado”, disse o doutor, intimidado; “Mr. Sherlock Holmes pode voltar para Londres pelo trem da manhã.”

“Não, doutor, acho que não”, disse Holmes, em sua voz mais afável. “Este ar do norte é tão revigorante e agradável que pretendo passar alguns

dias em suas charruagens e ocupar minha mente da melhor maneira possível. Se terei o abrigo do seu teto ou da estalagem da aldeia, cabe ao senhor decidir.”

Pude ver que o infeliz doutor estava no último grau de indecisão, da qual foi salvo pela voz profunda e sonora do duque de barba ruiva, que ribombou como um gongo.

“Concordo com Mr. Wilder, dr. Huxtable, que teria sido prudente me consultar. Mas uma vez que Mr. Holmes já foi inteirado do seu segredo, seria realmente absurdo que não nos valêssemos de seus serviços. Longe de ir para a estalagem, Mr. Holmes, eu ficaria encantado se aceitasse se hospedar em Holderness Hall.”

“Eu agradeço a Vossa Graça. Para os objetivos de minha investigação, penso que seria mais sensato permanecer no cenário do mistério.”

“Como preferir, Mr. Holmes. Qualquer informação que Mr. Wilder ou eu possamos lhe dar está, é claro, à sua disposição.”

“Provavelmente terei necessidade de ir vê-lo em sua casa”, disse Holmes. “Só lhe perguntaria agora, senhor, se formulou alguma explicação em sua própria mente para o misterioso desaparecimento do seu filho.”

“Não, senhor. Não formulei.”

“Perdoe-me se aludo ao que é penoso para o senhor, mas não tenho alternativa. Pensa que a duquesa pode ter alguma coisa a ver com o assunto?”

O importante ministro mostrou perceptível hesitação.

“Não me parece”, disse por fim.

“A explicação mais óbvia é que sequestraram a criança no intuito de exigir um resgate. Não recebeu nenhum pedido desse tipo?”

“Não, senhor.”

“Mais uma pergunta, Vossa Graça. Fui informado de que escreveu ao seu filho no dia em que esse incidente aconteceu.”

“Não. Escrevi na véspera.”

“Exatamente. Mas ele recebeu naquele dia, não é?”

“Sim.”

“Havia alguma coisa em sua carta que teria podido abalá-lo ou induzi-lo a dar um passo como esse?”

“Não, senhor, certamente não.”

“O senhor mesmo pôs a carta no correio?”

A resposta do nobre foi atalhada, com certa veemência, pelo secretário.

“Sua Graça não costuma levar cartas ao correio ele mesmo”, disse. “Essa carta foi deixada com outras sobre a mesa do gabinete, e eu mesmo a pus na mala postal.”

“Tem certeza de que essa estava entre elas?”

“Tenho, eu a observei.”

“Quantas cartas Vossa Graça escreveu naquele dia?”

“Vinte ou trinta. Tenho uma vasta correspondência. Mas isto não seria... um tanto irrelevante?”

“Não inteiramente.”

“De minha parte”, continuou o duque, “aconselhei a polícia a voltar sua atenção para o sul da França. Já disse que não acredito que a duquesa iria encorajar uma ação tão monstruosa, mas o menino tinha as opiniões mais absurdas, e é possível que tenha fugido para ela, incitado e ajudado por esse alemão. Agora, dr. Huxtable, penso que vamos voltar para casa.”

Pude perceber que Holmes teria gostado de fazer ainda outras perguntas, mas as maneiras abruptas do nobre mostraram que a entrevista estava encerrada. Era evidente que, para sua natureza intensamente aristocrática, aquela discussão dos assuntos íntimos de sua família com um estranho era detestável, e que ele temia que cada nova pergunta pudesse jogar uma luz mais intensa sobre cantos discretamente obscurecidos de sua história ducal.

Depois que o nobre e seu secretário saíram, meu amigo lançou-se na investigação de imediato e com peculiar avidez.

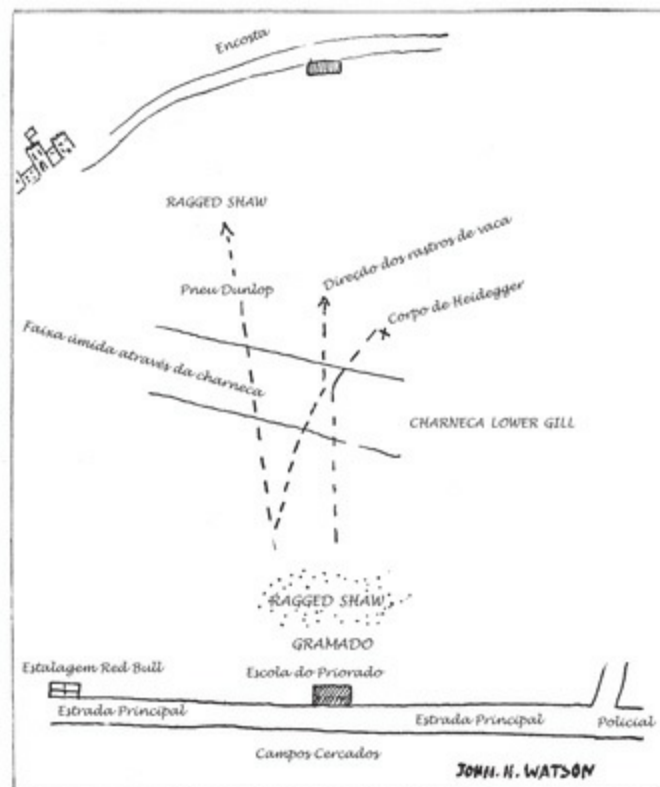
O quarto do menino foi cuidadosamente examinado e não produziu nada, exceto a convicção absoluta de que ele só poderia ter escapado pela janela. O quarto e os pertences do professor de alemão não deram mais nenhuma pista. Em seu caso, um caule de hera havia cedido sob o seu peso, e vimos à luz de uma lanterna a marca feita pelos seus calcanhares no gramado. Essa marca na grama curta e verde era a única prova material que restava daquela inexplicável fuga noturna.

Sherlock Holmes saiu da casa sozinho e só retornou depois das onze horas. Levou para o meu quarto um grande e detalhado mapa militar das redondezas que obtivera, abriu-o sobre a cama e, depois de equilibrar a

lâmpada no meio dele, começou a fumar, apontando ocasionalmente pontos de interesse com o âmbar fumegante do seu cachimbo.

“Estou gostando cada vez mais deste caso, Watson”, disse ele. “Ele encerra decididamente alguns pontos de interesse. Neste estágio inicial, quero que você compreenda as características geográficas que podem ser muito relevantes para nossa investigação.

“Olhe este mapa. Este quadrado escuro é a Escola do Priorado. Vou pôr um alfinete nela. Esta linha aqui é a estrada principal. Você pode ver que ela segue para leste e oeste além da escola, e pode ver também que não há nenhuma estrada secundária por mais de um quilômetro e meio dos dois lados. Se aquelas duas pessoas tivessem partido por uma estrada, teria sido por *esta*.”



“Exatamente.”

“Por um singular e feliz acaso, podemos verificar até certo ponto o que passou por esta estrada durante a noite em questão. Neste ponto em que estou

pousando meu cachimbo, havia um policial rural de guarda da meia-noite às seis horas. Este é, como você pode ver, o primeiro cruzamento do lado leste. O homem declara que não deixou seu posto um só instante, e afirma com toda segurança que nem menino nem homem teriam podido seguir naquela direção sem ser vistos. Falei com esse policial agora à noite, e ele me parece uma pessoa perfeitamente confiável. Isso exclui esse lado. Agora temos de tratar do outro. Há uma estalagem aqui, a ‘Red Bull’, e a estalajadeira estava doente. Ela mandou chamar um médico em Mackleton, mas ele estava ausente, atendendo outro caso, e só chegou de manhã. As pessoas na estalagem passaram a noite toda alertas, esperando a chegada desse médico, e ao que parece uma ou outra delas estava sempre de olho na estrada. Elas declaram que ninguém passou. Se seu testemunho for confiável, temos a sorte de poder excluir também o oeste e podemos portanto afirmar que os fugitivos absolutamente *não* tomaram a estrada.”

“Mas e a bicicleta?” objetei.

“É claro. Chegaremos à bicicleta logo, logo. Para continuar nosso raciocínio: se essas pessoas não partiram pela estrada, devem ter atravessado o campo para o norte ou para o sul da casa. Isto é certo. Vamos comparar as duas possibilidades. Ao sul da casa há, como você vê, uma grande área de terra arável, dividida em pequenos campos por muros de pedra. Impossível para uma bicicleta andar ali. Podemos rejeitar a ideia. Voltemo-nos para o campo ao norte. Aqui há um pequeno bosque, marcado como ‘Ragged Shaw’, e mais além há uma grande charneca ondulada, Lower Gill, que se estende por dezesseis quilômetros e se eleva pouco a pouco. Aqui, de um lado deste trecho ermo, fica Holderness Hall, a dezesseis quilômetros pela estrada, mas apenas a seis atravessando a charneca. Alguns fazendeiros têm propriedades pequenas na charneca, em que criam ovelhas e gado bovino. Com exceção deles, a noivinha-branca e o maçarico são os únicos habitantes até chegarmos à estrada principal de Chesterfield. Há uma igreja ali, como vê, algumas cabanas e uma estalagem. Mais além os morros tornam-se íngremes. Certamente é aqui, em direção ao norte, que nossa busca deve ser feita.”

“Mas e a bicicleta?” insisti.

“Bem, bem!” disse Holmes com impaciência. “Um bom ciclista não precisa de uma estrada principal. A charneca é cortada por trilhas e a lua

estava cheia. Ouça! Que é isso?”

Houve uma batida impaciente à porta e um instante depois o dr. Huxtable estava no quarto. Tinha na mão um boné de críquete azul com um distintivo branco na pala.

“Finalmente temos uma pista!” exclamou. “Graças a Deus! Pelo menos estamos no rastro do querido menino! É o boné dele.”

“Onde foi encontrado?”

“No carroção dos ciganos que acamparam na charneca. Eles foram embora terça-feira. Hoje a polícia os descobriu e revistou sua caravana. Encontraram isto.”

“Que explicação eles deram?”

“Foram evasivos e mentiram — disseram que o encontraram na charneca terça-feira de manhã. Sabem onde ele está, aqueles malandros! Graças a Deus estão todos trancafiados. Ou o medo da lei ou a bolsa do duque vão certamente arrancar deles o que sabem.”

“Até agora, tudo bem”, disse Holmes depois que o doutor finalmente saiu do quarto. “Isso pelo menos apoia a teoria de que é do lado da charneca Lower Gill que devemos esperar resultados. A polícia realmente não fez nada localmente, exceto prender esses ciganos. Veja aqui, Watson! Há um curso d’água através da charneca. Veja, está marcado aqui no mapa. Em algumas partes ele se alarga num brejo. Isso ocorre em particular na região entre Holderness Hall e a escola. É inútil procurar rastros em outro lugar nesse tempo seco; mas *nesse* ponto certamente há chance de alguma marca ter sido deixada. Vou acordá-lo amanhã de manhã e você e eu tentaremos lançar um pouco de luz sobre o mistério.”

O dia mal acabara de romper quando acordei e dei com o vulto comprido e fino de Holmes junto à minha cabeceira. Ele estava inteiramente vestido e visivelmente já saíra da casa.

“Examinei o gramado e o galpão das bicicletas”, disse. “Dei uma volta também pelo Ragged Shaw. Agora, Watson, há chocolate pronto na sala ao lado. Preciso lhe pedir que se apresse, pois temos um longo dia pela frente.”

Seus olhos brilhavam e suas faces estavam coradas com a excitação do trabalhador competente que vê seu trabalho pronto diante de si. Um Holmes muito diferente, esse homem ativo e alerta, do sonhador introspectivo e

pálido de Baker Street. Ao olhar para aquela figura flexível, transbordante de energia nervosa, percebi que tínhamos realmente um dia árduo à nossa espera.

Ele começou, porém, com a pior das decepções. Com grandes esperanças pusemo-nos a andar através da charneca turfosa, castanho-avermelhada, cortada por um sem-número de trilhas de ovelhas, até que chegamos ao largo cinturão verde-claro que assinalava o brejo entre nós e Holderness. Se o garoto tivesse tomado o caminho de casa, certamente devia ter passado por ali, e não o poderia ter feito sem deixar suas pegadas. Mas nenhum sinal dele ou do alemão pôde ser visto. Com um semblante entristecido, meu amigo deu largas passadas pela margem, observando ansiosamente cada mancha de lama sobre a superfície musgosa. Havia marcas de carneiro em profusão ali, e em certo local, alguns quilômetros abaixo, vacas haviam deixado rastros. Mais nada.

“Verificação número um”, disse Holmes, olhando desanimado a extensão ondulada da charneca. “Há um outro brejo mais adiante, e um gargalo estreito entre eles. Veja só! Que temos aqui?”

Havíamos chegado à pequena faixa preta de uma trilha. No meio dela, claramente impressa no solo encharcado, estava a marca de uma bicicleta.

“Viva!” exclamei. “Conseguimos.”

Mas Holmes sacudiu a cabeça, com uma fisionomia mais confusa e intrigada que alegre.

“Uma bicicleta, sem dúvida, mas não *a* bicicleta”, disse. “Conheço bem quarenta e duas impressões diferentes deixadas por pneus. Este, como você percebe, é um Dunlop, com um remendo na parte externa. Os pneus de Heidegger eram Palmer, que deixam listras longitudinais. Aveling, o professor de matemática, tinha certeza quanto a este ponto. Portanto, este não é o rastro de Heidegger.”

“O do menino, então?”

“Possivelmente, se pudéssemos provar que ele estava de posse de uma bicicleta. Mas fomos completamente incapazes disso. Este rastro, como você percebe, foi feito por um ciclista que vinha da direção da escola.”

“Ou ia em direção a ela?”

“Não, não, meu caro Watson. A impressão mais profundamente

enterrada é, obviamente, a roda traseira, sobre a qual o peso repousa. Você pode perceber vários lugares onde ela passou sobre a marca mais rasa da roda da frente e a obliterou. Ela estava indubitavelmente afastando-se da escola. Pode estar ou não relacionada à nossa investigação, mas vamos segui-la de trás para diante antes de fazer qualquer avanço.”

Foi o que fizemos, e ao fim de algumas centenas de metros, quando saímos da porção brejosa da charneca, perdemos a pista. Seguindo a trilha para trás, encontramos outro ponto pelo qual uma fonte escorria. Ali, mais uma vez, estava a marca da bicicleta, embora quase apagada por cascos de vacas. Depois disso não havia sinal nenhum, mas a trilha seguia reta rumo a Ragged Shaw, a mata nos fundos da escola. Era dela que a bicicleta devia ter saído. Holmes sentou-se num matacão e descansou o queixo nas mãos. Eu tinha fumado dois cigarros antes que saíssemos dali.

“Bem, bem”, disse ele por fim. “Um homem esperto, é claro, poderia ter trocado os pneus de sua bicicleta para deixar traços diferentes. Um criminoso que fosse capaz desse raciocínio seria um homem com quem eu teria orgulho de lidar. Vamos deixar essa questão em aberto e voltar para o nosso brejo, pois deixamos muita coisa inexplorada.”

Continuamos nossa inspeção sistemática da borda da parte encharcada da charneca, e logo nossa perseverança foi gloriosamente recompensada. Do outro lado da parte mais funda do brejo havia uma trilha lamacenta. Holmes soltou um grito de satisfação quando nos aproximamos dela. Uma marca como um fino feixe de linhas telegráficas corria bem no centro dela. Era o pneu Palmer.



“Uma marca como um fino feixe de linhas telegráficas corria bem no centro dela.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Este aqui é Herr Heidegger, com certeza!” gritou Holmes, exultante. “Meu raciocínio parece ter sido bastante correto, Watson.”

“Eu o felicito.”

“Mas ainda temos um longo caminho pela frente. Por gentileza, caminhe fora da trilha. Agora vamos seguir o rastro. Temo que ele não nos leve muito longe.”

À medida que avançamos, contudo, descobrimos que essa parte da charneca é cortada por trechos de terra macia, e, embora perdêssemos a pista de vista, sempre conseguíamos reencontrá-la.

“Está observando”, disse Holmes, “que o ciclista está agora indubitavelmente acelerando? Não pode haver dúvida disso. Veja esta impressão, em que vemos os dois pneus nitidamente. A marca de um é tão profunda quanto a do outro. Isso só pode significar que o ciclista está jogando seu peso sobre o guidom, como faz quem está correndo a toda. Céus! Ele sofreu uma queda.”

Um borrão largo, irregular, espalhava-se por alguns metros da trilha. Depois havia algumas pegadas, e os pneus reapareciam novamente.

“Uma derrapagem”, sugeri.

Holmes segurava um amassado ramo de tojo em flor. Para meu horror, notei que as flores amarelas estavam todas salpicadas de vermelho. Havia manchas escuras de sangue coagulado também na trilha e entre as urzes.

“Mau!” disse Holmes. “Mau! Afaste-se Watson! Nem um passo desnecessário! Que vejo aqui? Ele caiu ferido... levantou-se... montou de novo e prosseguiu. Mas não há mais nenhuma outra pegada. Gado nesta outra trilha. Teria ele sido chifrado por um touro? Impossível! Mas não vejo rastros de mais ninguém. Temos de seguir adiante, Watson. Certamente, com manchas além da trilha para nos guiar, ele não pode nos escapar agora.”

Nossa busca não foi muito longa. As marcas do pneu começaram a traçar curvas fantásticas na trilha molhada e lúzida. De repente, quando olhei para a frente, um brilho metálico no meio dos densos arbustos de tojo atraiu meu olhar. De lá puxamos uma bicicleta com pneus Palmer, um pedal torcido e toda a frente horivelmente lambuzada de sangue. Do outro lado dos arbustos, um sapato se projetava. Damos a volta, e lá estava, estirado, o infeliz ciclista. Era um homem alto, barbado e com óculos, dos quais uma lente se quebrara. A causa de sua morte fora um medonho golpe na cabeça, que esmagara parte de seu crânio. Que tivesse conseguido seguir adiante após sofrer um ferimento daquele falava muito de sua vitalidade e coragem. Estava de sapatos, mas sem meias, e o paletó aberto revelava um camisão de dormir por baixo. Tratava-se sem sombra de dúvida do professor de alemão.



“Lá estava, estirado, o infeliz ciclista.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Holmes virou o corpo com respeito e examinou-o com grande atenção. Depois ficou imerso em profunda reflexão por algum tempo e pude ver por sua testa franzida que aquela assustadora descoberta não nos permitira, em sua opinião, avançar muito em nossa investigação.

“É um pouco difícil saber o que fazer, Watson”, disse ele por fim. “Pessoalmente, inclino-me por levar esta investigação adiante, pois já perdemos tanto tempo que não podemos nos permitir desperdiçar mais uma hora. Por outro lado, temos a obrigação de informar a polícia sobre a descoberta e providenciar para que cuidem do corpo deste pobre sujeito.”

“Eu poderia levar um bilhete.”

“Mas preciso da sua companhia e auxílio. Espere um pouco! Há um homem cortando turfa ali adiante. Traga-o aqui, e ele guiará a polícia.”

Eu trouxe o camponês e Holmes despachou o apavorado sujeito com um bilhete para o dr. Huxtable.

“Bem, Watson”, disse ele, “descobrimos duas pistas esta manhã. Uma é a bicicleta com o pneu Palmer, e vemos ao que ela levou. A outra é a bicicleta

com o Dunlop remendado. Antes de começarmos a investigar esta última, vamos tentar especificar o que realmente sabemos, de modo a tirarmos o máximo proveito disso e separarmos o essencial do accidental.”

“Antes de mais nada, gostaria de enfatizar para você que o menino certamente fugiu por livre e espontânea vontade. Ele desceu de sua janela e partiu, sozinho ou com alguém. Isto é certo.”

Concordei.

“Bem, agora consideremos este infeliz professor de alemão. O menino estava inteiramente vestido quando fugiu. Portanto, previu o que ia fazer. Mas o alemão saiu sem meias. Com certeza teve de agir de repente.”

“Sem dúvida alguma.”

“Por que ele saiu? Porque viu a fuga do menino da janela do seu quarto. Porque quis alcançá-lo e trazê-lo de volta. Pegou sua bicicleta, foi atrás do menino, e nessa perseguição encontrou a morte.”

“É o que parece.”

“Agora chego à parte crítica de meu raciocínio. A ação natural de um homem ao perseguir um garotinho seria correr atrás dele. Saberia que poderia alcançá-lo. Mas o alemão não faz isso. Recorre à sua bicicleta. Ouvi dizer que era um excelente ciclista. Não faria isso se não visse que o menino tinha algum meio rápido de fuga.”

“A outra bicicleta.”

“Continuemos nossa reconstituição. Ele encontra a morte a oito quilômetros da escola — não por uma bala, note bem, que até um garoto poderia ter sido capaz de disparar, mas por um golpe brutal desferido por um braço vigoroso. O garoto, portanto, *teve* um companheiro em sua fuga. E foi uma fuga rápida, já que um excelente ciclista levou oito quilômetros para alcançá-los. No entanto, examinamos o terreno em torno do cenário da tragédia, e que encontramos? Alguns rastros de gado, mais nada. Fiz uma ampla varredura em volta — não há nenhuma trilha a menos de cinquenta metros. Um outro ciclista não poderia estar envolvido no assassinato, e não havia tampouco uma só pegada humana.”

“Holmes”, exclamei, “isso é impossível.”

“Admirável!” disse ele. “Uma observação extremamente esclarecedora. Tal como estou falando, *é* impossível, portanto devo ter formulado a coisa

erroneamente em algum aspecto. Mas você viu por si mesmo. Pode apontar algum erro meu?”

“Ele não poderia ter fraturado o crânio numa queda?”

“Num pântano, Watson?”

“Não sei mais o que pensar.”

“Ora, já resolvemos problemas mais difíceis antes. Pelo menos não nos falta material, se formos capazes de usá-lo. Então continuemos, e, tendo esgotado o Palmer, vejamos o que o Dunlop com o remendo tem para nos oferecer.”

Encontramos a pista e a seguimos até certa distância; logo, porém, a charneca elevava-se numa curvatura longa, coberta de tufo de turfa, e deixamos o curso d’água atrás de nós. Não poderíamos mais esperar a ajuda de nenhum rastro. No ponto em que a vimos pela última vez, a pista do pneu Dunlop poderia ter levado igualmente a Holderness Hall, cujas imponentes torres se erguiam alguns quilômetros a nossa esquerda, ou para um vilarejo baixo, cinzento, que se estendia à nossa frente e assinalava a posição da estrada principal de Chesterfield.

Quando nos aproximamos da intimidante e imunda estalagem, com a imagem de um galo de briga sobre a porta, Holmes soltou um súbito gemido e me agarrou pelo ombro para evitar uma queda. Sofrera um daqueles violentos entorses do tornozelo que deixam um homem impotente. Com dificuldade, coxeou até a porta, onde um homem já maduro e atarracado fumava um cachimbo de barro preto.



“Com dificuldade, coxeou até a porta.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Como vai, Mr. Reuben Hayes?” perguntou Holmes.

“Quem é o senhor e como tem meu nome assim na ponta da língua?” respondeu o camponês, com um lampejo de desconfiança num par de olhos astutos.

“Bem, está escrito na tabuleta sobre a sua cabeça. É fácil identificar um homem em sua própria casa. O senhor teria algum tipo de carruagem em sua estrebaria?”

“Não, não tenho.”

“Mal posso pôr meu pé no chão.”

“Não o ponha no chão.”

“Mas assim não posso andar.”

“Bem, então pule.”

Os modos de Mr. Reuben Hayes estavam longe de ser afáveis, mas Holmes mostrou admirável bom humor.

“Ouça, meu amigo”, disse ele. “Estou realmente numa enrascada. Tenho

de continuar, não me importa como.”

“Nem a mim”, disse o estalajadeiro rabugento.

“O assunto é muito importante. Eu lhe ofereceria um soberano pelo uso de uma bicicleta.”

O estalajadeiro ficou de orelha em pé.

“Aonde quer ir?”

“A Holderness Hall.”

“Amigos do duque, suponho?” disse o homem, examinando nossas roupas enlameadas com um olhar irônico.

Holmes riu jovialmente.

“De todo modo, ele ficará satisfeito em nos ver.”

“Por quê?”

“Porque estamos lhe levando notícias de seu filho desaparecido.”

O estalajadeiro teve um sobressalto muito visível.

“Quê? Estão na pista dele?”

“Há notícias do menino em Liverpool. Esperam encontrá-lo a qualquer momento.”

O rosto pesado do homem, com a barba por fazer, sofreu novamente uma mudança rápida. Suas maneiras tornaram-se subitamente cordiais.

“Tenho menos razões para querer bem ao duque que a maioria das pessoas”, disse, “pois em tempos passados fui seu cocheiro-chefe, e ele foi cruel comigo. Foi ele quem me pôs na rua sem carta de recomendação por causa do que disse um negociante de grãos mentiroso. Mas fico feliz em saber que se ouviu falar do jovem Lord em Liverpool e vou ajudá-los a levar as notícias a Holderness Hall.”

“Muito obrigado”, disse Holmes. “Vamos comer alguma coisa primeiro. Depois pode trazer a bicicleta.”

“Não tenho bicicleta.”

Holmes mostrou um soberano.

“Estou lhe dizendo que não tenho, homem. Vou lhes ceder dois cavalos para irem até o solar.”

“Bem, bem”, disse Holmes, “falaremos sobre isso depois que nos der

alguma coisa para comer.”

Quando fomos deixados sozinhos na cozinha lajeada, aquele tornozelo torcido recuperou-se com uma rapidez assombrosa. Como estava quase anoitecendo e não havíamos comido nada desde a madrugada, nossa refeição levou algum tempo. Holmes, perdido em pensamentos, foi uma ou duas vezes até a janela e olhou gravemente para fora. Ela dava para um quintal descuidado. No canto mais afastado havia uma forja, onde um rapaz enfarruscado trabalhava. Do outro lado ficava a estrebaria. Holmes havia se sentado de novo após uma dessas excursões quando pulou da cadeira de repente com uma sonora exclamação.

“Céus, Watson, acho que descobri!” gritou. “Sim, sim, deve ser isso. Watson, lembra-se de ter visto marcas de cascos de vaca hoje?”

“Sim, muitas.”

“Onde?”

“Bem, em toda parte; perto do brejo, de novo na trilha e mais uma vez onde o pobre Heidegger encontrou a morte.”

“Exatamente. Bem, agora, Watson, quantas vacas você viu na charneca?”

“Não me lembro de ter visto nenhuma.”

“É estranho, Watson, que tenhamos encontrado rastros de vaca por toda parte por onde andamos, mas nunca tenhamos visto uma só delas em toda a charneca; muito estranho, não é, Watson?”

“Sim, é estranho.”

“Agora, Watson, faça um esforço, puxe pela memória. Consegue ver essas marcas sobre a trilha?”

“Sim, consigo.”

“Consegue se lembrar que as marcas às vezes eram assim, Watson” — dispôs uma porção de bolinhas de pão da seguinte maneira: : : : — “às vezes assim” — : : : : : — “e ocasionalmente assim?” — “Consegue se lembrar disso?”

“Não, não consigo.”

“Mas eu me lembro bem. Posso jurar que era assim. De qualquer maneira, vamos voltar com calma e verificar isso. Que toupeira eu fui ao não

tirar minha conclusão.”

“E qual é a sua conclusão?”

“Simplesmente que é extraordinário ver uma vaca que anda, trota e galopa. Por Deus, Watson, não foi o cérebro de um estalajadeiro rústico que pensou num disfarce como esse. Parece não haver perigo à vista, exceto pelo rapaz na forja. Vamos nos esgueirar e dar uma olhada no que pudermos.”

Havia dois cavalos de pelo áspero, não escovado, na estrebaria que caía aos pedaços. Holmes levantou a pata traseira de um deles e deu uma risada.

“Ferraduras velhas, mas recém-colocadas — ferraduras velhas, mas cravos novos. Este caso merece ser um clássico. Vamos dar uma chegada na forja.”

O rapaz continuou trabalhando sem olhar para nós. Vi os olhos de Holmes correrem da direita para a esquerda entre as aparas de ferro e madeira espalhadas pelo chão. De repente, contudo, ouvimos um passo atrás de nós, e lá estava o estalajadeiro, as grossas sobrancelhas cerradas sobre os olhos ferozes, o semblante moreno convulsionado pela raiva. Tinha nas mãos uma bengala curta, de cabo metálico, e avançou de maneira tão ameaçadora que fiquei muito satisfeito por sentir o revólver no meu bolso.

“Seus espiões dos diabos!” gritou o homem. “Que fazem aí?”



“Seus espões dos diabos!” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Ora, Mr. Reuben Hayes”, respondeu Holmes, serenamente, “alguém poderia pensar que tem medo de que descubramos alguma coisa.”

O homem controlou-se com um enorme esforço, e sua boca cruel afrouxou-se num riso falso, mais ameaçador que sua carranca.

“Fiquem à vontade para procurar o que quiserem na minha forja”, disse. “Mas ouça, não gosto de gente bisbilhotando meu estabelecimento sem minha permissão. Portanto, quanto mais cedo o senhor pagar sua conta e der o fora, melhor.”

“Certo, Mr. Hayes — não quisemos ofendê-lo”, respondeu Holmes. “Estivemos dando uma olhada nos seus cavalos, mas pensando bem, vou preferir caminhar. Não é longe, acredito.”

“Pouco mais de três quilômetros até os portões do solar. A estrada está ali à esquerda.” Olhou-nos com mau humor até sairmos de sua estalagem.

Não avançamos muito pela estrada, pois Holmes parou assim que a curva nos escondeu da vista do estalajadeiro.

“Estávamos quentes como dizem as crianças, naquela estalagem”, disse.

“Agora, tenho a impressão de estar esfriando a cada passo que dou. Não, não, não posso ir embora.”

“Estou convencido”, disse eu, “que esse tal Reuben Hayes sabe tudo sobre o caso. Nunca vi um vilão mais óbvio.”

“Oh! Então ele lhe causou essa impressão? Há os cavalos, há a forja. Sim, é um lugar interessante, essa Fighting Cock. Acho que devemos dar mais uma olhada nela, de maneira discreta.”

Uma encosta longa e íngreme, pontilhada com matacões de calcário cinzento, estendia-se atrás de nós. Havíamos deixado a estrada e estávamos subindo o morro, quando, olhando na direção de Holderness Hall, avistei um ciclista aproximando-se rapidamente.

“Abaixe-se, Watson!” exclamou Holmes, batendo a mão com força em meu ombro. Mal havíamos conseguido nos esconder quando o homem passou por nós a toda na estrada. Em meio a uma nuvem de poeira, vislumbrei um rosto pálido, agitado — um rosto em que o horror se estampava em cada feição, na boca aberta, no olhar fixo, exasperado. Era como uma estranha caricatura do elegante James Wilder, que víamos na noite anterior.



“O homem passou por nós a toda na estrada.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“O secretário do duque!” exclamou Holmes. “Vamos, Watson, vamos ver o que vai fazer.”

Fomos nos arrastando de pedra em pedra, até que, em pouco tempo, chegamos a um ponto em que podíamos ver a porta da frente da estalagem. A bicicleta de Wilder estava encostada na parede ao lado dela. Ninguém se movia em volta da casa, nem podíamos entrever nenhum rosto nas janelas. Lentamente, o sol se pôs atrás das torres altas de Holderness Hall e o crepúsculo se insinuou. Então, no lusco-fusco, vimos as duas lâmpadas laterais de um coche acesas no pátio da estrebaria da estalagem e pouco depois ouvimos o estrépito dos cascos enquanto ele ganhava a estrada e partia com furiosa velocidade na direção de Chesterfield.

“Como você interpreta isso, Watson?” sussurrou Holmes.

“Parece uma fuga.”

“Um homem sozinho num *dog-cart*, pelo que pude ver. Bem, certamente não era Mr. James Wilder, pois ali está ele na porta.”

Um quadrado vermelho de luz surgira na escuridão. No meio dele via-se o vulto negro do secretário, a cabeça para a frente, esquadrinhando a noite. Era evidente que esperava alguém. Depois finalmente ouviram-se passos na estrada, uma segunda figura foi visível por um instante contra a luz, a porta se fechou e tudo ficou preto de novo. Cinco minutos mais tarde uma lâmpada foi acesa num quarto do primeiro andar.

“Essa Fighting Cock parece ter uma freguesia curiosa”, disse Holmes.

“O bar fica do outro lado.”

“Isso mesmo. Estes são o que poderíamos chamar de hóspedes privados. Agora, que diabos Mr. James Wilder está fazendo nessa espelunca a esta hora da noite, e quem é o companheiro que veio encontrá-lo ali? Venha, Watson, precisamos realmente correr um risco e tentar investigar isso um pouco mais de perto.”

Juntos, descemos furtivamente para a estrada e nos arrastamos até a porta da estalagem. A bicicleta continuava encostada na parede. Holmes acendeu um fósforo, aproximou-o da roda traseira, e eu o ouvi dar uma risadinha quando a luz bateu num pneu Dunlop remendado. A janela

iluminada estava acima de nós.



“Eu o ouvi dar uma risadinha quando a luz bateu num pneu Dunlop remendado.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Preciso dar uma espiada ali, Watson. Se você se inclinar e se apoiar contra a parede, acho que consigo.”

Um instante depois, seus pés estavam sobre os meus ombros, mas mal ele se erguera e já voltara a se abaixar.



“Um instante depois, seus pés estavam sobre os meus ombros.” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Vamos, meu amigo”, disse, “nosso dia de trabalho já foi bastante longo. Penso que apuramos tudo que podíamos. Estamos a uma boa distância da escola e quanto mais cedo partirmos, melhor.”

Ele mal abriu os lábios durante aquela exaustiva caminhada através da charneca e também não entrou na escola quando chegamos lá; foi para a estação de Makleton, de onde enviou alguns telegramas. Tarde da noite, eu o ouvi consolando o dr. Huxtable, prostrado pela tragédia da morte de seu professor; mais tarde ainda, entrou no meu quarto, tão alerta e vigoroso como ao sair naquela manhã. “Tudo vai bem, meu amigo”, disse. “Prometo que antes da noite de amanhã teremos chegado à solução do mistério.”

Às onze horas da manhã seguinte, meu amigo e eu subíamos a famosa alameda de teixos de Holderness Hall. Fomos introduzidos pelo magnífico portal elisabetano e levados ao gabinete de Sua Graça. Lá encontramos Mr. James Wilder, sério e cortês, mas com vestígios daquele terror descomedido da noite anterior ainda escondido em seus olhos furtivos e em seus traços crispados.

“Vieram ver Sua Graça? Lamento, mas o fato é que o duque não está nada bem. Ficou transtornado com a trágica notícia. Recebemos um telegrama do dr. Huxtable ontem à tarde, comunicando-nos sua descoberta.”

“Preciso ver o duque, Mr. Wilder.”

“Mas ele está em seu quarto.”

“Então preciso ir ao seu quarto.”

“Acredito que ele está na cama.”

“Eu o verei lá.”

O jeito frio e inexorável de Holmes mostrou ao secretário que seria inútil discutir com ele.

“Muito bem, Mr. Holmes. Vou dizer a ele que está aqui.”

Meia hora depois, o importante nobre apareceu. Seu rosto estava mais cadavérico que nunca, os ombros haviam descaído e ele me pareceu, em tudo e por tudo, mais velho que na manhã anterior. Cumprimentou-nos com altiva cortesia e sentou-se à sua escrivaninha, a barba ruiva caindo em ondas sobre o tampo.

“Bem, Mr. Holmes?” disse.

Mas os olhos de meu amigo estavam fixos no secretário, que se mantinha junto à cadeira do amo.

“Penso, Vossa Graça, que poderia falar com mais liberdade na ausência de Mr. Wilder.”

O homem ficou um pouco mais pálido e lançou um olhar maligno sobre Holmes.

“Se Vossa Graça deseja...”

“Sim, sim; é melhor você ir. Agora, Mr. Holmes, que tem a dizer?”

Meu amigo esperou até que a porta se fechasse atrás do secretário.

“O fato é, Vossa Graça”, disse ele, “que o dr. Huxtable assegurou ao meu colega, dr. Watson e a mim que uma recompensa havia sido oferecida neste caso. Gostaria de ter isso confirmado por seus próprios lábios.”

“Certamente, Mr. Holmes.”

“Ela correspondia, se fui corretamente informado, a cinco mil libras para quem lhe disser onde está seu filho?”

“Exatamente.”

“E a outras mil para quem lhe der o nome da pessoa ou pessoas que o mantêm prisioneiro?”

“Exatamente.”

“Sob esta última cláusula estão incluídos, sem dúvida, não só aqueles que possam ter levado o menino, como aqueles que conspiram para mantê-lo na sua atual condição, não é?”

“Estão, estão”, exclamou o duque com impaciência. “Se trabalhar direito, Mr. Sherlock Holmes, não terá motivo para se queixar de tratamento sovina.”

Meu amigo esfregou suas mãos finas, aparentando uma avidez que foi uma surpresa para mim, que conhecia seus gostos frugais.

“Tenho a impressão de que vejo o talão de cheques de Vossa Graça sobre a mesa”, disse ele. “Ficaria feliz se fizesse um cheque de seis mil libras para mim. Talvez seja melhor cruzá-lo. Meu banco é o Capital and Counties Bank, agência de Oxford.” Muito severo e empertigado na sua cadeira, Sua Graça olhou impassível para meu amigo.

“Isso é uma piada, Mr. Holmes? Este não me parece um assunto para brincadeiras.”

“Em absoluto, Vossa Graça. Nunca falei mais sério em minha vida.”

“Que quer dizer, então?”

“Quero dizer que conquistei a recompensa. Sei onde seu filho está e sei o nome de pelo menos algumas das pessoas que o mantêm cativo.”

A barba do duque tornara-se mais agressivamente vermelha que nunca contra a brancura cadavérica de sua face.

“Onde ele está?” perguntou, ofegante.

“Ele está, ou pelo menos estava a noite passada, na estalagem Fighting Cock, a pouco mais de dois quilômetros do portão de seu parque.”

O duque tombou contra o espaldar da cadeira.

“E quem o senhor acusa?”

A resposta de Sherlock Holmes foi estarrecedora. Ele deu um passo rápido à frente e tocou o duque no ombro.

“Acuso o senhor”, disse. “E agora, Vossa Graça, tenha a bondade de

fazer aquele cheque.”

Nunca esquecerei o aspecto do duque quando ele deu um salto e agarrou o ar com a mão, como alguém que está caindo num abismo. Depois, com extraordinário esforço de autocontrole aristocrático, sentou-se e enterrou o rosto nas mãos. Passaram-se alguns minutos antes que falasse.

“Quanto o senhor sabe?” perguntou por fim, sem levantar a cabeça.

“Eu os vi juntos ontem à noite.”

“Alguém sabe, além de seu amigo?”

“Não falei com ninguém.”

O duque pegou uma caneta em seus dedos trêmulos e abriu o talão de cheques.

“Cumprirei minha palavra, Mr. Holmes. Estou pronto para fazer seu cheque, por mais desagradável que a informação que obtive possa ser para mim. Quando fiz o oferecimento, não pensei que os acontecimentos poderiam tomar esse rumo. Mas o senhor e seu amigo são homens discretos?”

“Não o compreendo bem, Vossa Graça.”

“Tenho de deixar as coisas claras, Mr. Holmes. Se só os dois sabem do incidente, não há razão para que isso saia daqui. Creio que a soma que lhe devo é de doze mil libras, não é?”

Mas Holmes sorriu e sacudiu a cabeça.

“Temo, Vossa Graça, que dificilmente poderíamos arranjar as coisas assim tão facilmente. A morte desse professor precisa ser explicada.”

“Mas James nada sabia sobre isso. Não pode ser responsabilizado por isso. Essa morte foi obra daquele bandido brutal que ele teve a infelicidade de contratar.”

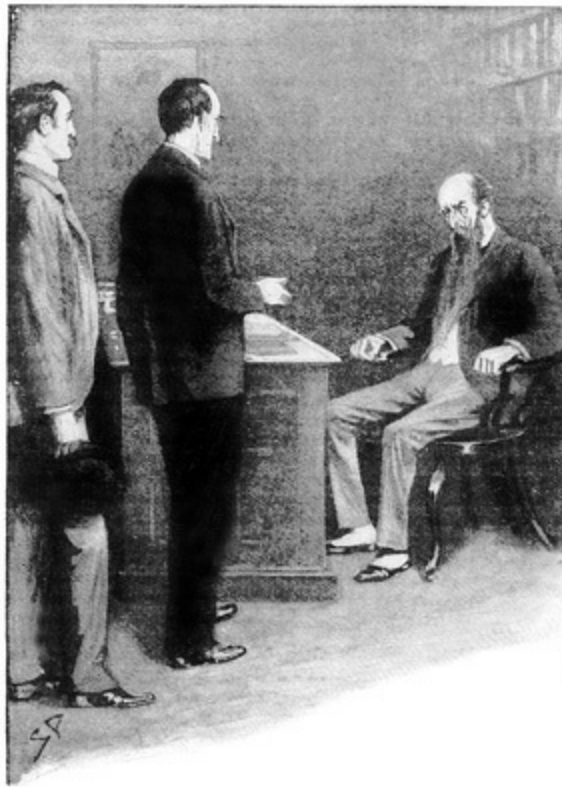
“Não posso deixar de pensar, Vossa Graça, que quando um homem se envolve num crime é moralmente culpado por qualquer outro crime que possa decorrer dele.”

“Moralmente, Mr. Holmes. Sem dúvida tem razão. Mas com certeza não aos olhos da lei. Um homem não pode ser condenado por um assassinato a que não esteve presente, e que lhe repugna tanto quanto ao senhor. Assim que ouviu falar disso, fez uma confissão completa para mim, tais eram seu horror e remorso. Em menos de uma hora rompeu inteiramente com o assassino. Oh,

Mr. Holmes, precisa salvá-lo!” O duque, que abandonara a última tentativa de se controlar, andava de um lado para outro na sala com um semblante convulsionado, sacudindo os punhos no ar. Por fim conteve-se e sentou mais uma vez à sua escrivaninha. “Sou-lhe grato por sua conduta, vindo aqui antes de falar com qualquer outra pessoa”, disse. “Pelo menos podemos discutir até que ponto é possível minimizar esse escândalo hediondo.”

“Exatamente”, disse Holmes. “Penso, Vossa Graça, que isso só será possível mediante absoluta franqueza entre nós. Estou disposto a fazer o possível para ajudá-lo; para isso, porém, preciso compreender até o último detalhe em que pé a situação está. Percebo que suas palavras se referiam a Mr. James Wilder, e que ele não é o assassino.”

“Não; o assassino escapou.”



“O assassino escapou.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Sherlock Holmes abriu um sorriso modesto.

“Provavelmente Vossa Graça nunca ouviu falar da pequena reputação que possuo, ou não imaginaria que é tão fácil escapar de mim. Graças a uma

informação que dei, Mr. Reuben Hayes foi preso ontem em Chesterfield, às onze horas da noite. Recebi um telegrama do chefe da polícia local antes de deixar a escola esta manhã.”

O duque apoiou-se no espaldar da cadeira e olhou espantado para meu amigo.

“O senhor parece ter poderes quase sobrenaturais”, disse. “Então Reuben Hayes foi pego? Fico muito satisfeito em sabê-lo, se isso não afetar o destino de James.”

“Seu secretário?”

“Não, senhor; meu filho.”

Foi a vez de Holmes parecer assombrado.

“Confesso que isso é completa novidade para mim, Vossa Graça. Devo lhe pedir para ser mais explícito.”

“Não lhe esconderei nada. Concordo com o senhor que a franqueza absoluta, por mais penosa que possa ser para mim, é a melhor política nesta situação desesperada a que a insensatez e o ciúme de James nos conduziram. Quando eu era muito jovem, Mr. Holmes, amei com aquele amor que só acontece uma vez na vida. Pedi a dama em casamento, mas ela recusou alegando que tal união poderia prejudicar minha carreira. Se ela tivesse vivido, eu certamente não teria me casado com mais ninguém. Ela morreu, deixando esse único filho, e, por amor a ela, afeiçoei-me à criança e a tomei sob meus cuidados. Não podia assumir a paternidade perante o mundo, mas dei ao menino a melhor educação, e desde que se tornou adulto o mantive perto de mim. Ele descobriu meu segredo e a partir desse momento abusou das prerrogativas que julga ter e de seu poder de provocar um escândalo que me seria odioso. Sua presença tem alguma coisa a ver com o infeliz desfecho de meu casamento. Acima de tudo, ele odiou meu legítimo herdeiro desde sempre, com um ódio persistente. Sem dúvida pode me perguntar por que, nessas circunstâncias, ainda mantinha James sob o meu teto. Respondo que era porque podia ver o rosto de sua mãe no dele, e o sofrimento que a falta dela me causava não tinha fim. Todas as lindas maneiras dela, também — não havia uma só delas que ele não soubesse sugerir e trazer de volta à minha memória. Eu não *podia* mandá-lo embora. Mas temia tanto que ele pudesse fazer algum mal a Arthur — isto é, Lord Saltire — que, para a segurança do

menino, enviei-o para a escola do dr. Huxtable.

“James entrou em contato com esse tal Hayes, porque o homem era meu arrendatário e ele atuava como meu agente. O sujeito foi um patife desde o início; mas, incrivelmente, James tornou-se íntimo dele. Sempre gostou de companhias sórdidas. Quando James decidiu sequestrar Lord Saltire, foi aos serviços desse homem que recorreu. O senhor se lembra que escrevi para Arthur no último dia. Bem, James abriu a carta e inseriu um bilhete pedindo ao menino que fosse se encontrar com ele num pequeno bosque chamado Ragged Shaw, próximo da escola. Usou o nome da duquesa e assim conseguiu induzir o menino a ir. Naquela noite James foi de bicicleta até o bosque — estou lhe contando o que ele mesmo me confessou —, ali encontrou Arthur e lhe contou que sua mãe estava aflita por vê-lo, que estava à espera dele na charneca, e que se ele voltasse ao bosque à meia-noite encontraria um homem com um cavalo que o levaria até ela. O pobre Arthur caiu na armadilha. Foi ao encontro marcado e encontrou o tal Hayes puxando um pônei. Arthur montou e partiram juntos. Parece — embora James só tenha sabido disso ontem — que foram perseguidos, que Hayes golpeou o perseguidor com sua bengala e que o homem morreu dos ferimentos sofridos. Hayes levou Arthur para sua estalagem, a Fighting Cock, e o confinou num quarto do andar de cima, sob os cuidados de Mrs. Hayes, uma mulher bondosa, mas inteiramente dominada pelo marido brutal.

“Bem, Mr. Holmes, essa era a situação quando nos vimos dois dias atrás. Eu ignorava a verdade tanto quanto o senhor. Vai me perguntar que motivo James teve para praticar semelhante ato. Respondo que havia muito de irracional e fanático no ódio que ele alimentava por meu herdeiro. A seu ver, ele é que deveria ser o herdeiro de todas as minhas propriedades, e as leis sociais que impediam isso o indignavam. Ao mesmo tempo, ele tinha também um motivo definido. Desejava ardentemente que eu rompesse o morgadio, e julgava que isso estava em meu poder. Pretendia fazer um acordo comigo — devolver Arthur se eu aceitasse romper o morgadio, tornando possível que as propriedades lhe fossem deixadas por testamento. Sabia muito bem que eu nunca pediria de bom grado a ajuda da polícia contra ele. Digo que ele me proporia esse acordo; mas não o fez realmente, porque os acontecimentos se desdobraram depressa demais para ele e não teve tempo de pôr seus planos em prática.”

“O que arruinou todo o seu projeto foi a descoberta, pelo senhor, do cadáver desse Heidegger. James ficou horrorizado com a notícia. Ela nos chegou ontem, quando estávamos juntos no gabinete. O dr. Huxtable mandou um telegrama. James ficou tão dominado pelo remorso e o nervosismo que minhas desconfianças, que nunca haviam estado inteiramente ausentes, transformaram-se instantaneamente numa certeza, e acusei-o pelo acontecido. Voluntariamente, ele fez uma confissão completa. Depois implorou-me que guardasse seu segredo por mais três dias, para dar a seu miserável cúmplice uma chance de salvar a pele. Cedi — como sempre — às suas súplicas, e no mesmo instante James correu à Fighting Cock para avisar Hayes e lhe dar meios para fugir. Eu não podia ir lá durante o dia sem provocar comentários, mas assim que a noite caiu apressei-me em ir ver meu querido Arthur. Encontrei-o são e salvo, mas indescritivelmente horrorizado com o pavoroso ato que testemunhara. Para cumprir minha promessa, e muito contra minha vontade, consenti em deixá-lo lá durante três dias, aos cuidados de Mrs. Hayes, já que evidentemente era impossível avisar à polícia onde ele estava sem dizer quem era o assassino, e eu não via como o assassino poderia ser punido sem a ruína de meu infeliz James. Pediu franqueza, Mr. Holmes, e foi o que lhe dei, pois agora já lhe contei tudo, sem uma só tentativa de rodeio ou ocultação. É sua vez de ser igualmente franco comigo.”

“Serei”, disse Holmes. “Em primeiro lugar, Vossa Graça, devo lhe dizer que se pôs numa posição extremamente grave aos olhos da lei. Tolerou um crime e ajudou um criminoso a fugir; pois não posso duvidar de que qualquer dinheiro que tenha sido levado por James Wilder para ajudar o cúmplice em sua fuga saiu da bolsa de Vossa Graça.”

O duque fez um gesto de assentimento.

“Essa é uma questão realmente muito grave. Ainda mais culpável, em minha opinião, Vossa Graça, é sua atitude para com seu filho caçula. O senhor o deixa naquele antro durante três dias.”

“Sob promessas solenes...”

“Que são promessas para gente dessa laia? Não tem nenhuma garantia de que ele não será raptado novamente. Para satisfazer seu filho mais velho, culpado, expôs seu filho mais novo, inocente, a um perigo iminente e desnecessário. Foi uma ação inteiramente injustificável.”

O orgulhoso senhor de Holderness não estava acostumado a ser

avaliado assim em seu próprio castelo ducal. O sangue afluiu à sua testa alta, mas sua consciência o manteve calado.

“Vou ajudá-lo, mas apenas sob uma condição. É que toque a campainha para chamar o lacaio e permita-me lhe dar as ordens que eu quiser.”

Sem uma palavra, o duque apertou a campainha elétrica. Um criado entrou.

“Você ficará feliz em saber”, disse Holmes, “que seu jovem amo foi encontrado. É desejo do duque que a carruagem seja enviada imediatamente à estalagem Fighting Cock para trazer Lord Saltire para casa.”

“Agora”, disse Holmes, quando o exultante lacaio havia desaparecido, “tendo assegurado o futuro, podemos nos permitir ser mais indulgentes em relação ao passado. Não estou aqui em caráter oficial e não há razão alguma, contanto que a justiça possa ser feita, para que eu deva revelar tudo que sei. Quanto a Hayes, não digo nada. A força o espera, e eu não faria nada para livrá-lo dela. Não sei o que ele poderá divulgar, mas não tenho dúvida de que Vossa Graça poderia fazê-lo compreender que é do interesse dele manter silêncio. Do ponto de vista da polícia, ele terá sequestrado o menino com o objetivo de cobrar um resgate. Se eles não descobrirem a verdade por si mesmos, não vejo por que eu deveria incitá-los a adotar um ponto de vista mais amplo. Eu o advertiria contudo, Vossa Graça, de que a permanência de Mr. James Wilder em sua casa só poderá resultar em adversidade.”

“Compreendo isso, Mr. Holmes, e já está decidido que ele deverá me deixar para sempre e ir tentar a sorte na Austrália.”

“Nesse caso, já que Vossa Graça mesma declarou que toda infelicidade em sua vida conjugal foi causada pela presença dele, eu lhe sugeriria que se desculpe como for possível junto à duquesa e tente reatar as relações que foram tão lamentavelmente rompidas.”

“Já tratei disso também, Mr. Holmes. Escrevi à duquesa esta manhã.”

“Nesse caso”, disse Holmes, levantando-se, “penso que meu amigo e eu podemos nos congratular por vários resultados, extremamente felizes, de nossa pequena visita ao Norte. Há apenas mais um pequeno detalhe sobre o qual desejo um esclarecimento. Esse tal Hayes ferrou seus cavalos com ferraduras que imitam cascos de vaca. Teria sido com Mr. Wilder que aprendeu estratagema tão extraordinário?”

O duque refletiu por um momento, com uma expressão de intensa surpresa no rosto. Depois abriu uma porta e nos introduziu numa sala ampla, mobiliada como um museu. Conduziu-nos a um mostruário de vidro num canto e apontou para a inscrição.

“Estas ferraduras”, dizia ela, “foram encontradas no fosso de Holderness Hall. Destinam-se a cavalos, mas têm na face inferior um casco bipartido de ferro, de modo a despistar perseguidores. Supõe-se que pertenceram a algum dos barões de Holderness flibusteiros da Idade Média.”

Holmes abriu o mostruário e, umedecendo o dedo, passou-o pela ferradura. Uma fina película de barro recente aderiu à sua pele.

“Muito obrigado”, disse, repondo o vidro. “É o segundo objeto mais interessante que vi no Norte.”

“E o primeiro?”

Holmes dobrou seu cheque e guardou-o cuidadosamente na sua caderneta. “Sou um homem pobre”, disse e, dando-lhe um tapinha afetuoso, enfiou-a no fundo bolso interno.

VI. BLACK PETER

NUNCA VI MEU AMIGO mais em forma, tanto mental quanto fisicamente, que no ano de 1895. A fama crescente lhe proporcionara uma imensa clientela, e eu seria culpado de indiscrição se sequer sugerisse a identidade de alguns dos ilustres clientes que cruzaram nossa humilde soleira em Baker Street. Holmes, no entanto, como todo grande artista, vivia pela sua arte e, exceto no caso do duque de Holderness, raras vezes o vi pleitear uma grande recompensa por seus inestimáveis serviços. Era tão desprendido — ou tão extravagante — que muitas vezes se recusava a ajudar os poderosos e os ricos quando o problema não despertava sua comiseração, enquanto dedicava semanas da mais intensa aplicação aos assuntos de um cliente humilde cujo caso apresentava aquelas qualidades estranhas e dramáticas que lhe atraíam a imaginação e desafiavam a engenhosidade.

Nesse memorável ano de 1895, sua atenção fora ocupada por uma curiosa e disparatada sucessão de casos. Estes foram desde a famosa investigação da morte repentina do cardeal Tosca — inquirição que foi conduzida por ele por desejo expresso de Sua Santidade o papa — até a detenção por ele efetuada de Wilson, o famigerado treinador de canários, eliminando um foco de infecção do East End de Londres. Logo após esses dois casos famosos vieram a tragédia de Woodman's Lee e as circunstâncias muito obscuras que envolveram a morte do capitão Peter Carey. Nenhum registro dos feitos de Mr. Sherlock Holmes seria completo se não incluísse um relato desse caso tão inusitado.

Durante a primeira semana de julho meu amigo ausentara-se tantas vezes e por tanto tempo de nossos aposentos que só podia estar envolvido em alguma coisa. O fato de vários homens de aspecto rude terem aparecido na nossa porta durante esse período, perguntando pelo capitão Basil, me fez compreender que Holmes trabalhava em algum lugar sob um dos muitos disfarces e nomes com que ocultava sua renomada identidade. Ele tinha pelo

menos cinco pequenos refúgios, em diferentes partes de Londres, onde possuía condições de mudar de personalidade. Não me disse nada sobre sua atividade e eu não tinha o hábito de forçar confidências. O primeiro sinal positivo que me deu da direção que sua investigação estava assumindo foi extraordinário. Ele saíra antes do desjejum, e eu me sentara para tomar o meu quando ele entrou na sala, chapéu na cabeça e um enorme e pontiagudo arpão enfiado debaixo do braço, como um guarda-chuva.

“Pelo amor de Deus, Holmes!” exclamei. “Não me diga que esteve andando por Londres com essa coisa!”



“‘Pelo amor de Deus, Holmes!’ exclamei. ‘Não me diga que esteve andando por Londres com essa coisa!’” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Fui ao açougue e voltei.”

“Ao açougue?”

“E volto com excelente apetite. Não pode haver dúvida, meu caro Watson, quanto ao valor do exercício antes do desjejum. Mas aposto que você não consegue adivinhar que forma meu exercício tomou.”

“Nem tentarei.”

Ele deu uma risadinha e serviu-se de café.

“Se tivesse espiado os fundos do açougue de Allardyce, teria visto um porco morto pendurado num gancho preso ao teto e um cavalheiro em mangas de camisa dando-lhe violentas estocadas com este arpão. Essa vigorosa pessoa era eu, e convenci-me de que, por mais energia que aplicasse, não era capaz de trespassar o porco com um único golpe. Quem sabe você gostaria de tentar?”

“Por nada neste mundo. Mas por que você fazia isso?”

“Porque isso me parecia ter uma relação indireta com o mistério de Woodman’s Lee. Ah, Hopkins, recebi seu telegrama ontem à noite e o esperava. Aproxime-se e junte-se a nós.”

Nosso visitante era um homem extremamente alerta, de uns trinta anos; vestia um sóbrio terno de *tweed*, mas conservava a postura ereta de alguém acostumado a usar farda. Reconheci-o imediatamente como Stanley Hopkins, um jovem inspetor de polícia que aos olhos de Holmes tinha um futuro muito promissor e que, por sua vez, professava admiração e respeito de um discípulo pelos métodos científicos do famoso detetive amador. Hopkins sentou-se, com a fisionomia anuviada e uma expressão de profundo desalento.

“Não, obrigado, senhor. Tomei meu desjejum antes de vir. Passei a noite em Londres porque vim ontem apresentar meu relatório.”

“E que teve para relatar?”

“Fracasso, senhor — fracasso absoluto.”

“Não fez nenhum progresso?”

“Nenhum.”

“Meu Deus! Preciso dar uma olhada no assunto.”

“É o que mais desejo, Mr. Holmes. Esta é a minha primeira grande chance, e não sei para onde me virar. Pelo amor de Deus, vá até lá e dê-me uma ajuda.”

“Bem, bem, por acaso já li todos os depoimentos disponíveis, inclusive o relatório do inquérito, com algum cuidado. Por falar nisso, que explicação você dá para aquela tabaqueira encontrada na cena do crime? Não há uma

pista ali?”

Hopkins pareceu surpreso.

“Era a tabaqueira do próprio homem. Dentro dela havia as iniciais dele. E era de couro de foca — ele é um velho caçador de focas.”

“Mas não tinha nenhum cachimbo.”

“Não, senhor, não conseguimos encontrar nenhum cachimbo; na verdade ele fumava muito pouco; mesmo assim, podia ter algum fumo para os amigos.”

“Sem dúvida. Só menciono esse detalhe porque se eu estivesse tratando do caso tenderia a fazer dele o ponto de partida de minha investigação. No entanto, meu amigo, o dr. Watson não sabe nada do assunto e não me faria mal nenhum ouvir a sequência dos fatos mais uma vez. Faça-nos um breve apanhado dos pontos fundamentais.”

Stanley Hopkins tirou um papel do bolso.

“Tenho aqui algumas datas da carreira do morto, o capitão Peter Carey. Nasceu em 1845 — cinquenta anos de idade. Foi um pescador de focas e baleias extremamente intrépido e bem-sucedido. Em 1883 comandou o barco pesqueiro a vapor *Sea Unicorn*, de Dundee. Fez então uma série de várias viagens bem-sucedidas e no ano seguinte, 1884, aposentou-se. Depois disso viajou durante alguns anos e finalmente comprou uma pequena propriedade chamada Woodman’s Lee, perto de Forest Row, em Sussex. Ali viveu durante seis anos e ali morreu há exatamente uma semana.

“Há alguns pontos extremamente singulares com relação ao homem. No geral era um puritano rigoroso — um sujeito silencioso, melancólico. Morava com a mulher, a filha de vinte anos e duas criadas. Estas nunca eram as mesmas por muito tempo, pois o emprego não era muito alegre e às vezes tornava-se insuportável. O homem era um alcoólatra intermitente, e quando estava de veia era um perfeito demônio. Consta que pôs a mulher e a filha porta afora no meio da noite e as chicoteou através do parque até que a aldeia inteira do lado de fora dos portões foi despertada pelos gritos delas.

“Foi intimado certa vez por uma agressão brutal ao velho vigário, que estivera em sua casa para repreendê-lo por sua conduta. Em suma, Mr. Holmes, teria dificuldade em encontrar um homem mais perigoso que Peter Carey, e ouvi dizer que se mostrava igualmente irascível quando comandava

seu navio. Era conhecido no ramo da pesca como Black Peter, e o apelido lhe foi dado não só por causa de seu semblante moreno e a cor de sua enorme barba, mas pelo mau gênio que era o terror de todos à sua volta. Não preciso dizer que era detestado e evitado por todos em suas vizinhanças e que não ouvi uma palavra de pesar por seu terrível fim.

“Deve ter lido no relatório do inquérito sobre a cabine do homem, Mr. Holmes, mas talvez seu amigo não tenha ouvido falar dela. Ele tinha construído para si uma casinhola de madeira — sempre a chamava de cabine — a poucas centenas de metros da sua casa, e era ali que dormia todas as noites. Era uma cabaninha, de um só cômodo, de cinco metros por três. Ele mantinha a chave no bolso, fazia a própria cama, limpava-a ele mesmo e não permitia que nenhum outro pé transpusesse a soleira. Há janelinhas dos dois lados, cobertas por cortinas e nunca abertas. Uma dessas janelas dava para a estrada e quando havia uma luz acesa ali à noite as pessoas costumavam mostrá-la umas para as outras e se perguntar o que Black Peter estaria fazendo lá. Foi essa janela, Mr. Holmes, que nos deu um dos poucos indícios efetivos que apareceram no inquérito.

“Como deve se lembrar, um pedreiro chamado Slater, que vinha caminhando de Forest Row por volta de uma hora da manhã — dois dias antes do assassinato — parou ao passar por ali e olhou para o quadrado de luz que ainda brilhava entre as árvores. Ele jura que a sombra da cabeça de um homem de perfil era claramente visível na cortina, e que essa sombra com certeza não era de Peter Carey, a quem ele conhecia bem. Era de um homem barbado, mas a barba era curta e eriçava-se para a frente de uma maneira muito diferente da do capitão. Isso é o que ele diz, mas havia passado duas horas na taberna e há alguma distância entre a estrada e a janela. Além do mais, isso teria ocorrido na segunda-feira e o crime foi cometido na quarta.

“Na terça-feira, Peter Carey estava num de seus piores dias, corado de tanto beber e selvagem como uma fera. Perambulou em volta da casa e as mulheres se abrigaram lá dentro quando ouviram que se aproximava. Tarde da noite ele se recolheu em sua cabana. Por volta das duas horas da madrugada, sua filha, que dormia com a janela aberta, ouviu um grito terrível daquela direção, mas como não era raro que ele berrasse quando bêbado, não deu muita atenção ao fato. Ao se levantar, às sete da manhã, uma das criadas percebeu que a porta da cabana estava aberta, mas o terror que o homem

infundia era tal que só depois do meio-dia alguém se aventurou a ir ver o que fora feito dele. Espiando pela porta aberta, tiveram uma visão que as fez sair correndo, lívidas, até a aldeia. Menos de uma hora depois eu estava no local e assumira o caso.

“Bem, como sabe, Mr. Holmes, sou um homem de nervos fortes, mas palavra que estremeci quando enfiei a cabeça naquela casinha. Ela zumbia como um harmônio, cheia de moscas e varejeiras, e o piso e as paredes pareciam um matadouro. Ele chamava aquilo de cabine, e era mesmo uma cabine, pois tinha-se a impressão de estar num navio. Havia um beliche num canto, um baú, mapas e cartas marítimas, uma fotografia do *Sea Unicorn* e uma fila de diários de bordo numa prateleira, tudo exatamente como se esperaria encontrar no camarote de um capitão. E no meio de tudo isso lá estava o homem — a face contorcida como uma alma penada e sua vasta barba malhada apontando para cima em sua agonia. Um arpão de aço fora enfiado através do seu peito largo e se fincara profundamente na madeira da parede atrás dele. Ele estava espetado como um besouro num cartão. Estava morto, é claro, e assim estava desde o instante em que lançara seu último grito de agonia.



“Estremeci quando enfiei a cabeça naquela casinha.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]



“Ele estava espetado como um besouro num cartão.” [G.A. Dowling, *Portland Oregonian*, 30 de julho de 1911]

“Conheço os seus métodos, senhor, e apliquei-os. Antes de permitir que se tirasse qualquer coisa do lugar, examinei com extremo cuidado o terreno do lado de fora e também o piso do quarto. Não havia pegadas.”

“Está querendo dizer que não viu nenhuma?”

“Eu lhe asseguro, senhor, que não havia nenhuma.”

“Meu bom Hopkins, já investiguei muitos crimes, mas nunca vi um que tivesse sido cometido por criaturas voadoras. Contanto que o criminoso se sustente sobre duas pernas, haverá por força algum entalhe, alguma abrasão, algum deslocamento insignificante que pode ser detectado pelo investigador científico. É inacreditável que esse quarto todo borrifado de sangue não contivesse nenhum vestígio que teria podido nos ajudar. Mas creio, a partir do inquérito, que houve alguns objetos que o senhor deixou de ignorar, não é?”

Os comentários irônicos de meu companheiro fizeram o jovem inspetor estremecer.

“Fui um idiota não o chamando na mesma hora, Mr. Holmes. Mas isso é leite derramado. Sim, havia vários objetos no quarto que me chamaram especialmente a atenção. Um era o arpão com que o ato fora cometido. Ele havia sido arrancado de um suporte na parede. Dois outros ficaram lá e havia um lugar vazio para o terceiro. No cabo estava gravado ‘SS. *Sea Unicorn*, Dundee’. Isso parecia deixar claro que o crime fora cometido num momento de fúria, e que o assassino lançara mão da primeira arma que avistou. O fato de Peter Carey estar inteiramente vestido, embora o crime tenha sido cometido às duas da manhã, sugeria que ele tinha um encontro marcado com o assassino, o que é corroborado pela presença de uma garrafa de rum e dois copos sujos na mesa.”

“Sim”, disse Holmes; “parece-me que ambas as inferências são cabíveis. Havia alguma outra bebida além de rum no quarto?”

“Sim, havia um *spirit-case* com conhaque e uísque no baú. Mas isso não tem importância para nós, porque os *decanter*s estavam cheios e portanto não tinham sido usados.”

“Apesar disso, a presença deles tem alguma significação”, disse Holmes.

“Mas vamos ouvir mais sobre os objetos que lhe parecem ter relação com o caso.”

“Havia a tal tabaqueira em cima da mesa.”

“Que parte da mesa?”

“Estava no meio. Era de couro de foca grosseiro — couro de cerdas eriçadas, com uma tira de couro para amarrar. Dentro, via-se ‘P.C.’ na aba. Continha meia onça de tabaco forte de bordo.”

“Excelente! Que mais?”

Stanley Hopkins tirou do bolso um caderno encapado com uma lã grossa. O exterior estava áspero e gasto, as folhas desbotadas. Na primeira página viam-se as iniciais “J.H.N.” e a data “1883”. Holmes pousou-o na mesa e examinou-o à sua maneira minuciosa, enquanto Hopkins e eu olhávamos atentos, cada um sobre um de seus ombros. Na segunda página estavam escritas as letras “C.P.R.” e seguiam-se várias folhas cobertas de números. Um outro cabeçalho era “Argentina”, outro “Costa Rica” e ainda outro “San Paulo”, cada um deles seguido por páginas de sinais e números.



“Holmes examinou-o à sua maneira minuciosa.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Como entende isto?” perguntou Holmes.

“Parecem ser listas de certificados de ações. Pareceu-me que ‘J.H.N’ eram as iniciais de um corretor e que ‘C.P.R.’ talvez fosse seu cliente.”

“Tente Canadian Pacific Railway”, disse Holmes.

Stanley Hopkins praguejou entre os dentes e deu um soco na coxa.

“Que idiota eu fui!” exclamou. “Claro que é como diz. ‘J.H.N’ são portanto as únicas iniciais que temos de decifrar. Já examinei listas antigas da Bolsa, e não consigo encontrar ninguém em 1883, seja na Casa ou entre os corretores externos, cujas iniciais correspondam a estas. Mas sinto que é a pista mais importante que tenho. Vai admitir, Mr. Holmes, que há uma possibilidade de que estas iniciais sejam as da segunda pessoa presente — em outras palavras, do assassino. Ressalto também que a introdução no caso de um documento que relaciona grandes quantidades de certificados valiosos nos dá pela primeira vez alguma indicação de um motivo para o crime.”

Pela fisionomia de Sherlock Holmes, via-se que ele estava pasmo com esse novo desdobramento.

“Devo admitir suas duas ideias”, disse. “Admito que o caderno, que não apareceu no inquérito, modifica todas as opiniões que eu poderia ter formado. Eu havia chegado a uma teoria do crime em que não posso encontrar lugar para isto. Tentou encontrar alguma das ações mencionadas?”

“Investigações estão sendo feitas agora nos escritórios, mas temo que o registro completo dos acionistas dessas empresas sul-americanas esteja na América do Sul, e que só dentro de algumas semanas possamos localizar as ações.” Holmes estivera examinando a capa do caderno com sua lente de aumento.

“Certamente há alguma descoloração aqui”, disse.

“Sim, senhor, é uma mancha de sangue. Disse-lhe que apanhei o caderno no chão.”

“A mancha de sangue estava em cima ou embaixo?”

“No lado virado para o chão.”

“O que prova, é claro, que o caderno caiu depois que o crime foi cometido.”

“Exatamente, Mr. Holmes. Considerei esse ponto e conjecturei que o

assassino o deixou cair em sua fuga apressada. Estava perto da porta.”

“Suponho que nenhuma das ações foi encontrada entre os pertences do morto?”

“Não, senhor.”

“Tem algum motivo para suspeitar de roubo?”

“Não, senhor. Nada parece ter sido tocado.”

“Meu Deus, este é sem dúvida um caso muito interessante. Além disso havia uma faca, não é?”

“Uma faca ainda dentro da bacia. Estava ao pé do morto. Mrs. Carey identificou-a como pertencente ao marido.”

Holmes passou algum tempo perdido em pensamentos.

“Bem”, disse por fim. “Suponho que tenho de ir dar uma olhada nisso.”

Stanley Hopkins deu um grito de alegria.

“Muito obrigado, senhor. Isso será realmente um alívio para mim.”

Dedo em riste, Holmes disse ao inspetor:

“Teria sido um trabalho mais fácil uma semana atrás. Mas, mesmo agora, minha visita talvez não seja inteiramente infrutífera. Watson, se puder dispor desse tempo, gostaria muito de ter a sua companhia. Se chamar um *four-wheeler*, Hopkins, estaremos prontos para partir para Forest Row dentro de um quarto de hora.”



Após descer do trem na pequena estação à beira da estrada, rodamos por alguns quilômetros através de restos esparsos de matas, outrora parte da grande floresta que por tanto tempo deteve os invasores saxões — o impenetrável “*weald*”,* por sessenta anos o bastião da Bretanha. Vastas seções dela foram desmatadas, pois ali se localizaram as primeiras oficinas metalúrgicas do país e as árvores foram derrubadas para fundir o minério. Agora os campos mais ricos do Norte haviam absorvido essa indústria, e nada, exceto aqueles bosques devastados e grandes cicatrizes na terra, mostrava o trabalho do passado. Ali, numa clareira aberta na encosta verde de um morro, erguia-se uma casa de pedra comprida e baixa, a que se chegava por um caminho que serpeava entre os campos. Mais perto da estrada, com

três de seus lados cercados por arbustos, via-se uma cabana, com uma janela e a porta dando para nossa direção. Era o cenário do assassinato.

Stanley Hopkins guiou-nos primeiro para a casa, onde nos apresentou a uma mulher grisalha, muito abatida, a viúva do homem assassinado, cujo rosto desolado, marcado por rugas cavadas, com um olhar furtivo de terror no fundo dos olhos vermelhos, falava dos anos de sofrimento e maus-tratos que suportara. Com ela estava a filha, uma moça pálida, de cabelo claro, cujos olhos brilhavam desafiadoramente quando nos confessou que estava feliz com a morte do pai e que abençoava a mão que o matara. Era terrível aquele lar que Black Peter Carey formara para si, e foi com alívio que nos vimos de novo à luz do sol, seguindo uma trilha traçada através dos campos pelos pés do morto.

A cabana era a mais simples das moradas, com paredes de madeira, telhas finas também de madeira, uma janela ao lado da porta e uma na outra extremidade. Stanley Hopkins tirou a chave do bolso e, já curvado sobre a fechadura, parou com uma expressão de alerta e surpresa no rosto.

“Alguém andou tentando forçá-la”, disse. O fato era indubitável. A madeira fora cortada, e riscas brancas apareciam através da pintura, como se tivessem acabado de ser feitas. Holmes estivera examinando a janela.



“Alguém andou tentando forçá-la”, disse.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Alguém tentou forçar esta janela também. Fosse quem fosse, não conseguiu entrar. Devia ser um ladrão muito inapto.”

“É extraordinário!” disse o inspetor. “Eu poderia jurar que essas marcas não estavam aqui ontem à noite.”

“Algum curioso da aldeia, talvez”, sugeri.

“É muito improvável. Poucos deles ousariam pôr o pé nesta propriedade, que dirá tentar arrombar a cabine. Que pensa disso, Mr. Holmes?”

“Penso que a sorte está nos sorrindo.”

“Então acha que a pessoa virá de novo?”

“É muito provável. O homem veio esperando encontrar a porta aberta. Tentou arrombá-la com a lâmina de um canivete muito pequeno. Não conseguiu. Que deverá fazer?”

“Voltar na próxima noite com uma ferramenta mais eficiente.”

“É o que eu diria. Seria uma falha de nossa parte não estarmos aqui para recebê-lo. Por ora, vejamos o interior da cabine.”

Os vestígios da tragédia haviam sido removidos, mas os móveis do quartinho continuavam como na noite do crime. Durante duas horas, com a mais intensa concentração, Holmes examinou objeto por objeto, mas seu rosto mostrava que a busca não estava sendo bem-sucedida. Só uma vez ele interrompeu sua paciente investigação.

“Tirou alguma coisa desta prateleira, Hopkins?”

“Não, não mexi em nada.”

“Alguma coisa foi retirada. Há menos poeira neste canto da prateleira que nos outros lugares. Talvez houvesse um livro deitado deste lado. Podia ser uma caixa. Bem, bem, não posso fazer mais nada. Vamos caminhar por esta bela mata, Watson, e dedicar algumas horas às aves e às flores. Mais tarde nos encontraremos com você aqui, Hopkins, e tentaremos conhecer mais de perto o cavalheiro que fez essa visita noturna.”

Passava das onze horas quando armamos nossa pequena emboscada. Hopkins queria que deixássemos a porta da cabana aberta, mas Holmes opinou que isso despertaria desconfianças no estranho. A fechadura era das mais simples, e bastava uma lâmina forte para empurrar a lingueta para trás. Holmes sugeriu também que esperássemos não dentro da cabana, mas fora, entre os arbustos que cresciam perto da janela mais afastada. Desse modo, poderíamos observar nosso homem se ele acendesse uma luz, e ver o que pretendia nessa furtiva visita noturna.

Foi uma longa e melancólica vigília, mas teve algo parecido com a emoção que se apodera do caçador quando espera junto ao poço a chegada do animal sedento. Que criatura selvagem era essa que poderia se aproximar despercebidamente de nós na escuridão? Seria um tigre feroz do crime, que só se poderia abater enfrentando caninos e garras cintilantes, ou revelaria ser um esquivo chacal, perigoso apenas para os fracos e descuidados?

Em absoluto silêncio, agachamo-nos entre os arbustos, esperando pelo que pudesse vir. De início os passos de alguns aldeões atrasados, ou o som de vozes na aldeia, suavizaram nossa vigília, mas, uma a uma, essas interrupções foram desaparecendo e uma quietude absoluta caiu sobre nós, exceto pelo carrilhão da igreja distante, que nos informava do avanço da noite, e pelo sussurro de uma chuva fina que caía sobre a folhagem que nos abrigava.

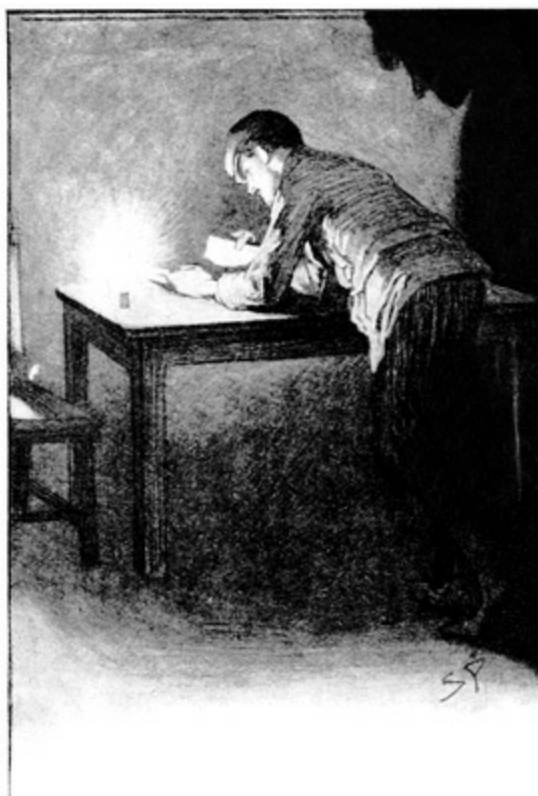
Já haviam soado as duas e meia, a hora mais escura que precede o

alvorecer, quando todos tivemos um sobressalto ao ouvir um estalo baixo mas nítido vindo da direção do portão. Alguém subia a trilha. Mais uma vez fez-se um longo silêncio, e eu começava a temer que fosse um alarme falso quando ouvimos um passo furtivo do outro lado da cabana e, um instante depois, um arranhar e um tinido metálicos. O homem estava tentando forçar a fechadura! Dessa vez sua habilidade foi maior, ou sua ferramenta era melhor, pois ouvimos um súbito estalo e o rangido das dobradiças. Em seguida um fósforo foi aceso e no instante seguinte a luz firme de uma vela encheu o interior da cabana. Através da cortina de gaze, nossos olhos estavam fixos na cena lá dentro.

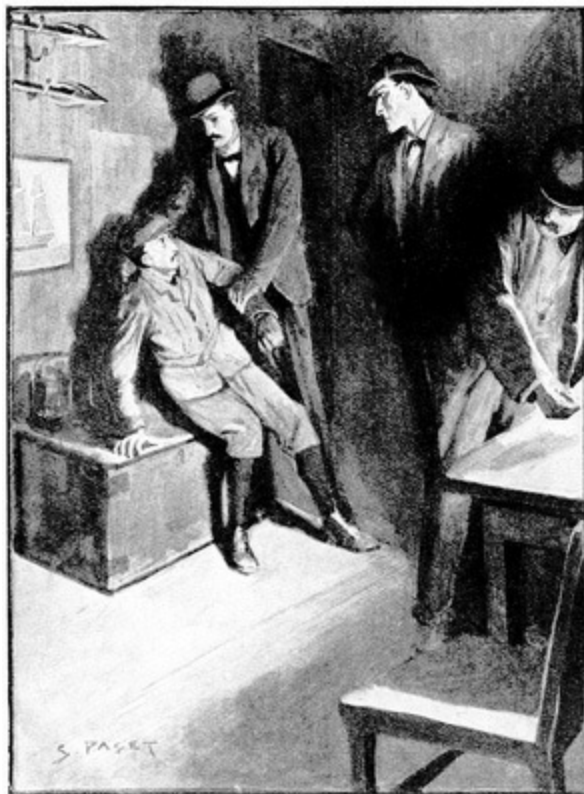
O visitante noturno era um jovem frágil e magro, com um bigode preto que intensificava a palidez mortal de seu rosto. Talvez não tivesse muito mais que vinte anos. Nunca vi um ser humano que parecesse tão pateticamente apavorado — seus dentes batiam visivelmente e todos os seus membros tremiam. Vestia-se como um cavalheiro, com um casaco Norfolk, calções presos à altura dos joelhos e um boné de pano na cabeça. Nós o observamos olhar à sua volta, com expressão assustada. Depois ele pousou o toco de vela na mesa e desapareceu de nossa vista em um dos cantos. Voltou com um livro volumoso, um dos diários de bordo alinhados sobre as prateleiras. Debruçado sobre a mesa, virou rapidamente as folhas desse volume até chegar ao apontamento que procurava. Depois, fazendo um gesto de raiva com a mão fechada, fechou o livro, recolocou-o no canto e apagou a luz. Mal o sujeito se virara para deixar a cabana, a mão de Hopkins estava em seu colarinho, e ouvi uma arfada ruidosa de terror quando ele compreendeu que fora apanhado. A vela foi novamente acesa e lá estava nosso miserável prisioneiro, tremendo e se encolhendo na mão do detetive. Deixou-se cair sobre o baú e lançou um olhar impotente de um para outro de nós.



“Nós o observamos ... Voltou com um livro volumoso.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]



“Virou rapidamente as folhas desse volume.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]



“Deixou-se cair sobre o baú e lançou um olhar impotente de um para outro de nós.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Agora, meu excelente companheiro”, disse Stanley Hopkins, “quem é você e que quer aqui?”

O homem se reanimou e nos olhou com um esforço de autocontrole.

“São detetives, suponho?” perguntou. “Imaginam que estou ligado à morte do capitão Peter Carey. Eu lhes asseguro que sou inocente.”

“Veremos”, disse Hopkins. “Para começar, qual é seu nome?”

“É John Hopley Neligan.”

Vi Holmes e Hopkins trocarem um rápido olhar.

“Que está fazendo aqui?”

“Posso falar confidencialmente?”

“Não, certamente não.”

“Por que deveria lhes contar?”

“Se não conseguir explicar, poderá se sair mal no julgamento.”

O rapaz estremeceu.

“Bem, vou lhes contar”, disse. “Por que não? Mesmo assim, detesto pensar que esse velho escândalo voltará à tona. Já ouviu falar de Dawson & Neligan?”

Pude ver pelo semblante de Hopkins que ele nunca ouvira; mas Holmes parecia intensamente interessado.

“Está se referindo aos banqueiros de West Country”, disse. “Faliram deixando um rombo de um milhão, arruinaram metade das famílias da Cornualha, e Neligan desapareceu.”

“Exatamente. Neligan era meu pai.”

Finalmente obtínhamos algo de positivo, embora parecesse haver enorme distância entre um banqueiro foragido e o capitão Peter Carey espetado na parede com um de seus próprios arpões. Ouvimos todos, atentamente, as palavras do jovem.

“Foi meu pai que esteve realmente envolvido. Dawson havia se aposentado. Eu tinha apenas dez anos de idade na época, mas era o bastante para que sentisse a vergonha e o horror de tudo aquilo. Sempre se disse que meu pai roubou todas as ações e fugiu. Não é verdade. Ele estava convencido de que, se lhe fosse dado tempo para convertê-las em dinheiro, tudo ficaria bem e todos os credores seriam inteiramente pagos. Partiu para a Noruega em seu pequeno iate pouco antes que seu mandado de prisão fosse expedido. Posso lembrar a última noite, quando ele se despediu de minha mãe. Deixou-nos uma lista das ações que estava levando e jurou que voltaria com seu nome limpo e que nenhum dos que haviam confiado nele sofreria. Bem, nunca mais tivemos notícia de meu pai. Tanto o iate quanto ele desapareceram por completo. Acreditávamos, minha mãe e eu, que os dois, junto com as ações que ele levava, estavam no fundo do mar. Tínhamos um amigo fiel, contudo, que é um homem de negócios, e foi ele que descobriu, algum tempo atrás, que algumas das ações que meu pai levava consigo haviam reaparecido no mercado de Londres. Pode imaginar nosso pasmo. Passei meses tentando localizá-las, e finalmente, depois de muitas dúvidas e dificuldades, descobri que o vendedor original havia sido o capitão Peter Carey, o dono desta cabana.

“Naturalmente fiz algumas indagações sobre o homem. Descobri que ele fora comandante de um baleeiro que deveria estar retornando dos mares árticos exatamente no momento em que meu pai navegava rumo à Noruega.

O outono daquele ano foi borrascoso e houve uma longa sucessão de vendavais vindos do sul. É bem possível que o iate do meu pai tenha sido impelido para o norte e lá encontrado o navio do capitão Peter Carey. Se foi assim, que foi feito de meu pai? De todo modo, se eu pudesse provar pelo depoimento de Peter Carey de que maneira essas ações haviam chegado ao mercado, ficaria claro que meu pai não as vendera e que não visava lucro pessoal ao levá-las consigo.

“Vim a Sussex com a intenção de me encontrar com o capitão, mas foi nesse momento que sua terrível morte sobreveio. Li no relatório do inquérito uma descrição de sua cabine, em que se afirmava que os velhos diários de bordo de seu barco estavam preservados ali. Ocorreu-me que se eu pudesse saber o que aconteceu a bordo do *Sea Unicorn* no mês de agosto de 1883, poderia desvendar o mistério do destino de meu pai. Ontem à noite tentei consultar esses diários, mas não consegui abrir a porta. Hoje tentei de novo e consegui; mas vi que as páginas que tratavam daquele mês foram arrancadas do livro. Foi nesse momento que me vi prisioneiro nas mãos dos senhores.”

“Só isso?”

“Sim, é só”, respondeu o rapaz, desviando os olhos.

“Não tem mais nada para nos contar?”

O rapaz hesitou.

“Não, nada.”

“Não esteve aqui anteontem à noite?”

“Não.”

“Então como explica *isto*?” exclamou Hopkins, mostrando o caderno condenatório, com as iniciais de nosso prisioneiro na primeira folha e a mancha de sangue na capa.



“Então como explica *isto*?” exclamou Hopkins.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

O infeliz rapaz desabou. Enterrou o rosto nas mãos, tremendo da cabeça aos pés.

“Onde pegou isso?” gemeu. “Eu não sei. Pensei que o perdera no hotel.”

“Isto basta”, disse Hopkins, com severidade. “Qualquer outra coisa que tenha a dizer, deve dizê-la no tribunal. Agora irá comigo para a delegacia. Bem, Mr. Holmes, sou-lhe muito grato, e também ao seu amigo, por terem vindo me ajudar. Sua presença acabou se revelando desnecessária, e eu teria trazido o caso a este bem-sucedido desfecho sem o senhor; mesmo assim, muito obrigado. Como há quartos reservados para os senhores no Brambletye Hotel, podemos caminhar juntos até a aldeia.”

“Bem, Watson, que pensa disso?” perguntou Holmes quando viajávamos de volta na manhã seguinte.

“Posso ver que você não está satisfeito.”

“Ah sim, meu caro Watson, estou plenamente satisfeito. Ao mesmo tempo, os métodos de Stanley Hopkins não me impressionam lá muito bem. Estou decepcionado com ele. Esperava coisa melhor de sua parte. É preciso

sempre procurar uma alternativa possível e precaver-se contra ela. Esta é a regra número um da investigação criminal.”

“Mas qual é essa alternativa?”

“A linha de investigação que eu mesmo vinha seguindo. Ela pode não dar em nada. Não sei. Mas pelo menos eu a seguirei até o fim.” Várias cartas esperavam por Holmes em Baker Street. Ele pegou uma delas, abriu-a e soltou uma risadinha triunfante.

“Excelente, Watson. A alternativa está se desdobrando. Tem formulários de telegrama? Quero que escreva duas mensagens para mim: ‘Sumner, Agência de Marinheiros, Ratcliff Highway. Mandem três homens aqui amanhã às dez horas da manhã. — Basil.’ Esse é meu nome naquelas bandas. A outra é: ‘Inspetor Stanley Hopkins, Lord Street, 46, Brixton. Venha amanhã às nove e meia para o desjejum. Importante. Telegrafe se não puder vir. — Sherlock Holmes.’ Pronto, Watson, esse caso infernal me atormentou por dez dias. Com isto eu o faço sumir por completo da minha mente. Acredito que amanhã ouviremos falar dele pela última vez.”

O inspetor Stanley Hopkins apareceu exatamente na hora indicada, e sentamo-nos juntos para o excelente desjejum que Mrs. Hudson preparara. O jovem detetive estava de ótimo humor com seu sucesso.

“Pensa realmente que sua solução está correta?” perguntou Holmes.

“Não consigo imaginar um caso mais completo.”

“Ele não me pareceu conclusivo.”

“Isso me espanta, Mr. Holmes. Que mais poderíamos desejar?”

“Sua explicação cobre todos os pontos?”

“Sem dúvida. Verifiquei que o jovem Neligan chegou ao Brambletye Hotel no próprio dia do crime. Veio sob o pretexto de jogar golfe. Como seu quarto era no térreo, podia sair à vontade. Naquela mesma noite foi a Woodman’s Lee, esteve com Peter Carey na cabana, brigou com ele e matou-o com o arpão. Depois, horrorizado com o que fizera, fugiu da cabana, deixando cair o caderno que levava consigo para questionar Peter Carey sobre aquelas diferentes ações. Talvez tenha observado que algumas estavam ticadas, e outras — a grande maioria —, não. As que estavam assinaladas haviam sido encontradas no mercado de Londres; as outras, presumivelmente, continuavam na posse de Carey, e o jovem Neligan,

segundo seu próprio relato, estava ansioso por reavê-las para limpar o nome do pai junto a seus credores. Durante algum tempo depois de sua fuga, ele não ousou se aproximar de novo da cabana, mas por fim forçou-se a fazê-lo para obter a informação de que precisava. Tudo isto não é perfeitamente simples e óbvio?”

Holmes sorriu e sacudiu a cabeça.

“Parece-me ter apenas um inconveniente, Hopkins: isso é intrinsecamente impossível. Já tentou enfiar um arpão através de um corpo? Não? Ora, meu caro senhor, precisa realmente prestar atenção a esses detalhes. Meu amigo Watson pode lhe dizer que dediquei uma manhã inteira a esse exercício. Não é coisa fácil, e requer um braço forte e adestrado. Mas esse golpe foi desferido com tal violência que a ponta da arma cravou-se profundamente na parede. Passa pela sua cabeça que esse rapazinho anêmico foi capaz de um ataque tão terrível? Foi ele o homem que confraternizou com Black Peter na calada da noite, tomando rum com água? Foi o perfil dele que foi visto na cortina duas noites antes? Não, não, Hopkins; é uma pessoa diferente e mais temível que devemos procurar.”

O rosto do detetive fora ficando mais comprido à medida que Holmes falava. Ele viu todas as suas esperanças e ambições desmoronarem à sua volta. Mas não abandonaria sua posição sem lutar.

“Não pode negar que Neligan estava presente naquela noite, Mr. Holmes. O livro prova isso. Considero que tenho provas suficientes para satisfazer um júri, mesmo que o senhor consiga encontrar uma falha nelas. Além disso, Mr. Holmes, já pus a mão no *meu* homem. Quanto a essa sua pessoa terrível, onde está ela?”

“Meu palpite é que está subindo a escada”, disse Holmes serenamente. “Penso, Watson, que você faria bem deixando aquele revólver a seu alcance.” Levantou-se e deixou um papel escrito sobre uma mesinha. “Agora estamos prontos”, anunciou.

Ouvimos vozes grosseiras conversando lá fora; em seguida Mrs. Hudson abriu a porta para dizer que três homens perguntavam pelo capitão Basil.

“Faça-os entrar um por um”, disse Holmes.

O primeiro a entrar foi um homenzinho gorducho e vermelho, com bochechas coradas e fofas costeletas brancas. Holmes havia tirado uma carta

do bolso.

“Nome?”

“James Lancaster.”

“Lamento, Lancaster, mas o cargo está preenchido. Aqui está meio soberano pelo seu incômodo. Por favor, passe para esse cômodo e espere ali alguns minutos.”

O segundo homem era uma criatura comprida e seca, com cabelo escorrido e faces amarelas. Chamava-se Hugh Pattins. Também foi dispensado e recebeu seu meio soberano e a ordem de esperar.

O terceiro candidato era um homem de aparência extraordinária. Uma face feroz de buldogue era emoldurada por um matagal de cabelo e barba, e dois olhos atrevidos, escuros, brilhavam atrás dos tufos de suas sobrancelhas grossas e proeminentes. Ele cumprimentou e postou-se à maneira dos marinheiros, girando o boné nas mãos.



“O terceiro candidato era um homem de aparência extraordinária.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Seu nome?” perguntou Holmes.

“Patrick Cairns.”

“Arpoador?”

“Sim, senhor. Vinte e seis viagens.”

“Dundee, suponho?”

“Sim, senhor.”

“E pronto para partir num navio explorador?”

“Sim, senhor.”

“Por que salário?”

“Oito libras por mês.”

“Poderia partir imediatamente?”

“Assim que pegar meu saco.”

“Está com seus documentos?”

“Sim, senhor.” Tirou do bolso um maço de formulários velhos e engordurados. Holmes correu os olhos por eles e devolveu-os.

“É exatamente o homem que quero”, disse. “O contrato está sobre aquela mesa. Se assinar, estará tudo resolvido.”

O marinheiro bamboleou através da sala e pegou a pena.

“Devo assinar aqui?” perguntou, curvando-se sobre a mesa.



“Devo assinar aqui?” perguntou.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Holmes inclinou-se sobre ele e passou as duas mãos sobre seu pescoço.

“Isso vai bastar”, disse.

Ouvi um estalo metálico e um berro como o de um touro furioso. Um instante depois Holmes e o marinheiro rolavam juntos no chão. Ele era um homem de força tão gigantesca que mesmo com as algemas que Holmes fechara tão habilmente sobre seus pulsos teria dominado rapidamente meu amigo se Hopkins e eu não tivéssemos corrido em socorro dele. Só quando apertei o cano frio do revólver em sua têmpora finalmente compreendeu que a resistência era inútil. Amarramos seus tornozelos com uma corda e a luta nos fez levantar ofegantes.

“Devo realmente pedir desculpa, Hopkins”, disse Sherlock Holmes. “Temo que os ovos mexidos estejam frios. Mas você desfrutará ainda melhor de seu desjejum sabendo que levou seu caso a uma conclusão triunfante, não é?”

De tão espantado, Stanley Hopkins estava sem fala.

“Não sei o que dizer, Mr. Holmes”, disse ele por fim, abruptamente,

com o rosto muito vermelho. “Tenho a impressão de que andei fazendo papel de idiota desde o começo. Agora compreendo o que não deveria ter esquecido, que sou o aluno e o senhor, o mestre. E mesmo agora, vejo o que fez, mas não sei como fez e o que isso significa.”

“Bem, bem”, disse Holmes, de bom humor. “Todos nós aprendemos com a experiência, e sua lição desta vez é que nunca se deve perder de vista a alternativa. Você ficou tão absorto no jovem Neligan que não pôde dedicar um pensamento para Patrick Cairns, o verdadeiro assassino de Peter Carey.”

A voz grosseira do homem se intrometeu em nossa conversa.

“Escute aqui, senhor”, disse ele, “não me queixo de estar algemado desta maneira, mas gostaria que chamasse as coisas por seus nomes certos. Diz que assassinei Peter Carey; eu digo que *matei* Peter Carey, o que é muito diferente. Talvez não acredite no que digo. Talvez pense que estou apenas inventando história.”

“Em absoluto”, disse Holmes. “Vamos ouvir o que tem a dizer.”

“Não vou precisar de muito tempo, e, por Deus, cada palavra é verdade. Eu conhecia Black Peter, e quando ele puxou a faca eu lhe cravei o arpão com força, porque sabia que era ele ou eu. Foi assim que ele morreu. Os senhores chamam isso de assassinato. Seja como for, prefiro morrer com uma corda no pescoço que com a faca de Black Peter no meu coração.”

“Como chegou a isso?” perguntou Holmes.

“Vou lhes contar do princípio. Mas deixem-me sentar um pouco para falar com mais facilidade. Foi em 1883 que aconteceu — em agosto daquele ano. Peter Carey era capitão do *Sea Unicorn*, e eu era o arpoador reserva. Estávamos saindo do campo de gelo flutuante a caminho de casa, com ventos de proa e uma semana de vendaval soprando do sul, quando demos com uma pequena embarcação que os ventos tinham empurrado para o norte. Havia um homem nela — um marinheiro de primeira viagem. Sua tripulação, pensando que o barco iria a pique, tinha fugido para a costa da Noruega no escaler. Acho que morreram todos afogados. Bem, puxamos esse homem para bordo e ele teve algumas longas conversas com o capitão na cabine. A bagagem que recolhemos com ele se reduzia a uma caixa de folha de flandres. Até onde sei, o nome do homem nunca foi mencionado e na segunda noite ele desapareceu como se nunca tivesse estado ali. Foi declarado que ele se jogara ou caíra

borda fora na tempestade. Só um homem sabia o que lhe acontecera, e esse homem era eu, pois vi com meus próprios olhos o capitão amarrar os tornozelos do sujeito e pô-lo sobre a amurada no meio de uma noite escura, dois dias antes de avistarmos os faróis das Shetlands.

“Bem, fechei a boca e esperei para ver no que aquilo iria dar. Quando chegamos de volta à Escócia a coisa foi facilmente silenciada e ninguém fez nenhuma pergunta. Um desconhecido morrera por acidente, e isso não era da conta de ninguém. Pouco depois Peter Carey abandonou o mar, e passaram-se longos anos antes que eu conseguisse descobrir onde ele estava. Eu imaginava que fizera aquilo por interesse no que estava naquela caixa e que agora teria condições de me pagar bem por manter a boca calada.

“Descobri onde estava através de um marinheiro que estivera com ele em Londres, e vim lhe arrancar o dinheiro. Na primeira noite ele foi bastante sensato e se dispôs a me dar uma quantia que me livraria do mar pelo resto da vida. Deveríamos acertar tudo duas noites depois. Ao chegar, encontrei-o quase completamente embriagado e de péssimo humor. Sentamo-nos, bebemos e contamos lorotas sobre os velhos tempos, mas quanto mais ele bebia menos eu gostava de sua expressão. Vi aquele arpão na parede e pensei com meus botões que poderia precisar dele antes que aquele encontro terminasse. Finalmente ele investiu contra mim, cuspiendo e praguejando, com a morte nos olhos e uma faca de bolso na mão. Não teve tempo de tirá-la da bainha antes que eu o varasse com o arpão. Céus! Que berro ele deu! E a cara dele não me deixa dormir! Fiquei ali, com o sangue dele espirrando à minha volta; esperei um pouco, mas como tudo estava quieto tomei coragem mais uma vez. Olhei em volta, e lá estava a caixa de folha de flandres numa prateleira. Afinal, eu tinha tanto direito a ela quanto Peter Carey; peguei-a e deixei a cabana. Como um idiota, deixei minha bolsa de fumo em cima da mesa.



“Sentamo-nos, bebemos e contamos lorotas sobre os velhos tempos.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Agora vou lhes contar a parte mais esquisita de toda a história. Eu mal saíra da cabana quando ouvi alguém chegando e escondi-me entre os arbustos. Um homem se aproximou furtivamente, entrou na cabana, soltou um grito como se tivesse visto um fantasma e saiu correndo o mais depressa que podia até que o perdi de vista. Quem era ou o que queria é coisa que não posso dizer. De minha parte, andei dezesseis quilômetros, peguei um trem em Tunbridge Wells e assim cheguei a Londres sem que ninguém percebesse nada.

“Bem, quando pude examinar a caixa descobri que não havia nenhum dinheiro nela; não havia nada senão papéis que eu não me atreveria a vender. Perdera o controle sobre Black Peter, e estava em apuros em Londres sem um xelim. Só me restava minha profissão. Vi esses anúncios sobre arpoadores e bons salários, fui até a agência de marinheiros e me mandaram aqui. Não sei mais nada, e volto a dizer que, se matei Black Peter, a Justiça deveria me agradecer, porque poupei-lhes o preço de uma corda de cânhamo.”

“Uma declaração muito clara”, disse Holmes, levantando-se e

acendendo seu charuto. “Penso, Hopkins, que você não deveria perder tempo e transportar seu prisioneiro para um lugar seguro. Esta sala não serve como cela e Mr. Patrick Cairns ocupa um pedaço grande demais de nosso tapete.”

“Mr. Holmes”, disse Hopkins, “não sei como expressar minha gratidão. Até agora não entendo como chegou a esse resultado.”

“Simplesmente tendo a boa sorte de detectar a pista certa desde o início. É muito possível que, se eu tivesse conhecimento desse caderno, ele tivesse desviado meus pensamentos, como fez com os seus. Mas tudo que fiquei sabendo apontava numa só direção. A força assombrosa, a habilidade no uso do arpão, o rum com água, a tabaqueira de couro de foca com o tabaco grosseiro — tudo apontava para um homem do mar, e um ex-baleeiro. Eu estava convencido de que as iniciais “P.C.” na tabaqueira eram uma coincidência, e não as de Peter Carey, porque raramente ele fumava e nenhum cachimbo foi encontrado em sua cabine. Lembra-se de que perguntei se havia uísque e conhaque na cabine? Você respondeu que sim. Quantos homens de terra firme tomariam rum havendo outras bebidas à disposição? Sim, eu estava certo, era um marinheiro.”

“Mas como o encontrou?”

“Meu caro senhor, o problema havia se tornado muito simples. Se fosse um marinheiro, só podia ser um que tivesse viajado com ele no *Sea Unicorn*. Até onde pude apurar, ele não tinha navegado em nenhum outro navio. Passei três dias telegrafando para Dundee, e ao fim e ao cabo obtive os nomes da tripulação do *Sea Unicorn* em 1883. Quando encontrei Patrick Cairns entre os arpoadores, minha investigação estava quase concluída. Raciocinei que o homem provavelmente estava em Londres e que gostaria de deixar o país por algum tempo. Assim, passei alguns dias no East End, arquitetei uma expedição ártica, anunciei condições tentadoras para arpoadores que serviriam sob o capitão Basil — e veja o resultado!”

“Maravilhoso!” exclamou Hopkins. “Maravilhoso!”

“Trate de obter a soltura do rapaz o quanto antes”, disse Holmes. “Confesso que penso que você lhe deve algumas desculpas. A caixa deve ser devolvida a ele, mas, é claro, as ações que Peter Carey vendeu estão perdidas para sempre. Aí está o carro de aluguel, pode remover seu homem. Se desejar minha presença no julgamento, meu endereço e o de Watson será algum lugar na Noruega — enviarei detalhes mais tarde.”

* “Floresta”, em inglês antigo no original.

VII. CHARLES AUGUSTUS MILVERTON

EMBORA OS FATOS que vou contar tenham acontecido há muitos anos, é com timidez que aludo a eles. Durante muito tempo, mesmo com a máxima discrição e reticência, teria sido impossível levá-los a público; agora, porém, a principal pessoa envolvida está fora do alcance das leis humanas, e com as devidas supressões é possível contar a história de maneira a não causar dano a ninguém. Ela registra uma experiência absolutamente singular tanto na carreira de Mr. Sherlock Holmes quanto na minha. O leitor me perdoará se oculto a data ou algum outro dado que lhe permitiria identificar os verdadeiros fatos.

Havíamos saído para um de nossos passeios vespertinos, Holmes e eu, e retornado por volta das seis horas numa tarde gélida de inverno. Quando Holmes acendeu a lâmpada, a luz caiu sobre um cartão na mesa. Ele olhou-o e em seguida, com uma exclamação de repulsa, jogou-o no chão. Apanhei-o e li:

Charles Augustus Milverton,
Appledore Towers,
Hampstead.
Agente.

“Quem é?” perguntei.

“O pior homem de Londres”, respondeu Holmes, sentando-se e esticando as pernas diante do fogo. “Há alguma coisa no verso do cartão?”

Virei-o e li:

“Irei vê-lo às 18h30. — C.A.M.”

“Hum! Deve estar chegando. Você sente um calafrio, Watson, um nervoso quando para diante das serpentes no zoológico e vê aquelas criaturas ondulantes, viscosas, com seus olhos mortíferos e suas caras achatadas, perversas? Bem, essa é a impressão que Milverton me dá. Tive de lidar com

uns cinquenta assassinos em minha carreira, mas o pior deles nunca me causou a repulsa que sinto por esse sujeito. Apesar disso, não posso me furtar a tratar de negócios com ele — na verdade, ele está aqui a meu convite.

“Mas quem é ele?”



Charles Augustus Milverton [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Vou lhe contar, Watson. É o rei dos chantagistas. Deus ajude o homem, e mais ainda a mulher, cujos segredo e reputação caem em poder de Milverton. Com um rosto sorridente e um coração de pedra, ele os extorquirá sem pena, até lhes arrancar a última gota. O sujeito é um gênio a seu modo, e teria tido sucesso em alguma atividade mais respeitável. Seu método é o seguinte: permite que se saiba que está disposto a pagar somas muito elevadas por cartas que comprometem pessoas de fortuna ou posição. Recebe esses artigos não só de criados pessoais ou camareiras traiçoeiros, mas frequentemente de canalhas que ganharam a confiança e a afeição de mulheres crédulas. Não é nada sovina nessas transações. Sei que pagou setecentas libras a um lacaios por um bilhete de duas linhas, e que isso

resultou na ruína de uma família nobre. Tudo que está no mercado vai para as mãos de Milverton, e centenas de pessoas nesta grande cidade ficam brancas ao ouvir seu nome. Ninguém sabe onde ele pode dar o bote, porque é rico demais e esperto demais para agir com precipitação. É capaz de guardar uma carta durante anos, para jogá-la no momento em que o lance mais vale a pena. Eu disse que ele é o pior homem de Londres, e lhe perguntaria como se pode comparar o bandido que dá uma cacetada no companheiro num momento de exaltação com esse homem, que metodicamente, e como bem lhe apraz, tortura a alma e retorce os nervos no intuito de rechear ainda mais seus sacos de dinheiro já abarrotados?”

Raras vezes eu ouvira meu amigo falar com tal intensidade de sentimento.

“Mas certamente”, disse eu, “o sujeito está ao alcance da Justiça, não?”

“Tecnicamente, sem dúvida, mas na prática não. Que ganharia uma mulher, por exemplo, conseguindo metê-lo na prisão por alguns meses se isso devesse resultar imediatamente na sua ruína? Suas vítimas não ousam revidar. Se um dia ele chantageasse um inocente, aí sim, realmente o pegaríamos; mas ele é astuto como o Demônio. Não, não; temos de encontrar outra maneira de combatê-lo.”

“E por que ele está aqui?”

“Porque uma cliente ilustre pôs seu deplorável caso em minhas mãos. Trata-se de Lady Eva Brackwell, a mais bela *débutante* da última estação. Ela deve se casar dentro de duas semanas com o conde de Dovercourt. Esse demônio tem várias cartas imprudentes — imprudentes, Watson, nada mais grave —, escritas para um jovem fidalgo sem eira nem beira do interior. Elas bastariam para desfazer o noivado. Milverton enviará as cartas para o conde, a menos que uma grande soma de dinheiro lhe seja paga. Fui encarregado de tratar com ele e — conseguir as melhores condições que puder.”

Nesse instante ouviu-se um tropel e um estrépito na rua lá embaixo. Pela janela, vi uma imponente carruagem puxada por bela parelha, as lâmpadas rebrilhando sobre as ancas castanhas e luzidias dos nobres animais. Um lacaios abriu a porta e um homenzinho corpulento, vestindo um peludo sobretudo de astracã, desceu. Um minuto depois estava na sala.

Charles Augustus Milverton era um homem de cinquenta anos, com uma

cabeça grande, intelectual, um rosto redondo, rechonchudo e glabro, um perpétuo sorriso congelado e dois perspicazes olhos cinzentos que brilhavam intensamente por trás de grandes óculos de aros de ouro. Havia algo da benevolência de Mr. Pickwick em seu aspecto, prejudicado apenas pela insinceridade do sorriso fixo e pelo brilho duro daqueles olhos inquietos e penetrantes. Sua voz era tão macia e suave como seu semblante quando ele avançou, uma mãozinha gorda estendida, murmurando seu lamento por não nos ter encontrado em sua primeira visita. Ignorando-lhe a mão, Holmes fitou-o com um rosto de granito. O sorriso de Milverton alargou-se; ele sacudiu os ombros, tirou o sobretudo, dobrou-o com muito vagar, depositou-o no espaldar de uma cadeira e em seguida se sentou.



“Havia algo da benevolência de Mr. Pickwick em seu aspecto.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Este cavalheiro?” perguntou, com um gesto na minha direção. “Ele é discreto? É correto?”

“O dr. Watson é meu amigo e sócio.”

“Ótimo, Mr. Holmes. Foi apenas no interesse de sua cliente que levantei a objeção. O assunto é tão delicado...”

“O dr. Watson já tomou conhecimento dele.”

“Então podemos passar aos negócios. O senhor diz que está agindo em nome de Lady Eva. Ela o autorizou a aceitar as minhas condições?”

“Quais são as suas condições?”

“Sete mil libras.”

“E a alternativa?”

“Meu caro senhor, é penoso para mim discutir isso, mas se o dinheiro não for pago no dia 14, certamente não haverá casamento no dia 18.” Seu intolerável sorriso era mais complacente que nunca.

Holmes pensou por um instante.

“O senhor me parece”, disse por fim, “pensar que esse dinheiro são favas contadas. Tenho conhecimento, é claro, do teor dessas cartas. Minha cliente certamente fará o que eu venha a aconselhar. Vou aconselhá-la a contar toda a história ao futuro marido e confiar na generosidade dele.”

Milverton deu uma risadinha.

“Evidentemente o senhor não conhece o conde”, disse.

Pela expressão desconcertada de Holmes, pude ver claramente que conhecia.

“Que mal há nessas cartas?” perguntou ele.

“São faceiras — muito faceiras”, respondeu Milverton. “A dama era uma correspondente encantadora. Mas posso lhe assegurar que o conde Dovercourt não gostará muito delas. Mas, já que pensa de outra maneira, deixemos as coisas como estão. Trata-se exclusivamente de uma questão de negócios. Se pensa que é do melhor interesse de sua cliente que essas cartas sejam postas nas mãos do conde, seria de fato tolice pagar uma grande soma de dinheiro para reavê-las.” Levantou-se e pegou seu sobretudo de astracã.

Holmes estava lívido de raiva e humilhação.

“Um momento”, disse. “O senhor vai depressa demais. Certamente não pouparíamos esforços para evitar escândalo num assunto tão delicado.”

Milverton sentou-se de novo.

“Eu tinha certeza de que o senhor veria as coisas sob essa luz”,

ronronou.

“Ao mesmo tempo”, continuou Holmes, “Lady Eva não é uma mulher rica. Asseguro-lhe que teria grande dificuldade em pagar duas mil libras e que a soma que pede está absolutamente acima das suas possibilidades. Peço-lhe, portanto, que modere suas exigências e devolva as cartas pelo preço que indico — é o maior que pode obter, eu lhe garanto.”

Milverton alargou seu sorriso e piscou os olhos, divertido.

“Sei que está dizendo a verdade sobre os recursos da dama”, disse. “Ao mesmo tempo, deve admitir que o casamento dela será uma ocasião muito propícia a que amigos e parentes façam um pequeno esforço em seu benefício. Talvez eles hesitem quanto a um presente de núpcias adequado. Eu poderia lhes assegurar que esse pequeno maço de cartas daria mais alegria que todos os candelabros e manteigueiras de Londres.”

“É impossível”, disse Holmes.

“Ah, meu Deus, mas que pena!” exclamou Milverton, pegando uma grossa carteira. “Não posso deixar de pensar que as senhoras são imprudentes ao não fazer um esforço. Veja isto!” Mostrou um pequeno envelope com um brasão. “Isto pertence a... bem, talvez não seja correto eu dizer o nome até amanhã de manhã. Mas então ele estará nas mãos do marido da dama. E tudo porque ela não se dispõe a conseguir uma ninharia ridícula que poderia obter em uma hora se trocasse seus diamantes verdadeiros por falsos. É uma pena. Agora, lembra-se do súbito fim do noivado entre a *Honourable* Miss Miles e o coronel Dorking? Só faltavam dois dias para o casamento quando apareceu um parágrafo no *Morning Post* dizendo que tudo terminara. E por quê? É quase inacreditável, mas a soma ridícula de mil e duzentas libras teria resolvido toda a questão. Não é uma pena? E cá está o senhor, um homem sensato, hesitando com relação a condições, quando o futuro e a honra da sua cliente estão em jogo. O senhor me surpreende.”

“O que digo é verdade”, respondeu Holmes. “Não é possível levantar esse dinheiro. Não é melhor para o senhor aceitar a soma substancial que lhe ofereço que arruinar a vida dessa moça, sem tirar disso nenhum proveito?”

“Aí o senhor comete um erro. Uma revelação me beneficiaria indiretamente em medida considerável. Tenho oito ou dez casos semelhantes amadurecendo. Se corresse a informação de que dei um exemplo severo no

caso de Lady Eva, eu encontraria muito mais bom senso em todos eles. Entendeu?”

Holmes pulou da sua cadeira.

“Fique atrás dele, Watson! Não o deixe sair! Agora, senhor, vamos ver o conteúdo dessa carteira.”

Milverton, que deslizara com a rapidez de um rato para o outro lado da sala, pôs-se de costas para a parede.

“Mr. Holmes, Mr. Holmes!” exclamou, abrindo o paletó e exibindo o cabo de um revólver que se projetava do bolso interno. “Esperava que fizesse algo de original. Isso foi feito tantas vezes, e de que adiantou? Eu lhe asseguro que estou armado até os dentes e plenamente disposto a usar minha arma, sabendo que a lei ficará do meu lado. Além disso, sua suposição de que eu traria as cartas aqui numa carteira é inteiramente equivocada. Não faria nada tão idiota. E agora, cavalheiros, ainda tenho uma ou duas pequenas entrevistas esta tarde e o caminho até Hampstead é longo.” Deu um passo adiante, pegou seu sobretudo, segurou o revólver e se virou para a porta. Passei a mão numa cadeira, mas Holmes sacudiu a cabeça e eu a larguei. Com uma reverência, um sorriso e uma piscadela, Milverton saiu da sala e instantes depois ouvimos a batida da porta da carruagem e o ruído das rodas quando ele partiu.



“Exibindo o cabo de um revólver que se projetava do bolso interno.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Holmes ficou imóvel junto do fogo, as mãos profundamente enterradas nos bolsos da calça, o queixo caído sobre o peito, os olhos fixos nas brasas incandescentes. Ficou mudo e parado durante meia hora. Depois, com o gesto de um homem que tomou uma decisão, levantou-se de um salto e foi para o seu quarto. Um pouco mais tarde um jovem e lampeiro trabalhador, de cavanhaque e com um andar arrogante, acendeu seu cachimbo na lâmpada antes de descer para a rua. “Qualquer hora eu volto, Watson”, disse, e desapareceu na noite. Compreendi que tinha aberto sua campanha contra Charles Augustus Milverton; mas nem sonhava com a estranha forma que essa campanha estava destinada a tomar.

Durante alguns dias Holmes entrou e saiu em todas as horas com essa vestimenta, mas além de um comentário de que vinha passando seu tempo em Hampstead e de que este não estava sendo desperdiçado, eu não tinha ideia do que andava fazendo. Por fim, no entanto, numa tarde tempestuosa, quando o vento uivava e chocalhava as janelas, ele voltou de sua última expedição e, tendo tirado o disfarce, sentou-se diante do fogo e deu uma boa gargalhada à

sua maneira silenciosa, para si mesmo.



Sherlock Holmes disfarçado [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Você me qualificaria de um homem casadouro, Watson?”

“Na verdade, não!”

“Talvez lhe interesse saber que estou noivo.”

“Meu caro amigo! Meus para...”

“Com a criada de Milverton.”

“Céus, Holmes!”

“Queria informação, Watson.”

“Não foi longe demais?”

“Foi um passo extremamente necessário. Sou um encanador chamado Escott, dono de uma próspera firma. Passeei e conversei com ela todas essas noites. Meu Deus, que conversas! Mas consegui tudo que queria. Conheço a casa de Milverton como a palma da minha mão.”

“Mas e a moça, Holmes?”

Ele deu de ombros.

“É inevitável, meu caro Watson. Temos de jogar nossas cartas o melhor que podemos quando há uma parada como essa na mesa. Tenho, porém, o prazer de dizer que possuo um detestável rival, que certamente tomará meu lugar assim que eu virar as costas. Mas que noite esplêndida, esta!”

“Está gostando do tempo?”

“Convém aos meus objetivos, Watson. Pretendo arrombar a casa de Milverton esta noite.”

Soltei um arquejo e fiquei frio ao ouvir essas palavras, que foram pronunciadas lentamente, num tom de concentrada resolução. Assim como um relâmpago na noite revela num instante todos os detalhes de uma paisagem, tive a impressão de perceber num relance todas as possíveis consequências de uma ação como essa — a descoberta, a captura, a carreira honrada terminando em irreparável fracasso e desgraça, meu amigo ficando ele próprio à mercê do odioso Milverton.

“Pelo amor de Deus, Holmes, pense no que está fazendo!” exclamei.

“Meu caro companheiro, já refleti muito. Nunca sou imprudente em minhas ações, nem adotaria uma linha de ação tão ousada e realmente tão perigosa se qualquer outra fosse possível. Examinemos a questão de maneira clara e direta. Suponho que você admitirá que a ação é moralmente justificável, embora tecnicamente criminosa. Arrombar essa casa não é mais grave do que tomar a carteira dele à força — uma ação em que você se dispôs a me ajudar.”

Revirei aquilo em minha mente.

“Sim”, respondi, “é moralmente justificável contanto que tenhamos por objetivo nos apoderar exclusivamente do que é usado para fins ilegais.”

“Exatamente. Como é moralmente justificável, preciso considerar apenas a questão do risco pessoal. Mas com certeza um cavalheiro não deve dar muita ênfase a isso, quando uma dama precisa desesperadamente de sua ajuda, não é?”

“Você ficará numa posição muito incorreta.”

“Bem, isso é parte do risco. Não há outra maneira possível de recuperar essas cartas. A infeliz dama não tem o dinheiro, e não há ninguém em quem possa confiar. Amanhã é o último dia de clemência, e, a menos que possamos

conseguir as cartas hoje à noite, esse bandido cumprirá sua palavra e causará a sua ruína. Devo, portanto, abandonar minha cliente à sua sorte ou jogar essa última cartada? Cá entre nós, Watson, é um duelo entre esse Milverton e eu. Como você viu, ele levou vantagem no nosso primeiro confronto; mas meu amor-próprio e minha reputação me obrigam a prosseguir na luta.”

“Bem, não gosto disso, mas parece que precisa ser assim”, disse eu. “A que horas partimos?”

“Você não vai.”

“Então você também não”, retruquei. “Dou-lhe minha palavra de honra — e nunca a quebrei em toda a minha vida — que tomarei um carro de praça e irei à delegacia denunciá-lo a menos que me deixe partilhar essa aventura com você.”

“Não poderá me ajudar.”

“Como sabe? Não sabe o que pode acontecer. De qualquer maneira, minha decisão está tomada. Outras pessoas além de você têm amor-próprio, e até reputação.”

Holmes pareceu aborrecido, mas depois sua fronte se desanuviou e ele me deu um tapa no ombro.

“Bem, bem, meu caro companheiro, que seja assim. Partilhamos o mesmo quarto por alguns anos, e seria divertido se terminássemos compartilhando a mesma cela. Sabe, Watson, não me importo de confessar que sempre pensei que eu teria dado um criminoso extremamente eficiente. Esta será a chance da minha vida nessa direção. Veja aqui!” Tirou da gaveta uma elegante caixa de couro e, abrindo-a, exibiu vários instrumentos lustrosos. “Este é um estojo de primeira classe, o último grito em matéria de instrumentos para arrombamento, com pé-de-cabra niquelado, cortador de vidro com ponta de diamante, chaves adaptáveis e todos os modernos aperfeiçoamentos que a marcha da civilização exige. Aqui está, também, minha lanterna com obturador. Está tudo em ordem. Você tem um par de sapatos silenciosos?”

“Tenho sapatos de tênis com sola de borracha.”

“Excelente! E uma máscara?”

“Posso fazer duas com seda preta.”

“Percebo que você tem forte pendor natural para esse tipo de coisa.

Muito bem; faça as máscaras. Teremos uma ceia fria antes de ir embora. São nove e meia agora. Às onze iremos de carro até Church Row. De lá a Appledore Towers são quinze minutos de caminhada. Estaremos trabalhando antes da meia-noite. Milverton tem sono pesado e se recolhe pontualmente às dez e meia. Com um pouco de sorte, às duas horas estaremos aqui de volta, com as cartas de Lady Eva em meu bolso.”

Holmes e eu vestimo-nos a rigor, para dar a impressão de que voltávamos do teatro para casa. Em Oxford Street, pegamos um *hansom* e rumamos para um endereço em Hampstead. Pagamos o carro e, com os casacões abotoados até em cima — porque fazia muito frio e o vento parecia soprar através de nós —, caminhamos pela borda da charneca.

“É um negócio que requer um tratamento delicado”, disse Holmes. “Esses documentos estão num cofre que fica no gabinete do sujeito, e o gabinete é a antessala de seu quarto de dormir. Por outro lado, como todo homenzinho gorducho que costuma se regalar, ele tem um sono pletórico. Agatha — a minha noiva — disse que é uma piada entre os criados da casa que é impossível acordar o patrão. Ele tem um secretário muito dedicado a seus interesses, que não arreda o pé do gabinete o dia inteiro. É por isso que vamos à noite. Além disso, ele tem um cão feroz que vaga pelo jardim. Encontrei-me com Agatha tarde da noite nestes dois últimos dias, e ela tranca a fera para eu poder passar. Ali está a casa, essa grande, com amplos jardins. Passemos pelo portão — agora à direita, entre os loureiros. Podemos pôr nossas máscaras aqui, acho. Vê, não há uma réstia de luz em todas as janelas; tudo corre às mil maravilhas.”

O rosto coberto com seda preta, o que nos transformava nas duas mais truculentas figuras de Londres, aproximamo-nos furtivamente da casa escura e silenciosa. Numa espécie de varanda ladrilhada que se estendia de um lado dela, viam-se várias janelas e duas portas.

“Aquele é o quarto dele”, Holmes sussurrou. “Esta porta dá direto no gabinete. Seria mais conveniente para nós, mas além de trancada está aferrolhada, e faríamos muito barulho para entrar. Venha por aqui. Há uma estufa que dá para a sala de estar.”

O lugar estava trancado, mas Holmes removeu um círculo de vidro e girou a chave por dentro. Um instante depois tinha fechado a porta atrás de nós e havíamos nos tornado criminosos aos olhos da lei. O ar carregado da

estufa e a fragrância intensa e sufocante de plantas exóticas cerrou-nos a garganta. Ele pegou minha mão na escuridão e conduziu-me rapidamente pelas fileiras de arbustos que nos roçavam o rosto. Holmes tinha uma notável capacidade, cuidadosamente cultivada, de enxergar no escuro. Ainda segurando a minha mão, abriu uma porta e percebi vagamente que havíamos entrado numa sala ampla onde um charuto tinha sido fumado não muito tempo antes. Ele passou por entre os móveis, abriu uma outra porta e fechou-a atrás de nós. Estendendo a mão, apalpei vários casacos pendurados na parede e compreendi que estava num corredor. Seguimos por ele, e Holmes abriu muito suavemente uma porta do lado direito. Alguma coisa avançou sobre nós e senti o coração na boca, mas quase ri ao me dar conta de que era um gato. Havia um fogo aceso nesse novo quarto, e mais uma vez o ar estava pesado com fumaça de tabaco. Holmes entrou na ponta dos pés, esperou por mim para continuar, e depois fechou a porta com muita delicadeza. Estávamos no gabinete de Milverton e um reposteiro do outro lado mostrava a entrada para seu quarto de dormir.

Era um bom fogo e o quarto estava bem iluminado. Perto da porta, vi o lampejo de um interruptor elétrico, mas era desnecessário acender a luz, mesmo que fosse seguro. De um lado da lareira havia uma cortina pesada, que cobria a janela saliente que víamos do lado de fora. Do outro lado estava a porta que se comunicava com a varanda. No centro havia uma escrivaninha, com uma cadeira giratória de lustroso couro vermelho. Em frente via-se uma grande estante, com um busto de mármore de Atena em cima. No canto entre a estante e a parede via-se um cofre alto, verde, a luz do fogo refletindo-se nos puxadores de latão polidos sobre sua face. Holmes aproximou-se cautelosamente e contemplou-o. Depois deslizou até a porta do quarto e ali ficou, cabeça inclinada, ouvindo atentamente. Não vinha nenhum som lá de dentro. Nesse meio-tempo examinei a porta externa, pois me ocorreu que seria prudente assegurar nossa retirada por ela. Para meu pasmo, ela não estava nem trancada nem aferrolhada. Toquei o braço de Holmes e ele virou seu rosto mascarado para mim. Vi que teve um sobressalto, evidentemente tão surpreso quanto eu.



“Ali ficou, cabeça inclinada, ouvindo atentamente.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Isso não me agrada”, cochichou, os lábios encostados no meu ouvido. “Não consigo entender. Seja como for, não temos tempo a perder.”

“Posso fazer alguma coisa?”

“Sim; fique junto da porta. Se ouvir alguém chegando, tranque-a por dentro e podemos sair por onde entramos. Se vierem pelo outro lado, podemos sair pela porta, se nosso serviço estiver feito, ou nos esconder atrás dessas cortinas, se não estiver. Entendeu?”

Fiz que sim e fiquei junto da porta. Minha primeira sensação de medo passara e agora eu palpitava, com uma excitação mais intensa do que jamais sentira quando éramos os defensores da lei em vez de seus transgressores. O objetivo elevado de nossa missão, a consciência de que ele era altruísta e cavalheiresco, o péssimo caráter de nosso oponente, tudo contribuía para tornar a aventura mais empolgante. Longe de me inspirar culpa, aqueles perigos me deixavam alegre e exultante. Com arrebatada admiração, vi Holmes abrir seu estojo de instrumentos e escolher sua ferramenta com a calma, a precisão científica de um cirurgião que executa uma operação

delicada. Sabia que abrir cofres era um *hobby* especial dele, e compreendia a alegria que lhe dava ver-se diante daquele monstro verde e dourado, o dragão que continha em seu bucho a reputação de muitas belas mulheres. Enrolando os punhos da casaca — pusera o sobretudo numa cadeira — Holmes dispôs duas furadeiras, um pé-de-cabra e várias chaves mestras. Fiquei parado no centro da porta, controlando com os olhos as outras duas, pronto para uma emergência, embora, na realidade, não tivesse ideias claras sobre o que fazer caso fôssemos interrompidos. Durante meia hora Holmes trabalhou com concentração máxima, pondo de lado uma ferramenta, pegando outra, manejando cada uma com a força e a delicadeza do mecânico profissional. Finalmente ouvi um estalo, a larga porta verde se abriu e vislumbrei lá dentro muitos pacotes de papel, todos amarrados, lacrados e rotulados. Holmes tirou um, mas, como era difícil ler à luz bruxuleante do fogo, pegou sua pequena lanterna, pois acender a luz elétrica, com Milverton no quarto ao lado, seria perigoso demais. De repente eu o vi parar e ouvir atentamente; um instante depois ele tinha fechado o cofre, pegado seu sobretudo, enfiado suas ferramentas no bolso e se jogado atrás da cortina da janela, fazendo-me sinal para que o imitasse.

Eu já estava ali, ao lado dele, quando ouvi o que alarmara seus sentidos mais aguçados. Havia um ruído em algum lugar da casa. Uma porta bateu à distância. Depois um ruído confuso e surdo transformou-se no som cadenciado de passos pesados que se aproximavam rapidamente. Estavam no corredor adjacente ao quarto. Pararam junto da porta. Ela se abriu. Ouviu-se um estalido nítido quando a luz elétrica foi acesa. A porta se fechou mais uma vez e o cheiro pungente de um charuto forte chegou-nos às narinas. Depois os passos continuaram, para lá e para cá, para lá e para cá, a poucos metros de nós. Finalmente uma cadeira rangeu e os passos cessaram. Depois ouvimos o estalido de uma chave numa fechadura, seguido pelo farfalhar de papéis.

Até então eu não ousara espiar, mas nessa altura separei com cuidado os panos das cortinas diante de mim e olhei. Pela pressão do ombro de Holmes contra o meu, soube que partilhava minhas observações. Bem diante de nós, quase a nosso alcance, estavam as costas largas e arredondadas de Milverton. Era evidente que havíamos calculado seus movimentos de maneira inteiramente errada, que ele nunca estivera em seu quarto, mas sim sentado

em alguma sala de fumar, ou de bilhar, na ala mais afastada da casa, cujas janelas não víramos. Sua cabeça larga e grisalha, com sua calva reluzente, estava no primeiro plano de nossa visão. Reclinado na cadeira de couro vermelho, tinha as pernas esticadas e um comprido charuto preto projetava-se em ângulo da sua boca. Usava um paletó de fumar semimilitar clarete, com uma gola de veludo preto. Tinha na mão um longo documento legal, que lia de maneira indolente, soprando anéis de fumaça dos lábios. Nada em seu jeito sossegado, em sua posição confortável, anunciava uma rápida partida.

Senti a mão de Holmes segurar a minha e dar-lhe um aperto tranquilizador, como se para dizer que tinha a situação sob controle e estava calmo. Eu não sabia ao certo se ele vira o que, da minha posição, era perfeitamente óbvio: a porta do cofre estava imperfeitamente fechada e Milverton poderia dar por isso a qualquer momento. Comigo mesmo, eu havia decidido que, se tivesse certeza, pela rigidez do olhar do homem, que aquilo lhe chamara a atenção, daria um salto no ato, jogaria meu grande sobretudo sobre a sua cabeça, amarraria suas mãos e deixaria o resto para Holmes. Mas Milverton não levantou os olhos uma só vez. Estava languidamente interessado nos papéis que tinha na mão, e virava página após página enquanto acompanhava o raciocínio do advogado. Pelo menos, pensei, quando ele acabar o documento e o charuto irá para o seu quarto; antes que tivesse chegado ao fim de algum dos dois, porém, um fato notável desviou por completo os nossos pensamentos.

Eu observara várias vezes que Milverton consultava seu relógio, e uma vez se levantara e se sentara de novo com um gesto de impaciência. Mas a ideia de que pudesse ter um encontro marcado numa hora tão estranha não me passara pela cabeça até que um débil som vindo da varanda me chegou aos ouvidos. Milverton deixou seus papéis caírem e retesou-se na cadeira. O som repetiu-se e depois ouvi uma leve batida à porta. Milverton levantou-se e foi abrir.

“Bem”, disse, lacônico, “você está quase meia hora atrasada.”

Então era essa a explicação da porta destrancada e da vigília noturna de Milverton. Ouviu-se o suave fru-fru de um vestido de mulher. Eu cerrara a fenda entre as cortinas quando o rosto de Milverton se virara na nossa direção, mas nesse momento atrevi-me, com muito cuidado, a reabri-la. Ele voltara a se sentar, o charuto ainda se projetando num ângulo insolente do

canto de sua boca. Diante dele, iluminada de cheio pela luz elétrica, postava-se uma mulher alta, magra e morena, um véu sobre a face, uma manta em volta do queixo. Sua respiração era rápida, e cada centímetro de seu corpo flexível tremia, presa de forte emoção.

“Bem”, disse Milverton, “por sua causa perdi uma boa noite de sono, minha cara. Espero que tenha valido a pena. Não poderia ter vindo numa outra hora... hein?”



“Não poderia ter vindo numa outra hora... hein?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

A mulher sacudiu a cabeça.

“Bem, se não pôde, paciência. Se a condessa é uma patroa severa, agora você tem sua chance de se desferrar. Mas que é isso, criatura? Por que treme tanto? Está tudo bem! Controle-se! Agora, vamos aos negócios.” Tirou uma carteira da gaveta da escrivaninha. “Você diz que tem cinco cartas que comprometem a condessa d’Albert. Quer vendê-las. Eu quero comprá-las. Até aí, tudo bem. Só resta fixar o preço. Eu gostaria de examinar as cartas, é claro. Se forem espécimes realmente bons... Meu Deus, é a senhora?”

Sem dizer uma palavra, a mulher havia levantado o véu e deixado o manto cair do queixo. Era um rosto moreno, bonito e bem delineado que se confrontava com Milverton, um rosto com um nariz curvo, sobrancelhas espessas e escuras, olhos duros e brilhantes, e uma boca reta, de lábios finos, num sorriso perigoso.

“Sou eu”, disse ela, “a mulher cuja vida você destruiu.”

Milverton riu, mas o medo vibrava na sua voz. “Foi teimosa demais”, disse. “Por que me impeliu a tais extremos? Eu lhe garanto que, por mim, eu nunca faria mal a uma mosca, mas todo homem tem seu negócio, e que podia eu fazer? Fixei o preço dentro das suas possibilidades. A senhora não quis pagar.”

“Então você enviou as cartas ao meu marido, e ele — o mais nobre dos cavalheiros que já existiu, um homem cujas botas nunca fui digna de amarrar —, seu nobre coração foi partido e ele morreu. Você se lembra que naquela última noite, quando entrei por essa porta, roguei e supliquei que tivesse misericórdia, e você riu na minha cara como está tentando rir agora, sem conseguir, porque seu coração covarde não consegue impedir seus lábios de se crisparem? Sim; você nunca pensou em me ver aqui de novo, mas foi naquela noite que aprendi como poderia encontrá-lo face a face, e a sós. Bem, Charles Milverton, que tem a dizer?”

“Não pense que pode me intimidar”, disse ele, erguendo-se. “Basta que eu levante a voz para chamar meus criados e mandar prendê-la. Mas vou levar em conta sua ira natural. Deixe esta sala imediatamente, como entrou, e não direi mais nada.”

A mulher continuou parada, a mão no peito e o mesmo sorriso sinistro nos lábios finos.

“Não destruirá mais vidas como destruiu a minha. Não atormentará mais corações como atormentou o meu. Vou libertar o mundo de uma peçonha. Tome isto, cão maldito, e isto!... e isto!... e isto... e isto!”

Ela puxou do decote um pequeno e reluzente revólver e disparou bala por bala no corpo de Milverton, o cano a sessenta centímetros de sua camisa. Ele se encolheu e depois caiu de frente sobre a mesa, tossindo furiosamente e agarrando os papéis. Depois cambaleou, recebeu mais um tiro e rolou no chão. “Você acabou comigo”, ele exclamou, e ficou imóvel. A mulher fitou-o

intensamente e calçou o salto do sapato sobre seu rosto virado para cima. Olhou de novo, mas não houve nenhum som nem movimento. Ouvi um rugeruge abrupto, o ar da noite invadiu o quarto aquecido, e a vingadora desaparecera.



“Ele se encolheu e depois caiu de frente sobre a mesa, tossindo furiosamente e agarrando os papéis.” [Charles Raymond Macauley, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

Nenhuma interferência de nossa parte teria podido salvar o homem de seu destino; mas, quando a mulher despejou bala após bala no corpo contraído de Milverton, eu estava prestes a saltar quando senti a mão fria e forte de Holmes no meu pulso. Compreendi toda a argumentação daquele aperto — que nada tínhamos a ver com aquilo; que a Justiça alcançara um canalha; que tínhamos nossa própria missão e nossos próprios objetivos, os quais não devíamos perder de vista. Mal a mulher saíra correndo do quarto, porém, Holmes foi até a outra porta, com passos rápidos e silenciosos, e girou a chave na fechadura. No mesmo instante ouvimos vozes na casa e o som de passos apressados. Os tiros haviam acordado a criadagem. Com absoluto sangue-frio, Holmes deslizou até o cofre, encheu os dois braços com maços

de cartas e jogou-os no fogo. Fez isso de novo, e de novo, até que o cofre ficou vazio. Alguém girou a maçaneta e bateu à porta. Holmes olhou rapidamente à sua volta. A carta que havia sido a mensageira da morte para Milverton estava aberta, salpicada de sangue, sobre a mesa. Holmes jogou-a entre os papéis em chamas. Depois tirou a chave da porta externa, passou depois de mim, e trancou-a por fora. “Por aqui, Watson”, disse, “podemos pular o muro do jardim nesta direção.”



“Depois cambaleou e recebeu mais um tiro.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Parecia incrível que um alarme tivesse se espalhado tão rapidamente. Olhando para trás, vimos a enorme casa inundada de luz. A porta da frente estava aberta e vultos corriam pelo caminho. O jardim inteiro estava repleto de gente; quando saímos da varanda, um sujeito soltou um grito ao nos ver e saímos na disparada. Holmes, que parecia conhecer o terreno com perfeição, avançou rapidamente por entre uma plantação de árvores pequenas, eu nos seus calcanhares, nosso perseguidor mais avançado ofegando atrás de nós. Era um muro de um metro e oitenta que barrava nosso caminho, mas ele

saltou no topo e despencou do outro lado. Ao fazer o mesmo, senti a mão do homem que vinha atrás de mim agarrando meu tornozelo; mas liberei-me com um pontapé e escalei uma crista de muro forrada com cacos de vidro. Caí de cara entre alguns arbustos, mas Holmes me levantou num instante e saímos correndo juntos pela imensa extensão de Hampstead Heath. Corremos três quilômetros, acredito, antes que Holmes parasse finalmente e ouvisse com atenção. Tudo se encontrava em absoluto silêncio atrás de nós. Havíamos nos livrado de nossos perseguidores e estávamos salvos.



Um dia depois da extraordinária experiência que acabo de registrar, havíamos tomado nosso desjejum e fumávamos nosso cachimbo matinal quando Mr. Lestrade, da Scotland Yard, muito solene e imponente, foi introduzido em nossa modesta sala de estar.

“Bom dia, Mr. Holmes”, disse; “bom dia. Posso lhe perguntar se está muito ocupado neste momento?”

“Não a ponto de não poder ouvi-lo.”

“Pensei que, talvez, se não estivesse particularmente ocupado, quisesse nos ajudar num caso dos mais notáveis, ocorrido ontem à noite mesmo em Hampstead.”

“Não diga!” exclamou Holmes. “Que foi?”

“Um assassinato — um assassinato dos mais dramáticos e extraordinários. Sei como se interessa por essas coisas e consideraria um grande favor se desse uma chegada a Appledore Towers e nos auxiliasse com seu conselho. Não é um crime comum. Estávamos de olho em Mr. Milverton havia algum tempo, e, cá entre nós, ele era um bom canalha. Sabe-se que possuía papéis que usava para fins de chantagem. Esses papéis foram todos queimados pelos assassinos. Nenhum objeto de valor foi levado, e é provável que os criminosos fossem homens de boa posição, cujo único objetivo era evitar algum escândalo.”

“Criminosos!” disse Holmes. “No plural!”

“Sim, foram dois. Não foram presos em flagrante por um triz. Temos as pegadas, a descrição deles, é quase certo que vamos descobri-los. O primeiro era muito ágil, mas o segundo foi agarrado pelo jardineiro e só escapou

depois de uma luta. Era um homem de porte mediano, de constituição forte — queixo quadrado, pescoço grosso, bigode, e uma máscara sobre os olhos.”

“Isso é um pouco vago”, disse Holmes. “Ora, poderia ser a descrição de Watson!”

“É verdade”, disse o inspetor, achando graça. “Poderia ser a descrição de Watson.”

“Bem, lamento não poder ajudá-lo, Lestrade”, disse Holmes. “O fato é que eu conhecia esse tal de Milverton, que o considerava um dos homens mais perigosos de Londres e que, a meu ver, há certos crimes que a lei não consegue punir, e que portanto, até certa medida, justificam a vingança pessoal. Não, é inútil discutir. Já tomei minha decisão. Minha comiseração vai para os criminosos, não para a vítima, e não tratarei desse caso.”



Holmes não me dissera uma palavra sobre a tragédia que havíamos testemunhado, mas durante toda a manhã observei que estava em sua disposição mais pensativa, e, com seus olhos vazios e maneiras distraídas, deu-me a impressão de um homem que se esforça para se lembrar de alguma coisa. Estávamos no meio de nosso almoço, quando ele se levantou de repente. “Meu Deus, Watson, consegui!” exclamou. “Pegue o seu chapéu! Venha comigo!” Correu o mais depressa que podia por Baker Street e Oxford Street, até chegarmos quase ao Regent Circus. Ali, do lado esquerdo, há uma vitrine cheia de fotografias das celebridades e beldades do momento. Os olhos de Holmes fixaram-se numa delas e, seguindo seu olhar, vi o retrato de uma dama majestosa em suntuosos trajes de corte, com uma alta tiara de diamantes sobre a nobre cabeça. Olhei aquele nariz delicadamente curvo, as sobrancelhas marcadas, a boca reta e a linha forte do queixo sob ela. Então, prendi o fôlego enquanto lia o título ancestral do grande nobre e estadista de quem ela fora esposa. Meus olhos encontraram os de Holmes, e ele levou um dedo aos lábios enquanto nos afastávamos da vitrine.



“Seguindo seu olhar, vi o retrato de uma dama majestosa em suntuosos trajes de corte.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

VIII. OS SEIS NAPOLEÕES

NÃO ERA MUITO RARO que Mr. Lestrade, da Scotland Yard, fosse nos ver no fim da tarde, e Holmes gostava de suas visitas porque elas lhe permitiam pôr-se a par de tudo que estava acontecendo no centro de operações da polícia. Em troca das notícias que Lestrade lhe levava, Holmes estava sempre disposto a ouvir com atenção os detalhes de qualquer caso de que o detetive estivesse se ocupando, e ocasionalmente era capaz, sem nenhuma interferência ativa, de dar alguma indicação ou sugestão extraída de seu vasto cabedal de conhecimento e experiência.

Nessa tarde particular, Lestrade havia falado do tempo e dos jornais. Depois silenciara e ficara pensativo, tirando baforadas do cachimbo. Holmes dirigiu-lhe um olhar penetrante.

“Está às voltas com alguma coisa de extraordinário?” perguntou.

“Ah, não, Mr. Holmes, nada de muito especial.”

“Então conte-me o que é.”

Lestrade riu.

“Bem, Mr. Holmes, é inútil negar que *tenho* alguma coisa em mente. No entanto, é um negócio tão absurdo que hesitei incomodá-lo por isso. Por outro lado, embora seja trivial, é sem sombra de dúvida esquisito, e sei que o senhor tem uma queda por tudo que é fora do comum. Na minha opinião, porém, trata-se de algo mais da seara do dr. Watson que da nossa.”

“Doença?”

“Loucura, de uma maneira ou de outra. E que loucura esquisita! Ninguém diria que existe alguém vivendo hoje no mundo com tanta raiva de Napoleão I que quebraria qualquer imagem dele que visse pela frente.”

Holmes reclinou-se em sua poltrona.

“Isso não me diz respeito”, disse.

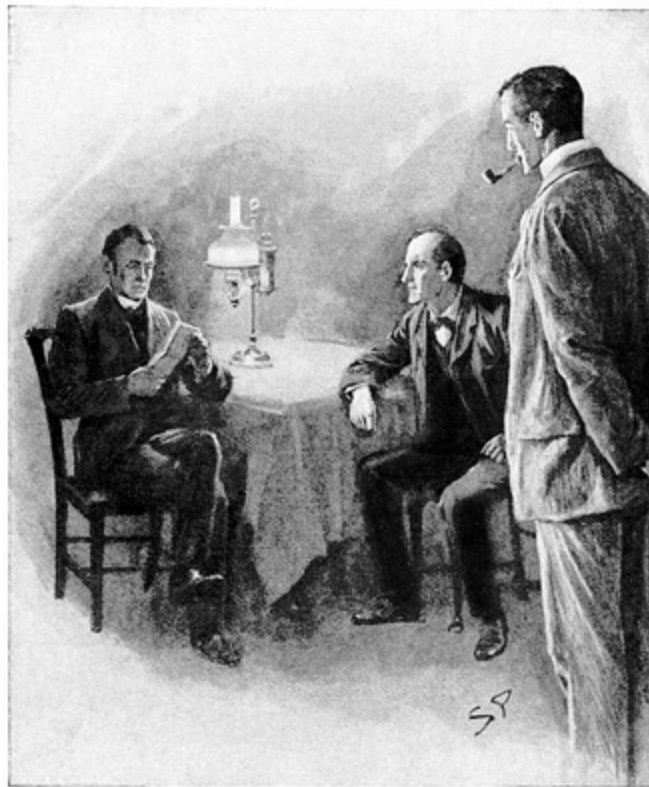
“Exatamente. Foi o que eu disse. Mas quando o homem faz um

arrombamento para quebrar imagens que não lhe pertencem, seu caso deixa de ser médico para ser policial.”

Holmes empertigou-se de novo.

“Arrombamento! Isso é mais interessante. Deixe-me ouvir os detalhes.”

Lestrade pegou sua caderneta oficial e refrescou a memória passando os olhos em suas páginas.



“Lestrade pegou sua caderneta oficial.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“O primeiro caso registrado foi quatro dias atrás”, disse. “Foi na loja de Morse Hudson, um estabelecimento que vende pinturas e estátuas em Kennington Road. O assistente deixara o balcão por um instante ao ouvir um ruído de algo se quebrando, correu lá e encontrou um busto de gesso de Napoleão que estava sobre o balcão, ao lado de várias outras obras de arte, espatifado. Correu à rua, mas embora vários passantes tivessem declarado que haviam notado um homem sair correndo da loja, não conseguiu ver ninguém nem encontrar uma maneira de identificar o velhaco. Parecia ser um desses atos de vandalismo sem sentido que ocorrem vez por outra, e assim foi

relatado ao policial no momento. A imagem de gesso não valia mais que alguns xelins, e todo o caso parecia ser pueril demais para merecer uma investigação particular.

“O segundo caso, no entanto, foi mais sério, e também mais singular. Aconteceu ontem à noite mesmo.

“Em Kennington Road, a poucos metros da loja de Morse Hudson, mora um médico muito conhecido chamado dr. Barnicot, que tem uma das maiores clínicas no lado sul do Tâmis. Sua residência e consultório principal ficam em Kennington Road, mas ele tem uma sala de cirurgia e um dispensário em Lower Brixton Road, a três quilômetros dali. Esse dr. Barnicot é um admirador entusiástico de Napoleão e sua casa é cheia de livros, quadros e relíquias do imperador francês. Pouco tempo atrás, ele comprou de Morse Hudson duas cópias de gesso iguais da famosa cabeça de Napoleão da autoria do escultor francês Devine. Pôs uma delas no saguão de sua casa em Kennington Road e a outra no aparador da lareira da sala de cirurgia em Lower Brixton. Bem, quando desceu hoje de manhã, o dr. Barnicot descobriu, para seu assombro, que sua casa havia sido arrombada durante a noite. Nada fora levado, exceto a cabeça de gesso que estava no saguão. Ela havia sido levada e brutalmente espatifada contra o muro do jardim, ao pé do qual os estilhaços foram encontrados.”

Holmes esfregou as mãos.

“Isso é certamente inusitado”, disse.

“Pensei que lhe agradaria. Mas ainda não cheguei ao fim. O dr. Barnicot tinha um compromisso em sua sala de cirurgia ao meio-dia, e pode imaginar seu pasmo quando, ao chegar lá, descobriu que a janela havia sido aberta durante a noite e que os cacos de seu segundo busto encontravam-se espalhados pela sala. A cópia fora espatifada onde estava. Em nenhum dos dois casos havia qualquer sinal que pudesse nos dar uma pista quanto ao criminoso ou lunático que perpetrara o dano. Agora, Mr. Holmes, o senhor tem todos os fatos.”

“Eles são singulares, para não dizer absurdos”, disse Holmes. “Posso lhe perguntar se os dois bustos do dr. Barnicot que foram espatifados eram duplicatas exatas do que foi destruído na loja de Morse Hudson?”

“Foram feitos com o mesmo molde.”

“Um fato como esse depõe contra a teoria de que o homem que os quebra é movido por um ódio geral a Napoleão. Considerando as centenas de estátuas do grande imperador que devem existir em Londres, seria demasiada coincidência que um iconoclasta que agisse de maneira indiscriminada começasse logo por três exemplares do mesmo busto.”

“Bem, pensei a mesma coisa”, disse Lestrade. “Por outro lado, esse Morse Hudson é quem vende bustos nessa parte de Londres, e esses três foram os únicos que ele teve em sua loja durante anos. Assim, embora, como o senhor diz, haja muitas centenas de estátuas em Londres, é muito provável que essas fossem as únicas naquele distrito. Portanto, um fanático local começaria por elas. Que pensa, dr. Watson?”

“Não há limites para as possibilidades da monomania”, respondi. É o mal que os psicólogos franceses modernos chamam ‘*idée fixe*’,* que pode ser de caráter trivial e acompanhado por completa sanidade em todos os outros aspectos. Um homem que leu muito sobre Napoleão, ou cuja família talvez tenha sofrido algum dano hereditário em decorrência da grande guerra, poderia formar uma ‘*idée fixe*’ como essa e, sob sua influência, ser capaz de qualquer ultraje fantástico.”

“A explicação não funciona, meu caro Watson”, disse Holmes, sacudindo a cabeça; “pois nenhuma ‘*idée fixe*’, por mais forte que fosse, permitiria ao seu interessante monomaniaco descobrir onde esses bustos se encontravam.”

“Bem, como explica isso?”

“Não tento fazê-lo. Observaria apenas que há certo método nos procedimentos excêntricos do cavalheiro. Por exemplo, no saguão do dr. Barnicot, onde um ruído poderia despertar a família, o busto foi levado para fora antes de ser quebrado, ao passo que na sala de cirurgia, onde havia menos perigo de um alarme, foi espatifado onde estava. Embora o caso pareça absurdamente trivial, não ousa qualificar nada de trivial quando reflito que meus casos mais clássicos tiveram os começos menos promissores. Você se lembrará, Watson, como o medonho negócio da família Abernethy chamou-me primeiro a atenção a partir da profundidade com que a salsa afundara na manteiga num dia quente. Por isso, não posso me permitir sorrir de seus três bustos quebrados, Lestrade, e lhe ficarei muito grato se me deixar saber de quaisquer novos desdobramentos de tão singular cadeia de eventos.”

O desdobramento que meu amigo pedira veio de uma forma mais rápida e infinitamente mais trágica do que ele poderia ter imaginado. Eu ainda me vestia em meu quarto na manhã seguinte quando, depois de uma batida à porta, Holmes entrou com um telegrama na mão. Leu alto:

Venha imediatamente, Pitt Street, 131, Kensington.

LESTRADE

“Que terá acontecido?” perguntei.

“Não sei — pode ser qualquer coisa. Mas desconfio que é a continuação da história das estátuas. Nesse caso, nosso amigo quebrador de imagens teria iniciado suas operações em outra área de Londres. Há café na mesa, Watson, e eu tenho um carro à porta.”

Em meia hora havíamos chegado a Pitt Street, um lugarzinho sossegado bem ao lado de uma das artérias mais agitadas da vida londrina. O número 131 estava entre uma fileira de residências respeitáveis e pouco românticas. Ao chegar, encontramos uma multidão de curiosos na frente da casa, ao longo da grade. Holmes assobiou.

“Meu Deus! Foi no mínimo tentativa de assassinato. Só isso faria um garoto como aquele ali, um mensageiro de Londres, parar para espiar. Os ombros caídos e o pescoço esticado daquele sujeito falam de um ato de violência. Que é isso, Watson? Os degraus de cima lavados e os outros secos. De todo modo, não faltam pegadas! Bem, bem, lá está Lestrade, à janela da frente; logo seremos inteirados de tudo.”

O oficial nos recebeu com um semblante muito sério e nos introduziu numa sala de visitas, onde um homem idoso extremamente desganhado e agitado, vestindo um roupão de flanela, andava de um lado para outro. Ele nos foi apresentado como o dono da casa — Mr. Horace Harker, da Agência Central de Notícias.



“Ele nos foi apresentado como o dono da casa — Mr. Horace Harker.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“É a história do busto de Napoleão outra vez”, disse Lestrade. “Como o senhor pareceu interessado ontem à noite, Mr. Holmes, pensei que talvez ficasse satisfeito em estar presente agora que o caso tomou uma direção muito mais grave.”

“Que direção foi essa?”

“Assassinato. Mr. Harker, poderia contar para estes cavalheiros exatamente o que aconteceu?”

O homem de roupão virou-se para nós com um rosto consternado.

“É extraordinário”, disse ele, “que eu tenha passado a minha vida inteira colhendo notícias sobre outras pessoas, e agora, quando uma notícia real acontece na minha vida, fique tão confuso e aborrecido que não consiga dizer coisa com coisa. Se eu estivesse aqui como jornalista, teria feito uma entrevista comigo mesmo e publicado duas colunas em todos os jornais vespertinos. Mas cá estou, perdendo a chance de dar um furo de reportagem ao contar minha história várias vezes para uma série de pessoas diferentes,

sem conseguir eu mesmo tirar partido dela. Seja como for, ouvi seu nome, Mr. Sherlock Holmes, e se pelo menos o senhor puder explicar esse negócio esquisito eu me sentirei recompensado pelo trabalho de lhe contar a história.”

Holmes sentou-se e ouviu.

“Tudo parece girar em torno daquele busto de Napoleão que comprei precisamente para esta sala cerca de dois meses atrás. Comprei-o barato na Harding Brothers, a dois passos da High Street Station. Grande parte de meu trabalho jornalístico é feita à noite, e muitas vezes escrevo até de manhã cedo. Eu estava sentado em meu gabinete, que fica nos fundos, no alto da casa, por volta das três horas, quando tive a impressão de ouvir alguns ruídos aqui embaixo. Prestei atenção, mas eles não se repetiram e concluí que vinham de fora. Então, de repente, uns cinco minutos depois, soou um grito pavoroso — o mais horrível som, Mr. Holmes, que já ouvi. Ele ressoará em meus ouvidos enquanto eu viver. Passei um ou dois minutos paralisado de horror. Depois peguei o atizador e desci. Ao entrar nesta sala, encontrei a janela escancarada e observei de imediato que o busto desaparecera do aparador da lareira. Por que cargas d’água um ladrão pegaria uma coisa assim está acima da minha compreensão, pois era apenas uma imagem de gesso sem absolutamente nenhum valor.

“Como o senhor mesmo pode ver, qualquer pessoa que saísse por essa janela aberta poderia saltar na soleira da porta dando uma passada larga. Como estava claro que o ladrão havia feito isso, dei a volta e abri a porta. Ao pisar lá fora no escuro, quase caí em cima de um homem morto estirado ali. Corri de volta para pegar uma luz, e lá estava o pobre sujeito, um grande talho no pescoço e tudo ensanguentado à sua volta. Ele estava de costas, os joelhos para cima e a boca horivelmente aberta. Eu o verei nos meus sonhos. Só tive tempo de soprar meu apito de polícia e devo ter desmaiado, porque não soube de mais nada até dar com um policial em pé junto de mim no saguão.”

“Bem, quem era o homem assassinado?” perguntou Holmes.

“Não havia nada para identificá-lo”, disse Lestrade. “O senhor verá o corpo no necrotério, mas não conseguimos apurar nada sobre ele até agora. É um homem alto, queimado de sol, muito forte, com não mais de trinta anos. Está pobrementemente vestido, mas não parece um operário. Ao lado dele, numa poça de sangue, via-se uma navalha de mola com cabo de osso. Se essa foi a

arma do crime ou se pertencia ao morto, não sei. Não havia nenhum nome em suas roupas, e nada nos bolsos, a não ser uma maçã, um pedaço de cordão, um mapa de Londres de um xelim e uma fotografia. Aqui está ela.”

Era evidentemente um instantâneo tirado com uma câmera pequena. Mostrava um homem em estado de alerta, com traços rudes e simiescos — sobrancelhas grossas e uma projeção muito peculiar da parte inferior da face, como o focinho de um babuíno.

“E que foi feito do busto?” perguntou Holmes depois de um exame atento desse retrato.

“Tivemos notícias dele pouco antes da sua chegada. Foi encontrado no jardim da frente de uma casa vazia em Campden House Road. Estava reduzido a cacos. Vou até lá agora para vê-lo. Irá comigo?”

“Sem dúvida. Preciso apenas dar uma olhada por aqui.” Examinou o tapete e a janela. “Ou o sujeito tinha pernas compridas, ou era um homem extremamente ágil”, disse. “Com um pátio embaixo, não deve ter sido nada fácil alcançar o parapeito daquela janela e abri-la. Voltar deve ter sido relativamente simples. Vem conosco ver os restos de seu busto, Mr. Harker?”

O desconsolado jornalista sentara-se a uma escrivaninha.

“Preciso tentar escrever alguma coisa sobre isso”, disse, “embora não tenha dúvida de que as primeiras edições dos jornais vespertinos já saíram, dando todos os detalhes. É a minha falta de sorte! Lembram-se da queda da arquibancada em Doncaster? Bem, eu era o único jornalista na arquibancada, e meu jornal foi o único que não noticiou o fato, porque fiquei abalado demais para escrever. E agora chegarei atrasado demais no caso de um assassinato cometido na soleira da minha porta.”

Quando saíamos da sala, ouvimos o ruído de sua pena correndo célere sobre o papel.

O local onde os fragmentos do busto tinham sido encontrados ficava a apenas algumas centenas de metros de distância. Pela primeira vez nossos olhos pousaram sobre a tal imagem do grande imperador que parecia suscitar raiva tão frenética e destrutiva na mente do desconhecido. Estava espalhada sobre a grama, em estilhaços. Holmes pegou vários deles e os examinou com cuidado. Sua fisionomia concentrada e seu jeito decidido me deram a certeza de que finalmente encontrara uma pista.

“E então?” perguntou Lestrade.

Holmes sacudiu os ombros.

“Ainda temos um longo caminho pela frente”, disse. “Mesmo assim... mesmo assim... bem, temos alguns fatos sugestivos para nos guiar. Este busto ordinário valia mais, aos olhos desse estranho criminoso, que uma vida humana. Este é um ponto. Depois há o fato singular de que ele não o quebrou na casa, ou imediatamente ao sair dela, se quebrá-lo era seu único objetivo.”

“Deve ter ficado desconcertado e afobado ao ver este outro sujeito. Mal sabia o que estava fazendo.”

“Bem, isso é bastante provável. Mas quero chamar sua atenção, muito particularmente, para a posição desta casa em cujo jardim o busto foi destruído.”

Lestrade olhou à sua volta.

“Era uma casa vazia, e assim ele sabia que não seria perturbado no jardim.”

“Sim, mas há uma outra casa vazia mais acima na rua, pela qual ele deve ter passado antes de chegar a esta. Por que não quebrou a estátua lá, já que é evidente que a cada metro que andasse com ela correria maior risco de ser visto por alguém?”

“Entrego os pontos”, disse Lestrade.

Holmes apontou para o lampião acima de nossas cabeças.



“Holmes apontou para o lampião acima de nossas cabeças.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Aqui ele podia ver o que estava fazendo e lá, não. Esta foi a razão.”

“Meu Deus! É verdade”, exclamou o detetive. “Isso me faz lembrar que o busto do dr. Barnicot foi quebrado não muito longe de sua lâmpada vermelha. Bem, Mr. Holmes, que podemos fazer com esse fato?”

“Lembrar dele — deixá-lo registrado. Poderemos topar com alguma coisa mais tarde que tenha ligação com ele. Que passos pretende dar agora, Lestrade?”

“A maneira mais prática de tratar o problema, na minha opinião, é identificar o morto. Isso não deverá ser difícil. Quando tivermos descoberto quem é ele, teremos uma boa chance de ficar sabendo o que fazia em Pitt Street ontem à noite, e quem foi que o encontrou e matou na soleira da porta de Mr. Horace Harker. Concorda?”

“Sem dúvida; mas não é exatamente dessa maneira que eu abordaria o caso.”

“Que faria, então?”

“Oh, não deve deixar que eu o influencie de maneira alguma. Sugiro que siga a sua linha, e eu a minha. Depois poderemos comparar nossas anotações, e um suplementar as do outro.”

“Muito bom”, disse Lestrade.

“Se vai voltar a Pitt Street, deverá estar com Mr. Horace Harker. Digalhe por mim que já cheguei a uma conclusão e que é certo que um perigoso lunático homicida com delírios napoleônicos esteve em sua casa ontem à noite. Isso será útil para o artigo que está escrevendo.”

Lestrade arregalou os olhos.

“Não acredita seriamente nisso, não é?”

Holmes sorriu.

“Será que não? Bem, talvez não. Mas tenho certeza de que isso vai interessar a Mr. Horace e aos assinantes da Agência Central de Notícias. Agora, Watson, creio que descobriremos que temos um dia de trabalho longo e bastante complicado pela frente. Ficaria satisfeito, Lestrade, se lhe fosse possível ir ao nosso encontro hoje à tarde, às seis horas. Até lá, gostaria de ficar com essa fotografia encontrada no bolso do morto. É possível que precise pedir sua companhia e ajuda numa pequena expedição que terei de empreender esta noite, se minha cadeia de raciocínio se provar correta. Até lá, adeus e boa sorte.”

Sherlock Holmes e eu voltamos caminhando para High Street e paramos na loja Harding Brothers, onde o busto havia sido comprado. Um jovem caixeiro nos informou que Mr. Harding estaria ausente até a tarde, e que ele próprio, sendo um novato no estabelecimento, não poderia nos dar nenhuma informação. A expressão de Holmes mostrou decepção e aborrecimento.

“Bem, bem, não podemos esperar que tudo corra como desejaríamos, Watson”, disse ele por fim. “Voltaremos à tarde, já que Mr. Harding não estará aqui antes. Estou tentando, como você sem dúvida inferiu, descobrir a origem desses bustos para verificar se não há algo de peculiar que poderia explicar o extraordinário destino que tiveram. Vamos visitar Mr. Morse Hudson, de Kennington, e ver se ele pode lançar alguma luz sobre o problema.”

Após uma hora de viagem, chegamos ao estabelecimento do vendedor de quadros. Ele era um homem baixo, corpulento, de rosto vermelho e

maneiras irascíveis.

“Sim, senhor. Sobre meu próprio balcão, senhor”, disse ele. “Não sei para que pagamos taxas e impostos quando qualquer desordeiro pode entrar e quebrar nossos artigos. Sim, senhor, fui eu que vendi ao dr. Barnicot suas duas estátuas. É vergonhoso, senhor! Um complô niilista, é assim que vejo isso. Só um anarquista sairia por aí quebrando estátuas. Republicanos vermelhos — é como eu os chamo. Onde adquiri as estátuas? Não sei o que isso tem a ver com o assunto. Bem, se realmente quer saber, eu as recebi da Gelder & Co., em Church Street, em Stepney. Eles são uma firma muito conhecida no ramo, estabelecida há vinte anos. Quantas eu tive? Três — dois mais um são três — duas do dr. Barnicot e uma espatifada em plena luz do dia sobre meu balcão. Se conheço essa fotografia? Não, nunca vi. Sim, mas eu conheço. Ora, é Beppo! Ele era uma espécie de biscateiro italiano que se fez útil na loja. Sabia entalhar um pouco, dourar e enquadrar, fazer pequenos serviços. O sujeito me deixou semana passada e desde então não tive mais notícias dele. Não, não sei de onde ele vinha nem para onde foi. Não tive nada contra ele enquanto esteve aqui. Foi embora dois dias antes de o busto ser quebrado.”

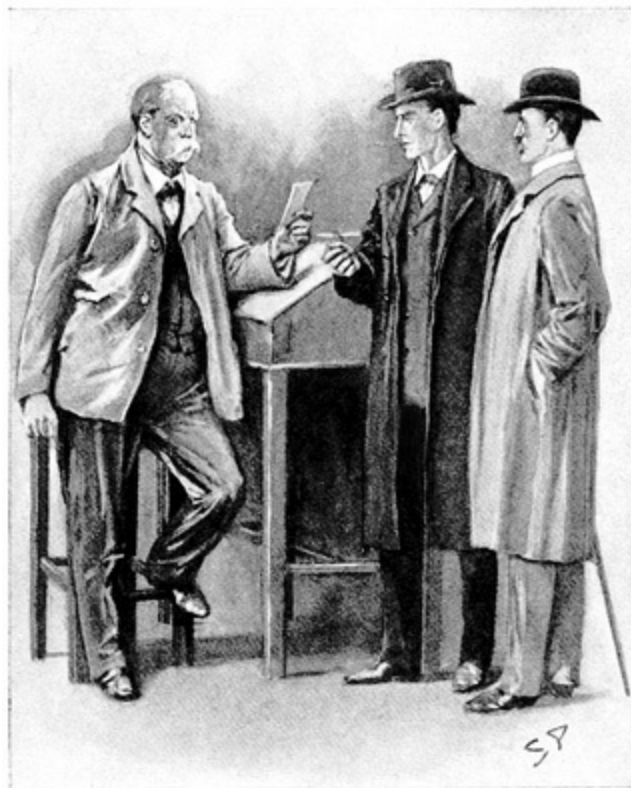
“Bem, isso é tudo que poderíamos esperar de Morse Hudson”, disse Holmes quando saímos da loja. “Temos este Beppo como um fator comum, tanto em Kennington como em Kensington, de modo que a viagem de quinze quilômetros valeu a pena. Agora, Watson, vamos à Gelder & Co., em Stepney, fonte e origem dos bustos. Ficarei surpreso se não conseguirmos alguma ajuda ali.”

Em rápida sucessão, passamos pela franja da Londres elegante, pela Londres dos hotéis, a Londres dos teatros, a Londres literária, a Londres comercial e, finalmente, pela Londres marítima, até chegarmos a uma cidade ribeirinha de umas cem mil almas, onde proscritos da Europa sufocam em casas de cômodos malcheirosas. Ali, numa rua movimentada, outrora residência de abastados comerciantes da City, encontramos a fábrica de esculturas que procurávamos. Fora havia um pátio bastante grande, cheio de monumentos de pedra. Dentro, uma vasta peça em que cinquenta operários entalhavam ou moldavam. O gerente, um alemão grande e louro, recebeu-nos com cortesia e deu uma resposta clara a todas as perguntas de Holmes. Uma consulta a seus livros mostrou que centenas de imagens haviam sido feitas a

partir de uma cópia de mármore da cabeça de Napoleão de Devine, mas que as três enviadas a Morse Hudson mais ou menos um ano antes eram a metade de um lote de seis; as outras três haviam sido enviadas para Harding Brothers, de Kensington. Não havia nenhuma razão para que esses seis bustos fossem diferentes de qualquer um dos outros lotes. Ele não podia sugerir nenhuma causa possível pela qual alguém pudesse desejar destruí-los — de fato, riu da ideia. Por atacado, eles custavam seis xelins, mas o varejista poderia cobrar doze ou mais. A peça era feita a partir de dois moldes, um de cada lado do rosto; depois esses dois perfis de gesso de Paris eram unidos para fazer o busto completo. O trabalho costumava ser feito por italianos, na sala em que estávamos. Quando terminados, os bustos eram postos numa mesa na galeria para secar e depois guardados. Não podia nos contar mais nada.

Mas a apresentação da fotografia teve um impacto extraordinário sobre o gerente. Seu rosto ficou corado de raiva, e suas sobrancelhas se cerraram sobre seus teutônicos olhos azuis.

“Ah, o patife!” exclamou. “Sim, realmente, eu o conheço muito bem. Este sempre foi um estabelecimento respeitável e a única vez que tivemos a polícia aqui foi por causa desse sujeito. Mais de um ano atrás. Ele deu uma facada em outro italiano na rua; depois veio para a fábrica com a polícia nos seus calcanhares e foi preso aqui. Seu nome era Beppo — o sobrenome eu nunca soube. Eu bem que mereci, por ter contratado um homem com essa cara. Mas ele era um bom operário — um dos melhores.”



“Ah, o patife!” exclamou.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Que pena ele pegou?”

“O homem sobreviveu e ele escapou com um ano. Não tenho dúvida de que está solto agora; mas não ousou aparecer por aqui. Temos um primo dele conosco, que provavelmente pode lhe dizer onde ele está.”

“Não, não”, exclamou Holmes, “nem uma palavra para o primo — nem uma palavra, eu lhe peço. O assunto é muito importante, e, quanto mais me aprofundo nele, mais importante me parece. Quando verificou em seu livro-razão a venda desses bustos, observei que a data foi 3 de junho do ano passado. Saberia em que dia Beppo foi preso?”

“Posso lhe dizer aproximadamente, pela folha de pagamento”, respondeu o gerente. “Sim”, continuou, após virar algumas folhas, “ele foi pago pela última vez no dia 20 de maio.”

“Obrigado”, disse Holmes. “Creio que não preciso abusar mais do seu tempo e da sua paciência.” Com uma última palavra para adverti-lo de que não devia dizer nada sobre nossas investigações, rumamos novamente para oeste.

A tarde estava adiantada quando conseguimos fazer um lanche rápido num restaurante. A primeira página de um jornal afixada na entrada anunciava: “Atrocidade em Kensington”, e o conteúdo do periódico mostrava que Mr. Horace Harker finalmente conseguira publicar sua versão dos fatos. Duas colunas eram ocupadas por uma interpretação extremamente sensacionalista e floreada de todo o incidente. Holmes apoiou o jornal contra o galheteiro enquanto comia. Por uma ou duas vezes soltou uma risadinha.

“Está excelente, Watson”, disse. “Ouça isto: ‘Ficamos satisfeitos em saber que não há divergência quanto a esse caso, uma vez que Mr. Lestrade, um dos mais tarimbados membros da força oficial, e Mr. Sherlock Holmes, o conhecido especialista consultor, chegaram ambos à conclusão de que a insólita série de incidentes que terminou de maneira tão trágica decorre antes da loucura que de intenção criminosa. Nenhuma explicação, exceto a aberração mental, pode dar conta dos fatos.’ A Imprensa, Watson, é uma instituição de valor inestimável, contanto que se saiba como utilizá-la. E agora, se tiver terminado, vamos voltar para Kensington e ver o que o proprietário da Harding Brothers tem a dizer sobre o assunto.”

O fundador daquele grande empório revelou-se um homenzinho enérgico, decidido, muito vivo e perspicaz, com uma mente clara e uma língua solta.

“Sim, senhor, já li sobre o caso nos jornais da tarde. Mr. Horace Harker é nosso freguês. Nós lhe vendemos os bustos alguns meses atrás. Encomendamos três bustos daquele tipo de Gelder & Co., de Stepney. Foram todos vendidos. Para quem? Oh, acredito que consultando nossos livros de venda poderíamos lhe dizer muito facilmente. Sim, temos os registros aqui. Um para Mr. Harker, está vendo, um para Mr. Josiah Brown, de Vila Laburnum, em Laburnum Vale, em Chiswick, e um para Mr. Sandeford, de Lower Grove Road, em Reading. Não, nunca vi esse rosto que me mostra nessa fotografia. Seria difícil esquecê-lo, não é, senhor? Raramente vi um mais feio. Se temos algum italiano no nosso pessoal? Sim, senhor, temos vários entre nossos empregados e faxineiros. Sim, provavelmente teriam podido dar uma olhada nesse livro de vendas, se quisessem. Não há nenhuma razão particular para manter esse livro sob vigilância. Bem, bem, é um negócio muito estranho, e espero que me comunique se suas investigações resultarem em alguma coisa.”

Holmes fizera várias anotações durante o depoimento de Mr. Harding e pude ver que estava plenamente satisfeito com o rumo que as coisas tomavam. Não fez nenhuma observação, porém, a não ser que, se não nos apressássemos, chegaríamos atrasados para nosso encontro com Lestrade. E de fato, quando chegamos a Baker Street, o detetive já estava lá; nós o encontramos andando de um lado para outro numa impaciência febril. Seu ar de importância mostrava que seu dia de trabalho não fora em vão.

“E então?” perguntou. “Como foram as coisas, Mr. Holmes?”

“Tivemos um dia muito atarefado, e não inteiramente improdutivo”, explicou meu amigo. “Vimos ambos os varejistas e também os fabricantes atacadistas. Agora posso reconstituir a história de cada busto desde a origem.”

“Os bustos!” exclamou Lestrade. “Bem, bem, o senhor tem seus próprios métodos, Mr. Sherlock Holmes, e não sou eu que vou dizer uma palavra contra eles, mas penso que tive um dia de trabalho melhor que o seu. Identifiquei o morto.”

“Não diga!”

“E descobri a causa do crime.”

“Esplêndido!”

“Temos um inspetor especializado em Saffron Hill e no Bairro Italiano. Bem, o morto tinha um emblema católico pendurado no pescoço, e isso, juntamente com sua cor, me fez pensar que era do Sul. O inspetor Hill o reconheceu assim que bateu os olhos nele. Chama-se Pietro Venucci, de Nápoles, e é um dos maiores estranguladores de Londres. Está ligado com a Máfia, que, como sabe, é uma sociedade política secreta que impõe seus ditames mediante o assassinato. O senhor vê, portanto, que o caso começa a ficar claro. O outro sujeito provavelmente também é italiano e membro da Máfia. Violou as regras de alguma maneira. Pietro foi posto no seu rastro. Provavelmente a fotografia que encontramos em seu bolso é a do próprio homem, para que ele não metesse a faca na pessoa errada. Ele persegue o sujeito, o vê entrando numa casa, espera-o do lado de fora e na briga é ele próprio mortalmente ferido. Que acha disto, Mr. Sherlock Holmes?”

Holmes bateu palmas.

“Excelente, Lestrade, excelente!” exclamou. “Mas não acompanhei

muito bem sua explicação sobre a destruição dos bustos.”

“Os bustos! O senhor não consegue tirar esses bustos da cabeça. Afinal de contas, isso não é nada; uma apropriação indébita insignificante, seis meses no máximo. É o homicídio que estamos realmente investigando, e eu lhe digo que estou reunindo todos os fios em minhas mãos.”

“E o próximo estágio?”

“É muito simples. Irei com Hill ao Bairro Italiano, encontrarei o homem da fotografia que temos e o prenderei sob acusação de homicídio. Virá conosco?”

“Creio que não. Imagino que podemos atingir nosso objetivo de uma maneira muito mais simples. Não posso dar certeza, porque tudo depende — bem, tudo depende de um fator que escapa por completo ao nosso controle. Mas tenho grandes esperanças — de fato, as chances são exatamente de dois para um — de que, se você vier conosco esta noite, serei capaz de ajudá-lo a algemar o homem.”

“No Bairro Italiano?”

“Não; tenho para mim que é em Chiswick que teremos mais chances de encontrá-lo. Se for comigo até lá esta noite, Lestrade, prometo ir ao Bairro Italiano com você amanhã, e um dia de atraso não fará diferença. Agora me parece que algumas horas de sono fariam bem a todos nós, pois só pretendo sair depois das onze horas e é improvável que retornemos antes da manhã. Você jantará conosco, Lestrade, e depois nosso sofá estará à sua disposição até a hora de sairmos. Nesse meio-tempo, Watson, ficaria agradecido se tocasse para chamar um mensageiro expresso, pois tenho uma carta para enviar e é importante que ela siga imediatamente.

Holmes passou horas esquadrinhando os arquivos de jornais diários antigos que abarrotavam um de nossos quartos de despejo. Quando finalmente desceu, foi com triunfo nos olhos, mas não disse nada a nenhum de nós dois sobre o resultado de suas pesquisas. De minha parte, eu havia seguido passo a passo os métodos pelos quais ele havia acompanhado todos os meandros desse caso complexo, e, embora ainda não conseguisse perceber a meta a que chegaríamos, compreendia claramente que Holmes esperava que aquele extravagante criminoso fizesse uma tentativa sobre os dois bustos remanescentes, um dos quais, eu me lembrava, estava em Chiswick. Sem

dúvida o objetivo de nossa viagem seria pegá-lo em flagrante, e eu podia apenas admirar a esperteza com que meu amigo introduzira uma pista falsa no jornal vespertino, de modo a dar ao sujeito a ideia de que podia levar adiante seu plano com impunidade. Não fiquei surpreso quando Holmes sugeriu que eu levasse meu revólver comigo. Ele mesmo pegara sua arma favorita, seu chicote de caça de cabo, carregado. Às onze horas um *four-wheeler* estava à porta e conduziu-nos para um local do outro lado de Hammersmith Bridge. Ali o cocheiro recebeu ordem de esperar. Uma curta caminhada levou-nos a uma rua erma margeada por casas agradáveis, erguidas em vastos terrenos. À luz de um lampião, lemos “Vila Laburnum” no pilar do portão de uma delas. Os moradores haviam evidentemente se recolhido para descansar, pois tudo estava escuro exceto pela bandeira sobre a porta do saguão, que projetava um único e indefinido círculo de luz sobre o caminho do jardim. A cerca de madeira que separava o terreno da rua jogava uma densa sombra negra sobre o lado de dentro, e foi ali que nos agachamos.

“Receio que teremos uma longa espera”, sussurrou Holmes. “Podemos agradecer às estrelas por não estar chovendo. Acho que não podemos nem nos atrever a fumar para passar o tempo. Há, contudo, uma chance de dois para um de conseguirmos alguma coisa que pague nosso esforço.”

Revelou-se, no entanto, que nossa vigília não seria tão longa quanto Holmes nos levara a temer, e ela terminou de uma maneira muito abrupta e singular. De repente, sem o menor som para nos advertir de sua chegada, o portão do jardim se abriu e um vulto ágil e escuro, rápido e ativo como um macaco, correu pelo caminho do jardim. Nós o vimos passar num átimo pela luz projetada por cima da porta e desaparecer contra a sombra escura da casa. Houve uma longa pausa, durante a qual prendemos a respiração, e depois um rangido suave chegou aos nossos ouvidos. A janela estava sendo aberta. O ruído cessou, e mais uma vez fez-se um longo silêncio. O sujeito estava entrando na casa. Vimos o súbito lampejo de uma lanterna dentro da sala. Evidentemente o que ele procurava não estava lá, pois vimos o clarão de novo através de outra cortina e depois de mais outra.

“Vamos até a janela aberta. Poderemos agarrá-lo quando pular para fora”, cochichou Lestrade.

Mas antes que pudéssemos nos mexer, o homem reapareceu. Quando chegou à faixa de luz difusa, vimos que carregava uma coisa branca debaixo

do braço. Olhou furtivamente para todos os lados. O silêncio da rua deserta o tranquilizou. Virando as costas para nós, pôs sua carga no chão; no instante seguinte ouvimos o som de uma batida abrupta, seguido por um estrépito. O homem estava tão concentrado no que fazia que não ouviu nossos passos quando nos aproximamos pelo gramado. Com o salto de um tigre, Holmes estava nas suas costas; um instante depois Lestrade e eu o segurávamos por ambos os pulsos e as algemas haviam sido fechadas. Quando o viramos, vi um rosto amarelado, medonho, traços contorcidos, olhando furiosamente para nós, e não tive dúvida de que era o homem da fotografia que conseguíramos.



“Mas antes que pudéssemos nos mexer, o homem reapareceu.” [Anônimo, *Portland Oregonian*, 27 de agosto de 1911]



“Vimos que carregava uma coisa branca debaixo do braço.” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]



“Com o salto de um tigre, Holmes estava nas suas costas.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Mas não era ao nosso prisioneiro que Holmes dava atenção. Agachado na soleira da porta, ele estava empenhado em examinar o que o homem trouxera da casa. Era um busto de Napoleão como aquele que víamos de manhã, e havia sido quebrado em fragmentos semelhantes. Cuidadosamente, Holmes segurava caco por caco à luz, mas nenhum diferia dos demais sob qualquer aspecto. Ele mal acabara seu exame quando as luzes do saguão se acenderam, a porta se abriu, e o dono da casa, uma figura jovial e rotunda, em mangas de camisa, apareceu.



“A porta se abriu, e o dono da casa apareceu.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Mr. Josiah Brown, suponho?” perguntou Holmes.

“Sim, senhor; e vejo que é sem dúvida Sherlock Holmes, não? Recebi o bilhete que mandou pelo mensageiro expresso e fiz exatamente o que me disse. Trancamos todas as portas internas e esperamos os desdobramentos. Bem, estou satisfeito por ver que pegaram o patife. Espero, cavalheiros, que entrem para tomar alguma coisa.”

Mas, como Lestrade estava ansioso para trancafiar seu homem, em alguns minutos nosso carro de praça havia sido chamado e estávamos os quatro a caminho de Londres. Nosso prisioneiro não abriu a boca; fitava-nos furiosamente sob a sombra de sua densa cabeleira e uma vez, quando minha mão pareceu estar a seu alcance, tentou abocanhá-la como um lobo faminto. Passamos tempo suficiente na delegacia para ficar sabendo que uma revista de suas roupas não revelara nada, exceto alguns xelins e uma navalha comprida em cujo cabo havia vestígios de sangue recente.

“Está tudo certo”, disse Lestrade quando partimos. “Hill conhece todos esses fidalgos, e saberá o nome dele. Verão que minha teoria da Máfia

funcionará muito bem. Mas sem dúvida sinto-me extremamente agradecido, Mr. Holmes, pela maneira engenhosa como o agarrou. Ainda não a compreendo muito bem.”

“Temo que a hora seja um pouco tardia para explicações”, disse Holmes. “Além disso, há um ou dois detalhes que ainda não tirei inteiramente a limpo, e esse é um daqueles casos que merecem ser averiguados até o fim. Se for mais uma vez a meus aposentos amanhã às seis da tarde, penso que terei condições de lhe mostrar que mesmo agora você não captou o pleno significado deste caso, que apresenta algumas características que o tornam absolutamente original na história do crime. Se algum dia eu lhe permitir voltar a narrar meus probleminhas, Watson, prevejo que animará suas páginas com um relato da singular aventura dos bustos napoleônicos.”



Quando nos encontramos de novo na tarde do dia seguinte, Lestrade estava a par de muitas informações relativas a nosso prisioneiro. Seu nome, ao que parecia, era Beppo, o segundo nome era ignorado. Era um vagabundo conhecido junto à colônia italiana. Havia sido outrora um escultor habilidoso e ganhara a vida honestamente, mas tomara o mau caminho e estivera duas vezes na cadeia — uma vez por um roubo insignificante, e outra, como já tínhamos ouvido falar, por dar uma facada num compatriota. Falava inglês perfeitamente bem. Seus motivos para destruir os bustos ainda eram ignorados, e ele se recusara a responder a qualquer pergunta sobre o assunto. A polícia descobrira, porém, que era bem possível que esses mesmos bustos tivessem sido feitos pelas mãos dele, uma vez que ele fazia esse tipo de trabalho no estabelecimento Gelder & Co. Holmes ouviu todas essas informações, grande parte das quais já tínhamos, com polida atenção, mas eu, que o conhecia tão bem, pude ver claramente que seus pensamentos estavam em outro lugar — eu percebia uma mescla de inquietação e expectativa sob sua máscara costumeira. Finalmente ele teve um sobressalto em sua cadeira e seus olhos se iluminaram. A campainha tocou. Um minuto depois ouvimos passos nos degraus e um homem idoso, de faces coradas e costeletas grisalhas foi introduzido na sala. Carregava na mão direita uma maleta antiquada, que depositou sobre a mesa.



“Carregava uma maleta antiquada.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Mr. Sherlock Holmes está aqui?”

Meu amigo fez uma reverência e sorriu. “Mr. Sandeford, de Reading, eu presumo?” disse.

“Sim, senhor. Receio estar um pouco atrasado; mas tive problema com os trens. O senhor me escreveu a respeito de um busto de minha propriedade.”

“Exatamente.”

“Tenho a sua carta aqui. O senhor disse: ‘Desejo possuir uma cópia do Napoleão de Devine e estou disposto a lhe pagar dez libras pela que lhe pertence.’ É isso mesmo?”

“Certamente.”

“Fiquei muito surpreso com sua carta, pois não consegui atinar como pôde saber que eu possuía tal coisa.”

“Claro que deve ter ficado surpreso, mas a explicação é muito simples. Mr. Harding, da Harding Brothers, disse que lhe havia vendido a última cópia e deu-me seu endereço.”

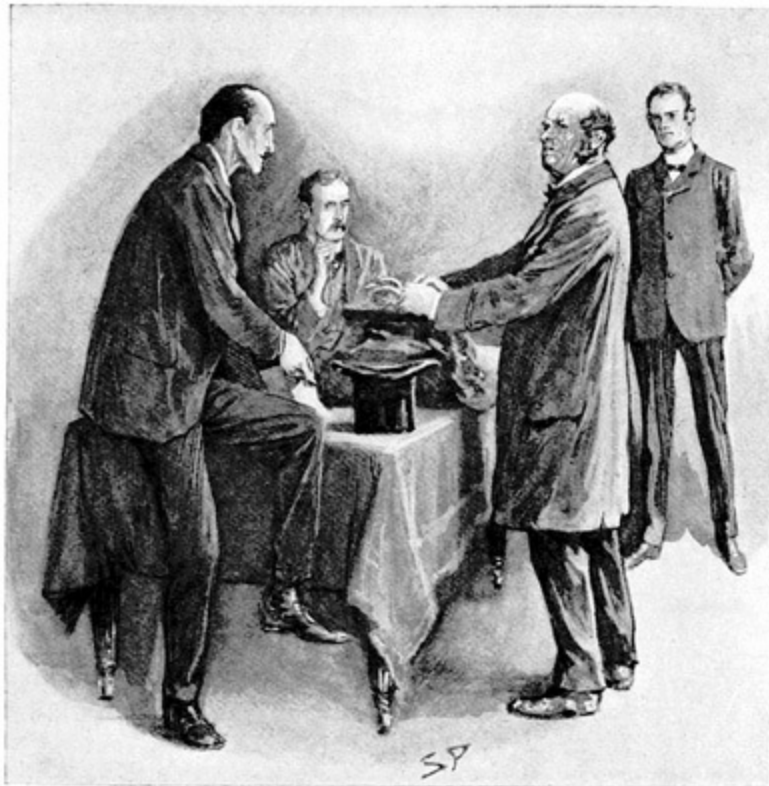
“Ah, então foi isso? Ele lhe disse quanto paguei por ela?”

“Não, não disse.”

“Bem, sou um homem honesto, embora não muito rico. Dei apenas quinze xelins pelo busto, e parece-me que o senhor deve saber disso antes que eu aceite suas dez libras.”

“Sem dúvida esse escrúpulo depõe a seu favor, Mr. Sandeford. Mas esse foi o preço que lhe ofereci e é o preço que pretendo pagar.”

“Bem, é muito generoso da sua parte, Mr. Holmes. Trouxe o busto comigo, como me pediu. Aqui está!”



“Trouxe o busto comigo, como me pediu.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Abriu sua maleta e finalmente vimos, sobre nossa mesa, um espécime inteiro daquele busto que já víamos mais de uma vez em cacos.

Holmes tirou um papel do bolso e pôs uma nota de dez libras sobre a mesa.

“Faça-me a gentileza de assinar este papel, Mr. Sandeford, na presença

destas testemunhas. Ele diz simplesmente que o senhor transfere para mim todos os possíveis direitos que algum dia possuiu sobre o busto. Sou um homem metódico, sabe, e nunca se sabe que rumo as coisas podem tomar depois. Muito obrigado, Mr. Sandeford; aqui está o seu dinheiro e tenha uma boa noite.”

Depois que nosso visitante desapareceu, tivemos toda a nossa atenção atraída pelos movimentos de Sherlock Holmes. Ele começou tirando um pano branco e limpo de uma gaveta e estendendo-o sobre a mesa. Em seguida pôs seu busto recém-adquirido no centro do pano. Por fim, pegou seu chicote de caça e bateu com força no topo da cabeça do Napoleão. A figura espatifou-se e Holmes debruçou-se ansiosamente sobre os estilhaços. No instante seguinte, com um sonoro grito de triunfo, mostrou um caco, no qual estava preso um objeto redondo e escuro, como uma ameixa num pudim.



“Pegou seu chicote de caça e bateu com força no Napoleão.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Senhores”, exclamou ele, “permitam-me apresentar-lhes a famosa pérola negra dos Bórgia!”

Lestrade e eu ficamos em silêncio por um momento; depois, num impulso espontâneo, ambos começamos a aplaudir, como no clímax bem elaborado de uma peça teatral. Um rubor afluiu às faces pálidas de Holmes e ele se curvou para nós como um dramaturgo consumado que recebe a homenagem de seu público. Era nesses momentos que, por um instante, ele deixava de ser uma máquina de raciocinar e revelava seu apreço humano pela admiração e o aplauso. A mesma natureza singularmente orgulhosa e reservada que rejeitava com desdém a notoriedade popular era capaz de ficar profundamente comovida pelo assombro e o elogio de um amigo.

“Sim, cavalheiros”, disse ele, “é a mais famosa pérola que existe atualmente no mundo, e tive a sorte, graças a uma cadeia coerente de raciocínio indutivo, de seguir seu rastro desde o quarto do príncipe de Colonna no Dacre Hotel, onde foi perdida, até o interior deste busto de Napoleão, o último dos seis fabricados por Gelder & Co., em Stepney. Você deve se lembrar, Lestrade, da sensação provocada pelo desaparecimento desta valiosa joia e dos vãos esforços da polícia de Londres para recuperá-la. Eu mesmo fui consultado sobre o caso; mas fui incapaz de lançar qualquer luz sobre ele. A suspeita caiu sobre a criada da princesa, uma italiana; foi provado que essa mulher tinha um irmão em Londres, mas não conseguimos estabelecer nenhuma relação entre eles. O nome da criada era Lucretia Venucci, e não há nenhuma dúvida em minha mente de que esse Pietro assassinado duas noites atrás era o irmão dela. Estive verificando as datas em velhos arquivos de jornal e descobri que a pérola desapareceu exatamente dois dias antes da prisão de Beppo por um crime de violência — um fato que ocorreu na fábrica Gelder & Co. exatamente no momento em que esses bustos estavam sendo feitos. Agora você pode ver claramente a sequência dos acontecimentos, embora os veja, é claro, na ordem inversa àquela em que se apresentaram para mim. Beppo estava de posse da pérola. Pode tê-la roubado de Pietro, talvez tivesse sido cúmplice dele, pode ter agido como intermediário entre Pietro e a irmã. Não importa muito para nós qual é a solução correta.

“O fato principal é que ele *tinha* a pérola, e naquele momento, quando a levava consigo, foi perseguido pela polícia. Rumou para a fábrica onde trabalhava, sabendo que tinha apenas alguns minutos para esconder aquele tesouro enormemente valioso, ou ele seria encontrado quando o revistassem.

Seis imagens de gesso de Napoleão estavam secando na galeria. Uma delas ainda estava mole. Num instante Beppo, artesão habilidoso, fez um furinho no gesso molhado, deixou cair a pérola e, com alguns toques, cobriu mais uma vez a abertura. Era um esconderijo admirável. Ninguém teria como encontrá-la. Mas Beppo foi condenado a um ano de prisão e nesse meio-tempo os seis bustos foram espalhados por Londres. Ele não sabia qual deles continha seu tesouro. Só poderia saber se os quebrasse. Nem sacudir lhe diria alguma coisa, porque, como o gesso estava molhado, era provável que a pérola tivesse aderido a ele — como de fato aconteceu. Beppo não perdeu a esperança e conduziu sua busca com considerável engenhosidade e perseverança. Por meio de um primo que trabalha com Gelder, descobriu as firmas varejistas que haviam comprado os bustos. Conseguiu arranjar um emprego na Morse Hudson e desse modo rastrear três deles. A pérola não estava em nenhum. Depois, com a ajuda de algum empregado italiano, conseguiu descobrir onde os três outros bustos tinham ido parar. O primeiro estava na casa de Harker. Beppo foi seguido até lá por seu cúmplice, Pietro, que o considerava responsável pelo sumiço da pérola, e apunhalou Pietro na briga que se seguiu.

“Se Pietro era cúmplice de Beppo, por que andava com a fotografia dele?”

“Como um meio de identificá-lo se tivesse de perguntar sobre ele para alguém. Essa era a razão óbvia. Bem, calculei que, depois do assassinato, em vez de atrasar seus movimentos, Beppo iria se apressar. Teria medo de que a polícia adivinhasse seu segredo, e assim trataria de agir depressa antes que ela passasse à sua frente. Claro que eu não podia ter certeza de que ele não encontrara a pérola no busto de Harker. De fato, nem havia concluído ainda de maneira definitiva que se tratava da pérola; mas ficou evidente para mim que ele estava procurando alguma coisa, pois passou por várias outras casas com o busto para quebrá-lo num jardim iluminado por um lampião. Como o busto de Harker era um em três, as chances eram exatamente como eu lhes disse — dois para um de que a pérola não estivesse dentro dele. Restavam dois bustos, e era óbvio que primeiro ele iria atrás do que estava em Londres. Adverti os moradores da casa, de modo a evitar uma segunda tragédia, e lá fomos nós, com os mais felizes resultados. Nessa altura, é claro, eu tinha certeza que era da pérola Bórgia que estávamos em busca. O nome do

homem assassinado ligava um evento ao outro. Restava apenas um único busto — o de Reading — e a pérola tinha de estar nele. Comprei-o do dono na presença dos senhores — e aí está ele.”

Permanecemos em silêncio por um momento.

“Bem”, disse Lestrade, “já o vi tratar de grande número de casos, Mr. Holmes, mas não me lembro de já ter visto algum desvendado com mais engenhosidade que este. Não o invejamos na Scotland Yard. Não, temos grande orgulho do senhor, e se aparecer por lá amanhã, nenhum homem, do mais velho inspetor ao mais jovem policial, deixará de ficar satisfeito em lhe apertar a mão.”

“Muito obrigado!” disse Holmes. “Muito obrigado!” e quando ele se virou tive a impressão de que nunca o vira tão comovido pelas mais delicadas emoções humanas. Um momento depois, era novamente o pensador frio e prático. “Ponha a pérola no cofre, Watson”, disse, “e tire os papéis do caso da forja de Conk-Singleton. Até logo, Lestrade. Se deparar com algum probleminha, ficarei feliz em lhe dar, se puder, um ou dois palpites para sua solução.”

* “Ideia fixa”, em francês no original.

IX. OS TRÊS ESTUDANTES

FOI NO ANO DE 1895 que, em consequência de uma combinação de fatos que não preciso especificar, Mr. Sherlock Holmes e eu fomos passar algumas semanas numa de nossas mais importantes cidades universitárias, e foi durante esse período que nos ocorreu a pequena mas instrutiva aventura que estou prestes a contar. Ficará óbvio que revelar quaisquer detalhes que pudessem ajudar o leitor a identificar exatamente a faculdade ou o criminoso seria imprudente e ofensivo. Devemos sem dúvida permitir que um escândalo tão penoso seja completamente esquecido. Mas é possível que, com a devida discrição, o incidente propriamente dito possa ser descrito, uma vez que serve para ilustrar algumas das qualidades pelas quais meu amigo é notável. Farei um esforço, em minha narrativa, para evitar termos que serviriam para limitar os eventos a qualquer lugar particular, ou dar algum indício quanto às pessoas envolvidas.

Estávamos residindo na época em aposentos mobiliados perto de uma biblioteca em que Sherlock Holmes desenvolvia uma trabalhosa pesquisa sobre cartas régias inglesas antigas — pesquisa que leva a resultados tão surpreendentes que poderá vir a ser o assunto de uma de minhas futuras narrativas. Foi ali que, certa tarde, recebemos a visita de um conhecido, Mr. Hilton Soames, tutor e professor no College of St. Luke's. Mr. Soames era um homem alto e enxuto, de temperamento nervoso e excitável. Eu sempre soubera que era nervoso, mas nessa ocasião particular estava em tal estado de agitação que era patente que algo de inusitado acontecera.

“Espero, Mr. Holmes, que possa me ceder algumas horas de seu precioso tempo. Tivemos um incidente muito penoso no St. Luke's, e realmente, não fosse pelo feliz acaso de o senhor se encontrar na cidade, eu teria ficado sem saber o que fazer.”



“Espero, Mr. Holmes, que possa me ceder algumas horas.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Estou muito ocupado neste exato momento e não desejo distrações”, respondeu meu amigo. “Preferiria, de longe, que pedisse a ajuda da polícia.”

“Não, não, meu caro senhor; esse procedimento é inteiramente impossível. A lei, depois de invocada, não pode ser detida, e este é precisamente um daqueles casos em que, pela reputação da faculdade, é absolutamente essencial evitar escândalo. O senhor é tão conhecido pela discrição quanto pela capacidade, e é o único homem no mundo que pode me ajudar. Eu lhe suplico, Mr. Holmes, que faça o que puder.”

O humor de meu amigo não melhorara depois que fora privado do agradável ambiente de Baker Street. Sem seus livros de recortes, seus produtos químicos e a desordem doméstica, era um homem pouco à vontade. Sacudiu os ombros numa aquiescência descortês, enquanto nosso visitante despejou sua história, atropelando as palavras e gesticulando muito.

“Devo lhe explicar, Mr. Holmes, que amanhã é o primeiro dia dos exames para a Bolsa Fortescue. Sou um dos examinadores. Minha disciplina é o grego, e o primeiro exame escrito consiste na tradução de uma grande passagem em grego que o candidato não conhece. Essa passagem virá impressa na folha do exame, e naturalmente seria uma imensa vantagem para o candidato poder preparar a tradução de antemão. Por esta razão, tomamos

muito cuidado para manter o exame em segredo.

“Hoje, por volta das três horas, as provas tipográficas desse exame chegaram da gráfica. O exercício consiste na tradução da metade de um capítulo de Tucídides. Tive de ler o impresso cuidadosamente, pois o texto precisa estar absolutamente correto. Às quatro e meia meu trabalho ainda não estava concluído. Mas, como eu havia prometido tomar chá com um amigo nos seus aposentos, deixei a prova sobre minha escrivaninha. Fiquei ausente bem mais de uma hora.

“Como sabe, as portas de nossa faculdade são duplas — uma de baeta verde por dentro e uma pesada, de carvalho, por fora. Quando me aproximei de minha porta externa, fiquei espantado ao ver uma chave nela. Por um instante, imaginei que havia deixado a minha ali, mas apalpei meu bolso e vi que ela estava lá. A única duplicata existente, até onde eu sabia, era a pertencente a meu criado, Bannister, um homem que cuida de meus aposentos há dez anos e cuja honestidade está absolutamente acima de suspeitas. Descobri que a chave era realmente a dele: entrara na minha sala para perguntar se eu queria chá, e, muito negligentemente, deixara a chave na porta ao sair. Sua visita à minha sala deve ter ocorrido poucos minutos depois que saí. O esquecimento da chave teria tido pouca importância em qualquer outra ocasião, mas nesse dia produziu as mais deploráveis consequências.

“Assim que olhei para a minha mesa, percebi que alguém vasculhara meus papéis. A prova tipográfica era em três tiras compridas, que eu deixara todas juntas. Agora, via que uma delas estava no chão, uma na mesinha perto da janela e a terceira onde eu a deixara.”

Holmes mexeu-se pela primeira vez.

“A primeira página no chão, a segunda na janela e a terceira onde a deixara”, disse.

“Exatamente, Mr. Holmes. O senhor me espanta. Como soube disso?”



“Como soube disso?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Por favor, continue sua interessantíssima narrativa.”

“Por um instante, imaginei que Bannister havia tomado a imperdoável liberdade de examinar meus papéis. Ele o negou, contudo, com a máxima seriedade, e estou convencido de que disse a verdade. A alternativa era que alguém de passagem tivesse notado a chave na porta e, sabendo que eu estava fora, tivesse entrado para olhar os papéis. Uma grande soma de dinheiro está em jogo, porque a bolsa é muito valiosa e uma pessoa inescrupulosa poderia sem dúvida ter querido correr um risco para obter vantagem sobre os companheiros.

“Bannister ficou muito perturbado com o incidente. Quase desmaiou quando verificamos que os papéis haviam sem dúvida sido mexidos. Dei-lhe um gole de conhaque e deixei-o derreado numa cadeira, enquanto procedia a um exame extremamente meticuloso da sala. Logo vi que o invasor havia deixado outros vestígios de sua presença além dos papéis desarrumados. Na mesa junto à janela havia várias lascas de um lápis que fora apontado. Via-se também ali uma ponta quebrada de grafita. Evidentemente o canalha havia

copiado o exame com muita afobação, quebrara seu lápis e fora obrigado a apontá-lo.”

“Excelente!” disse Holmes, que recobrava seu bom humor à medida que o caso lhe absorvia mais a atenção. “A sorte lhe sorriu.”

“Não foi só isso. Tenho uma escrivaninha nova com um belo tampo de couro vermelho. Posso jurar, e Bannister também, que ele estava liso e imaculado. Agora, vê-se nele um corte profundo de uns sete centímetros de comprimento — não um simples arranhão, mas um corte de fato. Não só isso, como encontrei sobre a mesa uma bolinha de massa ou argila preta, com pontinhos que parecem serragem, e estou convencido de que essas marcas foram deixadas pelo homem que revirou os papéis. Não havia pegadas, nem qualquer outro indício relativo à sua identidade. Eu não sabia para onde me virar quando, de repente, ocorreu-me a feliz lembrança de que o senhor estava na cidade e vim diretamente pôr o caso nas suas mãos. Ajude-me, Mr. Holmes! Está vendo meu dilema. Ou bem encontro o homem, ou o exame terá de ser adiado até que novos testes sejam preparados, e, como isso não pode ser feito sem uma explicação, haverá um escândalo pavoroso, que lançará uma nuvem escura não só sobre a faculdade como sobre a universidade. Acima de tudo, desejo resolver o assunto de maneira silenciosa e discreta.”

“Ficarei feliz em examinar o problema e aconselhá-lo como puder”, disse Holmes, levantando-se e vestindo seu sobretudo. “O caso não é inteiramente desprovido de interesse. Alguém o visitara em sua sala depois da chegada dos papéis?”

“Sim, o jovem Daulat Ras, um aluno indiano que mora na mesma ala; foi me perguntar sobre um detalhe relacionado ao exame.”



Daulat Ras [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“E para isso entrou na sala?”

“Sim.”

“E os papéis estavam sobre a sua mesa?”

“Acredito firmemente que estavam enrolados.”

“Mas teria ele podido reconhecê-los como provas tipográficas?”

“Possivelmente.”

“Ninguém mais entrou na sua sala?”

“Não.”

“Alguém sabia que as provas estavam lá?”

“Ninguém, a não ser o tipógrafo.”

“Esse tal Bannister sabia?”

“Não, certamente não. Ninguém sabia.”

“Onde está Bannister agora?”

“Estava passando muito mal, pobre coitado! Deixei-o derreado na cadeira, eu estava aflito por vir à sua procura.”

“Deixou a porta aberta?”

“Primeiro tranquei os papéis.”

“Então o que aconteceu, Mr. Soames, foi que, a menos que o estudante indiano tenha reconhecido o rolo como sendo provas tipográficas, o homem que os revirou deu com eles acidentalmente, sem saber que estavam lá.”

“É o que me parece.”

Holmes deu um sorriso enigmático.

“Bem”, disse, “vamos até lá. Este não é um dos seus casos, Watson — é mental, não físico. Está certo; venha se quiser. Agora, Mr. Soames — estou a seu dispor!”

A sala de nosso cliente dava, por uma janela longa e baixa, coberta com uma treliça, para o antigo pátio, colorido pelo líquen, da velha faculdade. Uma porta em arco gótico levava a uma gasta escada de pedra. Os aposentos do tutor ficavam no térreo. Acima moravam três estudantes, um em cada andar. Já escurecia quando chegamos ao cenário de nosso problema. Holmes parou e examinou gravemente a janela. Depois se aproximou dela e, ficando na ponta dos pés, com o pescoço esticado, olhou para dentro da sala.



“Com o pescoço esticado, olhou para dentro da sala.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Ele deve ter entrado pela porta. Não há nenhuma abertura exceto esta única vidraça”, disse nosso culto guia.

“Meu Deus!” exclamou Holmes, e sorriu de maneira singular ao olhar de relance nosso companheiro. “Bem, se não há nada aqui, é melhor entrar.”

O professor destrancou a porta externa e introduziu-nos em seus aposentos. Ficamos na entrada, enquanto Holmes fazia um exame no tapete.

“Lamento dizer que não há nenhum sinal aqui”, disse. “Difícilmente poderíamos esperar algum, depois de um dia tão seco. Ao que parece, seu criado se recuperou por completo. O senhor o deixou numa cadeira, segundo disse; que cadeira?”

“Aquele junto da janela.”

“Entendo. Perto daquela mesinha. Podem entrar agora. Já terminei com o tapete. Vamos dar uma olhada na mesinha primeiro. Evidentemente o que aconteceu está muito claro. O homem entrou e pegou os papéis, folha por folha, da mesa central. Levou-os até a mesinha junto à janela, porque dali poderia vê-lo cruzando o pátio e escapar.”

“Na verdade, não poderia”, disse Soames, “porque entrei pela porta lateral.”

“Ah, isso é bom! Bem, seja como for, isso estava na mente dele. Deixe-me ver as três tiras. Nenhuma impressão digital... não! Bem, ele levou esta primeiro e copiou-a. De quanto tempo precisaria para fazer isso, usando todas as abreviações possíveis? Um quarto de hora, não menos. Depois jogou-a no chão e pegou a seguinte. Estava no meio dela quando seu retorno o levou a uma retirada muito afobada — de fato *afobadíssima*, porque não teve tempo para recolocar os papéis no lugar, deixando-o saber que estivera aqui. Não ouviu nenhum barulho de pés correndo na escada quando entrou pela porta externa?”

“Não posso dizer que ouvi.”

“Bem, ele escreveu tão furiosamente que quebrou seu lápis, e precisou, como o senhor observou, apontá-lo de novo. Isso é de interesse, Watson. Não era um lápis comum. Tinha um tamanho maior que o usual e ponta macia; sua cor externa era azul-escuro, o nome do fabricante estava impresso em

letras prateadas e o toco que restou tinha apenas quatro centímetros de comprimento. Procure um lápis assim, Mr. Soames, e terá encontrado o seu homem. Quando acrescento que ele possui uma faca grande e muito cega, tem uma ajuda adicional.”

Mr. Soames estava visivelmente esmagado por esse fluxo de informações. “Posso segui-lo quanto aos outros pontos”, respondeu, “mas realmente essa questão do comprimento...”

Holmes segurou uma lasquinha com as letras *NN* e um espaço de madeira limpa depois delas.

“Está vendo?”

“Não; lamento, mas mesmo agora...”

“Watson, sempre lhe fiz uma injustiça. Há outros. Que poderiam ser estes *NN*? Estão no fim de uma palavra. O senhor sabe que Johann Faber é o mais conhecido nome de fabricante. Não fica claro que só sobrou o pedaço do lápis que geralmente vem depois do *Johann*?” Ele segurou a mesinha de lado, voltando o tampo para a luz elétrica. “Eu tinha a esperança de que, se o papel em que ele escreveu fosse fino, algum traço da escrita pudesse aparecer nesta superfície polida. Não, não vejo nada. Não me parece que haja mais nada para aprender aqui. Agora vamos à mesa central. Essa bolinha, eu presumo, é a massa preta de que o senhor falou. De forma aproximadamente piramidal e oca, pelo que vejo. Como disse, parece haver grãos de serragem nela. Ora, ora, isto é muito interessante. E o corte, um rasgão nítido, estou vendo. Começou com um arranhão fino e terminou num furo denteado. Sou-lhe muito grato por ter dirigido minha atenção para este caso, Mr. Soames. Para onde dá esta porta?”

“Para o meu quarto de dormir.”

“Entrou aí desde a sua aventura?”

“Não; fui diretamente à sua procura.”

“Eu gostaria de dar uma olhada. Como é encantador este quarto à moda antiga! Talvez possam ter a bondade de esperar um minuto até que eu examine o assoalho. Não, não vejo nada. E esta cortina? O senhor pendura suas roupas atrás dela. Se alguém fosse obrigado a se esconder neste quarto, teria de se enfiar ali, pois a cama é muito baixa e o armário muito pouco profundo. Não há ninguém lá, eu suponho?”

Quando Holmes puxou a cortina eu percebi, por uma pequena rigidez e alerta de sua atitude, que estava preparado para uma emergência. Na realidade, a cortina puxada não revelou nada além de três ou quatro ternos pendurados numa fileira de ganchos. Holmes virou-se e abaixou-se de repente até o chão.

“Vejam só! Que é isto?” exclamou.

Era uma pequena pirâmide de um material preto, parecendo massa de vidraceiro, exatamente igual à que estava sobre a mesa da sala. Holmes a mostrou na sua palma aberta sob o clarão da luz elétrica.

“Seu visitante parece ter deixado vestígios tanto no seu quarto quanto na sala, Mr. Soames.”

“Que podia querer aqui?”

“Creio que está bastante claro. Como o senhor voltou por um caminho inesperado, nada o advertiu da sua aproximação até que já estava na porta. Que podia fazer? Passou a mão em tudo que poderia traí-lo e foi correndo se esconder no seu quarto.”

“Pelo amor de Deus, Mr. Holmes, está querendo me dizer que durante todo aquele tempo em que conversei com Bannister nesta sala, tínhamos o homem como nosso prisioneiro, sem ter ideia disso?”

“É o que me parece.”

“Mas com certeza há outra alternativa, não é, Mr. Holmes? Chegou a observar a janela do meu quarto?”

“Vidraças em treliça, estrutura de chumbo, três janelas separadas, uma em basculante e grande o bastante para dar passagem a um homem.”

“Exatamente. E dá para um ângulo do pátio, de modo que é parcialmente invisível. O homem pode ter entrado por ali, deixado vestígios ao passar pelo quarto, e por fim, encontrando a porta aberta, ter saído por ela.”

Holmes sacudiu a cabeça, impaciente.

“Sejamos práticos”, disse. “Pelo que entendi, disse que três estudantes usam esta escada e costumam passar pela sua porta, não é?”

“Sim, foi o que eu disse.”

“E estão todos inscritos para fazer esse exame?”

“Estão.”

“Tem algum motivo para suspeitar de algum deles mais que dos outros?”

Soames hesitou.

“É uma pergunta muito delicada”, respondeu. “É muito desagradável lançar suspeitas sem provas.”

“Vejam os quais são as suspeitas. Depois eu procuro as provas.”

“Vou lhe descrever, então, em poucas palavras, o caráter dos três homens que ocupam estes aposentos. No mais baixo deles mora Gilchrist, um excelente estudante e atleta, joga nas equipes de rúgbi e de críquete da faculdade e foi condecorado por seu desempenho na corrida com barreiras e no salto em distância. É um jovem bonito, viril. Seu pai foi o famigerado Sir Jabez Gilchrist, que se arruinou no turfe. Meu aluno foi deixado em extrema pobreza, mas é trabalhador e industrioso. Vai prosperar.



Gilchrist [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“O segundo andar é ocupado por Daulat Ras, o indiano. É um sujeito

calado, inescrutável, como a maioria desses indianos. É competente em seu trabalho, embora grego seja a matéria em que é mais fraco. É disciplinado e metódico.

“O andar de cima pertence a Miles McLaren. É um sujeito brilhante quando quer estudar — um dos intelectos mais fulgurantes da universidade; mas é instável, dissipado e sem princípios. Quase foi expulso em razão de um escândalo ligado a jogo de cartas em seu primeiro ano. Tem passado todo este período na ociosidade e deve estar apavorado com a perspectiva do exame.”



Miles McLaren [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Então é dele que suspeita?”

“Não ousaria chegar a esse ponto. Mas, dos três, é talvez o menos improvável.”

“Exatamente. Agora, Mr. Soames, vamos dar uma olhada em seu criado, Bannister.”

Era um sujeito de cinquenta anos, baixinho, pálido, escanhado e de

cabelo grisalho. Ainda estava abalado por aquela súbita perturbação da sossegada rotina de sua vida. Seu rosto gorducho crispava-se com seu nervosismo e seus dedos não paravam quietos.

“Estamos investigando este lamentável assunto, Bannister”, disse seu patrão.

“Sim, senhor.”

“Pelo que soube”, disse Holmes, “deixou a chave na porta?”

“Sim, senhor.”

“Não foi muito extraordinário que tenha feito isso exatamente no dia em que havia esses papéis aqui dentro?”

“Foi extremamente lamentável, senhor. Mas já fiz a mesma coisa algumas outras vezes.”

“A que horas entrou na sala?”

“Era por volta de quatro e meia. É a hora em que Mr. Soames toma chá.”

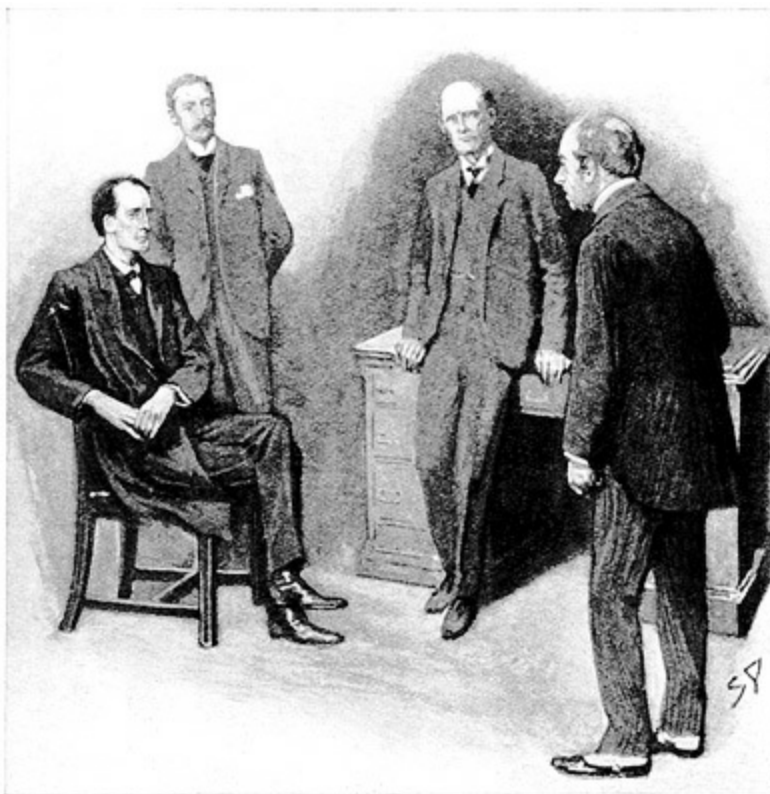
“Quanto tempo ficou?”

“Quando vi que ele não estava, retirei-me imediatamente.”

“Olhou para estes papéis na mesa?”

“Não, senhor; certamente não.”

“Por que teria deixado a chave na porta?”



“Por que teria deixado a chave na porta?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Eu estava segurando a bandeja do chá. Minha intenção era voltar para pegar a chave. Depois esqueci.”

“A porta externa tem uma fechadura de mola?”

“Não, senhor.”

“Então a porta ficou aberta o tempo todo?”

“Sim, senhor.”

“Qualquer pessoa que estivesse nos aposentos teria podido sair?”

“Sim, senhor.”

“Quando Mr. Soames voltou e o chamou, sentiu-se muito perturbado?”

“Sim, senhor. Nunca acontecera uma coisa assim durante os muitos anos que passei aqui. Quase desmaiei, senhor.”

“Foi o que soube. Onde estava quando começou a se sentir mal?”

“Onde eu estava, senhor? Ora, aqui, perto da porta.”

“Isso é singular, já que foi se sentar naquela cadeira lá adiante, perto do canto. Por que passou direto por estas outras cadeiras?”

“Não sei, senhor; não me importei com o lugar onde sentava.”

“Realmente não me parece que ele estivesse mesmo percebendo isso, Mr. Holmes. Parecia muito mal — estava lívido.”

“Ficou aqui quando seu patrão saiu?”

“Só por um ou dois minutos. Depois tranquei a porta e fui para o meu quarto.”

“De quem suspeita?”

“Oh, eu não ousaria dizer, senhor. Não acredito que haja nesta universidade um cavalheiro capaz de se beneficiar com uma ação desse tipo. Não, senhor, não acreditarei nisso.”

“Muito obrigado; isso basta”, disse Holmes. “Ah, mais uma palavra. Mencionou para algum dos três cavalheiros para quem presta serviços que aconteceu algo de errado?”

“Não, senhor; nem uma palavra.”

“Não viu nenhum deles?”

“Não, senhor.”

“Muito bem. Agora, Mr. Soames, vamos dar uma caminhada pelo pátio, se lhe aprouver.”

Três quadrados amarelos de luz brilhavam acima de nós na escuridão que se adensava.



“Três quadrados amarelos de luz brilhavam acima de nós na escuridão que se adensava.”
[Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Suas três aves estão todas em seus ninhos”, disse Holmes olhando para cima. “Vejam! Que é aquilo? Um deles parece bastante inquieto.”

Era o indiano, cuja silhueta escura apareceu subitamente contra a cortina. Andava rapidamente de um lado para outro em sua sala.

“Gostaria de dar uma espiada em cada um deles”, disse Holmes. “É possível?”

“Nada mais simples”, respondeu Soames. “Este conjunto de quartos é de fato o mais antigo da faculdade e não é incomum que seja percorrido por visitantes. Vamos, eu os conduzirei pessoalmente.”

“Não diga nomes, por favor!” disse Holmes quando batíamos à porta de Gilchrist. Um jovem alto e esbelto, de cabelo louro, abriu-a e nos fez entrar quando compreendeu o que desejávamos. Dentro, havia alguns detalhes de arquitetura residencial dos tempos medievais realmente curiosos. Holmes ficou tão encantado com um deles que insistiu em desenhá-lo em sua caderneta, quebrou seu lápis, teve de pedir um emprestado ao nosso anfitrião,

e finalmente pediu uma faca para apontar o seu próprio. O mesmo curioso acidente aconteceu-lhe nos aposentos do indiano — um sujeito baixo, quieto, com nariz de gancho, que ficou nos olhando de esguelha e mostrou-se obviamente contente quando os estudos arquitetônicos de Holmes terminaram. Não pude ver se, em qualquer dos casos, Holmes havia topado com a pista que procurava. Só no terceiro nossa visita foi frustrada. A porta externa não se abriu à nossa batida, e nada mais substancial que uma torrente de impropérios saiu de trás dela. “Não me interessa saber quem são vocês. Podem ir para o inferno!” rugiu a voz encolerizada. “Amanhã é o exame, e ninguém me tira daqui!”



“Insistiu em desenhá-lo em sua caderneta.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Um sujeito grosseiro”, disse nosso guia, ficando vermelho de raiva, quando descíamos a escada. “Ele não percebeu, é claro, que era eu quem estava batendo, mas de todo modo sua conduta foi muito descortês, e realmente, nas atuais circunstâncias, bastante suspeita.”

A resposta de Holmes foi intrigante.

“Poderia me dizer a altura exata dele?” perguntou.

“Realmente, Mr. Holmes, não posso dizer ao certo. É mais alto que o indiano e não tão alto quanto Gilchrist. Suponho que meça cerca de um metro e setenta.”

“Isso é muito importante”, disse Holmes. “E agora, Mr. Soames, deseje-lhe boa noite.”

Nosso guia soltou uma sonora exclamação de espanto e consternação. “Pelo amor de Deus, Mr. Holmes, não me diga que vai me deixar assim desta maneira abrupta! Parece não compreender minha situação. Amanhã é o exame. Preciso tomar alguma medida inequívoca esta noite. Não posso permitir que o exame seja aplicado se uma das provas tiver sido mexida. A situação precisa ser enfrentada.”

“Deve deixar tudo como está. Passarei por aqui amanhã cedo e discutiremos o assunto. É possível que eu tenha então condições de lhe indicar algum procedimento. Nesse ínterim, não mude nada — absolutamente nada.”

“Muito bem, Mr. Holmes.”

“Pode ficar inteiramente tranquilo. Encontraremos com certeza uma saída para suas dificuldades. Levarei a argila preta comigo, as lascas de lápis também. Até logo.”

Quando estávamos fora, na escuridão do pátio, olhamos novamente para as janelas. O indiano ainda andava pela sala. Os outros estavam invisíveis.

“Bem, Watson, que pensa você de tudo isso?” perguntou Holmes quando saímos na rua principal. “Um belo joguinho de salão — uma brincadeira com três cartas, não é? Lá estão nossos três homens. Tem de ser um deles. Faça sua escolha. Qual é o seu?”

“O malcriado do andar de cima. É o que tem os piores antecedentes. Mas aquele indiano pareceu um sujeito dissimulado também. Por que estaria andando pela sala durante todo esse tempo?”

“Não há nada demais nisso. É o que muita gente faz quando está tentando decorar alguma coisa.”

“Ele nos olhou de um jeito estranho.”

“Você faria o mesmo se um bando de desconhecidos entrasse pela sua sala quando estivesse se preparando para um exame no dia seguinte e cada

minuto fosse precioso. Não, não vejo nada de estranho nisso. Lápis, também, e facas — tudo foi satisfatório. Mas aquele sujeito *certamente* me intriga.”

“Quem?”

“Ora, Bannister, o criado. Qual é o jogo dele?”

“Deu-me a impressão de ser um sujeito perfeitamente honesto.”

“A mim também. Isso é que é intrigante. Por que um sujeito perfeitamente honesto... bem, cá está uma grande papelaria. Vamos começar nossas investigações aqui.”

Havia apenas quatro grandes papelarias na cidade, e em cada uma Holmes mostrou suas lascas de lápis e ofereceu uma boa soma por uma duplicata. Todos concordaram que seria possível encomendar uma, mas aquele não era um lápis de tamanho comum e raramente o tinham no estoque. Longe de se mostrar abatido por seu fracasso, meu amigo deu de ombros, numa resignação quase bem-humorada.

“As coisas vão mal, meu caro Watson. Esta, a melhor pista, a única definitiva, deu em nada. Mas, na verdade, tenho forte impressão de que poderemos articular uma argumentação suficiente mesmo sem ela. Meu Deus! Meu caro companheiro, são quase nove horas, e a senhoria tagarelou sobre ervilhas verdes às sete e meia. Ora, com seu eterno tabaco, Watson, e sua irregularidade às refeições, a qualquer momento será despejado e eu terei de partilhar sua ruína — não antes, contudo, que tenhamos resolvido o problema do tutor nervoso, do criado negligente e dos três estudantes aplicados.



Holmes não fez mais nenhuma alusão ao assunto naquele dia, embora tenha passado um longo tempo perdido em pensamentos depois de nosso atrasado jantar. Às oito da manhã, quando eu acabava de terminar minha toalete, foi ao meu quarto.

“Bem, Watson”, disse ele, “é hora de irmos até o St. Luke’s. Pode passar sem desjejum?”

“Certamente.”

“Soames ficará terrivelmente nervoso até que possamos lhe dizer

alguma coisa de positivo.”

“E tem alguma coisa de positivo para dizer a ele?”

“Creio que sim.”

“Chegou a uma conclusão?”

“Sim, meu caro Watson; decifrei o mistério.”

“Mas que dados novos pode ter conseguido?”

“Ah! Não foi para nada que saí da cama na hora inconveniente das seis da manhã. Trabalhei arduamente durante duas horas e percorri pelo menos oito quilômetros, mas consegui alguma coisa. Veja isto!”

Estendeu a mãos. Na palma havia três pequeninas pirâmides de argila pastosa, preta.

“Mas Holmes, ontem você tinha apenas duas.”

“E mais uma esta manhã. É sem dúvida lógico afirmar que, de onde quer que a nº 3 tenha vindo, foi também de lá que vieram as nº 1 e 2. Hein, Watson? Bem, vamos lá tirar nosso amigo Soames da sua aflição.”



O infeliz tutor estava certamente num estado de deplorável agitação quando o encontramos em seus aposentos. Os exames começariam dentro de poucas horas e ele continuava num dilema: tornar os fatos públicos ou permitir que o culpado competisse pela valiosa bolsa. Mal conseguia ficar quieto, tamanha era a sua agitação mental, e correu para Holmes com as duas mãos ansiosamente estendidas.

“Graças a Deus que o senhor veio! Tive medo de que tivesse perdido as esperanças e desistido do caso. Que devo fazer? O exame deve ser realizado?”

“Sim; deve ser realizado normalmente, sem dúvida.”

“Mas esse patife...”

“Ele não competirá.”

“Sabe quem é?”

“Creio que sim. Se esse assunto não pode se tornar público, devemos nos atribuir certos poderes, e tomar uma decisão nós mesmos, numa pequena

corte marcial privada. Fique ali, Soames, por favor. Watson, você aqui! Ficarei com a cadeira do meio. Acredito que agora estamos imponentes o bastante para infundir terror num coração culpado. Por gentileza, toque a sineta!”

Bannister entrou e teve um movimento de recuo, evidentemente surpreso e atemorizado com aquele tribunal que formávamos.



Bannister explica. [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Tenha a bondade de fechar a porta”, disse Holmes. “Agora, Bannister, poderia por favor nos dizer a verdade sobre o incidente de ontem?”

O homem ficou branco até a raiz dos cabelos.

“Eu lhe contei tudo, senhor.”

“Nada a acrescentar?”

“Absolutamente nada, senhor.”

“Bem, nesse caso, devo lhe dar algumas sugestões. Quando se sentou naquela cadeira ontem, fez isso para esconder algum objeto que teria revelado

quem estivera na sala?”

O rosto de Bannister estava lívido.

“Não, senhor, certamente não.”

“É apenas uma sugestão”, disse Holmes com suavidade. “Admito francamente que sou incapaz de prová-lo. Mas parece bastante provável, já que, assim que Mr. Soames virou as costas, o senhor libertou o homem que estava escondido naquele quarto.”

Bannister lambeu os lábios secos.

“Não havia nenhum homem, senhor.”

“Ah, é uma pena, Bannister. É possível que até agora tivesse falado a verdade; neste momento, porém, sei que está mentindo.”

O homem encarou-o com uma expressão de soturno desafio.

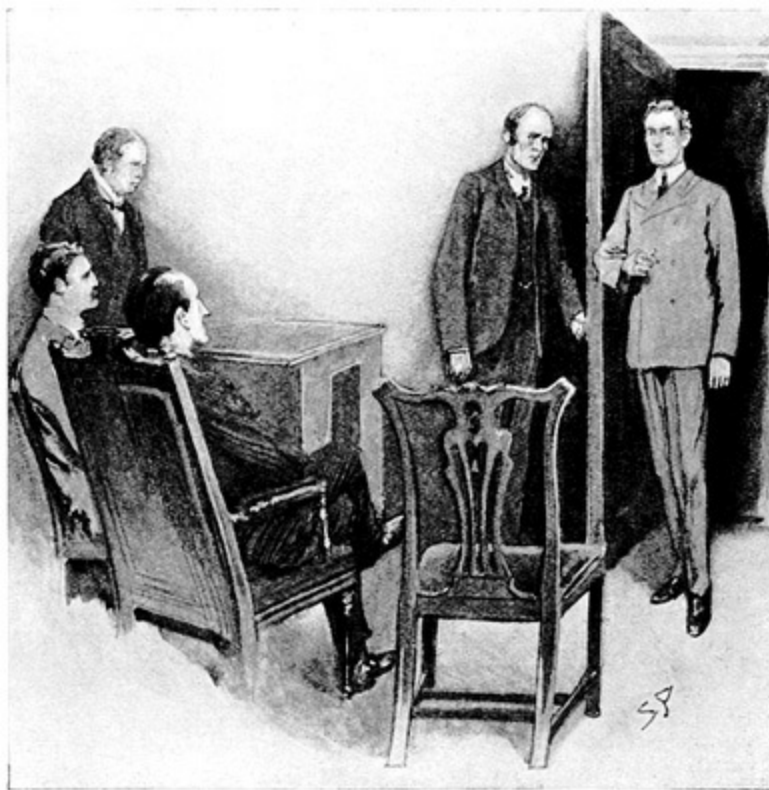
“Não havia nenhum homem, senhor.”

“Vamos, vamos, Bannister!”

“Não, senhor, não havia ninguém.”

“Nesse caso você não pode nos dar mais nenhuma informação. Poderia por favor permanecer nesta sala? Fique ali, perto da porta do quarto. Agora, Soames, vou lhe pedir uma grande gentileza: vá até os aposentos do jovem Gilchrist e peça-lhe para vir aqui.”

Um instante depois o tutor voltou, trazendo consigo o estudante. Era uma bela figura de homem, alto, flexível e ágil, com um andar elástico e uma fisionomia agradável, aberta. Seus preocupados olhos azuis fitaram cada um de nós e finalmente pousaram, com uma expressão de completa consternação, sobre Bannister, no canto mais afastado.



“Um instante depois o tutor voltou, trazendo consigo o estudante.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Feche a porta”, disse Holmes. “Agora, Mr. Gilchrist, estamos inteiramente a sós aqui e ninguém jamais precisará saber uma palavra do que se passar entre nós. Podemos ser inteiramente francos uns com os outros. Queremos saber, Mr. Gilchrist, como, sendo um homem honrado, pôde cometer uma ação como aquela de ontem.”

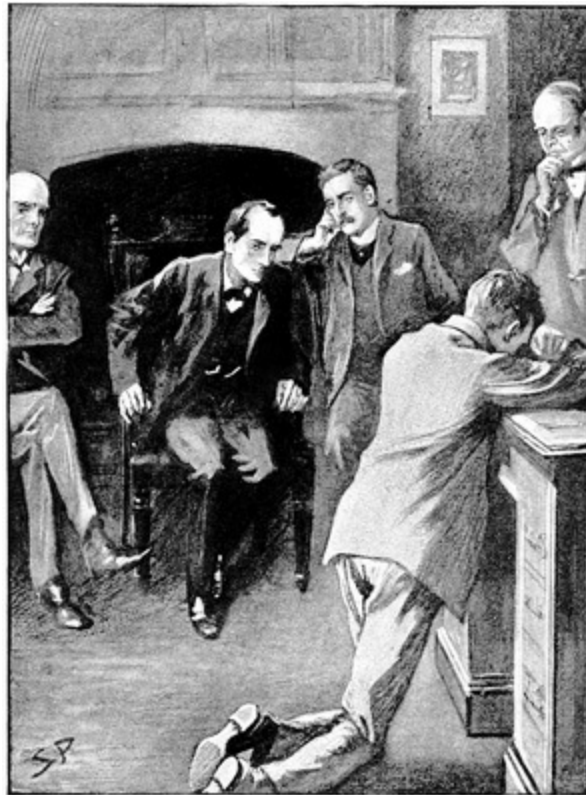
O infeliz estudante cambaleou para trás e lançou sobre Bannister um olhar cheio de horror e censura.

“Não, não, Mr. Gilchrist; eu não disse uma palavra — nem uma palavra!” gritou o criado.

“Não, mas agora disse”, interveio Holmes. “Agora, depois das palavras de Bannister, deve estar vendo que sua posição é insustentável e que sua única chance está numa confissão franca.”

Por um momento Gilchrist, com uma mão levantada, tentou controlar suas feições contorcidas. Em seguida caiu de joelhos junto à mesa, e, enterrando o rosto nas mãos, pôs-se a soluçar desesperadamente.

“Vamos, vamos”, disse Holmes, bondosamente; “errar é humano, e pelo menos ninguém pode acusá-lo de ser um criminoso empedernido. Talvez fosse mais fácil para você se eu contasse a Mr. Soames o que aconteceu; pode me corrigir quando eu estiver errado. Posso fazer isso? Bem, bem, não precisa responder. Ouça, e veja se lhe faço alguma injustiça.



“‘Vamos, vamos’, disse Holmes, bondosamente; ‘errar é humano.’” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Desde o momento, Mr. Soames, em que me disse que ninguém, nem mesmo Bannister, teria podido saber que os exames estavam na sua sala, o caso começou a assumir uma forma definida na minha mente. O tipógrafo, é claro, podia ser descartado. Ele podia examinar os papéis em sua própria oficina. O indiano também não me despertou suspeitas. Se as provas tipográficas estavam enroladas, não lhe teria sido possível saber o que eram. Por outro lado, parecia uma coincidência inconcebível que um homem se atrevesse a entrar na sala e, por acaso, precisamente nesse dia, os exames estivessem em cima da mesa. Descartei essa possibilidade. O homem que entrou sabia que os exames estavam aqui. Como soubera?

“Quando me aproximei da sua sala, examinei a janela. O senhor me divertiu ao supor que eu estava considerando a possibilidade de alguém, em plena luz do dia, sob os olhos de todos os quartos fronteiros, ter se introduzido por ali. Semelhante ideia era absurda. Eu estava medindo a altura que um homem precisaria ter para ver, ao passar, que papéis estavam sobre a mesa central. Tenho um metro e oitenta e dois, e pude fazer isso com algum esforço. Ninguém que medisse menos que isso teria uma chance. Como pode ver, eu tinha motivos para pensar que, se um de seus três estudantes fosse um homem de altura inusitada, seria o mais merecedor de atenção.

“Entre e fui franco com o senhor quanto às sugestões da mesinha. A mesa do centro não me permitiu inferir nada, até que, em sua descrição de Gilchrist, o senhor mencionou que ele praticava salto em distância. Nesse momento a coisa toda me ocorreu num instante, e só precisei da corroboração de algumas provas, que logo obtive.

“O que aconteceu foi isto: este jovem havia passado a tarde no estádio, praticando salto. Voltou carregando seus calçados de saltar que, como sabe, são providos de vários cravos pontudos. Quando passou pela sua janela, viu, graças à sua grande estatura, essas provas sobre a sua mesa e adivinhou o que eram. Nada teria acontecido se não tivesse visto também, ao passar pela sua porta, a chave deixada pelo descuido de seu criado. Foi tomado por um súbito impulso de entrar e ver se eram de fato as provas tipográficas. Não era uma façanha perigosa, porque sempre poderia fingir que entrara simplesmente para fazer uma pergunta.

“Bem, foi quando viu que eram realmente as provas que cedeu à tentação. Pôs os sapatos sobre a mesa. Que foi que pôs naquela cadeira perto da janela?”

“Luvas”, disse o rapaz.

Holmes lançou um olhar triunfante para Bannister. “Ele pôs as luvas na cadeira, e pegou as provas, folha por folha, para copiá-las. Pensava que o tutor voltaria pelo portão principal e que o veria. Como sabemos, ele voltou pelo portão lateral. De repente, ouviu-o já na porta. Não havia como escapar. Esqueceu as luvas, mas pegou seus sapatos e disparou para o quarto. Como pode observar, o arranhão naquela mesa é leve de um lado, mas aprofunda-se na direção da porta do quarto. Isso por si só basta para nos mostrar que os sapatos foram puxados naquela direção e que o culpado se refugiou lá. A

terra em volta do cravo ficou sobre a mesa e uma segunda amostra se desprende e caiu no quarto. Posso acrescentar que caminhei até o estádio esta manhã, vi que uma argila preta tenaz é usada no poço da pista de salto e trouxe um pouco dela, junto com casca de curtir ou serragem que espalham sobre ela para impedir que o atleta escorregue. Eu disse a verdade, Mr. Gilchrist?”

O estudante se levantara.

“Sim, senhor, é a verdade.”

“Céus! Você não tem nada a acrescentar?” exclamou Soames.

“Sim, senhor, mas o choque desta vergonhosa exposição me desnorteou. Tenho aqui uma carta, Mr. Soames, que lhe escrevi nesta madrugada, no meio de uma noite insone. Foi antes de eu saber que meu pecado fora descoberto. Aqui está ela, senhor. Verá que eu disse: ‘Decidi não fazer o exame. Ofereceram-me um cargo na polícia da Rodésia e partirei para a África do Sul imediatamente.’”



“Aqui está ela, senhor.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Fico realmente satisfeito em ouvir que não pretendia tirar proveito de sua injusta vantagem”, disse Soames. “Mas por que mudou de ideia?”

Gilchrist apontou para Bannister.

“Ali está o homem que me pôs no caminho certo”, disse.

“Vamos, Bannister”, disse Holmes. “Deve ter compreendido a partir do que eu disse que só você poderia ter deixado este jovem sair, já que ficou nesta sala e deve ter trancado a porta ao ir embora. A possibilidade de ele ter escapado por aquela janela é inconcebível. Não poderia elucidar o último ponto deste mistério e nos dizer a razão de seu gesto?”

“Veria que ela foi bastante simples, senhor, se soubesse; mas, apesar de toda a sua inteligência, não teria como saber. Houve um tempo, senhor, em que fui mordomo do velho Sir Jabez Gilchrist, o pai deste rapaz. Quando ele se arruinou vim para a faculdade como criado, mas nunca esqueci meu ex-patrão por sua decadência. Zelei pelo filho dele o melhor que pude em consideração àqueles velhos tempos. Bem, senhor, quando entrei neste quarto ontem, depois que o alarme foi dado, a primeira coisa que vi foram as luvas castanhas de Mr. Gilchrist naquela cadeira. Conhecia bem aquelas luvas e compreendi sua mensagem. Se Mr. Soames as visse, o jogo estaria terminado. Desabei naquela cadeira e não arredei o pé dali até Mr. Soames sair à sua procura. Foi então que meu pobre patrãozinho, que balancei nos meus joelhos, apareceu e me confessou tudo. Não era natural, senhor, que eu o salvasse, e não era também natural que eu tentasse lhe falar como seu pai o teria feito, e mostrar-lhe que não poderia tirar proveito de uma ação como aquela? Poderia me censurar, senhor?”

“Não, de maneira alguma!” disse Holmes com veemência, levantando-se de um salto. “Bem, Soames, penso que resolvemos seu probleminha; nosso desjejum nos espera em casa. Vamos, Watson! Quanto a você, meu rapaz, acredito que um futuro brilhante o espera na Rodésia. Caiu muito baixo uma vez. Vejamos a que altura será capaz de se elevar no futuro.”

X. O PINCENÊ DE OURO

QUANDO CONTEMPLO os três avultados volumes manuscritos que contêm nosso trabalho do ano de 1894, confesso que experimento grande dificuldade em selecionar, a partir de tamanha riqueza de material, os casos mais interessantes em si mesmos e também os que melhor exibem aquelas capacidades peculiares pelas quais meu amigo era famoso. Ao virar as páginas, vejo minhas anotações sobre a repulsiva história da sanguessuga vermelha e a terrível morte do banqueiro Crosby. Encontro ali também um relato da tragédia de Addleton e do singular conteúdo do antigo túmulo britânico. O famoso caso da herança Smith-Mortimer inclui-se também nesse período, assim como a perseguição e a captura de Huret, o assassino do Bulevar — proeza que valeu a Holmes uma carta autógrafa de agradecimentos do presidente francês e a Ordem da Legião de Honra. Cada um desses casos forneceria uma narrativa, mas no fim das contas sou da opinião de que nenhum deles reúne tantos pontos singulares de interesse como o episódio de Yoxley Old Place, que inclui não só a lamentável morte do jovem Willoughby Smith como os desdobramentos subsequentes, que lançam luz tão curiosa sobre as causas do crime.

Era uma noite turbulenta, tempestuosa, perto do fim de novembro. Holmes e eu ficamos juntos em casa, em silêncio, ele ocupado em decifrar, com uma lente poderosa, os vestígios de uma inscrição original num palimpsesto, eu mergulhado num tratado recente sobre cirurgia. Lá fora o vento uivava por Baker Street, enquanto a chuva fustigava furiosamente as janelas. Era estranho sentir a força da natureza ali, no coração da cidade, com quinze quilômetros de obra humana estendendo-se por todos os lados à nossa volta, e ter consciência de que, para os poderosos elementos, toda Londres não era mais que os montículos de terra que as toupeiras espalham pelos campos. Fui até a janela e contemplei a rua deserta. Aqui e ali uma lâmpada brilhava sobre o trecho de rua enlameada e a calçada luzidia. Um único carro de aluguel vinha espirrando água da direção de Oxford Street.

“Bem, Watson, é bom não precisar sair esta noite”, disse Holmes, pondo de lado a sua lente e enrolando os palimpsestos. “Já fiz o bastante por hoje. É um trabalho que força a vista. Até onde posso avaliar, não existe nada mais empolgante que as crônicas de uma Abadia datadas da segunda metade do século XV. Ora, ora! Que é isso?”

Em meio ao zumbido do vento ouvira-se o matraquear dos cascos de um cavalo e o longo rangido de uma roda ao raspar contra o meio-fio. O carro de aluguel que eu vira havia parado em frente à nossa porta.

“Que pode ele querer?” exclamei, quando um homem apeou.

“Querer! É a nós que ele quer. E nós, meu pobre Watson, queremos sobretudo, cachecóis, galochas e todos os acessórios que o homem já inventou para lutar contra o frio. Mas espere um pouco! O carro partiu! Ainda há esperança. Ele o teria feito esperar se quisesse que saíssemos em sua companhia. Corra, meu caro, e vá abrir a porta, pois todas as pessoas virtuosas estão na cama há muito tempo.”

Quando a luz do saguão caiu sobre nosso visitante da meia-noite, não tive dificuldade em reconhecê-lo. Era o jovem Stanley Hopkins, um detetive promissor, por cuja carreira Holmes demonstrara várias vezes um interesse muito prático.



“Era o jovem Stanley Hopkins, um detetive promissor.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Ele está?” perguntou o rapaz, ansioso.

“Entre, meu caro senhor”, disse a voz de Holmes lá de cima. “Espero que não tenha nenhum plano para nós numa noite como esta.”

O detetive subiu a escada e nossa lâmpada brilhou sobre a sua capa de chuva reluzente. Ajudei-o a tirá-la enquanto Holmes atiçava o fogo na lareira.

“Agora, meu caro Hopkins, estique os pés e aqueça os dedos”, disse. “Cá está um charuto, e o médico tem uma receita contendo água e limão que é um bom remédio numa noite como esta. Deve ser alguma coisa importante para tê-lo feito enfrentar semelhante tempestade.”



“Agora, meu caro Hopkins, estique os pés e aqueça os dedos.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Realmente é, Mr. Holmes. Tive uma tarde alvoroçada, eu lhe garanto. Viu alguma coisa sobre o caso de Yoxley nas últimas edições?”

“Não vi nada posterior ao século XV hoje.”

“Bem, é apenas um parágrafo, e aliás todo errado, de modo que o senhor não perdeu nada. Fiz tudo em tempo recorde. Isso fica em Kent, a onze quilômetros de Chatham e cinco da linha férrea. Recebi um telegrama às três e quinze, cheguei a Yoxley Old Place às cinco, efetuei minhas investigações, voltei à Charing Cross pelo último trem e peguei um carro de aluguel para vir diretamente para cá.”

“O que significa, suponho, que não tem muita clareza acerca do seu caso?”

“Significa que não entendo patavina dele. Até onde posso ver, é o negócio mais emaranhado de que já tratei; no entanto, no início parecia tão simples que nada poderia dar errado. Não há nenhum motivo, Mr. Holmes. É isso que me perturba — não consigo pôr a mão num motivo. Um homem foi

morto — isso é inegável —, mas, até onde posso ver, ninguém neste mundo teria nenhuma razão para lhe querer mal.”

Holmes acendeu o charuto e recostou-se na poltrona.

“Conte-nos tudo”, disse.

“Os fatos são bastante claros”, disse Stanley Hopkins. “O que quero saber é o que significam. A história, até onde eu a entendo, é a seguinte. Alguns anos atrás essa casa de campo, Yoxley Old Place, foi alugada por um homem idoso que disse se chamar professor Coram. É um inválido; passa metade do tempo na cama e a outra mancando pela casa com uma bengala ou sendo empurrado pelo terreno pelo jardineiro numa cadeira de Bath. É querido pelos poucos vizinhos que o visitam e tem nas redondezas a reputação de ser um homem muito culto. Sua criadagem consiste numa velha governanta, Mrs. Marker, e numa criada, Susan Tarlton. Ambas estão com ele desde a sua chegada e parecem ter excelente caráter. O professor, que está escrevendo um livro erudito, considerou necessário há cerca de um ano contratar um secretário. Os dois primeiros que testou não se mostraram satisfatórios, mas o terceiro, Mr. Willoughby Smith, um homem muito jovem, recém-saído da universidade, revelou-se ao que parece exatamente o que seu empregador desejava. Seu trabalho consistia em escrever todas as manhãs o que o professor lhe ditava, e em geral passava as tardes procurando referências e passagens que tinham relação com o trabalho do dia seguinte. Não havia nada contra esse Willoughby Smith, seja como menino em Uppingham ou como rapaz em Cambridge. Li suas cartas de recomendação, e ele parece ter sido sempre um sujeito decente, tranquilo, trabalhador, sem absolutamente nenhuma mancha. No entanto, esse é o jovem que encontrou a morte esta manhã no gabinete do professor, sob circunstâncias que só podem apontar para homicídio.”

O vento uivava e guinchava nas janelas. Holmes e eu chegamos mais perto da lareira, enquanto o jovem inspetor desenvolvia lentamente, e ponto por ponto, sua singular narrativa.

“Se saíssemos procurando em toda a Inglaterra”, disse ele, “acredito que não encontraríamos uma gente mais reclusa ou livre de influências externas. Semanas inteiras se passavam sem que nenhum deles fosse além do portão do jardim. O professor vivia enterrado em seu trabalho e não existia para mais nada. O jovem Smith não conhecia ninguém nas vizinhanças e vivia

praticamente como o patrão. As duas mulheres nada tinham para tirá-las de casa. Mortimer, o jardineiro, que empurra a cadeira de Bath, é um soldado reformado — um veterano da Guerra da Crimeia de excelente caráter. Ele não mora na casa, mas em uma cabana de três cômodos do outro lado do jardim. Essas são as únicas pessoas que encontraríamos no terreno de Yoxley Old Place. Ao mesmo tempo, o portão do jardim fica a cem metros da estrada principal entre Londres e Chatham. Abre com um trinco e não há nada para impedir que alguém entre.

“Agora vou lhes contar o depoimento de Susan Tarlton, que é a única pessoa capaz de dizer algo de efetivo sobre o assunto. Foi de manhã, entre as onze e as doze horas. Ela estava pendurando umas cortinas no quarto da frente no segundo andar. O professor Coram ainda se encontrava na cama, pois quando o tempo está ruim ele raramente se levanta antes do meio-dia. A governanta estava ocupada com algum trabalho nos fundos da casa. Willoughby Smith estivera em seu quarto de dormir, que usa como sala de estar; mas a criada ouviu-o passando nesse momento pelo corredor e descendo ao gabinete imediatamente abaixo de onde ela estava. Ela não o viu, mas diz que não pode ter se enganado quanto ao seu passo rápido e firme. Não ouviu a porta do gabinete se fechar, mas cerca de um minuto depois ouviu um grito pavoroso vindo da sala de baixo. Foi um berro selvagem, rouco, tão estranho e anormal que podia ter sido de um homem ou de uma mulher. No mesmo instante ela ouviu um baque pesado, que sacudiu a casa toda, e depois tudo foi silêncio. A criada ficou petrificada por um momento; em seguida, recobrando a coragem, correu para baixo. Encontrou a porta do gabinete fechada e abriu-a. Dentro, o jovem Willoughby Smith estava estendido no chão. A princípio ela não pôde ver nenhum ferimento, mas quando tentou levantá-lo viu que corria sangue do lado de baixo de seu pescoço. Ele estava perfurado por um ferimento pequeno mas muito profundo que havia dividido a artéria carótida. O instrumento com que o ferimento fora infligido estava no tapete ao lado dele. Era uma dessas pequenas facas para cortar lacre que em geral se encontram em escrivaninhas antigas, com cabo de marfim e lâmina dura. Fazia parte dos acessórios da própria escrivaninha do professor.

“De início a criada pensou que o jovem Smith já estava morto, mas quando derramou um pouco de água da garrafa sobre sua frente, ele abriu os

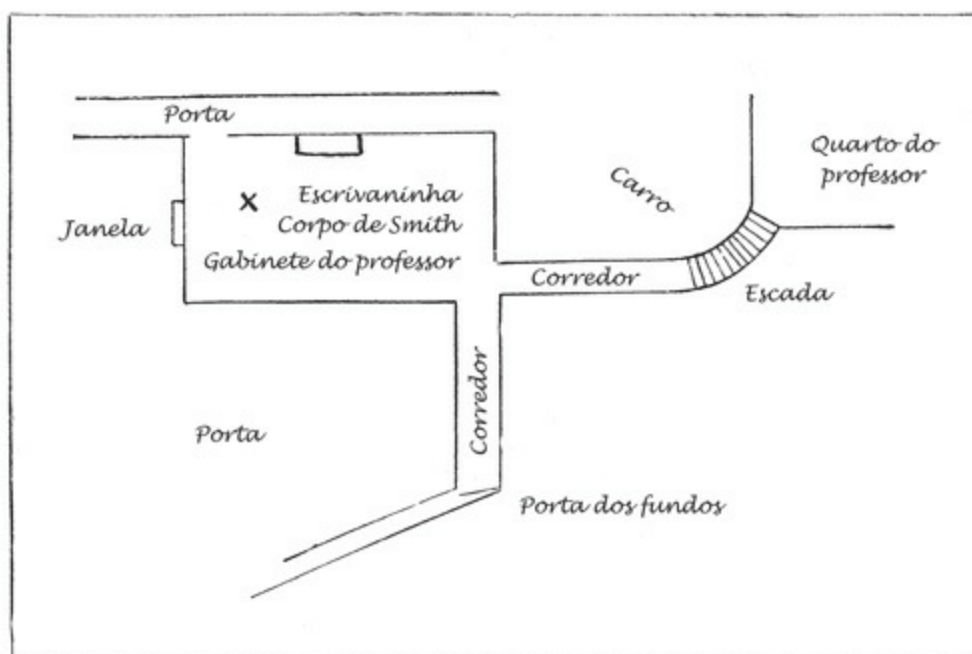
olhos por um instante. ‘O professor...’, murmurou, ‘foi ela.’ A criada está disposta a jurar que essas foram suas palavras exatas. Ele tentou desesperadamente dizer mais alguma coisa, e ficou com a mão direita erguida no ar. Depois caiu para trás, morto.

“Nesse meio-tempo a governanta também chegara à cena; um pouco tarde demais, contudo, para ouvir as últimas palavras do rapaz. Deixando Susan com o corpo, ela correu ao quarto do professor. Ele estava sentado na cama, horrivelmente aflito, pois ouvira o bastante para convencê-lo de que algo de terrível acontecera. Mrs. Marker jura que o professor ainda vestia roupas de dormir, e, realmente, ele era incapaz de se vestir sem a ajuda de Mortimer, que tinha ordens para ir ao seu quarto às doze horas. O professor declara que ouviu o grito distante, mas não sabe mais nada. Não consegue dar nenhuma explicação para as últimas palavras do rapaz, ‘O professor... foi ela’, mas imagina que elas foram efeito de um delírio. Acredita que Willoughby Smith não tinha um inimigo no mundo e não pôde dar nenhum motivo para o crime. Seu primeiro gesto foi enviar Mortimer, o jardineiro, à polícia local. Um pouco mais tarde o chefe de polícia mandou me chamar. Nada havia sido mexido antes da minha chegada e ordens estritas haviam sido dadas para que ninguém andasse pelos caminhos que levavam à casa. Foi uma oportunidade esplêndida para pôr suas teorias em prática, Mr. Sherlock Holmes. Realmente não faltou nada.”

“Exceto Mr. Sherlock Holmes!” disse meu companheiro, com um sorriso um pouco sardônico. “Bem, conte-nos isso. Como agiu diante dessa situação?”

“Devo lhe pedir primeiro, Mr. Holmes, que dê uma olhada nesta planta rudimentar, que lhe dará uma ideia geral da posição do gabinete do professor e dos vários pontos do caso. Isso o ajudará a acompanhar minha investigação.”

Desdobrou o tosco diagrama e o pôs sobre os joelhos de Holmes. Levantei-me e, de pé atrás de Holmes, examinei-o por sobre o seu ombro.



“É muito rudimentar, é claro, e representa apenas os pontos que me parecem essenciais. Verá todo o resto mais tarde por si mesmo. Agora, em primeiro lugar, presumindo que o assassino entrou na casa, como o teria feito? Sem dúvida pelo caminho do jardim e pela porta dos fundos, que dá acesso direto ao gabinete. Qualquer outra maneira teria sido excessivamente complicada. A fuga deve ter sido feita por aí também, porque das duas outras saídas da sala uma foi bloqueada por Susan quando ela correu para o térreo e a outra leva diretamente ao quarto de dormir do professor. Por isso, dirigi minha atenção de imediato para o caminho do jardim, que estava encharcado com a chuva recente e certamente mostraria pegadas.

“Meu exame mostrou-me que eu estava lidando com um criminoso cauteloso e perito. Não foi possível encontrar nenhuma pegada no caminho. Não podia haver dúvida, no entanto, de que alguém havia passado pela grama que margeia o caminho, e que o fizera para evitar deixar pegadas. Não consegui encontrar nada da natureza de uma impressão nítida, mas a grama estava pisada — sem dúvida alguém passara por ali. Só podia ter sido o assassino, pois nem o jardineiro nem qualquer outra pessoa estivera ali naquela manhã e a chuva só começara durante a noite.”

“Um momento”, disse Holmes. “Aonde esse caminho leva?”

“À estrada.”

“Qual é o comprimento dele?”

“Cerca de cem metros.”

“No ponto em que o caminho passa pelo portão, pôde sem dúvida perceber pegadas, não?”

“Infelizmente o caminho é calçado nesse trecho.”

“Bem, e na própria estrada?”

“Não; estava toda pisoteada, um lamaçal.”

“Ora! Bem, nesse caso, esses passos na grama... estavam vindo ou indo?”

“Era impossível dizer. As pegadas não tinham nenhum contorno.”

“O pé era grande ou pequeno?”

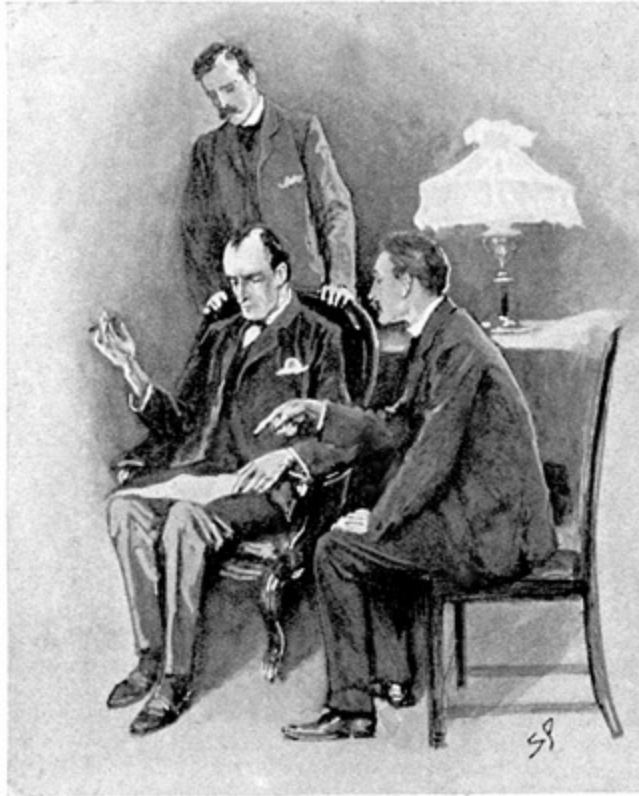
“Não era possível distinguir.”

Holmes soltou uma exclamação de impaciência.

“Tem chovido aos potes e ventado furiosamente desde então”, disse. “Será mais difícil decifrar isso agora do que palimpsestos. Bem, bem, não há remédio. Que fez você, Hopkins, depois de se certificar de que não podia se certificar de coisa alguma?”

“Acredito que consegui me certificar de muita coisa, Mr. Holmes. Sabia que alguém tinha entrado na casa cautelosamente, vindo de fora. Em seguida examinei o corredor. Ele é forrado com uma esteira de palha de coco e não revelava nenhuma impressão de qualquer tipo. Isso me levou ao próprio gabinete. É uma sala parcamente mobiliada. O principal móvel é uma grande escrivaninha com uma dupla coluna de gavetas e um pequeno armário central entre elas. As gavetas estavam abertas, o armário, trancado. As gavetas, ao que parece, ficavam sempre abertas e nada de valor era guardado nelas. Havia alguns papéis de importância no armário, mas não encontrei nenhum sinal de que haviam tentado forçar sua porta, e o professor me garantiu que nada faltava. É certo que nenhum roubo foi cometido.

“Passo agora ao corpo do rapaz. Ele foi encontrado perto da escrivaninha, bem à esquerda dela, como está marcado na planta. A punhalada estava do lado direito do pescoço, e como foi dada de trás para a frente é impossível que tenha sido autoinfligida.”



“O corpo foi encontrado perto da escrivaninha, bem à esquerda dela, como está marcado na planta.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“A menos que ele tenha caído sobre a faca”, disse Holmes.

“Exatamente. Essa ideia me passou pela cabeça. Mas isso é impossível, porque encontramos a faca a quase um metro do corpo. Depois, é claro, há as últimas palavras do moribundo. E, por fim, há aquela prova da maior importância que foi encontrada na mão direita fechada do morto.”

Stanley Hopkins tirou do bolso um embrulhinho de papel. Abriu-o e revelou um pincenê de ouro; os dois pedaços de um cordão de seda preta partido pendiam de cada lado dele. “Willoughby Smith tem vista excelente”, acrescentou. “Não pode haver dúvida de que isto foi arrancado do rosto ou da pessoa do assassino.”

Sherlock Holmes pegou os óculos e examinou-os com a máxima atenção e interesse. Pendurou-os no nariz, tentou ler com eles, foi à janela e olhou para a rua, observou-os mais minuciosamente à luz direta da lâmpada e por fim, com uma risadinha, sentou-se à mesa e escreveu algumas linhas numa folha de papel, que jogou para Stanley Hopkins.



“Tentou ler com eles.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“É o melhor que posso fazer por você”, disse. “Talvez se revele de alguma utilidade.”

O espantado detetive leu a nota em voz alta. Ela dizia:

Procura-se mulher de fino trato, vestida como uma dama. Tem nariz notavelmente grosso e olhos juntos. Tem a testa enrugada, uma expressão perscrutadora e provavelmente ombros caídos. Há indícios de que consultou um óptico pelo menos duas vezes durante os últimos meses. Como seus óculos são notavelmente fortes, e como os ópticos não são muito numerosos, não deverá haver dificuldade em encontrá-la.

Holmes sorriu diante do pasmo de Hopkins, que devia se refletir em seu semblante.

“Não há dúvida de que minhas deduções são a própria simplicidade”, disse ele. “Seria difícil nomear algum objeto que forneça um melhor campo para inferências que um par de óculos, especialmente um par extraordinário como este. Que eles pertencem a uma mulher, eu infiro da sua delicadeza, e

também, é claro, das últimas palavras do moribundo. Quanto a ela ser uma pessoa refinada e bem-vestida, eles estão, como podem observar, belamente montados em ouro maciço, e é inconcebível que uma pessoa que usasse óculos assim fosse desmazelada em outros aspectos. Vocês verão que os prendedores são largos demais para seus narizes, o que mostra que o nariz da dama era muito largo na base. Esse tipo de nariz geralmente é curto e grosso, mas há um número de exceções suficiente para me impedir de ser dogmático ou de insistir nesse ponto em minha descrição. Embora meu próprio rosto seja fino, vejo que não consigo pôr meus olhos no centro, ou perto do centro, destes óculos. Portanto, os olhos da dama são muito próximos aos lados do nariz. Você perceberá, Watson, que os óculos são côncavos e inusitadamente fortes. Uma dama que teve uma visão tão extremamente limitada durante toda a vida seguramente tem as características físicas aliadas a essa visão, que se veem na testa, nas pálpebras e nos ombros.”

“Sim”, disse eu, “posso acompanhar todos os seus raciocínios. Confesso, porém, que sou incapaz de compreender como chegou à dupla visita a um óptico.”

Holmes segurou os óculos.

“Você perceberá”, disse, “que os prendedores estão forrados com minúsculas tiras de cortiça para suavizar a pressão sobre o nariz. Uma delas está descorada e bastante gasta, mas a outra é nova. Evidentemente, esta caiu e foi substituída. Eu diria que a mais velha não deve estar aí há mais de alguns meses. Como elas se correspondem exatamente, concluo que a senhora voltou ao mesmo estabelecimento para substituir a segunda.”

“Meu Deus, é maravilhoso!” exclamou Hopkins, num êxtase de admiração. “Pensar que eu tinha todos esses indícios em minhas mãos e nem suspeitei disso. É verdade que eu pretendia percorrer os ópticos de Londres.”

“Claro que teria feito isso. Por ora, tem mais alguma coisa a nos dizer sobre o caso?”

“Nada, Mr. Holmes. Parece-me que agora o senhor sabe tanto quanto eu — provavelmente mais. Mandamos fazer indagações para apurar se algum estranho fora visto nas estradas da região ou na estação ferroviária. Não soubemos de nenhum. O que me desconcerta é a completa falta de objetivo para o crime. Ninguém é capaz de sugerir nem uma sombra de motivo.”

“Ah! Quanto a esse ponto, não tenho como ajudá-lo. Mas gostaria que fôssemos lá amanhã, não é?”

“Se não for pedir demais, Mr. Holmes. Um trem sai de Charing Cross para Chatham às seis da manhã; estaríamos em Yoxley Old Place entre as oito e as nove.”

“Então nós o tomaremos. Seu caso tem sem dúvida algumas características de grande interesse e ficarei encantado em examiná-lo. Bem, é quase uma hora e o melhor que faríamos seria dormir algumas horas. Acredito que você conseguirá se ajeitar no sofá diante da lareira. Acenderei minha espiriteira e lhe darei uma xícara de café antes de partirmos.”

No dia seguinte o vendaval se esgotara, mas a manhã estava gélida quando partimos para nossa viagem. Vimos o frio sol de inverno levantar-se sobre os brejos sombrios do Tâmis e as longas e soturnas extensões do rio, que sempre terei de associar à nossa perseguição do ilhéu de Andaman nos primeiros dias de nossa carreira. Após uma longa e tediosa viagem, apeamos numa pequena estação a alguns quilômetros de Chatham. Enquanto um cavalo estava sendo atrelado a um coche na hospedaria local, fizemos um desjejum apressado e assim estávamos todos prontos para o que desse e viesse quando finalmente chegamos a Yoxley Old Place. Um policial foi ao nosso encontro no portão do jardim.

“E então, Wilson, alguma novidade?”

“Não, senhor, nada.”

“Nenhuma notícia de que algum estranho foi visto?”

“Não, senhor. Lá na estação eles têm certeza de que nenhum estanho chegou ou partiu ontem.”

“Mandou fazer indagações nas hospedarias e pensões?”

“Sim, senhor; não há ninguém cuja presença não possa ser explicada.”

“Bem, daqui a Chatham é apenas uma caminhada razoável. Qualquer pessoa poderia ter ficado lá ou pegado um trem sem ser observada. Este é o caminho do jardim de que falei, Mr. Holmes. Palavra de honra que não havia nenhuma marca nele ontem.”

“De que lado estavam as marcas na grama?”

“Deste lado. Esta estreita faixa de grama entre o caminho e o canteiro de flores. Não posso ver os traços agora, mas estavam claros para mim na hora.”

“Sim, sim; alguém passou por aqui”, disse Holmes, abaixando-se sobre a borda de grama. “Nossa dama deve ter caminhado com muito cuidado, pois de um lado deixaria pegadas no caminho e do outro, pegadas ainda mais nítidas no canteiro fofo, não é?”

“Sim, senhor, devia ser uma pessoa fria e calculista.”

Por um instante, vi uma expressão concentrada na fisionomia de Holmes.

“Disse que ela deve ter voltado por este caminho?”

“Sim; não há outro.”

“Sobre esta faixa de grama?”

“Certamente, Mr. Holmes.”

“Hum! Foi um desempenho dos mais notáveis — dos mais notáveis. Bem, penso que esgotamos o caminho. Vamos adiante. O portão do jardim é mantido aberto, suponho? Então a visitante teve apenas de entrar. A ideia de assassinato não estava em sua mente, ou ela teria trazido algum tipo de arma, em vez de ter de pegar esta faca na escrivaninha. Ela passou por este corredor, sem deixar traços na esteira de palha de coco. Depois viu-se no gabinete. Quanto tempo passou ali? Não temos como avaliar.”

“Não mais que alguns minutos, senhor. Esqueci de lhe dizer que Mrs. Marker, a governanta, havia feito uma arrumação lá não muito tempo antes — cerca de um quarto de hora, diz ela.”

“Bem, isso nos dá um limite. Nossa dama entra nesta sala, e que faz ela? Dirige-se à escrivaninha. Para quê? Não para pegar alguma coisa nas gavetas. Se houvesse alguma que valesse a pena pegar, certamente estaria trancada. Não, era alguma coisa naquele armário de madeira. Vejam só! Que é este arranhão aqui na porta? Acenda um fósforo, Watson. Por que não me falou disto, Hopkins?”

A marca que ele examinava começava sobre a placa de latão à direita do buraco da fechadura e se estendia por cerca de dez centímetros, arranhando o verniz da superfície.

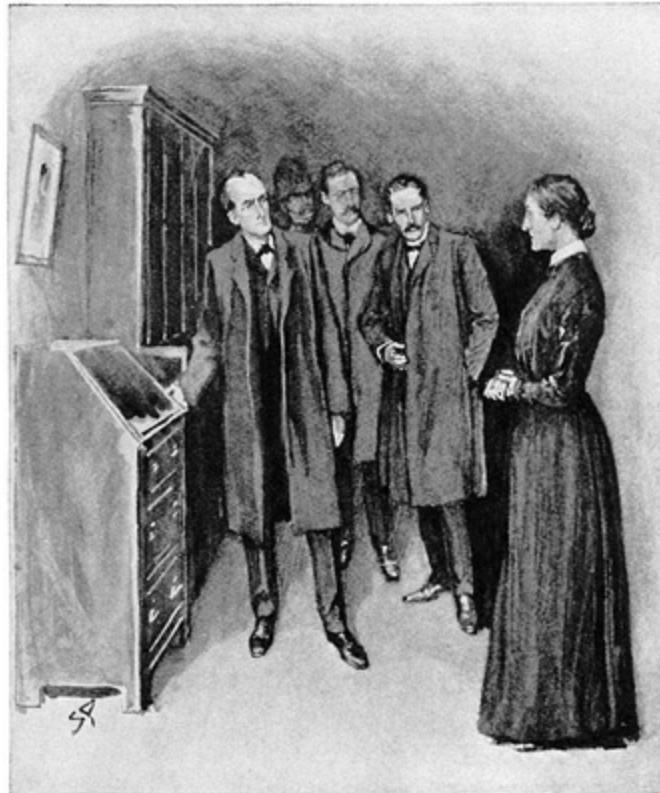
“Notei isso, Mr. Holmes. Mas sempre se encontram arranhões em volta de uma fechadura.”

“Isto é recente — muito recente. Veja como o latão brilha onde foi

cortado. Um arranhão antigo seria da mesma cor que a superfície. Olhe-o com minha lente. Além disso, há o verniz; parece terra de cada lado de um sulco. Mrs. Marker está aí?”

Uma senhora idosa, de semblante triste, entrou na sala.

“Tirou a poeira desta escrivaninha ontem de manhã?”



“Tirou a poeira desta escrivaninha ontem de manhã?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Sim, senhor.”

“Notou este arranhão?”

Não, senhor, não notei.”

“Estou certo de que não, pois um espanador teria removido estes restos de verniz. Quem tem a chave deste armário?”

“O professor a mantém na corrente do relógio.”

“É uma chave simples?”

“Não, senhor, é uma chave Chubb.” “Muito bem. Pode ir, Mrs. Marker. Agora estamos fazendo um pequeno progresso. Nossa dama entra na sala,

avança até o armário e o abre, ou tenta fazê-lo. Enquanto está ocupada nisso, o jovem Willoughby entra na sala. Na pressa de puxar a chave, ela faz este arranhão na porta. Ele a agarra e ela, passando a mão no objeto mais próximo, que por acaso é esta faca, golpeia-o para se desvencilhar dele. O golpe é fatal. Ele cai e ela foge, com ou sem o objeto pelo qual veio. Susan, a criada, está aí? Alguém poderia ter escapado por aquela porta depois do instante em que você ouviu o grito, Susan?”

“Não, senhor; é impossível. Antes de chegar ao pé da escada eu teria visto a pessoa no corredor. Além disso, essa porta não foi aberta, ou eu a teria ouvido.”

“Isso decide a saída. Não há portanto nenhuma dúvida de que a dama saiu por onde entrou. Pelo que entendi, este outro corredor leva apenas ao quarto do professor. Não há nenhuma saída por aí?”

“Não, senhor.”

“Vamos entrar por ele e ir conhecer o professor. Mas veja só, Hopkins! Isto é muito importante, realmente muito importante. O corredor do professor também é forrado com esteira de palha de coco.”

“Bem, senhor, e daí?”

“Não vê nenhuma relação com o caso? Bem, bem, não vou insistir nisso. Sem dúvida estou errado. No entanto, parece-me sugestivo. Venha comigo e apresente-me.”

Seguimos pelo corredor, que tinha o mesmo comprimento do que levava ao jardim. No final havia um curto lanço de degraus terminando numa porta. Nosso guia bateu e em seguida nos introduziu no quarto de dormir do professor.

Era um aposento muito amplo, forrado de incontáveis livros, que haviam transbordado das estantes e se amontoavam pelos cantos ou se empilhavam em volta das estantes. A cama estava no centro do quarto e sobre ela, apoiado em travesseiros, encontrava-se o dono da casa. Raras vezes vi alguém de aparência mais extraordinária. Era um rosto macilento, aquilino, que nos fitava com olhos escuros e penetrantes, profundamente enterrados sob sobrancelhas espessas e salientes. O cabelo e a barba eram brancos, mas a última era curiosamente manchada de amarelo em torno da boca. Um cigarro brilhava em meio ao emaranhamento de cabelo branco, e o ar do quarto fedia

a fumaça de tabaco rançoso. Quando ele estendeu a mão para Holmes, percebi que ela também tinha manchas amarelas de nicotina.



“Era um rosto macilento, aquilino, que nos fitava.” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Fuma, Mr. Holmes?” perguntou num inglês caprichado, com um sotaque curioso, afetado. “Por favor, aceite um cigarro. E o senhor? Posso recomendá-los, pois são preparados especialmente para mim por Ionides de Alexandria. Ele me envia um milhar de cada vez e lamento dizer que preciso providenciar um novo suprimento a cada duas semanas. Mau, senhor, muito mau, mas um velho precisa ter seus pequenos prazeres. O fumo e o meu trabalho — é só o que me resta.”

Holmes acendera um cigarro e disparava olhadelas por todo o quarto.

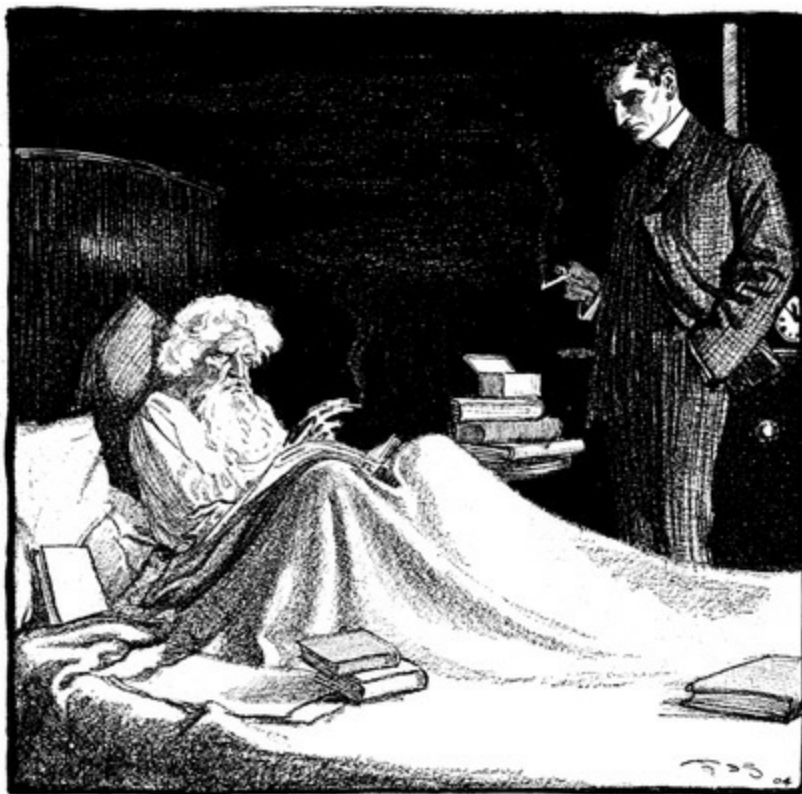
“O fumo e o meu trabalho, mas agora só o fumo!”, exclamou o velho. “Ai! Que interrupção fatal! Quem teria podido prever tão terrível catástrofe? Um rapaz tão estimável! Eu lhe asseguro que, após alguns meses de treinamento, era um assistente admirável. Que pensa do caso, Mr. Holmes?”

“Ainda não formei uma opinião.”

“Eu lhe ficarei realmente grato se puder lançar uma luz sobre o que nos parece tão obscuro. Para um pobre rato de biblioteca e inválido como eu, um golpe como este é paralisante. Tenho a impressão de ter perdido a faculdade do pensamento. Mas o senhor é um homem de ação — é um homem dinâmico. Isso é parte da rotina diária de sua vida. O senhor é capaz de manter o equilíbrio em todas as emergências. Somos realmente afortunados por tê-lo ao nosso lado.”

Enquanto o professor falava, Holmes andava de um lado para outro do quarto. Observei que fumava com extraordinária rapidez. Era evidente que partilhava o gosto de nosso anfitrião pelos cigarros de Alexandria.

“Sim, senhor, foi um golpe avassalador”, disse o velho. “Aquele é meu *magnum opus* — a pilha de papéis sobre aquela mesinha ali. É minha análise dos documentos encontrados nos mosteiros coptas da Síria e do Egito, uma obra com profundas implicações para os próprios fundamentos da religião revelada. Com minha saúde precária, não sei se terei condições de concluí-la algum dia, agora que meu assistente me foi tomado. Meu Deus. Mr. Holmes! Não é que o senhor fuma ainda mais depressa que eu?”



“Sim, senhor, foi um golpe avassalador.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

Holmes sorriu.

“Sou um *connaisseur*”, respondeu, tirando outro cigarro da caixa — o quarto — e acendendo-o no toco do que acabara de terminar. “Não o perturbarei com nenhum interrogatório demorado, professor Coram, pois pelo que sei estava na cama na hora do crime e nada poderia saber sobre ele. Só lhe perguntaria uma coisa: que imagina que aquele pobre sujeito quis dizer com suas últimas palavras: ‘O professor... foi ela’?”

O professor sacudiu a cabeça.

“Susan é uma moça do interior”, disse, “e o senhor conhece a inacreditável estupidez dessa classe. Imagino que o pobre rapaz murmurou algumas palavras incoerentes, delirantes, e que ela as torceu, transformando-as nessa mensagem sem sentido.”

“Entendo. Não tem nenhuma explicação para a tragédia?”

“Possivelmente um acidente, possivelmente — só sugiro isto cá entre nós — um suicídio. Os jovens têm seus problemas ocultos — algum caso sentimental, talvez, de que nunca tivemos conhecimento. É uma suposição

mais provável que assassinato.”

“Mas e os óculos?”

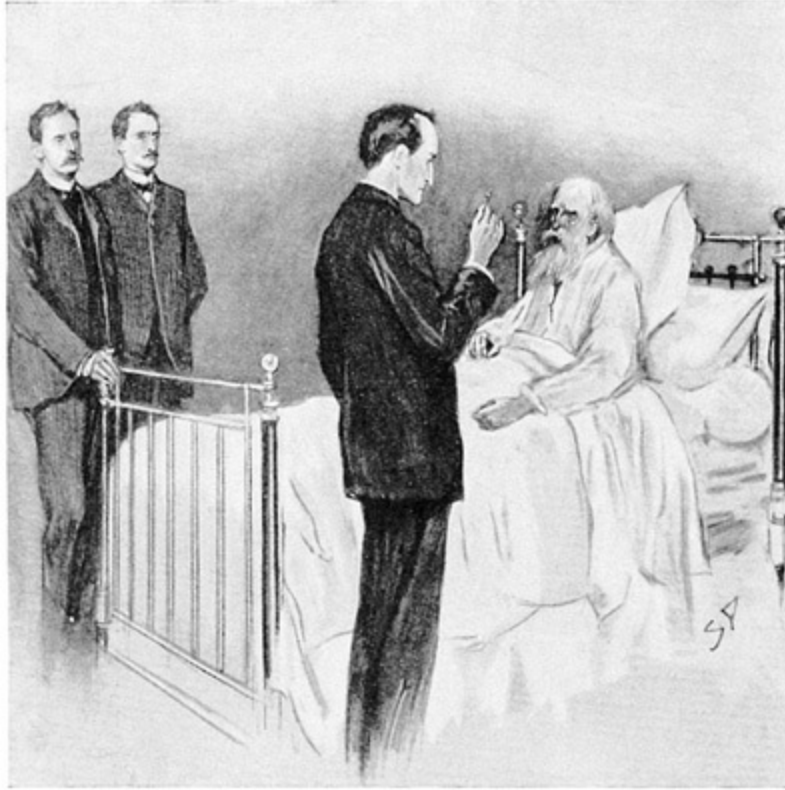
“Ah! Sou apenas um estudioso — um sonhador. Não sou capaz de explicar as coisas práticas da vida. Mesmo assim, nós sabemos, meu amigo, que as prendas de amor podem assumir formas estranhas. Por favor, fume mais um cigarro. É um prazer ver alguém apreciá-los tanto. Um leque, uma luva, um par de óculos — quem sabe que objeto um homem pode conservar como lembrança ou acariciar quando põe fim à sua vida? Esse cavalheiro fala de pegadas na grama, mas, afinal de contas, é fácil enganar-se sobre um detalhe como esse. Quanto à faca, o infeliz pode perfeitamente tê-la jogado longe ao cair. É possível que eu fale como uma criança, mas me parece que Willoughby Smith encontrou a morte por suas próprias mãos.”

Holmes, que pareceu impressionado com a teoria assim proposta, continuou a andar de um lado para outro por algum tempo, perdido em pensamentos e fumando um cigarro atrás do outro.

“Diga-me, professor Coram”, disse finalmente, “que guarda naquele armário da escrivaninha?”

“Nada que pudesse interessar a um ladrão. Documentos de família, cartas de minha pobre esposa, diplomas de universidades que me homenagearam. Aqui está a chave. Pode olhar por si mesmo.”

Holmes pegou a chave, olhou para ela por um momento.



“Holmes pegou a chave e olhou para ela por um momento.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Não; sei que isso dificilmente poderia me ajudar”, disse. “Eu preferiria ir refletir calmamente sobre todo este caso no seu jardim. A teoria do suicídio que o senhor propõe é defensável. Temos de nos desculpar por invadir sua privacidade, professor Coram, e prometo que não o perturbaremos de novo até depois do almoço. Às duas horas voltaremos e lhe comunicaremos tudo que tenha ocorrido no intervalo.”

Holmes estava curiosamente distraído e foi em silêncio que andamos de um lado para outro no jardim por algum tempo.

“Tem alguma pista?” perguntei, por fim.

“Depende dos cigarros que fumei”, respondeu. “É possível que eu esteja redondamente enganado. Os cigarros vão me mostrar.”

“Meu caro Holmes”, exclamei, “como diabos...”

“Bem, bem, você poderá ver com seus próprios olhos. Se não, nenhum mal terá sido feito. É claro, sempre temos a pista do óptico a que recorrer, mas quando vejo um atalho, não o deixo passar. Ah, aqui está a boa Mrs.

Marker! Vamos desfrutar de cinco minutos de conversa instrutiva com ela.”

Talvez eu já tenha feito a observação de que Holmes, quando queria, tinha maneiras peculiarmente insinuantes com as mulheres e estabelecia relações de confiança com elas muito rapidamente. Na metade do tempo que previra, havia conquistado a boa vontade da governanta e tagarelava com ela como se a conhecesse havia anos.

“Sim, Mr. Holmes, é como diz. Ele realmente fuma de uma maneira assustadora. O dia inteiro e às vezes a noite inteira. Já vi aquele quarto de manhã — bem, senhor, era um *fog* londrino. Pobre Mr. Smith, também era fumante, mas não tanto quanto o professor. A saúde dele... bem, não sei se é pior ou melhor por causa do fumo.”

“Ah!” disse Holmes. “Mas o fumo tira o apetite.”

“Bem, isso eu não sei, senhor.”

“O professor não deve comer quase nada, não é?”

“Bem, o apetite dele varia. Isso eu posso dizer.”

“Aposto que ele não comeu nada hoje no desjejum e não vai almoçar, depois de todos os cigarros que o vi consumir.”

“Bem, é aí que o senhor se engana, pois na verdade ele comeu de maneira extraordinária no desjejum esta manhã. Não me lembro de vê-lo comer tanto a essa hora, e mandou preparar um bom prato de costeletas para o almoço. Eu mesma estou surpresa, porque desde que entrei naquele quarto ontem e vi o jovem Mr. Smith ali, estendido no chão, não suporto mais nem ver comida. Bem, há de tudo neste mundo e o professor não deixou que isso lhe tirasse o apetite.”

Passamos a manhã flanando pelo jardim. Stanley Hopkins fora até a aldeia investigar alguns rumores sobre uma mulher desconhecida que teria sido vista por algumas crianças na Chatham Road na manhã anterior. Quanto ao meu amigo, toda a sua energia habitual parecia tê-lo abandonado. Nunca o vi lidar com um caso com tanto desânimo. Nem as notícias trazidas por Hopkins de que encontrara as crianças e que elas haviam sem sombra de dúvida visto uma mulher que correspondia à descrição de Holmes, e usando óculos ou pincenê, conseguiram despertar nele qualquer sinal de interesse mais intenso. Mostrou-se mais atento quando Susan, que nos serviu no almoço, declarou espontaneamente acreditar que Mr. Smith saíra para um

passeio na manhã do dia anterior e só retornara meia hora antes da tragédia. Eu mesmo não pude ver as implicações desse incidente, mas percebi claramente que Holmes o estava incorporando ao esquema geral que havia formado em seu cérebro. De repente ele deu um salto da cadeira e consultou o relógio. “Duas horas, cavalheiros”, disse. “Temos de nos levantar e ir discutir o caso com nosso amigo, o professor.”

O velho acabara de almoçar e o prato vazio sem dúvida comprovava o bom apetite que a governanta lhe atribuíra. Parecia de fato uma figura esquisita quando virou para nós sua longa cabeleira branca e seus olhos cintilantes. Tinha na boca o eterno cigarro. Havia sido vestido e estava numa poltrona junto à lareira.



O professor estava numa poltrona junto à lareira. [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“E então, Mr. Holmes, já decifrou o mistério?” Empurrou para meu companheiro a grande caixa de cigarros que estava numa mesa ao seu lado. Holmes estendeu a mão no mesmo instante, e os gestos dos dois derrubaram a caixa da mesa. Por um ou dois minutos ficamos todos de joelhos,

encontrando cigarros extraviados em lugares impossíveis. Quando nos levantamos, observei que os olhos de Holmes brilhavam e suas faces estavam coradas. Somente numa crise eu o vira exibir esses sinais de batalha.

“Sim”, disse ele, “eu o decifrei”.

Stanley Hopkins e eu arregalamos os olhos, espantados. Uma espécie de sorriso de desdém pairou sobre os traços macilentos do velho professor.

“Foi mesmo? No jardim?”

“Não, aqui.”

“Aqui? Quando?”

“Neste instante.”

“Com certeza está brincando, Mr. Sherlock Holmes. Obriga-me a dizer-lhe que este é um assunto sério demais para ser tratado dessa maneira.”

“Forjei e pus à prova cada elo de minha corrente, professor Coram, e tenho certeza de que ela é sólida. Quais são os seus motivos, ou que papel exatamente o senhor desempenha neste estranho negócio, não sou capaz de dizer. Dentro de alguns minutos provavelmente ouvirei isso dos seus próprios lábios. Nesse meio-tempo, vou reconstituir o que se passou em seu benefício, de modo que possa saber de que informações ainda preciso.

“Uma senhora entrou ontem em seu gabinete. Ela veio com a intenção de se apossar de certos documentos que estavam em sua escrivaninha. Tinha uma chave própria. Tive oportunidade de examinar a do senhor, e não vi a ligeira mancha que aquele arranhão feito no verniz teria produzido. Portanto, o senhor não era um cúmplice, e, até onde posso interpretar as provas, ela veio sem seu conhecimento, para roubá-lo.”

O professor soltou uma baforada. “Isso é extremamente interessante e instrutivo”, disse. “Não tem mais nada a acrescentar? Certamente, tendo seguido o rastro dessa senhora até aí, pode dizer também o que foi feito dela.”

“É o que vou me esforçar por fazer. Em primeiro lugar, ela foi agarrada por seu secretário e o apunhalou para escapar. Estou inclinado a encarar essa catástrofe como um deplorável acidente, porque estou convencido de que a dama não tinha intenção de infligir um ferimento tão grave. Um assassino não chega desarmado. Horrorizada pelo que fizera, ela saiu correndo, desesperada, da cena da tragédia. Lamentavelmente para ela, havia perdido

seus óculos no tumulto, e como era extremamente míope, ficou de fato impotente sem eles. Correu por um corredor, que imaginou ser aquele por onde viera — ambos eram forrados com esteira de palha de coco —, e só compreendeu tarde demais que havia tomado o corredor errado e que a saída possível estava interceptada atrás dela. Que podia fazer? Não podia voltar atrás. Não podia continuar onde estava. Tinha de seguir adiante. Foi o que ela fez. Subiu uma escada, empurrou uma porta e viu-se no seu quarto.”

De boca aberta, o velho fuzilava Holmes com os olhos. O espanto e o medo estampavam-se em seus traços expressivos. De repente, com um esforço, sacudiu os ombros e caiu numa gargalhada insincera.

“Tudo muito bonito, Mr. Holmes”, disse. “Mas há uma pequenina falha em sua esplêndida teoria. Eu próprio estava em meu quarto e não o abandonei por um só minuto durante o dia.”

“Sei disso, professor Coram.”

“Quer dizer então que eu poderia estar deitado naquela cama e não perceber que uma mulher havia entrado em meu quarto?”

“Não disse isso. O senhor *percebeu*. Falou com ela. O senhor a reconheceu. Ajudou-a a escapar.”

Mais uma vez o professor soltou uma risada aguda. Havia se levantado e seus olhos fulguravam como brasas.

“Está louco!” gritou. “Fala como um insano. Eu a ajudei a escapar? Onde está ela agora?”

“Está aqui”, disse Holmes, e apontou para uma estante alta num canto do quarto.

Vi o ancião jogar os braços para cima; uma terrível convulsão passou por seu semblante repulsivo e ele caiu de volta em sua cadeira. No mesmo segundo a estante que Holmes apontara girou num gonzo e uma mulher precipitou-se no quarto. “Está certo”, exclamou ela, numa voz esquisita e estrangeirada. “Está certo, estou aqui.”



“Uma mulher precipitou-se no quarto.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Ela estava marrom de poeira e coberta com as teias de aranha que haviam caído das paredes de seu esconderijo. Seu rosto também estava raiado de fuligem. Com toda boa vontade, nunca teria sido possível qualificá-la de bonita, pois tinha exatamente as características físicas que Holmes adivinhara, e, ademais, um queixo pontudo e obstinado. Por causa de sua cegueira natural e da transição da escuridão para a luz, ficou atordoada e, pestanejando, virava a cabeça à sua volta na tentativa de descobrir onde estávamos e quem éramos. No entanto, apesar de todas essas desvantagens, havia certa nobreza em suas maneiras — uma bravura no queixo desafiador e na cabeça erguida, que inspirava certo respeito e admiração.

Stanley Hopkins pusera a mão sobre seu braço e a declarara sua prisioneira, mas ela se desvencilhou dele suavemente, embora com uma dignidade dominadora que impunha obediência. O velho continuava recostado em sua cadeira, o rosto crispado, fitando-a com olhos aflitos.

“Sim, senhor, sou sua prisioneira”, disse ela. “De onde estava pude ouvir tudo e sei que descobriu a verdade. Confesso tudo. Fui eu que matei o rapaz.

Sequer me dei conta de que era uma faca que eu tinha na mão, pois em meu desespero passei a mão em qualquer coisa na mesa e ataquei-o para que me soltasse. Estou dizendo a verdade.”

“Madame”, disse Holmes, “estou certo de que é a verdade. Temo que não esteja se sentindo bem.”

Ela estava com uma cor pavorosa, mais lívida ainda sob as raiais escuras de poeira no rosto. Sentou-se na beirada da cama; depois recomeçou.

“Tenho apenas pouco tempo aqui”, disse ela, “mas gostaria que soubessem toda a verdade. Sou a mulher desse homem. Ele não é inglês. É russo. Não direi seu nome.”

Pela primeira vez o velho se mexeu. “Deus a abençoe, Anna” exclamou. “Deus a abençoe!”

Ela lhe lançou um olhar do mais profundo desdém. “Por que se agarra tão desesperadamente a essa sua mísera vida, Sergius?” perguntou. “Ela fez mal a muitos e nenhum bem a ninguém — nem a você mesmo. Não me cabe, contudo, fazer com que o frágil fio seja rompido antes da hora determinada por Deus. Já carrego um peso suficiente em minha consciência desde que transpus a soleira desta maldita casa. Mas preciso falar, ou será tarde demais.

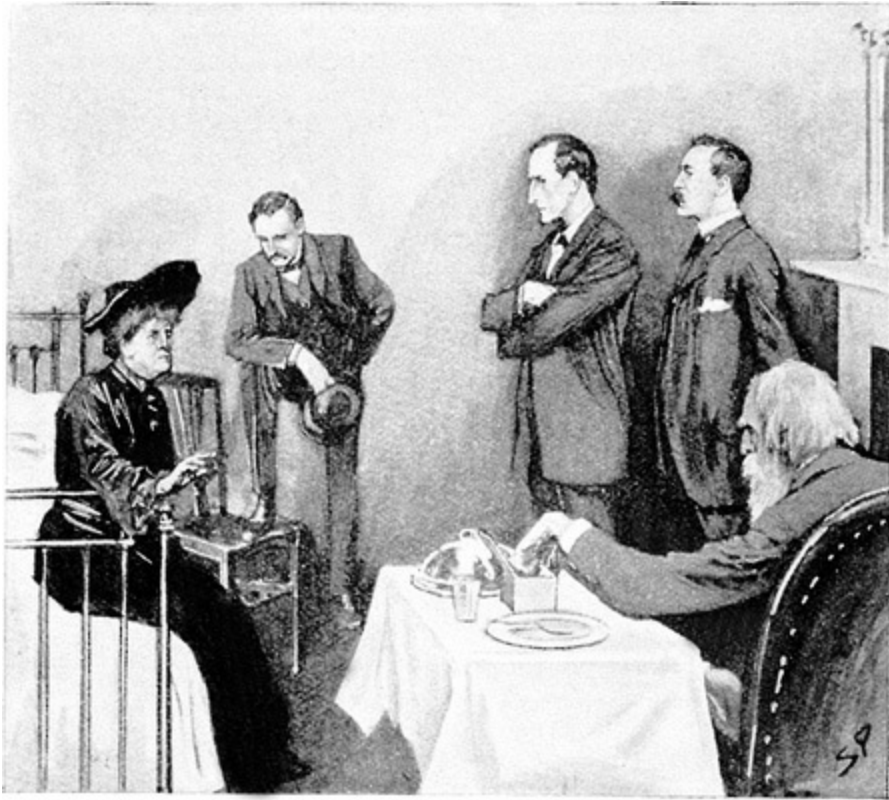
“Eu disse, cavalheiros, que sou a mulher desse homem. Ele tinha cinquenta anos e eu era uma moça desmiolada de vinte quando nos casamos. Foi numa cidade da Rússia, uma universidade — não direi o nome do lugar.”

“Deus a abençoe, Anna!” exclamou o velho de novo.

“Éramos reformadores — revolucionários — niilistas, os senhores compreendem. Ele, eu e muitos mais. Então chegou um tempo conturbado, um oficial da polícia foi morto, muitos foram presos, procuravam-se provas, e, para salvar a própria vida e ganhar uma grande recompensa, meu marido traiu a própria mulher e seus companheiros. Sim; fomos todos presos com base na confissão dele. Alguns dos nossos foram parar na forca, alguns na Sibéria. Estive entre os últimos, mas não fui condenada a prisão perpétua. Meu marido veio para a Inglaterra com seus ganhos desonestos e vive tranquilamente desde então, sabendo perfeitamente que se a Fraternidade soubesse onde estava, não se passaria uma semana antes que a justiça fosse feita.”

O velho estendeu uma mão trêmula e pegou um cigarro. “Estou em suas

mãos, Anna”, disse. “Você sempre foi boa para mim.”



“‘Estou em suas mãos, Anna’, disse ele.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Ainda não contei sua pior vilania”, disse ela. “Entre nossos camaradas da Ordem, havia um que me era muito querido. Era nobre, altruísta, amoroso — tudo que meu marido não era. Detestava violência. Éramos todos culpados — se aquilo era culpa —, mas ele não. Sempre escrevia tentando nos dissuadir daquele caminho. Essas cartas poderiam tê-lo salvado. O mesmo pode ser dito do meu diário, em que, a cada dia, eu havia registrado tanto meus sentimentos em relação a ele como a posição que cada um de nós assumira. Meu marido encontrou e guardou tanto o diário quanto as cartas. Escondeu-os e fez o que podia para liquidar com a vida do rapaz. Nisso ele fracassou, mas Alexis foi condenado e despachado para a Sibéria, onde hoje, neste momento, trabalha numa mina de sal. Pense nisso, seu patife, seu patife! — agora, agora, neste exato momento, Alexis, um homem cujo nome você não é digno de pronunciar, trabalha e vive como um escravo, enquanto eu tenho a sua vida em minhas mãos e o deixo escapar.”

“Você sempre foi uma mulher nobre, Anna”, disse o velho, tirando baforadas de seu cigarro.

Ela se levantara, mas caiu para trás de novo com um gemido de dor.

“Tenho de terminar”, disse. “Quando acabei de cumprir minha pena, decidi apossar-me do diário e das cartas que, se enviados ao governo russo, propiciariam a liberdade ao meu amigo. Sabia que meu marido viera para a Inglaterra. Depois de meses de procura, descobri onde ele estava. Sabia que ele ainda tinha o diário, porque uma vez, quando eu estava na Sibéria, recebi uma carta dele, censurando-me e citando algumas passagens de suas páginas. Eu tinha certeza, porém, de que, com sua natureza vingativa, ele jamais o entregaria a mim por sua livre vontade. Eu teria de consegui-lo por mim mesma. Com esse objetivo, contratei um agente de uma firma de detetives particulares, que ingressou na casa de meu marido como secretário — foi o seu segundo secretário, Sergius, aquele que o deixou de maneira tão apressada. Ele descobriu que os papéis eram guardados no armário e obteve um molde da chave. Não quis ir mais longe. Forneceu-me uma planta da casa e disse-me que de manhã o gabinete estava sempre vazio, pois o secretário ficava ocupado aqui. Assim, finalmente reuni toda a minha coragem e vim eu mesma pegar os papéis. Consegui, mas a que preço!

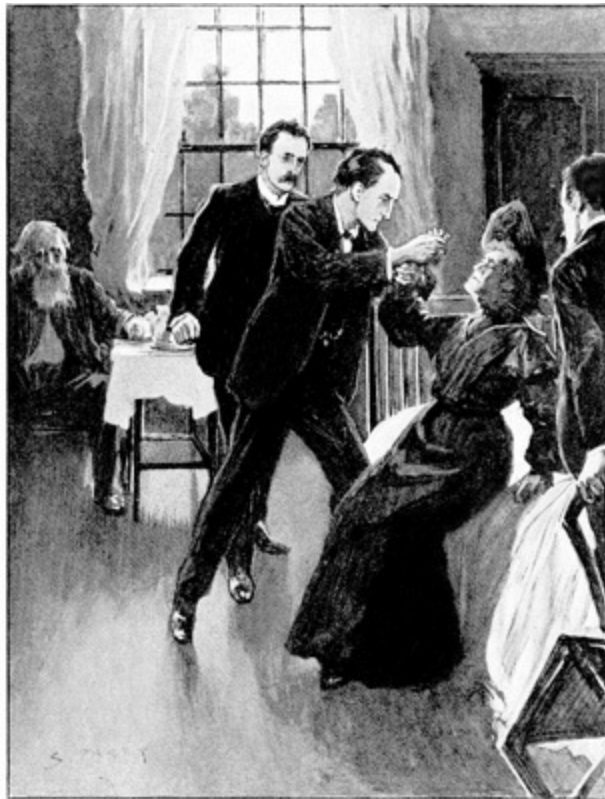
“Eu acabara de pegar os papéis e trancava o armário, quando o rapaz me agarrou. Eu já o vira naquela manhã. Havíamos nos encontrado na estrada e eu lhe perguntara onde morava o professor Coram, ignorando que era empregado dele.”

“Exatamente! Exatamente!” disse Holmes. “O secretário voltou e falou com o patrão sobre a mulher que encontrara. Depois, em seu último alento, tentou enviar a mensagem de que era ela — a mulher com quem falara pouco antes.”

“O senhor deve me deixar falar”, disse a mulher, num tom de voz imperativo, e seu rosto se contraiu como se sentisse dor. “Depois que ele caiu eu saí correndo da sala, escolhi a porta errada e me encontrei no quarto de meu marido. Ele falou em me entregar, mas eu lhe mostrei que, se o fizesse, sua vida estaria em minhas mãos. Se ele me entregasse à Justiça, eu poderia entregá-lo à Fraternidade. Não é que eu tivesse apego à vida, mas desejava realizar meu objetivo. Ele sabia que eu faria o que estava dizendo — que sua própria sorte estava presa à minha. Por essa razão, e por nenhuma outra, ele

me protegeu. Enfiou-me naquele esconderijo escuro — uma herança de tempos remotos, que só ele conhecia. Fez suas refeições aqui no seu quarto, podendo assim me dar parte de sua comida. Eu concordara que, quando a polícia deixasse a casa, eu trataria de me esgueirar durante a noite e nunca mais voltaria. Mas de algum modo o senhor descobriu nossos planos.” Ela tirou um pacotinho do decote. “Estas são minhas últimas palavras”, disse; “aqui está o pacote que salvará Alexis. Confio-o à sua honra e ao seu amor à justiça. Pegue-o! O senhor o entregará na Embaixada da Rússia. Agora, cumpri o meu dever e...”

“Detenham-na!” gritou Holmes. Havia saltado do outro lado da sala e arrancado um pequeno frasco da mão da mulher.



“Holmes havia saltado do outro lado da sala e arrancado um pequeno frasco da mão da mulher.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Tarde demais!” disse ela, caindo sobre a cama. “Tarde demais! Tomei o veneno antes de sair do meu esconderijo. Minha cabeça está girando! Estou partindo! Eu lhe peço, senhor, que se lembre do pacote.”



“Um caso simples; não obstante, sob certos aspectos, instrutivo”, comentou Holmes quando viajávamos de volta para Londres. “Girou desde o início em torno do pincenê. Se o moribundo, por um feliz acaso, não o tivesse agarrado, talvez nunca tivéssemos chegado à nossa solução. Ficou claro para mim, a partir das lentes fortes, que a pessoa que usava aquele pincenê devia ficar muito cega e impotente quando privada dele. Quando você me pediu para acreditar que ela havia caminhado por uma estreita faixa de grama sem dar um só passo em falso, observei, como talvez se lembre, que era um desempenho notável. Em minha mente, classifiquei-o como desempenho impossível, salvo no caso improvável de ela ter um segundo par de óculos. Fui obrigado, portanto, a considerar seriamente a hipótese de que ela tivesse permanecido dentro da casa. Quando percebi a semelhança entre os dois corredores, ficou claro para mim que ela poderia muito facilmente ter tomado um pelo outro, e, nesse caso, era evidente que devia ter entrado no quarto do professor. Eu estava intensamente alerta, portanto, para qualquer coisa que pudesse confirmar essa suposição e examinei o quarto atentamente à procura de algum possível esconderijo. Como o carpete parecia contínuo e firmemente pregado, descartei a ideia de um alçapão. Era possível que houvesse um recesso atrás dos livros. Como você sabe, esses dispositivos são comuns em bibliotecas antigas. Observei que havia livros empilhados no chão por toda parte, mas uma estante estava vazia. Essa, portanto, poderia ser a porta. Não consegui encontrar nenhuma marca para me guiar, mas o carpete era de uma cor escura, que se presta muito bem a um exame. Assim, fumei grande número daqueles excelentes cigarros e deixei cair cinza por todo o espaço em frente à estante suspeita. Foi um truque simples, mas extremamente eficaz. Depois desci e verifiquei na sua presença, Watson, sem que você percebesse, o sentido de minhas observações, que o consumo de comida do professor aumentara — como seria de esperar se ele estivesse alimentando uma segunda pessoa. Depois subimos novamente ao quarto, e, derrubando a caixa de cigarros, pude fazer um excelente exame do chão e ver com toda a clareza, a partir dos traços sobre as cinzas de cigarro, que a prisioneira saíra de seu refúgio durante a nossa ausência. Bem, Hopkins, chegamos a Charing Cross; quero cumprimentá-lo por ter levado o caso a um feliz desfecho. Está indo para a Central de Polícia, sem dúvida. Quanto a nós

dois, Watson, penso que tomaremos um carro juntos para a Embaixada da Rússia.”

XI. O ATLETA DESAPARECIDO

ESTÁVAMOS BASTANTE acostumados a receber telegramas esquisitos em Baker Street, mas tenho uma lembrança particular do que nos chegou numa sombria manhã de fevereiro, cerca de sete ou oito meses atrás, e fez Mr. Sherlock Holmes dar tratos à bola por um bom quarto de hora.

Por favor espere-me. Terrível desgrça. Três-quartos, ala direita, desaparecido; indispensável amanhã.

OVERTON

“Carimbo do Strand, remetido às dez e trinta e seis”, disse Holmes, lendo-o e relendo-o. “Mr. Overton estava evidentemente muito alvoroçado quando o enviou e, em consequência, um pouco incoerente. Bem, bem, provavelmente ele estará aqui antes que eu termine de dar uma olhada no *Times* e então saberemos tudo. Até o problema mais insignificante seria bem-vindo nesses dias estagnados.”

De fato, as coisas vinham caminhando muito devagar para nós e eu aprendera a temer esses dias de inação, pois sabia por experiência que o cérebro de meu companheiro era tão anormalmente ativo que se tornava perigoso deixá-lo sem material com que trabalhar. Fazia anos que eu tentava curá-lo pouco a pouco do vício da droga que outrora ameaçara interromper sua extraordinária carreira. Agora eu sabia que em condições normais ele não mais ansiava por esse estímulo artificial; mas tinha também plena consciência de que o demônio não estava morto, apenas dormia; e sabia que era um sono leve e que o despertar estava próximo quando, em períodos de ociosidade, via o aspecto abatido de Holmes e a melancolia de seus olhos fundos e inescrutáveis. Por isso, abençoei esse Mr. Overton, fosse ele quem fosse, que, com sua enigmática mensagem, viera sacudir a calma perigosa que trazia mais ameaças para meu amigo que todas as tempestades de sua conturbada vida.

Como esperávamos, o telegrama não tardou a ser seguido por seu remetente — o cartão de Mr. Cyril Overton, do Trinity College, em Cambridge, anunciou a chegada de um rapaz enorme, cem quilos de ossos sólidos e músculos, que ocupou todo o vão da porta com seus ombros largos e olhou de um para outro de nós com um rosto bonito desfigurado pela ansiedade.

“Mr. Sherlock Holmes?”

Meu companheiro curvou-se.

“Estive na Scotland Yard, Mr. Holmes. Falei com o inspetor Stanley Hopkins. Ele me aconselhou a procurá-lo. Disse que o caso, até onde podia ver, estava mais na sua linha que na da polícia.”

“Por favor, sente-se e conte-me do que se trata.”

“É horrível, Mr. Holmes, simplesmente horrível! Não sei como não estou de cabelos brancos. Godfrey Staunton — com certeza já ouviu falar dele, não é? É simplesmente o pivô em torno do qual toda a equipe gira. Eu preferiria abrir mão de dois outros jogadores e ficar com Godfrey na minha linha de três-quartos. Seja passando, atacando ou driblando, ninguém chega aos pés dele; além disso, tem liderança e consegue nos manter todos unidos. Que fazer? É o que eu lhe pergunto, Mr. Holmes. Há Moorhouse, o primeiro reserva, mas ele foi treinado como médio e tende a sair para disputar a bola em vez de se manter na linha lateral. É bom nas jogadas de bola parada, é verdade, mas o fato é que não tem discernimento nem explosão. Ora, Morton ou Johnson, os avantes de Oxford, poderiam lhe dar um baile. Stevenson é bastante rápido, mas não consegue descer da linha vinte e cinco, e um três-quartos que não é capaz nem de chutar a bola no ar nem de rebater não merece ser escalado. Não, Mr. Holmes, estamos fritos, a menos que o senhor possa me ajudar a encontrar Godfrey Staunton.”

Meu amigo ouvira com um ar de divertida surpresa este longo discurso, despejado com extraordinário vigor e seriedade, cada ponto enfatizado pela batida de uma mão musculosa sobre o joelho do falante. Quando nosso visitante se calou, Holmes estendeu a mão e pegou a letra “S” de seu livro de referências. Dessa vez vasculhou em vão essa mina de informações variadas.

“Há Arthur H. Staunton, o jovem falsário em ascensão”, disse ele, “e houve Henry Staunton, que ajudei a enforcar, mas Godfrey Staunton é um

nome novo para mim.”

Foi a vez de nosso visitante parecer surpreso.

“Ora, Mr. Holmes, pensei que o senhor sabia das coisas”, disse. “Mas se nunca ouviu falar de Godfrey Staunton, então também não sabe nada sobre Cyril Overton?”



“Ora, Mr. Holmes, pensei que o senhor sabia das coisas”, disse ele.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Holmes sacudiu a cabeça, bem-humorado.

“Céus!” exclamou o atleta. “Ora, fui primeiro reserva da Inglaterra contra o País de Gales e fui o capitão da equipe da universidade durante este ano inteiro. Mas isso não é nada! Eu pensava que não havia uma só alma na Inglaterra que não conhecesse Godfrey Staunton, o excepcional três-quartos de Cambridge, do Blackheath e de cinco Internacionais. Meu Deus, Mr. Holmes, em que país o senhor vive?”

Holmes riu do pasmo ingênuo do jovem gigante.

“O senhor vive num mundo diferente do meu, Mr. Overton, um mundo

mais doce e mais saudável. Minhas ramificações estendem-se por muitos setores da sociedade, mas nunca, folgo em dizer, chegaram ao esporte amador, que é o que a Inglaterra tem de melhor e mais saudável. Sua inesperada visita esta manhã, porém, mostra-me que mesmo nesse mundo de ar puro e *fair play* pode haver trabalho para mim. Por isso agora, meu rapaz, eu lhe peço que se sente e me conte, com todo vagar e calma, o que foi exatamente que aconteceu e como deseja que eu o ajude.”

O semblante do jovem Overton assumiu a expressão amolada do homem mais acostumado a usar os músculos que os miolos; pouco a pouco, porém, com muitas repetições e obscuridades que posso omitir desta narrativa, ele nos expôs sua estranha história.



“É isto, Mr. Holmes. Como eu disse, sou o capitão da equipe de rúgbi da Universidade de Cambridge, e Godfrey Staunton é meu melhor homem. Amanhã jogamos contra Oxford. Ontem todos nós nos apresentamos e nos instalamos no Hotel Bentley. Às dez horas fiz uma ronda e verifiquei que todos os rapazes haviam se recolhido, pois acredito em treinamento rigoroso e muito sono para uma equipe. Troquei uma ou duas palavras com Godfrey antes que ele fosse se deitar. Pareceu-me pálido e aborrecido. Perguntei-lhe qual era o problema. Disse que estava bem — tinha apenas uma ponta de dor de cabeça. Dei-lhe boa-noite e deixei-o. Meia hora mais tarde o porteiro me contou que um homem de aspecto rude, de barba, trouxera um bilhete para Godfrey. Ele ainda não se deitara e o bilhete foi levado ao seu quarto. Assim que o leu, Godfrey desabou numa cadeira, como se tivesse levado uma machadada. O porteiro ficou tão assustado que ia saindo para me chamar, mas Godfrey o deteve, tomou um pouco d’água e recobrou o autocontrole. Depois desceu ao térreo, trocou algumas palavras com o homem que esperava no saguão e os dois saíram juntos. A última vez que o porteiro os viu, estavam quase correndo rua abaixo na direção do Strand. Hoje de manhã, o quarto de Godfrey estava vazio, sua cama não fora mexida e suas coisas estavam exatamente como eu as vira ontem à noite. Ele partira de repente com aquele estranho, e não tivemos uma notícia dele desde então. Não acredito que vá voltar algum dia. Ele era um esportista, o Godfrey, até a medula, e não teria interrompido seu treinamento e deixado seu capitão na

mão se não fosse por algum motivo forte demais. Não; tenho a impressão de que foi embora para sempre, que nunca mais o veremos.”



Sherlock Holmes ouviu essa singular narrativa com a mais profunda atenção.

“Que fez o senhor?” perguntou.

“Telegrafei para Cambridge para saber se haviam tido alguma notícia dele lá. Responderam-me. Ninguém o vira.”

“Ele poderia ter voltado para Cambridge?”

“Sim, há um trem bem tarde — às onze e quinze.”

“Mas, até onde pôde averiguar, ele não o tomou?”

“Não, não foi visto.”

“Que fez em seguida?”

“Telegrafei para Lord Mount-James.”

“Por que para Lord Mount-James?”

“Godfrey é órfão e Lord Mount-James é seu parente mais próximo — seu tio, acredito.”

“Ah! Isso lança uma nova luz sobre o assunto. Lord Mount-James é um dos homens mais ricos da Inglaterra.”

“Foi o que ouvi Godfrey dizer.”

“E seu amigo era um parente próximo?”

“Sim, era seu herdeiro, e o velho está com quase oitenta anos — e muito atacado pela gota. Dizem que poderia passar giz em seu taco de bilhar com os nós dos dedos. Nunca deu um xelim a Godfrey na vida, porque é absurdamente avarento, mas tudo que tem acabará sendo dele.”

“Recebeu alguma resposta de Lord Mount-James?”

“Não.”

“Que motivo seu amigo poderia ter para ir procurá-lo?”

“Bem, algo o preocupava ontem à noite, e se tivesse a ver com dinheiro seria possível que ele procurasse seu parente mais próximo, que tinha tanto, embora, por tudo que ouvi dizer, não tivesse muita chance de conseguir algum. Godfrey não gostava do velho. Não o procuraria se pudesse evitar.”

“Bem, logo poderemos verificar isso. Se seu amigo foi procurar o parente, Lord Mount-James, resta ao senhor explicar a visita daquele homem rude a uma hora tão tardia e a comoção causada pela chegada dele.”

Cyril Overton apertou a cabeça com as mãos. “Não consigo dar nenhuma explicação para isso”, disse.

“Bem, bem, tenho um dia livre e terei prazer em examinar o problema”, disse Holmes. “Eu lhe recomendaria enfaticamente que fizesse seus preparativos para a partida sem contar com esse jovem cavalheiro. Como o senhor disse, deve ter sido uma necessidade imperiosa que o fez sair a contragosto dessa maneira, e é provável que essa mesma necessidade o mantenha afastado. Vamos dar um pulo juntos nesse hotel e ver se o porteiro pode lançar alguma luz nova sobre o assunto.”

Sherlock Holmes era um mestre consumado na arte de pôr uma testemunha humilde à vontade, e muito depressa, na privacidade do quarto abandonado de Godfrey Staunton, havia extraído tudo que o porteiro tinha a dizer. O visitante da noite anterior não era um cavalheiro, tampouco um operário. Era simplesmente o que o porteiro descreveu como um “sujeito de aparência mediana”: um homem de cinquenta anos, de barba grisalha, rosto pálido, discretamente vestido. Parecia estar ele próprio agitado. O porteiro havia observado suas mãos tremerem ao entregar o bilhete. Godfrey Staunton enfiara o bilhete no bolso. No saguão, não apertara a mão do desconhecido. Eles haviam trocado algumas frases, de que o porteiro só distinguira uma única palavra, “tempo”. Depois tinham saído às pressas, da maneira descrita. Nesse momento eram exatamente dez e meia pelo relógio do saguão.

“Vejam”, disse Holmes, sentando-se na cama de Staunton. “Você é o porteiro do dia, não é?”

“Sim, senhor, deixo a portaria às onze.”

“O porteiro da noite não viu nada, suponho?”

“Não, senhor; um grupo voltou tarde do teatro. Mais ninguém.”

“Ficou de serviço ontem o dia inteiro?”

“Sim, senhor.”

“Levou alguma mensagem para Mr. Staunton?”



“Levou alguma mensagem para Mr. Staunton?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Sim, senhor; um telegrama.”

“Ah! Isso é interessante. Que horas eram?”

“Cerca de seis.”

“Onde estava Mr. Staunton quando o recebeu?”

“Aqui em seu quarto.”

“Estava presente quando ele o abriu?”

“Sim, senhor; esperei para ver se haveria resposta.”

“E então? Houve?”

“Sim, senhor, ele escreveu uma mensagem.”

“Você a levou?”

“Não, ele mesmo a levou.”

“Mas escreveu na sua presença?”

“Sim, senhor. Eu estava parado junto à porta, e ele de costas para aquela mesa. Quando acabou de escrever, disse: ‘Muito bem, porteiro, eu mesmo levarei isto.’”

“Com que ele a escreveu?”

“Uma pena, senhor.”

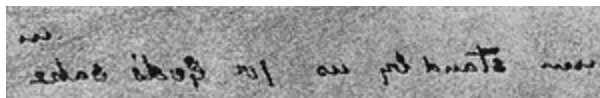
“O formulário telegráfico que usou foi um desses sobre a mesa?”

“Sim, senhor; pegou o primeiro.”

Holmes levantou-se. Pegando os formulários, levou-os até a janela e examinou cuidadosamente o que estava por cima.

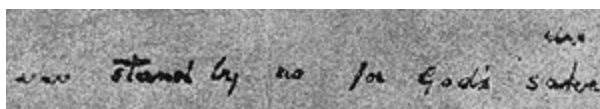
“É lamentável que não tenha escrito a lápis”, disse, jogando-os de lado novamente com um encolher de ombros de desapontamento. “Como você sem dúvida já observou muitas vezes, Watson, o papel de baixo costuma ficar marcado — um fato que já dissolveu muitos casamentos felizes. Mas não consigo encontrar nenhuma marca aqui. Alegro-me, contudo, por perceber que ele escreveu com uma pena de ponta grossa, e tenho quase certeza de que encontraremos alguma marca neste mata-borrão. Ah, sim, cá está ela, sem dúvida!”

Rasgou uma tira do mata-borrão e virou para nós o seguinte hieróglifo:



Cyril Overton ficou muito alvoroçado. “Segure-a diante do espelho!” exclamou.

“Não é preciso”, disse Holmes. “O papel é fino e o verso nos mostrará a mensagem. Cá está.” Virou-o e lemos:



“Este é, portanto, o final do telegrama que Godfrey Staunton enviou poucas horas antes de seu desaparecimento. Pelo menos seis palavras da mensagem nos escaparam, mas o que resta — ‘Ajude-nos pelo amor de Deus!’ — prova que esse rapaz viu que se aproximava dele um perigo tremendo, do qual uma outra pessoa podia protegê-lo. ‘Ajude-nos’, notem bem! Havia uma outra pessoa envolvida. Quem podia ser senão o homem pálido e de barba, que parecia ele próprio tão nervoso? Qual é então a relação entre Godfrey Staunton e o homem barbudo? E qual é a terceira fonte a que

ambos pediram ajuda contra um perigo iminente? Nosso campo de investigação já se reduziu a isso.”

“Precisamos apenas descobrir a quem esse telegrama foi endereçado”, sugeri.

“Exatamente, meu caro Watson. Sua reflexão, embora profunda, já havia cruzado a minha mente. Mas suponho que já lhe ocorreu que, se você for a uma agência dos correios e pedir para ver o formulário do telegrama enviado por uma outra pessoa, os funcionários poderão ter certa má vontade em atendê-lo. Há tanta burocracia nesses assuntos! Não tenho dúvida alguma, porém, de que com um pouco de delicadeza e astúcia o objetivo pode ser atingido. Nesse meio-tempo, gostaria de examinar em sua presença, Mr. Overton, estes papéis deixados sobre a mesa.”

Havia várias cartas, contas e cadernos, que Holmes folheou e examinou com dedos rápidos e nervosos e olhos vivos e penetrantes. “Nada aqui”, disse por fim. “A propósito, suponho que seu amigo era um rapaz saudável — que não havia nada de errado com ele?”

“Forte como um touro.”

“Já o viu doente alguma vez?”

“Nem um dia. Um corte o derrubou e uma vez deslocou a rótula, mas foi coisa à toa.”

“Talvez não fosse tão forte quanto supõe. Eu pensaria que talvez sofresse de alguma enfermidade secreta. Com sua permissão vou pôr um ou dois destes papéis no meu bolso, porque podem ter alguma relação com nossa futura investigação.”

“Um momento... um momento!” gritou uma voz lamurienta; levantando os olhos, demos com um homenzinho extravagante, a gesticular e fazer caretas no vão da porta. Com trajes de um preto enferrujado, cartola de aba larga e uma gravata branca folgada, produzia o efeito geral de um pároco muito rústico ou de um acompanhante de enterros. Contudo, apesar de sua aparência maltrapilha e até absurda, havia uma nitidez em sua voz e uma intensidade em suas maneiras que chamavam a atenção.



“‘Um momento... um momento!’ gritou uma voz lamurienta.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]



“Demos com um homenzinho extravagante, a gesticular e fazer caretas no vão da porta.”
[Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Quem é o senhor, e com que direito toca nos papéis desse cavalheiro?”
perguntou.

“Sou um detetive privado e estou tentando explicar o desaparecimento dele.”

“Ah é? E a mando de quem está agindo?”

“Este cavalheiro, amigo de Mr. Staunton, foi aconselhado a me procurar pela Scotland Yard.”

“Quem é o senhor?”

“Sou Cyril Overton.”

“Então foi o senhor que me mandou um telegrama. Meu nome é Lord Mount-James. Vim tão depressa quanto o ônibus de Bayswater pôde me trazer. Então contratou um detetive?”

“Sim, senhor.”

“E está disposto a arcar com o custo?”

“Não tenho dúvida, senhor, de que meu amigo Godfrey, quando o encontrarmos, estará disposto a isso.”

“Mas e se ele nunca for encontrado, hein? Responda-me!”

“Nesse caso, com certeza a família dele...”

“Nada disso, senhor!” gritou o homenzinho. “Não vá me pedir nem um *penny* — nem um *penny*! Entenda isto, Mr. Detetive! Sou toda a família que esse rapaz tem, e lhe digo que não sou responsável. Se ele tem alguma esperança é graças ao fato de que nunca esbanjei dinheiro, e não pretendo começar a fazê-lo agora. Quanto a esses papéis com que está tomando tanta liberdade, posso lhe dizer que se houver entre eles alguma coisa de algum valor o senhor terá de prestar contas estritas do que fez com eles.”

“Muito bem, senhor”, disse Sherlock Holmes. “Nesse meio-tempo, posso lhe perguntar se tem, pessoalmente, alguma teoria para explicar esse desaparecimento?”

“Não, senhor, não tenho. Ele é grande o bastante e tem idade o bastante para cuidar de si mesmo, e se é tolo a ponto de se perder, recuso inteiramente a responsabilidade de sair a sua procura.”

“Entendo muito bem sua posição”, disse Holmes, com um olhar malicioso. “Talvez o senhor não entenda muito bem a minha. Ao que parece, Godfrey Staunton era um homem pobre. Se foi sequestrado, não pode ter sido por nada que ele próprio possuía. A fama da sua fortuna já chegou ao exterior, Lord Mount-James, e é inteiramente possível que uma quadrilha de ladrões tenha levado seu sobrinho para obter dele alguma informação sobre sua casa, seus hábitos e seu tesouro.”

A fisionomia do nosso pequenino visitante ficou tão branca quanto sua gravata.

“Céus, senhor, que ideia! Nunca pensei em semelhante baixeza! Que patifes desumanos há neste mundo! Todavia Godfrey é um rapaz excelente — um rapaz leal. Nada o levaria a trair seu velho tio. Vou mandar a baixela de prata para o banco esta tarde. Nesse ínterim, não meça esforços, Mr. Detetive, peço-lhe que faça tudo que for preciso para trazê-lo de volta em segurança. Quanto a dinheiro, bem, até umas cinco libras, até dez, pode contar comigo.”

Mesmo arrependido, o nobre avarento não pôde nos dar nenhuma

informação que pudesse nos ajudar, pois pouco sabia da vida privada do sobrinho. Nossa única pista consistia no telegrama truncado, e Holmes saiu em campo com uma cópia dele na mão para encontrar um segundo elo para sua cadeia. Havíamos nos livrado de Lord Mount-James, e Overton fora conferenciar com os outros membros de sua equipe sobre a desgraça que lhes acontecera.

Havia uma agência telegráfica a uma curta distância do hotel. Paramos diante dela.

“Vale a pena tentar, Watson”, disse Holmes. “É claro que com um mandado poderíamos pedir para ver os formulários, mas ainda não chegamos a esse estágio. Não suponho que eles se lembrem de rostos num lugar tão movimentado. Vamos arriscar.”

“Lamento incomodá-la”, disse ele no seu tom mais suave para a moça atrás da grade; “houve um pequeno erro no telegrama que enviei ontem. Não recebi nenhuma resposta e estou muito temeroso de que tenha esquecido de assinar. Poderia me dizer se isso aconteceu?”

A jovem revirou um maço de formulários.

“A que horas foi isso?” perguntou ela.

“Um pouco depois das seis.”

“A quem era dirigido?”

Holmes levou um dedo aos lábios e me olhou de esguelha. “As últimas palavras dele eram ‘pelo amor de Deus’”, cochichou confidencialmente; “estou muito aflito por não ter tido resposta.”

A moça separou um dos formulários.

“É este. Não está assinado”, disse, alisando-o no balcão.

“Então foi por isso, é claro, que não tive resposta”, disse Holmes. “Meu Deus, que tolice a minha! Bom dia senhorita, e muito obrigado por me tranquilizar.” Quando nos vimos de novo na rua, deu uma risadinha e esfregou as mãos.

“E então?” perguntei.

“Estamos progredindo, meu caro Watson, estamos progredindo. Eu tinha sete planos diferentes para conseguir dar uma olhadela naquele telegrama; realmente não esperava ter sucesso logo de saída.”

“E qual foi o seu ganho?”

“Um ponto de partida para nossa investigação.” Chamou um carro de aluguel e disse: “King’s Cross Station.”

“Então vamos viajar?”

“Sim, creio que devemos ir a Cambridge juntos. Todas as indicações parecem apontar naquela direção.”

“Diga-me”, pedi, quando subíamos por Gray’s Inn Road, “já tem alguma suspeita quanto à causa do desaparecimento? Creio que entre todos os nossos casos nunca houve um em que os motivos fossem mais obscuros. Você não acredita realmente que ele pode ter sido sequestrado para dar informações acerca do tio rico, não é?”

“Confesso, meu caro Watson, que essa não me parece uma explicação muito provável. Considero-a, contudo, a mais capaz de interessar aquele desagradabilíssimo velho.”

“Certamente teve esse efeito. Mas quais são suas alternativas?”

“Eu poderia mencionar várias. Você deve admitir que é curioso e sugestivo que esse incidente ocorra na véspera de uma partida importante, e envolva o único homem cuja presença parece essencial para a vitória da equipe. Pode ser coincidência, é claro, mas é interessante. Oficialmente, não há apostas no esporte amador, mas muitas apostas informais são feitas entre o público, e é possível que valha a pena para alguém sumir com um jogador, como os bandidos do turfe somem com um cavalo de corrida. Esta é uma explicação. Uma segunda, muito óbvia, é que, por mais modestos que sejam os recursos desse rapaz atualmente, ele é de fato o herdeiro de uma grande fortuna e não é impossível que uma trama para raptá-lo e pedir um resgate fosse urdida.”

“Essas teorias não levam em consideração o telegrama.”

“É verdade, Watson. O telegrama continua sendo a única pista palpável de que dispomos, e não devemos permitir que nossa atenção se afaste dele. É para elucidar o objetivo desse telegrama que estamos a caminho de Cambridge agora. Por enquanto a trilha de nossa investigação está obscura, mas ficarei muito surpreso se, antes que anoiteça, não a tiver clareado, ou feito um considerável avanço.”

Já estava escuro quando chegamos à antiga cidade universitária. Holmes

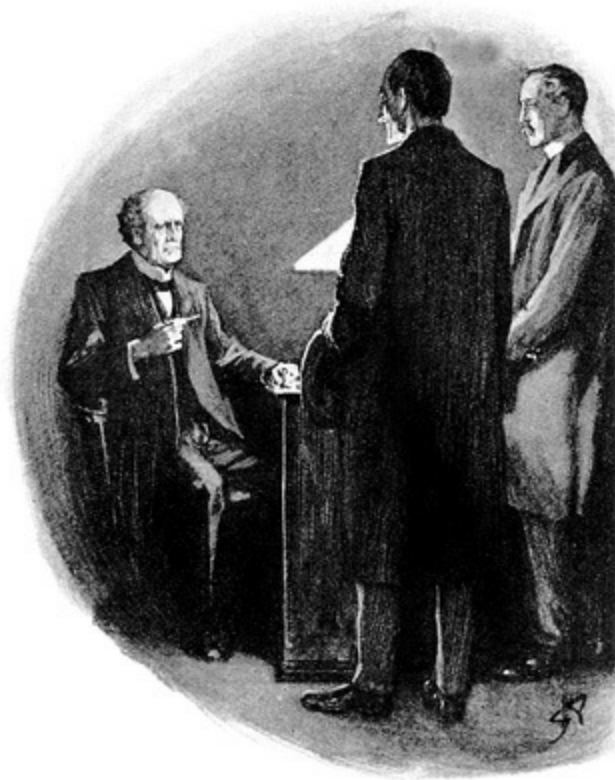
pegou um carro de aluguel na estação e mandou o cocheiro seguir para a casa do dr. Leslie Armstrong. Alguns minutos depois, paramos diante de uma vasta mansão na rua mais movimentada. Fomos recebidos e, depois de uma longa espera, finalmente introduzidos no consultório, onde encontramos o médico sentado atrás de sua mesa.



Dr. Leslie Armstrong [Frederic Dorr Steele, 1904]

O nome de Leslie Armstrong me era desconhecido, o que revela o quanto eu havia perdido contato com minha profissão. Agora estou ciente de que ele é não só um dos diretores da Escola de Medicina da Universidade, como um pensador de reputação europeia em mais de um ramo das ciências. Mesmo sem conhecer seu brilhante histórico, porém, bastaria dar uma olhadela no homem para ficar impressionado — o rosto quadrado, imponente, os olhos reflexivos sob as grossas sobrancelhas e o contorno granítico do queixo inflexível. Um homem de grande caráter, um homem com uma mente alerta, implacável, ascética, independente, temível — foi assim que vi o dr. Leslie Armstrong. Ele segurou o cartão de meu amigo e

levantou os olhos com uma expressão não muito satisfeita em seus traços austeros.



“Levantou os olhos com uma expressão não muito satisfeita em seus traços austeros.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Conheço seu nome, Mr. Sherlock Holmes, e tenho conhecimento de sua atividade — é uma profissão que não posso aprovar em absoluto.”

“Nisso, doutor, o senhor está de acordo com todos os criminosos do país”, respondeu meu amigo serenamente.

“Na medida em que se voltam para a eliminação do crime, senhor, os seus esforços devem ter o apoio de todos os membros sensatos da comunidade, embora eu não tenha dúvida de que o aparato oficial é amplamente suficiente para esse objetivo. Sua atividade é mais passível de crítica quando o senhor se intromete nos segredos das pessoas, quando revolve assuntos familiares que estão melhor escondidos e quando incidentalmente faz homens mais ocupados que o senhor perderem seu tempo. No presente momento, por exemplo, eu deveria estar escrevendo um

tratado em vez de estar aqui conversando.”

“Sem dúvida, doutor; no entanto, a conversa poderá se provar mais importante que o tratado. Incidentalmente, posso lhe dizer que estamos fazendo o contrário do que censura tão justamente e nos esforçando para evitar uma exposição pública de assuntos privados, que necessariamente ocorre quando o caso é devidamente confiado à polícia. O senhor pode me considerar simplesmente um pioneiro irregular, que vai à frente das forças regulares do país. Vim para lhe perguntar acerca de Mr. Godfrey Staunton.”

“O que a respeito dele?”

“O senhor o conhece, não é?”

“É meu amigo íntimo.”

“Sabe que desapareceu?”

“Ora vejam!” Não houve mudança de expressão no semblante vigoroso do médico.

“Deixou seu hotel ontem à noite. Não se teve mais notícia dele.”

“Certamente vai voltar.”

“Amanhã é a partida de futebol entre as universidades.”

“Não tenho nenhuma simpatia por esses jogos pueris. A sorte do rapaz interessa-me profundamente, pois o conheço e aprecio. A partida de futebol está completamente fora do meu campo de interesses.”

“Peço sua simpatia, então, para minha investigação da sorte de Mr. Staunton. Sabe onde ele está?”

“Certamente não.”

“Não o viu desde ontem?”

“Não, não o vi.”

“Mr. Staunton era um homem saudável?”

“Perfeitamente.”

“Já teve conhecimento de alguma doença dele?”

“Nunca.”

Holmes pôs uma folha de papel diante dos olhos do médico. “Então talvez possa explicar este recibo de treze guinéus, pagos por Mr. Godfrey Staunton mês passado ao dr. Leslie Armstrong, de Cambridge. Eu peguei

dentre os papéis que estavam na mesa dele.”

O médico ficou vermelho de raiva.

“Não vejo por que eu deveria lhe dar qualquer explicação, Mr. Holmes.”

Holmes pôs o recibo de volta na sua agenda. “Se prefere uma explicação pública, ela virá mais cedo ou mais tarde”, observou. “Já lhe disse que posso silenciar o que outros fatalmente tornarão público; seria realmente mais sensato da sua parte confiar em mim.”

“Nada sei sobre isso.”

“Mr. Staunton enviou-lhe alguma notícia de Londres?”

“Certamente não.”

“Meu Deus! Meu Deus! Mais uma dos correios!” suspirou Holmes, aborrecido. “Um telegrama da maior urgência foi enviado para o senhor de Londres por Godfrey Staunton ontem às seis e cinquenta — um telegrama que está indubitavelmente associado com o desaparecimento dele — e o senhor não o recebeu. Isso é imperdoável. Irei certamente à agência daqui e registrarei uma queixa.”

O dr. Leslie deu um salto de detrás de sua mesa; seu rosto moreno estava rubro de fúria.

“Peço-lhe a gentileza de se retirar da minha casa, senhor”, disse. “Pode dizer a seu empregador, Lord Mount-James, que não desejo ter nada a ver nem com ele, nem com seus agentes. Não, senhor, nem mais uma palavra!” Tocou a campainha furiosamente. “John, leve estes cavalheiros até a porta.” Um empertigado mordomo conduziu-nos severamente à porta, e vimo-nos na rua. Holmes explodiu numa gargalhada.

“O dr. Leslie Armstrong é sem dúvida um homem de energia e caráter”, disse. “Nunca vi homem com mais aptidão, se voltasse seus talentos nesse sentido, para preencher o vazio deixado pelo ilustre Moriarty. E agora, meu pobre Watson, cá estamos, desamparados e sem amigos nesta cidade inóspita, que não podemos deixar sem abandonar nosso caso. Essa pequena hospedaria bem em frente à casa de Armstrong é singularmente apropriada para nossas necessidades. Se você quiser alugar um quarto de frente e comprar os artigos indispensáveis para uma noite, posso ter tempo para fazer algumas pequenas inquiries.”

Essas pequenas inquiries, contudo, revelaram-se mais prolongadas do

que Holmes imaginara, pois ele só voltou à hospedaria quase às nove horas. Estava pálido e desanimado, empoeirado, faminto e exausto. Uma ceia fria estava servida sobre a mesa, e quando suas necessidades foram satisfeitas e seu cachimbo acendido, ficou pronto para assumir aquela postura semicômica, semifilosófica que lhe era natural quando seus negócios desandavam. Um som de rodas de carruagem o fez levantar-se e olhar pela janela. Um *brougham* e um par de cavalos tordilhos parou diante da porta do médico sob o clarão de um lampião de gás.

“A carruagem passou três horas fora”, disse Holmes; “partiu às seis e meia e ei-la aqui de volta. Isso dá um raio de dezesseis ou dezoito quilômetros, e faz isso uma vez por dia, às vezes duas.”

“Não é coisa inusitada para um médico clínico.”

“Mas Armstrong não é realmente um médico clínico. É professor e consultor e não se interessa pelo trabalho clínico, que o desvia de sua atividade literária. Por que então faz essas longas viagens, que devem ser extremamente maçantes para ele, e quem vai visitar?”

“Seu cocheiro...”

“Meu caro Watson, tem alguma dúvida de que foi a ele que primeiro me dirigi? Não sei se isso foi causado por sua própria depravação, ou se seu patrão o instruiu, mas ele teve a grosseria de soltar um cachorro sobre mim. Nem o cachorro nem o homem gostaram da aparência da minha bengala, porém, e a tentativa deu em nada. Depois disso as relações ficaram estremecidas e indagações adicionais, fora de cogitação. Tudo que fiquei sabendo me foi dito por um nativo amistoso no pátio de nossa própria hospedaria. Foi ele que me contou sobre os hábitos do médico e sua viagem diária. No instante em que me dizia isso, confirmando suas palavras, a carruagem apareceu na porta.”

“Não a seguiu?”

“Excelente, Watson! Você está cintilante esta noite. Realmente a ideia me passou pela cabeça. Há, como você talvez tenha observado, uma loja de bicicletas perto da nossa hospedaria. Corri lá, aluguei uma bicicleta e consegui partir quando a carruagem ainda estava à vista. Alcancei-a rapidamente e então, mantendo-me à distância discreta de uns cem metros, segui suas luzes até sairmos da cidade. Ele havia avançado bastante pela

estrada rural quando ocorreu um incidente um tanto humilhante. A carruagem parou, o médico desceu, caminhou depressa até onde eu também havia parado e disse-me de maneira deliciosamente sardônica que receava que a estrada fosse estreita demais e que esperava que sua carruagem não estivesse impedindo a passagem de minha bicicleta. Nada poderia ter sido mais admirável que sua maneira de expressar isso. Ultrapassei imediatamente a carruagem e, mantendo-me na estrada principal, avancei alguns quilômetros. Depois parei num lugar conveniente para ver se a carruagem passava. Mas não vi nem sinal dela, e assim ficou evidente que havia enveredado por uma das muitas estradas secundárias que eu observara. Pedalei de volta, mas de novo não vi nenhum sinal da carruagem, e agora, como você notou, ela retornou depois de mim. De início, é claro, eu não tinha nenhuma razão particular para associar essas viagens ao desaparecimento de Godfrey Staunton e só me senti inclinado a investigá-las pela razão geral de que tudo que diz respeito ao dr. Armstrong é de interesse para nós neste momento, mas, agora que vejo que ele mantém uma vigilância tão intensa sobre qualquer pessoa que o siga nessas excursões, o caso parece mais importante e não ficarei satisfeito até havê-lo esclarecido.”

“Podemos segui-lo amanhã.”

“Será? Não é tão fácil como você parece pensar. Não conhece bem o cenário de Cambridgeshire, não é? Ele não se presta a ocultamentos. Toda a região que atravessei esta noite é tão plana e limpa quanto a palma da sua mão, e o homem que estamos seguindo não é nenhum tolo, como mostrou muito claramente esta noite. Telegrafei para Overton pedindo que envie notícias de qualquer novo desdobramento que haja em Londres para este endereço, e nesse ínterim podemos apenas concentrar nossa atenção no dr. Armstrong, cujo nome a prestativa mocinha dos correios me deixou ler no formulário do telegrama urgente de Staunton. Ele sabe onde o rapaz está — isso eu posso jurar, e, se ele sabe, será nossa culpa se não conseguirmos saber também. Por enquanto temos de admitir que o trunfo está com ele, e, como bem sabe, Watson, não tenho o hábito de deixar o jogo nessa situação.”

O dia seguinte, porém, não nos deixou mais próximos da solução do mistério. Depois do desjejum, entregaram a Holmes um bilhete que ele passou para mim com um sorriso.

Senhor,

Posso lhe assegurar que está perdendo seu tempo ao seguir meus movimentos. Como descobriu ontem à noite, tenho uma janela na traseira de meu *brougham*, e, se deseja dar um passeio de trinta quilômetros que o levará ao ponto de onde partiu, basta me seguir. Enquanto isso, posso informá-lo que nenhuma espionagem de minha pessoa poderá ser de qualquer ajuda para Mr. Godfrey Staunton; estou convencido de que o melhor serviço que pode prestar a esse cavalheiro é voltar de imediato para Londres e comunicar a seu empregador que é incapaz de encontrá-lo. Seu tempo em Cambridge será certamente desperdiçado.

Cordialmente,

LESLIE ARMSTRONG

“Um antagonista franco e honrado, esse médico”, disse Holmes. “Bem, bem, ele excita minha curiosidade e preciso realmente saber antes de deixá-lo.”

“A carruagem está na porta dele agora”, disse eu. “Lá está ele, entrando nela. Eu o vi lançar um olhar para nossa janela ao fazê-lo. Que acha de eu tentar minha sorte com a bicicleta?”

“Não, não, meu caro Watson! Com todo respeito por sua sagacidade natural, não me parece que você seja páreo para o honrado médico. Creio que possivelmente poderei atingir nosso objetivo mediante algumas explorações independentes. Lamento, mas deve preencher seu tempo com alguma outra coisa, porque o aparecimento de *dois* desconhecidos fazendo perguntas numa sonolenta região rural poderia despertar mais mexericos do que eu gostaria. Sem dúvida encontrará algumas curiosidades para distraí-lo nesta venerável cidade, e espero voltar com um relato mais favorável para você antes da noite.”

Mais uma vez, contudo, meu amigo estava destinado a se desapontar. Voltou à noite exausto e frustrado.

“Tive um dia inútil, Watson. Depois de descobrir que rumo o médico tomara, passei o dia visitando todas as aldeias daquele lado de Cambridge e comparando anotações com taberneiros e outras agências de notícias locais. Cobri algum chão. Chesterton, Histon, Waterbeach e Oakington foram todas exploradas e revelaram-se todas decepcionantes. O aparecimento diário de um *brougham* e uma parelha dificilmente teria passado despercebido nesses buracos sonolentos. O médico marcou mais um tento. Chegou algum telegrama para mim?”

“Sim; eu o abri. Cá está: ‘Peça Pompey a Jeremy Dixon do Trinity College.’ Não entendi.”

“Oh, é bastante simples. Foi enviado por nosso amigo Overton e é a resposta a uma pergunta que fiz. Vou mandar um bilhete agora para Mr. Jeremy Dixon e não tenho dúvida de que depois nossa sorte vai virar. A propósito, há alguma notícia do jogo?”

“Sim, o jornal vespertino local fez um excelente relato em sua última edição. Oxford venceu por um gol e dois *tries*. As últimas frases da descrição dizem:

A derrota dos Light Blues pode ser inteiramente atribuída à lamentável ausência do craque internacional Godfrey Staunton, cuja ausência foi sentida em todos os instantes do jogo. A falta de combinação na linha dos três-quartos e sua fraqueza tanto no ataque quanto na defesa mais do que neutralizaram os esforços de uma equipe forte e empenhada.

“Então os pressentimentos de nosso amigo Overton eram justificados”, disse Holmes. “Pessoalmente, estou de acordo com o dr. Armstrong, o futebol está fora do meu campo de interesses. Vamos para a cama cedo esta noite, Watson, porque prevejo que poderemos ter um dia cheio amanhã.”



Fiquei horrorizado ao entrever Holmes pela primeira vez na manhã seguinte, porque ele estava sentado ao pé do fogo segurando sua minúscula seringa hipodérmica. Associei aquilo à fraqueza singular de sua natureza e temi o pior quando a vi brilhando em sua mão. Ele riu de minha expressão de consternação e colocou-a sobre a mesa.

“Não, não, meu caro, não há razão para alarme. Desta vez ela não é o instrumento do mal; ao contrário, vai se revelar a chave que desvendará nosso mistério. Deposito todas as minhas esperanças nesta seringa. Acabo de voltar de um pequeno passeio exploratório, e tudo nos é favorável. Tome um bom desjejum, Watson, pois pretendo detectar o rastro do dr. Armstrong hoje, e uma vez nele não vou parar para descansar nem para comer até obrigá-lo a correr para sua toca.”

“Nesse caso”, disse eu, “seria melhor levarmos nosso desjejum conosco,

porque ele vai sair cedo. Sua carruagem está na porta.”

“Não tem importância. Deixe-o ir. Só com muita esperteza poderia me impedir de segui-lo. Quando você tiver terminado, desça comigo e vou apresentá-lo a um detetive que é um insigne especialista no trabalho que temos pela frente.”

Quando descemos acompanhei Holmes até o pátio da estrebaria, onde ele abriu a porta de uma baia e deixou sair um cachorro atarracado, malhado de castanho e branco e de orelhas caídas, alguma coisa entre um beagle e um foxhound.

“Permita-me apresentar-lhe Pompey”, disse. “Pompey é o orgulho dos rastreadores locais— não muito veloz, como sua constituição mostra, mas um cão confiável num rastro. Bem, Pompey, você pode não ser rápido, mas como prevejo que será rápido demais para um par de cavalheiros londrinos de meia-idade, tomarei a liberdade de prender esta correia de couro na sua coleira. Agora vamos lá, garoto, mostre-me o que é capaz de fazer.” Levou-o até a porta do médico. O cão farejou à sua volta por um instante e de repente, com um ganido estridente de excitação, saiu rua abaixo, dando puxões na correia em seu esforço para ir mais depressa. Em meia hora havíamos deixado a cidade e seguíamos apressados por uma estrada rural.



“Havíamos deixado a cidade e seguíamos apressados por uma estrada rural.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Que foi que você fez, Holmes?” perguntei.

“Um estratagema batido e venerável, mas útil de vez em quando. Entrei no pátio do médico esta manhã e esvaziei minha seringa cheia de extrato de erva-doce sobre a roda traseira da carruagem. Um rastreador seguirá a erva-doce de uma ponta à outra da Grã-Bretanha, e nosso amigo Armstrong teria de atravessar o Cam antes de despistar Pompey. Ah, o espertalhão! Foi assim que ele me escapou na outra noite.”

O cão havia subitamente se desviado da estrada principal para tomar uma vereda forrada de capim. Uns oitocentos metros adiante ela se abria numa outra estrada larga, e o rastro dava uma guinada à direita na direção da cidade que acabáramos de deixar. A estrada fazia uma curva até o sul da cidade e continuava na direção oposta àquela em que começáramos.

“Então todo esse desvio foi para nos despistar?” disse Holmes. “Não espanta que todas as minhas indagações entre aqueles aldeões tivessem dado em nada. O médico sem dúvida não poupou esforços para se livrar de nós, e

seria interessante saber qual a razão de uma trapaça tão elaborada. O que vemos ali à nossa direita deve ser a aldeia de Trumpington. E, meu Deus!, ali vem vindo o *brougham*! Rápido, Watson, rápido ou estamos perdidos!”

Pulando uma porteira, ele se enfiou num campo, arrastando o relutante Pompey atrás de si. Mal havíamos nos metido sob o abrigo da sebe quando a carruagem passou chocalhando por nós. Vi de relance o dr. Armstrong lá dentro, os ombros arqueados, a cabeça enterrada nas mãos, a própria imagem do sofrimento. Pude perceber pela expressão mais grave de meu companheiro que ele também o vira.



“A carruagem passou chocalhando por nós.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]



“Vi de relance o dr. Armstrong lá dentro.” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

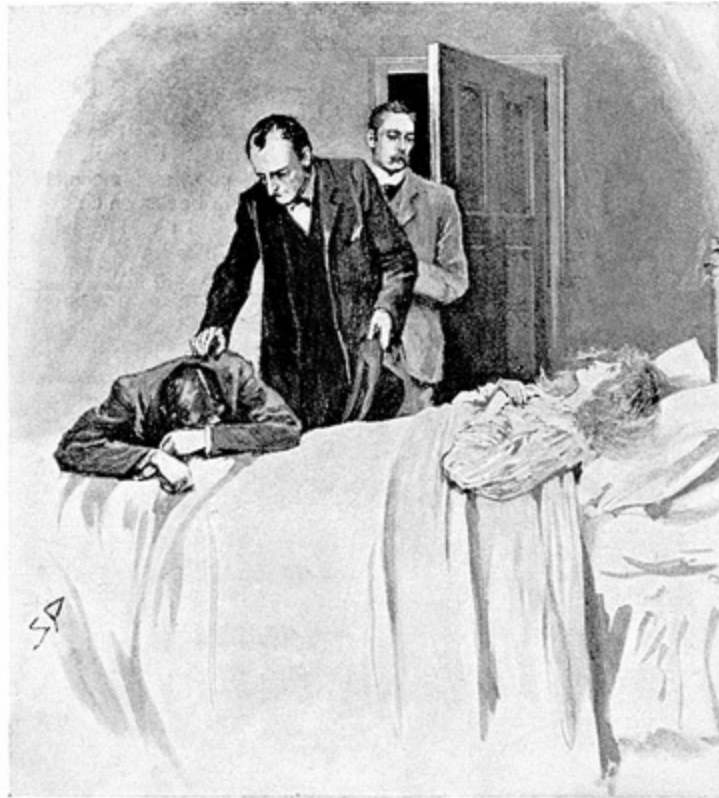
“Temo que nossa busca tenha um fim funesto”, disse ele. “Não pode faltar muito para chegarmos a ele. Vamos, Pompey! Ah, ali está uma cabana no campo!”

Não podia haver dúvida de que havíamos chegado ao fim de nossa viagem. Pompey correu de um lado para outro e ganiu com impaciência diante do portão, onde as marcas das rodas do *brougham* ainda eram visíveis. Uma senda levava até a cabana solitária. Holmes amarrou o cachorro à sebe e avançamos rapidamente. Meu amigo bateu à portinha rústica, bateu de novo, mas não houve resposta. No entanto a cabana não estava deserta, pois um som baixo chegava aos nossos ouvidos — uma espécie de zumbido de aflição e desespero, de uma melancolia indescritível. Holmes deteve-se, indeciso; depois lançou um olhar à estrada que acabara de atravessar. Um *brougham* se aproximava por ela e os cavalos tordilhos eram inconfundíveis.

“Meu Deus, o médico está voltando!” exclamou Holmes. “Tudo se esclarecerá. Temos de ver o que isso significa antes que ele chegue.”

Abriu a porta e entramos no vestíbulo. O zumbido cresceu aos nossos ouvidos até se tornar um longo e profundo lamento. Vinha do segundo andar. Holmes correu para cima e eu o segui. Empurrou uma porta semifechada e ambos paramos, estarecidos ante a visão à nossa frente.

Uma mulher, jovem e bonita, jazia morta sobre a cama. No seu rosto sereno, em meio a um grande emaranhamento de cabelos dourados, olhos azuis turvos e arregalados estavam voltados para o alto. No pé da cama, meio sentado, semiajoelhado, o rosto enterrado nas cobertas, via-se um rapaz cujo corpo era violentamente sacudido por soluços. Estava tão absorto em sua dor que não levantou os olhos até que Holmes pôs a mão no seu ombro.



“Não levantou os olhos até que Holmes pôs a mão no seu ombro.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“É Mr. Godfrey Staunton?”

“Sim, sim; sou eu... mas o senhor está atrasado. Ela morreu.”

O homem estava tão atordoado que não foi possível fazê-lo compreender que não éramos médicos enviados em seu auxílio. Holmes

tentava articular algumas palavras de consolo e explicar o susto que seu súbito desaparecimento causara em seus amigos quando ouvimos passos na escada e a fisionomia grave, severa e indagadora do dr. Armstrong apareceu à porta.

“Então, cavalheiros”, disse ele, “lograram seu objetivo e sem dúvida escolheram um momento particularmente delicado para sua intromissão. Eu não brigaria na presença da morte, mas posso lhes assegurar que se eu fosse um homem mais moço sua monstruosa conduta não passaria impunemente.”

“Desculpe-me, dr. Armstrong, creio que estamos sendo vítimas de um mal-entendido”, disse meu amigo, com dignidade. “Se puder descer conosco, talvez consigamos nos esclarecer mutuamente com relação a este caso tão infeliz.”

Um minuto depois o soturno médico e nós estávamos na sala de estar, no térreo.

“E então, senhor?”

“Desejo que compreenda, em primeiro lugar, que não fui contratado por Lord Mount-James e que minhas simpatias neste caso decididamente não estão com esse nobre. Quando um homem está perdido, é meu dever descobrir seu paradeiro, mas depois disso o assunto deixa de me dizer respeito; e, contanto que não haja nada de caráter criminoso, preocupo-me muito mais em silenciar escândalos privados que em divulgá-los. Se, como imagino, não houve transgressão da lei neste caso, pode confiar absolutamente na minha discrição e na minha cooperação para manter os fatos fora dos jornais!”

O dr. Armstrong deu um rápido passo à frente e apertou a mão de Holmes.

“O senhor é um grande sujeito”, disse. “Julguei-o mal. Agradeço aos céus por ter sido impelido a voltar pelo remorso de deixar o pobre Staunton tão sozinho nesse apuro; assim pude conhecê-lo. Sabendo tanto quanto sabe, a situação pode ser facilmente explicada. Um ano atrás Godfrey Staunton alugou aposentos em Londres por algum tempo e ficou perdidamente apaixonado pela filha de sua senhoria, com quem se casou. Ela era tão boa quanto bonita e tão inteligente quanto bondosa. Mas Godfrey era o herdeiro desse velho nobre rabugento e era quase certo que a notícia de seu casamento

teria sido o fim de sua herança. Eu conhecia bem o rapaz e gostava dele por suas excelentes qualidades. Fiz tudo o que pude para ajudá-lo a salvar a situação. Empreendemos todos os esforços para manter o casamento escondido de todos, pois quando um murmúrio desse tipo começa, logo chega a todo mundo. Graças a esta cabana solitária e à sua própria discrição, até agora Godfrey tivera sucesso. O segredo deles não era conhecido por ninguém exceto por mim e uma excelente criada que neste momento foi a Trumpington pedir ajuda. Mas por fim veio um terrível golpe na forma de uma perigosa doença que acometeu sua mulher. Era consumpção do tipo mais virulento. O pobre rapaz ficou semienlouquecido de desgosto, mas apesar disso teve de ir para Londres e jogar sua partida, pois não poderia se eximir sem explicações que teriam revelado seu segredo. Tentei animá-lo com um telegrama, e ele me enviou outro em resposta, implorando-me para fazer tudo que pudesse. Esse foi o telegrama que, de maneira inexplicável, o senhor parece ter visto. Não disse ao rapaz o quanto a situação era grave, porque sabia que ele não poderia ser de nenhuma valia aqui, mas mandei dizer a verdade ao pai da moça, e ele, de maneira muito insensata, comunicou-a a Godfrey. O resultado foi que o rapaz veio diretamente para cá, num estado que beirava o desvario, e assim permaneceu, ajoelhado junto da cama da mulher, até que hoje de manhã a morte pôs fim aos sofrimentos dela. Foi só isto, Mr. Holmes, e tenho certeza de que posso contar com sua discrição e a de seu amigo.”

Holmes apertou a mão do médico.

“Vamos, Watson”, disse, e saímos daquela morada da dor para o sol pálido do dia de inverno.

XII. A GRANJA DA ABADIA

FOI NUMA MANHÃ GÉLIDA, perto do final do inverno de 1897, que fui despertado por uma batida no meu ombro. Era Holmes. Seu rosto impaciente, reclinado, que a vela que tinha na mão iluminava, revelou-me num relance que havia alguma coisa errada.

“Venha, Watson, venha!” exclamou ele. “A caça já foi levantada. Nem uma palavra. Vista-se e venha!”



“‘Venha, Watson, venha!’ exclamou ele. ‘A caça já foi levantada.’” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Dez minutos depois estávamos ambos num carro de aluguel, sacolejando pelas ruas silenciosas a caminho de Charing Cross Station. As primeiras luzes

tênuas de inverno começavam a aparecer e podíamos ver indistintamente a figura de um ou outro operário madrugador passar por nós na névoa opalescente de Londres. Holmes aconchegava-se em silêncio em seu sobretudo grosso e eu estava contente por fazer o mesmo, pois o ar estava extremamente frio e nenhum de nós tomara o desjejum.

Só depois que tomamos um pouco de chá quente na estação e nos acomodamos em nossos lugares no trem para Kent ficamos suficientemente descontraídos, ele para falar e eu para ouvir. Holmes puxou um bilhete do bolso e leu em voz alta:

GRANJA DA ABADIA, MARSHAM, KENT, 3h30

MEU CARO MR. HOLMES — Gostaria muito de seu auxílio imediato no que promete ser um caso dos mais notáveis. É exatamente do tipo que aprecia. Exceto por libertar a dama, vou cuidar para que tudo seja mantido como encontrei, mas peço-lhe que não perca um minuto pois é difícil deixar Sir Eustace lá.

Cordialmente,

STANLEY HOPKINS

“Hopkins me chamou sete vezes e em todas elas seu apelo foi plenamente justificado”, disse Holmes. “Suponho que todos os casos dele foram incluídos na sua coleção, e devo admitir, Watson, que você tem alguma capacidade de seleção, que compensa em boa medida o que deploro nas suas narrativas. Seu hábito fatal de olhar para tudo do ponto de vista de uma história, e não como um exercício científico, arruinou o que poderia ter sido uma série instrutiva e até clássica de demonstrações. Você faz pouco caso de um trabalho do maior requinte e delicadeza para se alongar em detalhes sensacionalistas que podem excitar o leitor, mas certamente não o podem instruir.”

“Por que você mesmo não as escreve?” perguntei com certo azedume.

“Farei isso, meu caro Watson, farei isso. No momento, como sabe, ando muito ocupado, mas pretendo dedicar os anos da minha velhice à composição de um manual que focalizará toda a arte da detecção num só volume. Nossa presente investigação parece ser um caso de assassinato.”

“Pensa então que esse Sir Eustace está morto?”

“Eu diria que sim. A letra de Hopkins mostra considerável nervosismo e ele não é um homem emotivo. Sim, deduzo que houve violência e que o

corpo foi deixado para nossa inspeção. Um mero suicídio não o teria feito me chamar. Quanto à libertação da dama, ela deve ter sido trancada em seu quarto durante a tragédia. Desta vez estamos nos movendo na alta roda, Watson: papel fino, monograma ‘E.B.’, brasão, endereço pitoresco. Penso que o amigo Hopkins fará jus à sua reputação e que teremos uma manhã interessante. O crime foi cometido antes da meia-noite de ontem.”

“Como pode saber isso?”

“Por uma inspeção do horário dos trens e um cálculo do tempo. A polícia local teve de ser chamada; ela teve de se comunicar com a Scotland Yard; Hopkins teve de ir até lá; e ele por sua vez teve de me chamar. Tudo isso é trabalho para uma noite inteira. Bem, cá estamos em Chislehurst Station, e logo nossas dúvidas serão sanadas.”

Uma viagem de pouco mais de três quilômetros por estradinhas rurais estreitas levou-nos ao portão do parque, que foi aberto para nós por um velho porteiro em cujo semblante abatido refletia-se um grande desastre. A alameda atravessava um parque nobre, entre renques de olmos antigos, e terminava numa casa baixa e espalhada, com colunas na frente à maneira de Palladio. A parte central, coberta de hera, parecia sem dúvida muito antiga, mas as janelas amplas mostravam que alterações modernas haviam sido feitas e uma ala da casa parecia inteiramente nova. Encontramos a figura jovem e a fisionomia alerta e ansiosa do inspetor Stanley Hopkins na porta aberta.

“Alegra-me que tenha vindo, Mr. Holmes. E o senhor também, dr. Watson. Mas, na verdade, se pudesse voltar atrás, não os teria incomodado, pois a senhora, depois que voltou a si, fez um relato tão claro do assunto que não resta muito a fazer. Lembra-se daquela quadrilha de ladrões de Lewisham?”

“Ah, os três Randall?”

“Exatamente; o pai e dois filhos. Foram eles que fizeram o serviço. Não tenho dúvida. Fizeram um assalto em Sydenham quinze dias atrás e foram vistos e descritos. Um tanto audacioso fazer um outro tão depressa e tão perto, mas foram eles, não há a menor dúvida. Desta vez é caso para enforcamento.”

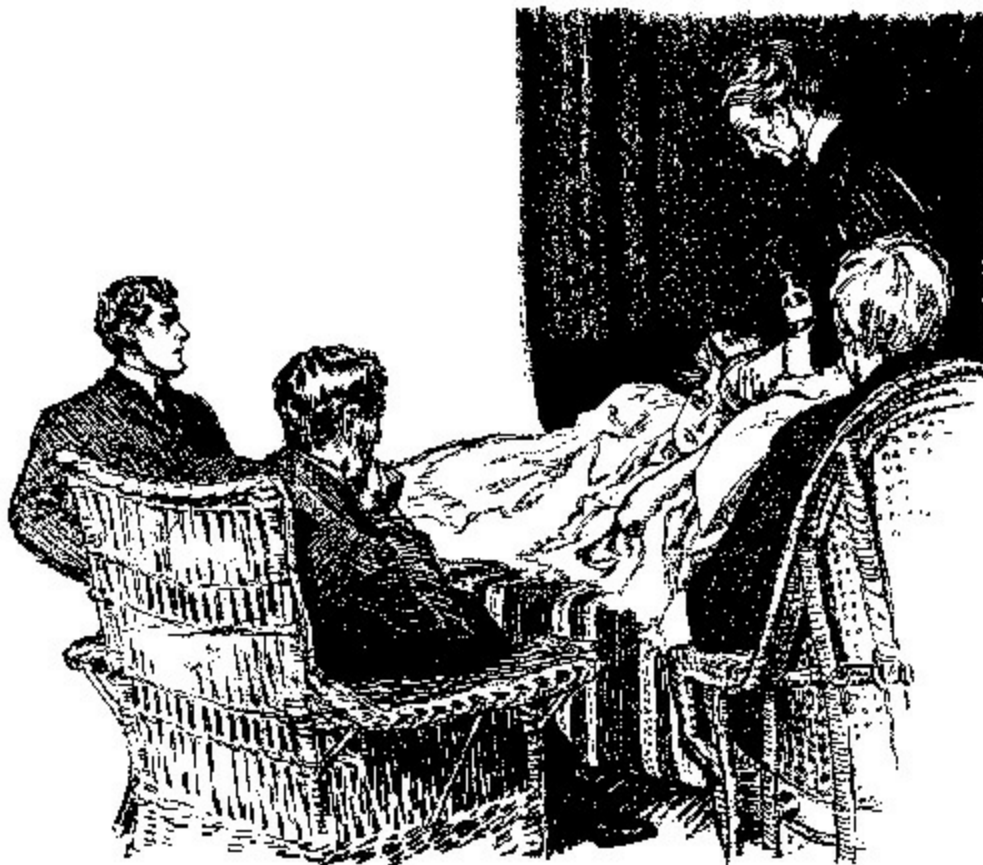
“Então Sir Eustace está morto?”

“Está; foi golpeado na cabeça com seu próprio atizador.”

“Trata-se de Sir Eustace Brackenstall, segundo me disse o cocheiro.”

“Exatamente — um dos homens mais ricos de Kent. Lady Brackenstall está no jardim de inverno. Pobre senhora, teve uma experiência pavorosa. Parecia semimorta quando a vi pela primeira vez. Penso que deveria vê-la e ouvir seu relato dos fatos. Depois examinaremos juntos a sala de jantar.”

Lady Brackenstall não era uma pessoa comum. Raras vezes vi um talhe tão gracioso, uma presença tão feminina e um rosto tão bonito. Era loura, de cabelos cor de ouro, tinha olhos azuis e certamente teria a cor de pele que combina perfeitamente com esse colorido, não tivesse sua experiência recente a deixado abatida e desfigurada. Seus sofrimentos eram tanto mentais quanto físicos, pois sobre um de seus olhos via-se uma inchação medonha, cor de ameixa, que sua criada, uma mulher alta e austera, banhava constantemente com vinagre e água. A dama estava deitada num sofá, exausta, mas seu olhar vivo e observador e a expressão alerta de seus belos traços, quando entramos no quarto, mostravam que não perdera nem a presença de espírito nem a coragem em consequência de sua terrível experiência. Estava envolta num frouxo penhoar azul e prata, mas um vestido de gala bordado com lantejoulas estava pendurado acima do sofá.



“A dama estava deitada num sofá, exausta ... envolta num frouxo penhoar azul e prata.”
[Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Eu lhe contei tudo que aconteceu, Mr. Hopkins”, disse ela num tom fatigado; “não podia repeti-lo por mim? Bem, se considera necessário, vou dizer a estes cavalheiros o que ocorreu. Eles já estiveram na sala de jantar?”

“Pensei que seria melhor que ouvissem a história de Vossa Senhoria primeiro.”

“Ficarei feliz se puderem cuidar de tudo. É horrível para mim pensar nele ainda caído lá.” Ela estremeceu e enterrou a face nas mãos por um momento. Nesse gesto, seu penhoar frouxo escorregou de seus antebraços. Holmes soltou uma exclamação.

“Tem outros ferimentos, madame! Que é isso?” Dois pontos de um vermelho intenso sobressaíam num dos braços brancos e roliços. Ela o cobriu rapidamente.

“Não é nada. Não tem ligação com esse horrível caso de ontem à noite.

Se o senhor e seu amigo tiverem a bondade de se sentar, vou lhes contar o que puder.

“Sou a esposa de Sir Eustace Brackenstall. Faz um ano que estou casada. Suponho que seja inútil tentar esconder que nosso casamento não foi feliz. Lamentavelmente acredito que todos os vizinhos lhe diriam isso, mesmo que eu tentasse negá-lo. Talvez a culpa seja em parte minha. Fui criada na atmosfera mais livre, menos convencional da Austrália do Sul, e esta vida inglesa, com suas convenções e pedantismos, não é apropriada para mim. Mas a principal razão reside num único fato, notório para todos, que é que Sir Eustace é um bêbado contumaz. Passar uma hora com um homem assim é desagradável. Podem imaginar o que significa para uma mulher sensível e briosa estar amarrada a ele noite e dia? É um sacrilégio, um crime, uma vilania sustentar que um casamento assim é indissolúvel. Acredito que essas leis monstruosas dos senhores vão trazer uma maldição sobre o país — o Céu não permitirá que essa perversidade perdure.” Por um instante ela se sentou, as faces coradas e os olhos chamejando sob a terrível marca em sua sobancelha. Depois a mão forte e calmante da austera criada empurrou-lhe a cabeça para a almofada, e a cólera enfurecida deu lugar a soluços exaltados. Por fim ela continuou:



“Sou a esposa de Sir Eustace Brackenstall.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Vou lhes contar sobre a noite passada. Estão informados, talvez, de que nesta casa todos os criados dormem na ala moderna. Este bloco central é constituído pelas salas, a cozinha atrás e nosso quarto em cima. Minha criada Theresa dorme acima de meu quarto. Não há mais ninguém, e sem algum poderia alarmar os que estão na ala mais distante. Os ladrões deviam ter conhecimento disso, ou não teriam agido como agiram.

“Sir Eustace recolheu-se às dez e meia. Os criados já tinham ido para seus quartos. Só minha criada continuava de pé, e estava em seu quarto, no alto da casa, até que eu precisasse dos seus serviços. Fiquei nesta sala até depois das onze, absorvida por um livro. Depois dei uma volta pela casa para ver se tudo estava em ordem antes de subir. Esse era um costume meu, porque, como expliquei, Sir Eustace nem sempre era confiável. Fui à cozinha, à copa, à sala de armas, à sala de bilhar, à sala de visitas e finalmente à sala de jantar. Quando me aproximei da janela, que é coberta com pesadas

cortinas, senti de repente o vento soprar em meu rosto e percebi que ela estava aberta. Abri a cortina e me vi cara a cara com um homem idoso de ombros largos que acabara de entrar na sala. Aquela é na verdade uma janela à francesa, que forma uma porta dando para o gramado. Eu tinha a vela do meu quarto de dormir acesa na mão e, à sua luz, vi atrás do homem dois outros sujeitos no ato de entrar. Recuei, mas o homem me agarrou num instante. Pegou-me primeiro pelo punho e depois pelo pescoço. Abri a boca para gritar, mas ele me deu um soco violento acima do olho e me derrubou no chão. Devo ter passado alguns minutos inconsciente, pois quando voltei a mim vi que tinham arrancado a corda da campainha e me amarrado, apertando bem, na cadeira de carvalho que fica na cabeceira da mesa de jantar. Eu estava tão firmemente amarrada que não podia me mexer e um lenço em volta de minha boca me impedia de pronunciar qualquer som. Foi nesse instante que meu desventurado marido entrou na sala. Evidentemente ouvira alguns sons suspeitos e viera preparado para uma cena como a que encontrou. Vestia calça e camisolão e trazia na mão seu porrete preferido, de abrunheiro. Lançou-se sobre um dos ladrões, mas um outro — foi um homem mais velho — abaixou-se, pegou o atizador na lareira e desferiu-lhe um terrível golpe quando ele passou. Caiu sem um gemido e não se mexeu mais. Voltei a desmaiar, mas novamente só posso ter ficado sem sentidos por poucos minutos. Quando abri os olhos, constatei que haviam recolhido a prataria do aparador e passado a mão numa garrafa de vinho que estava lá. Cada um tinha um copo na mão. Já lhes disse, não é?, que um era mais velho, de barba, e os outros, rapazes jovens, escanhoados? Podiam ser um pai e seus dois filhos. Conversavam entre si aos sussurros. Depois se aproximaram e se asseguraram de que eu continuava firmemente amarrada. Finalmente foram embora, fechando a janela atrás de si. Passou-se um bom quarto de hora antes que eu conseguisse livrar a minha boca. Quando o fiz, meus gritos trouxeram a criada para me ajudar. Os outros criados logo ficaram alarmados e mandamos buscar a polícia local, que se comunicou imediatamente com Londres. É realmente só isto que posso lhes dizer; só espero não precisar repetir uma história tão penosa mais uma vez.”

“Alguma pergunta, Mr. Holmes?” perguntou Hopkins.

“Não abusarei mais da paciência e do tempo de Lady Brackenstall”, disse Holmes. “Antes de ir à sala de jantar, gostaria de ouvir seu relato.”

Olhou para a criada.

“Vi os homens antes que entrassem na casa”, disse ela. “Estava à janela de meu quarto quando vi três homens ao luar perto da guarita do portão, mas na hora não desconfiei de nada. Foi mais de uma hora depois que ouvi o grito de minha patroa e corri lá embaixo, para encontrá-la, a pobrezinha, exatamente como ela disse, e ele no chão, com sangue e miolos espalhados pela sala. Era o bastante para tirar uma mulher do seu juízo, amarrada ali, até seu vestido manchado; mas nunca faltou coragem a Miss Mary Fraser de Adelaide, e Lady Brackenstall da Granja da Abadia não fica atrás. Já a interrogaram por tempo suficiente, senhores, e agora ela vai para o seu quarto, apenas com sua velha Theresa, para ter o repouso de que tanto necessita.”

Com uma ternura maternal, a mulher macilenta pôs o braço em volta da patroa e levou-a para fora da sala.

“Esteve com ela durante toda a sua vida”, disse Hopkins. “Foi sua ama quando era bebê e veio com ela para a Inglaterra quanto deixou a Austrália, dezoito meses atrás. Chama-se Theresa Wright e é o tipo de criada que não se consegue mais encontrar hoje em dia. Por aqui, Mr. Holmes, por favor!”

O agudo interesse havia desaparecido da expressiva face de Holmes e eu sabia que, com o mistério, todo o encanto do caso se fora. Ainda restava uma detenção a ser feita, mas que eram aqueles bandidos banais para que ele sujasse suas mãos com eles? Um douto e erudito médico especialista que descobre que foi chamado para um caso de sarampo experimentaria algo parecido com o aborrecimento que vi nos olhos de meu amigo. O cenário na sala de jantar da Granja da Abadia, no entanto, pareceu suficientemente estranho para prender sua atenção e reacender seu interesse.

Era uma peça muito ampla, alta, com teto de carvalho entalhado, painéis de carvalho e uma bela coleção de cabeças de veado e armas antigas pelas paredes. No canto mais afastado da porta via-se a alta janela à francesa de que ouvíramos falar. Três janelas menores do lado direito enchiam o aposento com o frio sol de inverno. À esquerda havia uma grande e profunda lareira sobre a qual se projetava um imponente aparador de carvalho. Ao lado da lareira via-se uma pesada cadeira de carvalho com braços e assento de tábuas. Através de todo o madeiramento aberto passava um cordão vermelho, que estava amarrado dos dois lados das travessas sob o assento. Ao ser

libertada, a dama fora desvencilhada do cordão sem que os nós que o prendiam fossem desatados. Esses detalhes só nos chamaram a atenção mais tarde, porque nossos pensamentos foram inteiramente absorvidos pelo cadáver estendido sobre o tapete de pele de tigre em frente à lareira.

Era o corpo de um homem alto e bem-feito, de cerca de quarenta anos. Estava de costas, o rosto para cima, os dentes brancos à mostra através da curta barba preta. Suas duas mãos cerradas estavam erguidas acima da cabeça e entre elas via-se um pesado bastão de abrunheiro. Seus traços morenos, aquilinos e bonitos estavam convulsionados num espasmo de ódio vingativo, que emprestara uma expressão demoníaca a seu rosto morto. Evidentemente estava na cama quando o alarme soara, pois usava um camisolão arrebicado, com bordados, e seus pés descalços se projetavam das calças. A cabeça estava horivelmente ferida e a sala inteira dava testemunho da ferocidade selvagem do golpe que o derrubara. Ao lado dele encontrava-se o pesado atizador, encurvado pelo choque. Holmes examinou tanto o objeto quanto a indescritível destruição que ele operara.



“Era o corpo de um homem alto e bem-feito, de cerca de quarenta anos.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Deve ser um homem muito forte, esse Randall mais velho”, comentou.

“Sim”, disse Hopkins. “Tenho alguns registros do sujeito, e ele é um brutamontes.”

“Você não terá muita dificuldade em agarrá-lo.”

“Nenhuma. Temos estado de olho nele, e supúnhamos que partira para os Estados Unidos. Agora que sabemos que a quadrilha está aqui, não vejo como poderão escapar. Já divulgamos a notícia a todos os portos marítimos e uma recompensa será oferecida ainda hoje. O que me desconcerta é como podem ter feito uma coisa tão louca, sabendo que a dama poderia descrevê-los e que não poderíamos deixar de reconhecer a descrição.”

“Exatamente. Teria sido de esperar que tivessem silenciado Lady Brackenstall também.”

“Talvez não tenham percebido”, sugeri, “que ela se recuperara do desmaio.”

“Isso é bastante provável. Se ela parecia sem sentidos, não iriam lhe tirar a vida. E quanto a este pobre sujeito, Hopkins? Tenho a impressão de ter ouvido algumas histórias estranhas a respeito dele.”

“Era um homem bom quando sóbrio, mas um perfeito demônio quando bêbado, ou melhor, quando semibêbado, pois era raro que se embebedasse por completo. Nessas horas parecia ter o diabo no corpo e era capaz de qualquer coisa. Pelo que ouvi, apesar de sua fortuna e de seu título, quase foi parar na delegacia uma ou duas vezes. Houve um escândalo quando encharcou um cachorro com gasolina e ateou fogo — o cachorro de Lady Brackenstall, ainda por cima —, e só foi possível silenciá-lo com dificuldade. Depois ele jogou um *decanter* nessa criada, Theresa Wright; isso gerou alvoroço. No fim das contas, e cá entre nós, a casa ficará mais feliz sem ele. Que está olhando agora?”

Holmes estava de joelhos, examinando com grande atenção os nós no cordão vermelho com que a dama fora amarrada. Depois esquadrinhou cuidadosamente a ponta partida e puída onde ele cedera quando o ladrão o puxara para baixo.

“Quando isto foi puxado, a campainha na cozinha deve ter tocado muito alto”, observou.

“Ninguém pôde ouvi-la. A cozinha fica lá no fim da casa.”

“Como o ladrão podia saber que ninguém a ouviria? Como se atreveu a puxar uma corda de campainha de maneira tão imprudente?”

“Exatamente, Mr. Holmes, exatamente. Essa é precisamente a pergunta que fiz a mim mesmo muitas e muitas vezes. Não pode haver dúvida de que esse sujeito conhecia a casa e seus hábitos. Devia saber muito bem que os criados estariam deitados, embora fosse relativamente cedo, e que ninguém teria como ouvir uma campainha soar na cozinha. Portanto, devia estar em estreito conluio com um dos criados. Sem dúvida isso é evidente. Mas são oito criados, e todos de bom caráter.”

“Os demais fatores sendo iguais”, disse Holmes, “deveríamos desconfiar daquela em cuja cabeça o patrão jogou um *decanter*. No entanto, isso envolveria perfídia em relação à patroa, a que essa mulher parece devotada. Bem, bem, este é um pequeno detalhe e quando você tiver Randall provavelmente não terá dificuldade em pôr a mão em seu cúmplice. A história da dama certamente parece ser corroborada, se é que precisava de corroboração, por todos os detalhes que vemos diante de nós.” Foi até a janela à francesa e abriu-a. “Não há pegadas aqui, mas o terreno é duro como ferro e não se poderia esperá-las. Vejo que essas velas no aparador foram acesas.”

“Sim, foi com a luz delas e com a da vela do quarto da senhora que os ladrões se guiaram por aqui.”

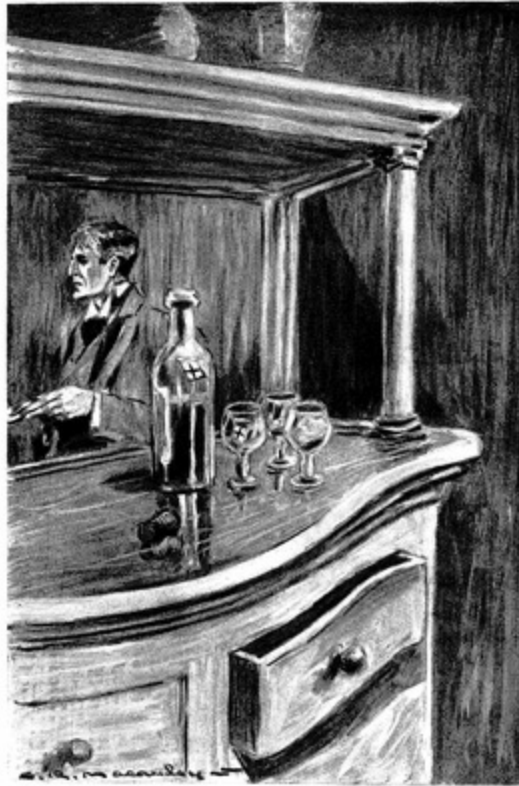
“E que foi que levaram?”

“Bem, não levaram muita coisa — só uma dúzia de peças de prata que estava no aparador. Lady Brackenstall pensa que eles próprios ficaram tão perturbados com a morte de Sir Eustace que não saquearam a casa como teriam feito em outras circunstâncias.”

“Sem dúvida isso é verdade. No entanto, tomaram um pouco de vinho, pelo que vejo.”

“Para se acalmarem.”

“Exatamente. Esses três copos no aparador permaneceram intocados, suponho?”



“Esses três copos no aparador permaneceram intocados, suponho?” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Sim; e a garrafa está como a deixaram.”

“Vamos examinar isso. Opa! Que é isto?”



“Opa! Que é isto?” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

Os três copos estavam juntos, todos manchados de vinho, e um deles continha resquícios da crosta de tártaro que se forma em vinhos mais velhos. A garrafa estava perto deles, com dois terços de seu conteúdo, e perto dela se via uma rolha comprida, profundamente manchada. Sua aparência e a poeira que cobria a garrafa mostravam que não era uma safra qualquer que os assassinos haviam apreciado. Uma mudança sobreviera nas maneiras de Holmes. Ele perdera sua expressão apática, e vi novamente uma luz alerta de interesse em seus olhos argutos e fundos. Ergueu a rolha e examinou-a minuciosamente.



Sherlock Holmes examina os copos. [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Como abriram a garrafa?” perguntou.

Hopkins apontou para uma gaveta semiaberta. Nela viam-se uma toalha de mesa e um grande saca-rolhas.

“Lady Brackenstall disse que esse saca-rolhas foi usado?”

“Não; lembre-se de que ela estava sem sentidos no momento em que a garrafa foi aberta.”

“Isso mesmo. Na realidade, esse saca-rolha *não* foi usado. Esta garrafa foi aberta com um abridor de bolso, provavelmente contido num canivete, e com menos de quatro centímetros de comprimento. Se examinar o topo da rolha, observará que o instrumento foi introduzido três vezes antes que ela fosse extraída. Ela nunca foi transpassada. Este comprido saca-rolha a teria transpassado e extraído num único puxão. Quando você pegar esse sujeito, verá que é dono de um desses canivetes múltiplos.”

“Excelente!” disse Hopkins.

“Mas estes copos me intrigam, confesso. Lady Brackenstall viu realmente os três homens bebendo, não foi?”

“Sim, ela foi clara a esse respeito.”

“Isso liquida o assunto. Que mais pode ser dito? No entanto, você há de admitir que há algo de muito notável nesses três copos, Hopkins. O quê? Não vê nada de extraordinário? Bem, bem, esqueçamos isso. É possível que quando um homem tem conhecimentos especiais e talentos especiais, como é o meu caso, isso o estimule a procurar uma explicação complicada onde há uma mais simples à mão. É claro que o detalhe que vejo nos copos pode ser puro acaso. Bem, bom dia, Hopkins. Parece-me que não lhe posso ser mais de nenhuma utilidade, e você me parece ter muita clareza quanto a seu caso. Comunique-me quando Randall for preso e quaisquer outros desdobramentos que possam ocorrer. Acredito que logo deverei cumprimentá-lo por sua bem-sucedida conclusão. Venha, Watson. Suponho que poderemos empregar nosso tempo de maneira mais proveitosa em casa.”

Durante nossa viagem de volta, pude ver pelo rosto de Holmes que ele estava muito intrigado com alguma coisa que observara. Volta e meia, com um esforço, ele procurava desviar o pensamento e falar como se o assunto estivesse elucidado, mas depois suas dúvidas o assaltavam de novo, e suas sobrancelhas franzidas e o olhar distraído mostravam que seus pensamentos haviam se voltado mais uma vez para a grande sala de jantar da Granja da Abadia onde essa tragédia da meia-noite fora encenada. Finalmente, impelido por um súbito impulso, no instante em que nosso trem começava a se arrastar para fora de uma estação suburbana, ele deu um salto na plataforma, puxando-me atrás de si.



“Pude ver pelo rosto de Holmes

que ele estava muito intrigado.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Desculpe-me, meu caro”, disse, quando olhávamos os últimos vagões de nosso trem desaparecerem numa curva; “lamento tê-lo feito vítima do que pode parecer uma mera extravagância, mas juro, Watson, eu simplesmente *não posso* deixar esse caso nesse estado. Todos os meus instintos clamam contra isso. Está errado — está tudo errado — juro que está errado. No entanto a história da dama foi completa, a corroboração da criada foi suficiente, os detalhes estavam razoavelmente exatos. Que posso opor a isso? Três copos de vinho, só isso. Mas se eu não tivesse aceitado as coisas pelo que pareciam ser, se tivesse examinado tudo com o cuidado que deveria ter tido se tivéssemos abordado o caso *de novo*, sem nenhuma história já pronta para me suggestionar, será que não teria encontrado algo de mais definido em que me basear? Claro que sim. Sente-se neste banco, Watson, até que chegue um trem para Chislehurst, e permita que eu exponha os indícios para você, implorando-lhe, em primeiro lugar, que tire da mente a ideia de que qualquer coisa que a criada ou sua patroa tenham dito deve ser necessariamente

verdadeira. Não devemos permitir que a personalidade encantadora da dama influencie nosso julgamento.

“Sem dúvida há detalhes na história dela que, se a considerarmos friamente, despertariam nossa desconfiança. Esses ladrões fizeram um roubo considerável em Sydenham há duas semanas. Apareceu uma descrição deles e de sua aparência nos jornais e ela ocorreria naturalmente a qualquer pessoa que quisesse inventar uma história acerca de ladrões imaginários. Na verdade, ladrões que conseguem dar um grande golpe em geral ficam mais do que satisfeitos em desfrutar seus ganhos em paz e sossego, sem se aventurar em outra ação perigosa. Além disso, ladrões não costumam agir tão cedo; é incomum que ladrões firam uma mulher para impedi-la de gritar, pois se presume que essa seja a maneira segura de fazê-la pôr a boca no mundo; é incomum que cometam um homicídio quando estão em número suficiente para dominar um homem; é incomum que se contentem com uma pilhagem reduzida quando há muito mais a seu alcance; e por fim, eu diria que é incomum que homens desse tipo deixem uma garrafa pela metade. Que impressão todas essas coisas inusitadas causam em você, Watson?”

“O efeito cumulativo delas certamente é considerável; cada uma em si, porém, é bastante plausível. O mais estranho de tudo, a meu ver, é a mulher ter sido amarrada naquela cadeira.”

“Bem, não tenho tanta certeza disso, Watson, porque é evidente que eles deviam matá-la ou prendê-la de tal maneira que não alardeasse imediatamente a sua fuga. De todo modo, mostrei que há certo elemento de improbabilidade na história da dama, não é? E para completar, vem o incidente dos copos de vinho.”

“Qual é o problema com os copos de vinho?”

“Consegue se lembrar deles claramente?”

“Sim, vejo-os claramente.”

“Dizem-nos que três homens beberam neles. Isso lhe parece provável?”

“Por que não? Havia vinho nos três copos.”

“Exatamente. Mas só havia resquícios de tártaro em um. Você deve ter percebido o fato. Isso lhe sugere alguma coisa?”

“O último copo a ser enchido teria mais probabilidade de conter tártaro.”

“Em absoluto. A garrafa estava cheia dele, e é inconcebível que dois

copos estivessem livres e o terceiro o contivesse em quantidade. Há duas explicações possíveis, e apenas duas. Uma é que depois de encher o segundo copo tivessem sacudido violentamente a garrafa, e assim o terceiro recebeu o tártaro. Isso não parece provável. Não, não, tenho certeza de que estou certo.”

“Qual é a sua suposição, então?”

“Que somente dois copos foram usados, e que as borras de ambos foram derramadas num terceiro copo, de modo a dar a falsa impressão de que três pessoas haviam estado ali. Desse modo toda a borra estaria no terceiro copo, não é? Sim, estou convencido de que foi isso. Mas se atinei com a verdadeira explicação desse pequeno fenômeno, o caso passa num instante de banal a extremamente extraordinário, pois isso só pode significar que Lady Branckenstall e sua criada mentiram deliberadamente para nós, que nem uma só palavra da história que contaram merece crédito, que elas têm algum motivo muito forte para acobertar o verdadeiro criminoso e que devemos proceder à nossa investigação por nós mesmos sem nenhuma ajuda delas. Essa é a missão que temos agora pela frente; cá está o trem para Chislehurst, Watson.”

Os moradores da Granja da Abadia ficaram muito surpresos com nossa volta, mas Sherlock Holmes, constatando que Stanley Hopkins partira para prestar contas à central de polícia, tomou posse da sala de jantar, trancou a porta por dentro e entregou-se durante duas horas a uma daquelas investigações detalhadas e laboriosas que formavam a base sólida em que seus brilhantes edifícios de dedução se erguiam. Sentado num canto como um aluno interessado que observa a demonstração do professor, acompanhei cada passo dessa notável pesquisa. A janela, as cortinas, o tapete, a cadeira, a corda — cada um por sua vez foi minuciosamente examinado e devidamente ponderado. O corpo do infeliz baronete havia sido removido, mas tudo o mais permanecia tal como fora visto de manhã. Depois, para o meu assombro, Holmes subiu no grande aparador. Bem acima de sua cabeça pendiam os poucos centímetros do cordão vermelho que continuavam presos ao arame. Ele fitou-os por um longo tempo e depois, numa tentativa de se aproximar deles, apoiou o joelho num suporte de madeira preso à parede. Com isso sua mão ficou a poucos centímetros do cordão partido; mas pareceu-me que o próprio suporte atraía mais a sua atenção do que ele. Por fim, Holmes saltou no chão com uma exclamação de contentamento.

“Está tudo bem, Watson”, disse. “Temos o nosso caso — um dos mais notáveis de nossa coleção. Mas, meu Deus, como fui lerdo — por pouco não cometi a maior tolice da minha vida! Agora, creio que só me faltam poucos elos; minha cadeia está quase completa.”

“Pegou os seus homens?”

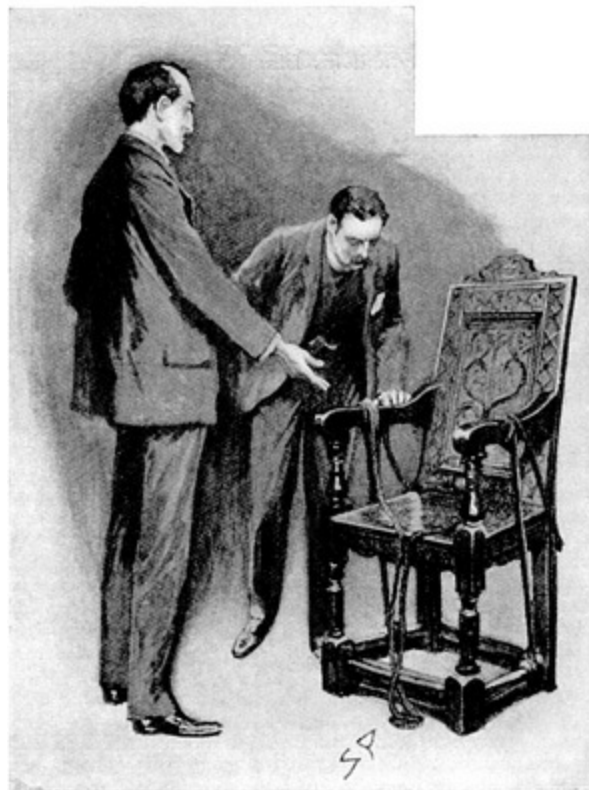
“Homem, Watson, homem. Só um, mas uma pessoa temível. Forte como um leão — prova disso é o golpe que entortou esse atizador! Um metro e noventa e dois de altura, lépido como um esquilo, hábil com os dedos; por fim, dotado de enorme agilidade mental, pois toda esta engenhosa história foi invenção dele. Sim, Watson, topamos com a obra de um indivíduo dos mais notáveis. No entanto, nessa corda de campainha ele nos deu uma pista que não nos deveria deixar nenhuma dúvida.”

“Onde estava essa pista?”

“Bem, se você fosse puxar um cordão de campainha, Watson, onde esperaria que ele se rompesse? Certamente no lugar em que estava preso ao arame. Por que se romperia a oito centímetros do alto, como aconteceu com este?”

“Por que estava puído nesse ponto?”

“Exatamente. Esta ponta, que podemos examinar, está puída. Ele foi astuto o bastante para produzir esse efeito com seu canivete. Mas a outra ponta não está puída. Não é possível observá-la daqui, mas de pé sobre o aparador você veria que ela foi simplesmente cortada e não apresenta o menor sinal de desgaste. É possível reconstituir o que aconteceu. O homem precisava da corda. Não iria puxá-la por medo de dar o alarme, fazendo a campainha tocar. Que fez? Subiu no aparador, mas ainda não pôde alcançá-la; apoiou o joelho no suporte — você verá a marca na poeira — e assim conseguiu tocar a corda com seu canivete. Eu não consegui alcançá-la por uma distância de pelo menos oito centímetros, donde infiro que ele é pelo menos oito centímetros mais alto que eu. Veja essa mancha no assento da cadeira de carvalho! Que é isso?” “Sangue.”



“Veja essa mancha no assento da cadeira de carvalho!” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Sem sombra de dúvida é sangue. Só isto basta para provar que a história da dama está errada desde o princípio. Se ela estava sentada nessa cadeira quando o crime foi cometido, como essa mancha poderia ter aparecido aí? Não, não, ela foi amarrada na cadeira depois da morte do marido. Aposto que o vestido preto mostra uma mancha correspondente a esta. Ainda não encontramos nossa Waterloo, Watson, mas esta é nossa Marengo, pois começa com derrota e termina em vitória. Agora eu gostaria de trocar algumas palavras com a ama, Theresa. Devemos ser cautelosos por algum tempo, se quisermos obter as informações de que precisamos.”

Era uma pessoa interessante, essa austera ama australiana. Taciturna, desconfiada, impolida, levou algum tempo para que as maneiras agradáveis de Holmes e sua franca aceitação de tudo que ela falava a descontraísse, suscitando nela uma amabilidade correspondente. Não tentou esconder a raiva que sentia de seu falecido patrão.

“Sim, senhor, é verdade que ele jogou o *decanter* em mim. Eu o ouvi xingar minha patroa e disse a ele que não ousaria lhe falar daquela maneira se

o irmão dela estivesse aqui. Foi então que ele o jogou em mim. Por mim, poderia ter jogado uma dúzia, contanto que deixasse minha querida em paz. Maltratava-a constantemente, e ela era orgulhosa demais para se queixar. Não contará nem a mim tudo que ele fez com ela. Nunca me falou daquelas marcas em seu braço que o senhor viu esta manhã, mas sei muito bem que elas vêm de uma estocada com um alfinete de chapéu. O demônio matreiro — Deus me perdoe por falar assim dele agora que está morto, mas era mesmo um demônio, se alguma vez houve um aqui na terra. Era um mel quando o conhecemos, só dezoito meses atrás, e agora nós duas temos a impressão de que são dezoito anos. Ela tinha acabado de chegar a Londres. Sim, foi a primeira viagem dela — nunca saíra de casa antes. Ele a conquistou com seu título, seu dinheiro e suas falsas maneiras londrinas. Se ela cometeu um erro, com certeza já pagou por ele. Em que mês o conhecemos? Bem, sei que foi logo depois que chegamos. Chegamos em junho e isso foi em julho. Eles se casaram em janeiro do ano passado. Sim, agora ela está no jardim de inverno de novo; não tenho dúvida de que o receberá, mas não deve pedir muito dela, pois já passou por tudo que um ser humano pode suportar.”

Lady Brackenstall estava reclinada no mesmo sofá, mas parecia mais animada que antes. A criada havia entrado conosco e começou mais uma vez a fomentar a contusão na sobancelha da patroa.

“Espero”, disse a dama, “que não tenha vindo para me interrogar de novo.”

“Não”, respondeu Holmes com sua voz mais gentil. “Não lhe causarei nenhuma perturbação desnecessária, Lady Brackenstall. Tudo que desejo é tornar as coisas fáceis para Vossa Senhoria, pois estou convencido de que já passou por muitas provas. Se me tratar como um amigo e confiar em mim, talvez possa ver que farei por onde merecer essa confiança.”

“Que quer que eu faça?”

“Diga-me a verdade.”

“Mr. Holmes!”

“Não, não, Lady Brackenstall, é inútil. Talvez tenha ouvido falar da pequena reputação que conquistei. Aposto toda ela no fato de que sua história é pura invenção.”

Patroa e criada viraram-se ambas para Holmes, com rostos pálidos e

olhos assustados.

“O senhor é um sujeito insolente!” exclamou Theresa. “Está querendo dizer que minha patroa disse uma mentira?”

Holmes levantou-se de sua cadeira.

“Não tem nada para me contar?”

“Eu lhe contei tudo.”

“Pense mais uma vez, Lady Brackenstall. Seria melhor ser franca!”

Por um instante houve uma hesitação em sua bela face. Depois algum pensamento novo e forte a fez enrijecer-se como uma máscara.

“Contei-lhe tudo que sei.”

Holmes pegou seu chapéu e encolheu os ombros. “Sinto muito”, disse, e sem mais uma palavra deixou a sala e a casa. Havia um laguinho no parque, para o qual meu amigo se dirigiu. Estava congelado, mas um único buraco fora deixado para a comodidade de um cisne solitário. Holmes contemplou-o e depois seguiu para a guarita do portão. Ali escreveu um curto bilhete para Hopkins e deixou-o com o porteiro.



“Holmes contemplou-o e depois seguiu.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Posso acertar em cheio, ou errar, mas temos de fazer alguma coisa para o amigo Hopkins, só para justificar esta segunda visita”, disse ele. “Ainda não vou lhe contar tudo. Penso que nosso próximo teatro de operações deve ser o escritório da companhia de navegação que faz a linha Adelaide-Southampton; se me lembro bem, fica no fim de Pall Mall. Há uma segunda linha de vapores que liga a Austrália do Sul à Inglaterra, mas vamos primeiro à maior.”

O cartão de Holmes enviado ao gerente assegurou-nos atenção imediata, e ele não demorou a obter todas as informações de que precisava. Em junho de 1895, apenas um navio de sua linha chegara à Inglaterra. Era o *Rock of Gibraltar*, sua maior e melhor embarcação. Uma consulta à lista de passageiros mostrou que Miss Fraser, de Adelaide, com sua criada, havia feito a viagem nela. O navio encontrava-se naquele momento a caminho da Austrália, em algum lugar no sul do Canal de Suez. Seus oficiais eram os mesmos de 1895, com uma única exceção. O primeiro oficial, Mr. Jack Croker, havia sido promovido a capitão e deveria assumir o comando do novo navio da companhia, o *Bass Rock*, que deveria zarpar de Southampton dali a dois dias. Ele morava em Sydenham, mas era provável que comparecesse ao escritório aquela manhã para receber instruções. Holmes poderia esperá-lo se quisesse.

Não; Mr. Holmes não desejava vê-lo, mas gostaria de conhecer mais sobre seu histórico e caráter.

A folha de serviços dele era magnífica. Nenhum oficial na frota o igualava. Quanto ao caráter, era confiável quando em serviço, mas era um sujeito impetuoso, arrebatado, quando deixava o convés de seu navio. Temperamental, excitável, mas leal, honesto e de bom coração. Esta foi a essência das informações com que Holmes deixou o escritório da Companhia Adelaide-Southampton. De lá ele seguiu para a Scotland Yard, mas, em vez de entrar, ficou sentado no carro com as sobrelhas abaixadas, perdido em profundos pensamentos. Ao cabo de algum tempo rumou para a agência telegráfica de Charing Cross, enviou uma mensagem e finalmente voltamos para Baker Street.

“Não, eu não podia fazer isso, Watson”, disse ele quando entrávamos

em nossa sala. “Depois que um mandado fosse expedido, nada neste mundo o salvaria. Uma ou duas vezes em minha carreira senti que causei mais mal real ao descobrir o criminoso do que este havia causado com seu crime. Aprendi a ser prudente agora, e prefiro burlar a Justiça inglesa que minha própria consciência. É melhor saber um pouco mais antes de agirmos.”

Antes que anoitecesse, recebemos uma visita do inspetor Stanley Hopkins. As coisas não andavam muito bem para o lado dele.

“Acredito que o senhor é um mágico, Mr. Holmes. Realmente penso às vezes que tem poderes que não são humanos. Mas diga-me, como diabos conseguiu saber que a prata roubada estava no fundo daquele laguinho?”

“Eu não sabia.”

“Mas me disse para examiná-lo.”

“Então achou?”

“Achei.”

“Fico muito satisfeito se o ajudei.”

“Mas o senhor não me ajudou. Tornou o caso ainda mais difícil. Que tipo de ladrões são esses que roubam prata para depois jogá-la no lago mais próximo?”

“Foi sem dúvida um comportamento bastante excêntrico. Eu estava meramente pensando que, se a prata fora levada por pessoas que não a queriam, que a tinham pegado só para disfarçar, por assim dizer, elas ficariam naturalmente ansiosas para se livrar dela.”

“Mas por que semelhante ideia lhe passou pela cabeça?”

“Bem, pensei que isso era possível. Quando saíram pela janela à francesa, o laguinho, com um tentador buraquinho no gelo, estava bem diante do nariz deles. Poderia haver um esconderijo melhor?”

“Ah, um esconderijo — isso é melhor!” exclamou Stanley Hopkins. “Sim, sim, agora entendo tudo! Era cedo, havia gente nas estradas, eles tiveram medo de ser vistos com a prata, por isso a afundaram no lago, com a intenção de voltar quando os ventos fossem favoráveis. Excelente, Mr. Holmes — isso é melhor do que sua ideia do disfarce.”

“Claro que sim; essa sua teoria é excelente. Não tenho dúvida de que minhas próprias ideias são inteiramente descabidas, mas você deve admitir

que elas acabaram descobrindo a prata.”

“Sim, senhor; sim. O mérito foi todo seu. Mas eu sofri um revés.”

“Um revés?”

“Sim, Mr. Holmes. A quadrilha Randall foi presa em Nova York esta manhã.”

“Meu Deus, Hopkins. Isso por certo contraria frontalmente sua teoria de que cometeram um homicídio em Kent ontem à noite.”

“É fatal, Mr. Holmes, absolutamente fatal. Mas a verdade é que existem outras quadrilhas além da dos Randall; pode também ter sido alguma quadrilha nova de que a polícia nunca ouviu falar.”

“Sem dúvida, é perfeitamente possível. Como, já vai embora?”

“Sim, Mr. Holmes; não posso ter descanso enquanto não chegar ao fundo desse negócio. Não teria alguma pista para me dar?”

“Eu lhe dei uma.”

“Qual?”

“Bem, sugeri um disfarce.”

“Mas por que, Mr. Holmes, por quê?”

“Ah, esta é a questão, sem dúvida. Mas recomendo-lhe pensar na ideia. Talvez descubra que ela é de algum interesse. Não vai ficar para jantar? Bem, até logo, e dê-nos notícias de como está se saindo.”

O jantar terminara e a toalha de mesa fora retirada antes que Holmes aludisse de novo ao assunto. Ele havia acendido seu cachimbo e esticado os pés, metidos em chinelos, para o fogo que crepitava alegremente. De repente consultou seu relógio.

“Espero desdobramentos, Watson.”

“Quando?”

“Agora, dentro de poucos minutos. Tenho a impressão de que agi bastante mal com Stanley Hopkins, não foi?”

“Confio em seu julgamento.”

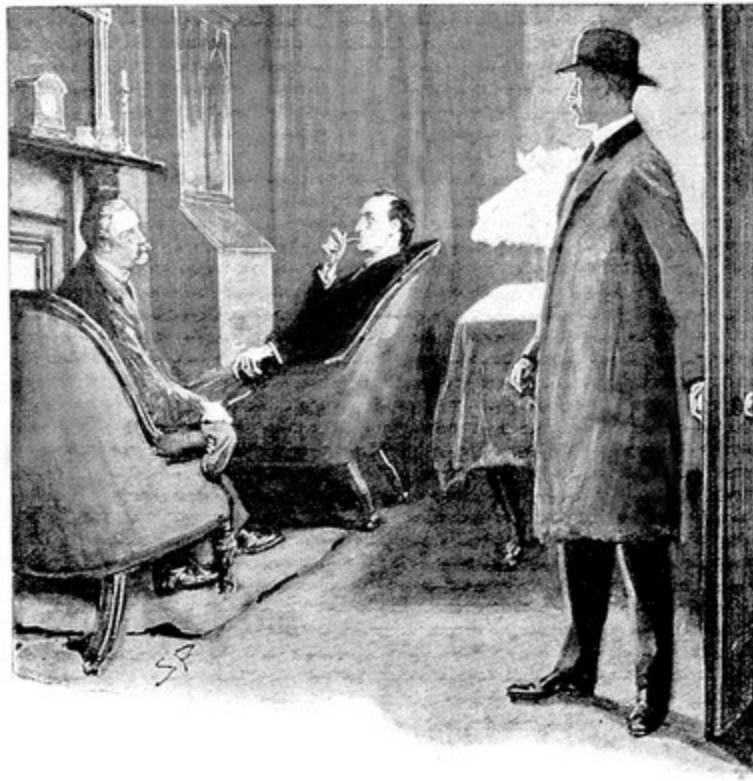
“Uma resposta muito sensata, Watson. Você deve encarar as coisas da seguinte maneira: o que eu sei não é oficial; o que ele sabe é. Eu tenho direito a meu julgamento privado, ele não. Ele tem de revelar tudo, ou estaria traindo a polícia. Num caso duvidoso, eu não o poria numa posição tão penosa, e

assim reservo minhas informações até que o assunto esteja claro para mim mesmo.”

“Mas quando isso ocorrerá?”

“Chegou a hora. Você vai presenciar a última cena de um pequeno drama extraordinário.”

Ouvimos passos na escada e nossa porta foi aberta para dar entrada ao mais belo espécime da raça humana que já a transpôs. Era um rapaz alto, de bigode louro, olhos azuis, a pele bronzeada por sóis tropicais, e um passo elástico que mostrava que sua enorme constituição era tão ativa quanto forte. Ele fechou a porta atrás de si e ficou parado, com as mãos cerradas e o peito arquejante, tentando controlar uma emoção avassaladora.



“A porta foi aberta para dar entrada ao mais belo espécime da raça humana que já a transpôs.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]



“Ele ficou parado, com as mãos cerradas e o peito arquejante.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1904]

“Sente-se, capitão Croker. Recebeu meu telegrama?”

Nosso visitante afundou numa poltrona e olhou de um para outro de nós com uma expressão indagadora.

“Recebi seu telegrama e vim na hora que pediu. Soube que estive no escritório. Não haveria como escapar do senhor. Vim para ouvir o pior. Que vai fazer comigo. Prender-me? Fale, homem! Não pode ficar aí sentado, brincando comigo como se eu fosse um rato!”

“Dê-lhe um charuto”, disse Holmes. “Morda isso, capitão, e não perca o controle dos nervos. Eu não ficaria aqui fumando com o senhor se pensasse que é um criminoso comum, pode ficar certo disto. Seja franco comigo, e poderemos ajudá-lo. Tente me enganar, e eu o esmagarei.”

“Que deseja que eu faça?”

“Faça-me um relato verdadeiro de tudo que aconteceu na Granja da Abadia ontem à noite — um relato *verdadeiro*, ouça bem, sem acrescentar nem tirar nada. Já sei tanto que se o senhor se desviar um palmo da linha reta,

soprarei este apito de polícia na minha janela e o assunto sairá das minhas mãos para sempre.”

O homem do mar pensou por um momento. Depois bateu na perna com sua manzorra queimada de sol.

“Vou arriscar”, exclamou. “Acredito que é um homem de palavra, um homem honrado e lhe contarei a história toda. Mas antes vou dizer uma coisa. No que me diz respeito, não me arrependo de nada e não tenho medo de nada; faria tudo de novo e me orgulharia do serviço. Amaldiçoado seja aquele animal, se ele tivesse tantas vidas quanto um gato, eu tentaria lhe tirar todas elas! Mas é a dama, Mary — Mary Fraser — pois nunca irei chamá-la por aquele nome abominável. Quando penso que lhe estou causando embarços, eu, que teria dado minha vida só para ver um sorriso iluminar seu rosto querido, isso me desespera. E no entanto — como teria podido fazer menos? Vou lhes contar minha história, cavalheiros, e depois lhes perguntarei, de homem para homem: como teria podido fazer menos?”

“Devo recuar um pouco. Como o senhor parece saber tudo, suponho que saiba que a conheci quando era uma passageira e eu primeiro-oficial do *Rock of Gibraltar*. Desde a primeira vez em que a vi, ela se tornou a única mulher para mim. A cada dia daquela viagem eu a amava mais, e muitas vezes me ajoelhei na escuridão da vigília noturna e beijei o convés daquele navio por que sabia que seus pés o haviam pisado. Ela nunca se comprometeu comigo. Foi absolutamente correta comigo. Não tenho nenhuma queixa a fazer. De minha parte tudo era amor, e da dela, boa camaradagem e amizade. Quando nos separamos ela era uma mulher livre, mas eu nunca mais poderia ser um homem livre.

“Quando voltei da viagem seguinte, soube de seu casamento. Bem, por que não deveria se casar com quem quisesse? Título e dinheiro — quem poderia ostentá-los melhor que ela? Havia nascido para tudo que é belo e requintado. Não chorei por causa de seu casamento. Não sou um apaixonado tão egoísta assim. Simplesmente me regoziquei com a boa sorte que ela tivera e fiquei feliz porque não estragara sua vida se unindo a um marinheiro sem eira nem beira. Era assim que eu amava Mary Fraser.

“Bem, pensava que nunca a veria de novo, mas na última viagem fui promovido, e como o novo navio ainda não fora lançado, tive de esperar uns dois meses com minha família em Sydenham. Um dia, numa estrada rural,

encontrei-me com Theresa Wright, sua velha criada. Ela me contou tudo sobre a patroa, sem omitir nada. Eu lhes digo, cavalheiros, aquilo quase me deixou louco. Aquele cão bêbado, pensar que ele ousava levantar a mão para ela, cujas botas não era digno de lamber! Encontrei-me com Theresa de novo. Em seguida me encontrei com a própria Mary — e voltei a me encontrar com ela. Depois ela não quis mais se encontrar comigo. Mas um dia desses eu soube que deveria partir em viagem dentro de uma semana e decidi que a veria antes de ir. Theresa sempre foi minha amiga porque amava Mary e detestava aquele bandido quase tanto quanto eu. Por ela fiquei sabendo dos costumes da casa. Mary costumava ficar lendo em sua própria saleta no térreo. Sorrateiramente fui até lá ontem a noite e arranhei a janela. A princípio ela não quis abrir, mas agora sei que em seu coração ela me ama, não poderia me deixar naquela noite gélida. Sussurrando, ela me disse para dar a volta até a grande janela da frente; encontrei-a aberta para mim, permitindo-me entrar na sala de jantar. Novamente ouvi de seus próprios lábios coisas que fizeram meu sangue ferver, e novamente amaldiçoei aquele canalha que maltratava a mulher que eu amava. Bem, senhores, eu estava parado com ela bem junto à janela, na mais completa inocência, Deus é testemunha, quando ele entrou feito um louco na sala, chamou-a do nome mais sórdido que um homem poderia aplicar a uma mulher, e deu-lhe uma pancada no rosto com o bastão que tinha na mão. Eu havia saltado para pegar o atizador e houve uma luta justa entre nós. Veja o meu braço onde o primeiro golpe dele pegou. Depois foi minha vez, e meti-lhe o atizador como se fosse uma abóbora podre. Pensa que me arrependi? Não! Era a vida dele ou a minha; mas, muito mais que isso, era a vida dele ou a dela, porque como eu poderia deixá-la na mão daquele celerado? Foi assim que o matei. Agi mal? Bem, nesse caso, o que qualquer dos senhores teria feito se tivesse estado no meu lugar?

“Ela gritara quando ele a atingira e isso fizera Theresa descer correndo de seu quarto. Havia uma garrafa de vinho no aparador; eu a abri e derramei um pouco entre os lábios de Mary, porque ela estava semimorta com o choque. Depois tomei eu mesmo uma gota. Theresa manteve-se fria como gelo, e a trama foi tanto dela quanto minha. Devíamos fazer com que parecesse que ladrões tinham feito a coisa. Theresa ficou repetindo muitas vezes nossa história para a sua patroa, enquanto eu subi no aparador e cortei o

cordão da campainha. Depois amarrei-o na cadeira e raspei a ponta do cordão para lhe dar uma aparência natural; do contrário, iriam se perguntar como o ladrão subira lá em cima para cortá-lo. Juntei então alguns pratos e vasos de prata, para dar a ideia de roubo, e deixei-as lá com ordens de dar o alarme um quarto de hora depois de minha saída. Joguei a prata no lago e parti para Sydenham, sentindo que por uma vez na minha vida eu fizera realmente um bom trabalho. Esta é a verdade e toda a verdade, Mr. Holmes, ainda que venha a me custar o pescoço.”

Holmes ficou algum tempo fumando em silêncio. Depois cruzou a sala e apertou a mão de nosso visitante.

“É o que eu penso”, disse. “Sei que cada palavra é verdadeira, porque o senhor praticamente não disse coisa alguma que eu já não soubesse. Ninguém senão um acrobata ou um marinheiro poderia ter alcançado aquele cordão apoiado naquele suporte, e ninguém senão um marinheiro poderia ter dado os nós que prendiam o cordão à cadeira. Essa dama só entrara em contato com homens do mar uma vez; e isso fora em sua viagem. A pessoa envolvida devia ser de sua própria classe, pois ela estava fazendo todos os esforços para acobertá-la, mostrando assim que a amava. Veja como foi fácil para mim pôr as mãos no senhor a partir do momento em que comecei a seguir a pista certa.”

“Pensei que a polícia jamais descobriria nosso logro.”

“Ela de fato não teria descoberto; e creio que nem virá a fazê-lo. Agora ouça, capitão Croker, este é um assunto muito sério, embora eu esteja disposto a admitir que o senhor agiu sob a mais extrema provocação a que um homem poderia ser sujeito. Tenho motivos para pensar que, como agiu em defesa de sua vida, sua ação poderá ser julgada legítima. Mas caberá a um tribunal britânico decidir isso. Nesse ínterim, solidarizo-me tanto com o senhor que se quiser desaparecer nas próximas vinte e quatro horas, prometo-lhe que nada o impedirá.”

“E depois tudo será revelado?”

“Certamente tudo será revelado.”

O marinheiro ficou vermelho de raiva.

“Como pode fazer uma proposta desse tipo para um homem? Conheço as leis o suficiente para compreender que Mary seria considerada minha

cúmplice. Pensa que a deixaria enfrentar a situação sozinha enquanto eu salvo a minha pele? Não, senhor; que façam o pior comigo, mas, pelo amor de Deus, Mr. Holmes, descubra uma maneira de manter minha Mary fora dos tribunais.”

Pela segunda vez Holmes apertou a mão do marinheiro.

“Eu estava apenas pondo o senhor à prova, e passou no teste todas as vezes. Bem, é uma grande responsabilidade que estou assumindo, mas dei uma excelente pista para Hopkins e, se ele não for capaz de aproveitá-la, não posso fazer mais nada. Escute, capitão Croker, faremos isto na forma da lei. O senhor é o prisioneiro. Watson, você é o júri — nunca conheci um homem que fosse mais eminentemente adequado para representar um. Eu sou o juiz. Agora, cavalheiros do júri, os senhores ouviram o depoimento. Consideram o prisioneiro culpado ou inocente?”

“Inocente, meu senhor”, disse eu.

“*Vox populi, vox Dei*. Está absolvido, capitão Croker. Enquanto a Justiça não encontrar alguma outra vítima, o senhor está livre de mim. Volte para essa dama dentro de um ano, e possam o futuro dela e o seu justificar o veredicto que pronunciamos esta noite!”

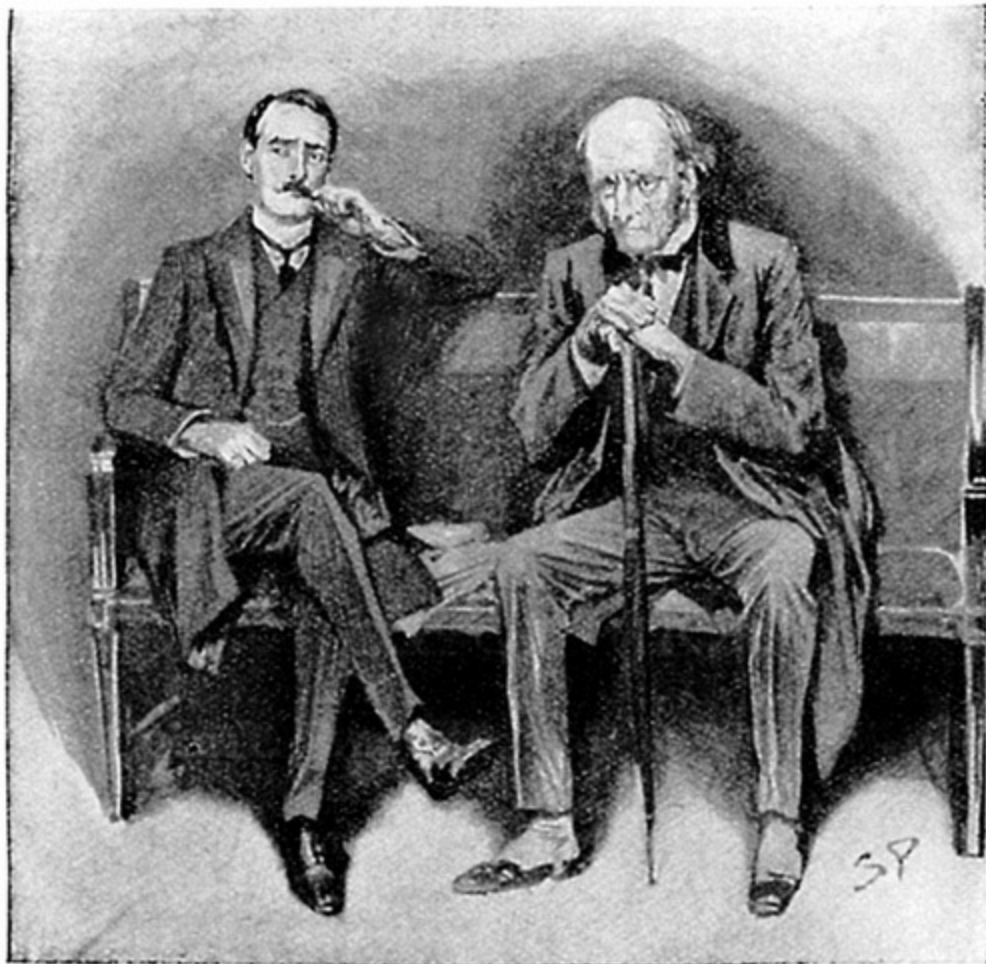
XIII. A SEGUNDA MANCHA

EU HAVIA PRETENDIDO fazer de “A Granja da Abadia” a última destas façanhas de meu amigo, Mr. Sherlock Holmes, que comunicaria ao público. Essa minha resolução não se devia a nenhuma falta de material, uma vez que tenho anotações de muitas centenas de casos a que jamais aludi, nem foi causada por um interesse declinante da parte de meus leitores pela personalidade singular e os métodos únicos desse homem extraordinário. A razão real está na relutância que Mr. Holmes manifestou em permitir que eu continuasse a publicar suas experiências. Enquanto continuava exercendo a profissão, os registros de seus sucessos tinham algum valor prático para ele, mas desde que se afastara definitivamente de Londres e passara a se dedicar a estudar e a criar abelhas nos Downs de Sussex, a notoriedade passara a lhe parecer odiosa e exigiu peremptoriamente que seus desejos nessa questão fossem estritamente observados. Foi só quando o fiz ver que eu havia prometido que “A segunda mancha” seria publicada no momento certo, e lhe mostrei que seria apenas apropriado que esta longa série de episódios culminasse no mais importante caso internacional que ele foi algum dia chamado a investigar, que por fim consegui obter seu consentimento para levar finalmente a público um relato muito cauteloso do incidente. Se ao contar a história eu parecer um pouco vago em certos detalhes, o público compreenderá facilmente que há uma excelente razão para minha reticência.



Foi, portanto, num ano, e mesmo numa década, que não citarei, que numa manhã de terça-feira, durante o outono, tivemos dois visitantes de fama europeia entre as paredes de nossa humilde sala em Baker Street. Um deles, austero, narigudo, com olhos de águia e autoritário, não era outro senão o ilustre Lord Bellinger, duas vezes primeiro-ministro da Grã-Bretanha. O outro, moreno, de traços bem delineados e elegante, que mal chegara à meia-

idade e era dotado de todas as qualidades de corpo e mente, era o Right Honourable Trelawney Hope, secretário para Assuntos Europeus e o estadista que mais se destacara no país nos últimos tempos. Eles se sentaram lado a lado em nosso canapé, em meio aos papéis ali espalhados, e era fácil ver por seus semblantes exaustos e ansiosos que haviam sido trazidos por um negócio da mais premente importância. As mãos magras, cheias de veias azuis, do premiê seguravam com força o cabo de marfim de seu guarda-chuva, e seu rosto macilento e ascético olhava desanimado de Holmes para mim. O secretário para Assuntos Europeus puxava nervosamente o bigode e remexia na corrente do relógio.



“Eles se sentaram lado a lado.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Quando descobri minha perda, Mr. Holmes, o que aconteceu às oito horas da manhã de hoje, informei imediatamente o primeiro-ministro. Foi por

sugestão dele que viemos ambos vê-lo.”

“Informou a polícia?”

“Não, senhor”, disse o primeiro-ministro com o jeito vívido e decisivo pelo qual era famoso.

“Não o fizemos e tampouco é possível que venhamos a fazê-lo. Informar a polícia significa necessariamente, no final das contas, informar o público. Isso é o que desejamos particularmente evitar.”

“E por quê, senhor?”

“Porque o documento em questão é de tão imensa importância que sua publicação poderia muito facilmente — eu poderia quase dizer provavelmente — levar a complicações europeias da máxima relevância. Não é exagero dizer que paz ou guerra podem depender disso. A menos que ele possa ser recuperado sob o mais rigoroso sigilo, tanto faz que o reencontremos ou não, pois tudo que aqueles que o levaram desejam é que seu teor seja do conhecimento de todos.”

“Compreendo. Agora, Mr. Trelawney Hope, eu lhe ficaria muito grato se me contasse exatamente as circunstâncias em que esse documento desapareceu.”

“Isso pode ser feito em muito poucas palavras, Mr. Holmes. A carta — pois tratava-se de uma carta enviada por um potentado estrangeiro — foi recebida seis dias atrás. Era de tal importância que nunca a deixei no meu cofre; levava-a todas as noites para minha casa em Whitehall Terrace e mantinha-a no meu quarto num estojo de documentos trancado. Estava lá ontem à noite. Disso eu tenho certeza. Abri de fato o estojo quando estava me vestindo para o jantar e vi o documento lá dentro. Esta manhã, tinha desaparecido. O estojo havia permanecido junto do espelho em minha penteadeira a noite toda. Tenho sono leve, minha mulher também. Ambos podemos jurar que ninguém entrou no quarto durante a noite. Apesar disso, repito que o papel desapareceu.”

“A que horas o senhor janta?”

“Às sete e meia.”

“Quanto tempo se passou até que fosse se deitar?”

“Minha mulher fora ao teatro. Esperei por ela. Eram mais de onze e meia quando fomos para o nosso quarto.”

“Então o estojo de documentos passou quatro horas lá sem vigilância?”

“Ninguém está jamais autorizado a entrar naquele quarto, exceto a arrumadeira de manhã e meu criado pessoal ou a criada de minha mulher durante o resto do dia. Eles são ambos empregados de confiança, que estão conosco há algum tempo. Além disso, nenhum dos dois teria podido saber que havia alguma coisa mais valiosa que a papelada comum do Ministério em meu estojo de documentos.”

“Quem sabia da existência dessa carta?”

“Ninguém na minha casa.”

“Sua mulher certamente sabia, não?”

“Não, senhor. Eu não havia dito nada para minha mulher até descobrir que o papel desaparecera esta manhã.”

O premiê fez um sinal de aprovação com a cabeça.

“Conheço há muito tempo, senhor, seu elevado senso de dever público”, disse. “Estou convencido de que um segredo de tamanha importância se sobreporia aos mais íntimos laços domésticos.”

O secretário fez uma vênia.

“Está apenas me fazendo justiça, senhor. Até esta manhã eu não havia deixado escapar uma palavra para minha mulher sobre esse assunto.”

“Poderia ela ter adivinhado?”

“Não, Mr. Holmes, não poderia ter adivinhado — ninguém poderia.”

“Já perdeu algum documento antes?”

“Não, senhor.”

“Quem na Europa sabia da existência dessa carta?”

“Todos os membros do Gabinete foram informados sobre ela ontem, mas a promessa de sigilo que acompanha todas as reuniões do Gabinete foi reforçada pela advertência solene feita pelo primeiro-ministro. Céus, pensar que poucas horas depois eu mesmo a teria perdido!” Seu rosto bonito foi distorcido por um espasmo de desespero e suas mãos puxaram o cabelo. Por um momento vislumbramos o homem natural — impulsivo, ardoroso, agudamente sensível. No momento seguinte a máscara aristocrática foi recolocada, e a voz suave voltou. “Além dos membros do Gabinete, há dois, ou possivelmente três, funcionários do ministério que sabem da carta.

Ninguém mais na Inglaterra, Mr. Holmes, eu lhe asseguro.”

“Mas e no exterior?”

“Creio que ninguém a viu no exterior, exceto o homem que a escreveu. Tenho quase certeza de que seus ministros — de que os canais oficiais comuns não foram empregados.”

Holmes refletiu por alguns instantes.

“Agora, senhor, devo lhe perguntar mais particularmente: que documento é esse, e por que seu desaparecimento deve ter consequências de tamanha importância?”

Os dois estadistas trocaram um rápido olhar e o premiê franziu as sobrancelhas peludas.

“Mr. Holmes, é um envelope comprido e fino, azul-claro. Há um lacre de cera vermelha estampado com um leão agachado. Está endereçado numa letra graúda, nítida, para...”

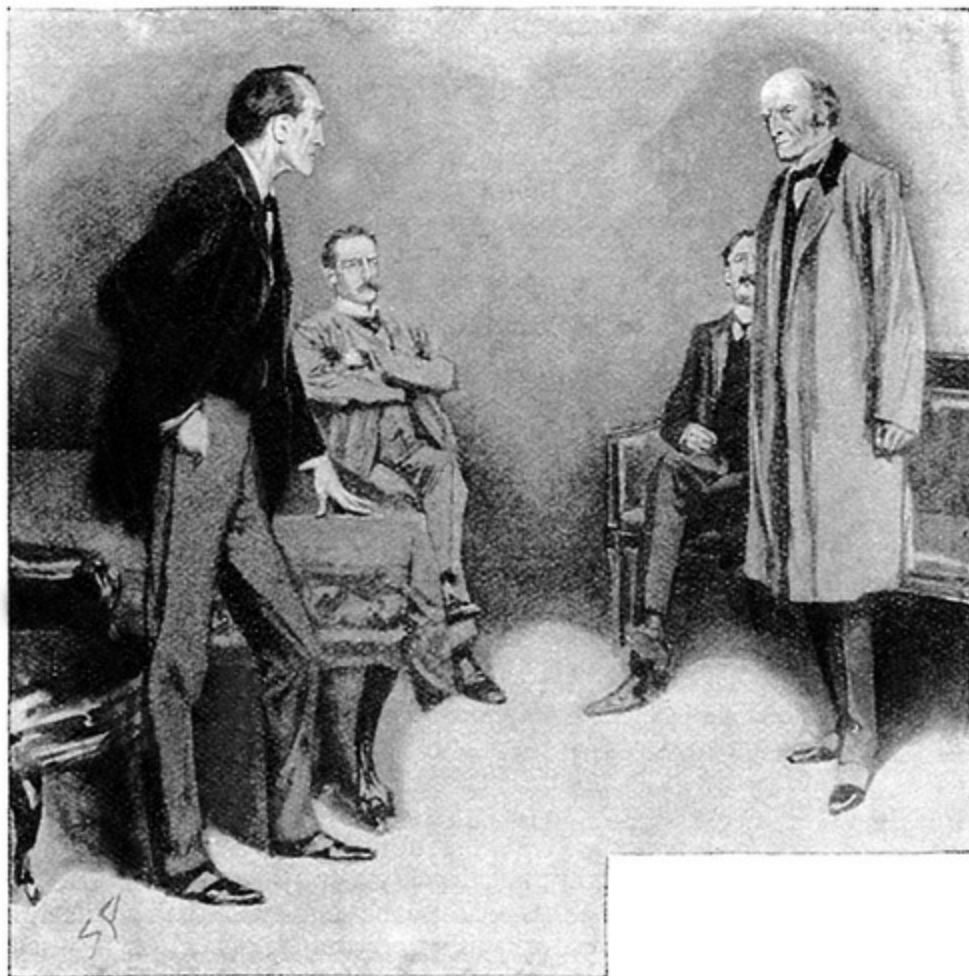
“Temo, senhor”, disse Holmes, “que por mais interessantes e até essenciais que esses detalhes possam ser, minhas indagações devem ir mais à raiz das coisas. Em que *consistia* a carta?”

“Isso é um segredo de Estado da máxima importância, e lamento não poder lhe contar, nem me parece que seja necessário. Se, com a ajuda dos poderes que segundo consta o senhor possui, puder encontrar esse envelope que descrevi, com seu conteúdo, terá se mostrado digno do seu país e fará jus a qualquer recompensa que esteja em nosso poder lhe conceder.”

Sherlock Holmes levantou-se com um sorriso.

“Os senhores são os dois homens mais ocupados do país”, disse, “e, à minha maneira modesta, também sou muito requisitado. Sinto profundamente não os poder ajudar neste assunto; qualquer continuação desta entrevista seria perda de tempo.”

O premiê levantou-se de um salto com aquele lampejo rápido e intenso de seus olhos fundos perante o qual um Gabinete havia se curvado. “Não estou acostumado...”, começou, mas controlou sua raiva e voltou a se sentar. Durante um minuto ou mais ficamos todos sentados em silêncio. Então o velho estadista deu de ombros.



“O premiê levantou-se de um salto.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Temos de aceitar os seus termos, Mr. Holmes. Sem dúvida está certo e é insensato de nossa parte esperar que aja, a menos que goze de nossa inteira confiança.”

“Concordo com o senhor”, disse o estadista mais jovem.

“Então vou lhe contar, confiando inteiramente na sua honra e na de seu colega, dr. Watson. Posso apelar para seu patriotismo também, porque não consigo imaginar maior desgraça para o país que o vazamento deste caso.”

“Pode ter toda a confiança em nós.”

“Pois bem, a carta é de certo potentado estrangeiro que ficou irritado com algumas medidas coloniais recentes deste país. Foi escrita às pressas e sob sua inteira responsabilidade. Averiguações mostraram que seus ministros nada sabem do assunto. Ao mesmo tempo, ela se expressa de maneira tão

desastrosa, e certos termos têm um caráter tão provocativo, que sua publicação despertaria indubitavelmente um estado emocional perigoso neste país. Haveria tal fermentação, senhor, que não hesito em dizer que, menos de uma semana após a publicação dessa carta, este país estaria envolvido numa grande guerra.”

Holmes escreveu um nome num pedaço de papel e o entregou ao premiê.

“Exatamente. Foi ele. E é essa carta — essa carta que pode sem dúvida significar o gasto de um bilhão e as vidas de centenas de milhares de homens — que foi perdida dessa maneira inexplicável.”

“Informou o remetente?”

“Sim, senhor, um telegrama cifrado foi enviado.”

“Talvez ele deseje a publicação da carta.”

“Não, senhor, temos fortes razões para acreditar que ele já compreendeu que agiu de maneira insensata e impetuosa. Se essa carta viesse a público, seria um golpe maior ainda para ele e para o seu país.”

“Se é assim, a quem interessa que a carta seja revelada? Por que alguém desejaria furtá-la ou publicá-la?”

“Aí, Mr. Holmes, o senhor me leva para regiões de alta política internacional. Mas se considerar a situação europeia, não terá nenhuma dificuldade em perceber o motivo. A Europa inteira é um campo armado. Há uma dupla aliança que gera um equilíbrio satisfatório de poderio militar. A Grã-Bretanha está no centro. Se ela fosse levada a entrar em guerra com uma das confederações, a supremacia da outra estaria assegurada, quer esses países entrassem em guerra ou não. Entende?”

“Muito claramente. Então é do interesse dos inimigos desse potentado apossar-se dessa carta e publicá-la, de modo a causar uma ruptura entre seu país e o nosso?”

“Sim, senhor.”

“E a quem esse documento seria enviado se caísse nas mãos de um inimigo?”

“Para qualquer das grandes chancelarias da Europa. Provavelmente está rumando para uma delas neste instante, tão depressa quanto um vapor pode levá-la.”

Mr. Trelawney Hope enfiou a cabeça no peito e soltou um gemido. O premiê pôs a mão em seu ombro, bondosamente.

“Foi uma falta de sorte sua, meu caro. Ninguém pode censurá-lo. Não há nenhuma precaução que você tenha negligenciado. Agora, Mr. Holmes, está de plena posse dos fatos. Que linha de ação recomenda?”

Holmes sacudiu a cabeça, desolado.

“O senhor acredita que, a menos que este documento seja recuperado, haverá guerra?”

“Penso que é muito provável.”

“Neste caso, senhor, prepare-se para a guerra.”

“O que diz é muito grave, Mr. Holmes.”

“Considere os fatos, senhor. É inconcebível que a carta tenha sido levada depois das onze e meia da noite, já que, pelo que entendi, Mr. Hope e sua mulher estavam ambos no quarto entre essa hora e o momento em que a perda foi constatada. Ela foi levada, portanto, entre as sete e meia e as onze e meia, provavelmente mais perto dessa primeira hora, pois quem quer que a tenha pegado sabia evidentemente que ela estava lá e procuraria apossar-se dela o mais cedo possível. Ora, senhor, se um documento dessa importância foi levado nessa hora, onde pode estar agora? Ninguém tem nenhuma razão para retê-lo. Foi rapidamente passado para aqueles que precisam dele. Que chance temos nós agora de pôr as mãos nele ou mesmo de localizá-lo?”

O primeiro-ministro levantou-se do canapé.

“O que diz é perfeitamente lógico, Mr. Holmes. Sinto que o assunto está mesmo fora de nossas mãos.”

“Vamos presumir, para efeito de raciocínio, que o documento foi levado pela criada da sua mulher ou pelo seu.”

“Ambos são empregados antigos e de confiança.”

“Pelo que entendi, o senhor disse que seu quarto fica no segundo andar, que não há entrada a partir de fora e que de dentro ninguém poderia subir sem ser visto. Para quem o ladrão o entregaria? Para um de vários espiões e agentes secretos internacionais cujos nomes me são razoavelmente familiares. Há três que podem ser considerados os mais destacados em sua profissão. Começarei minha pesquisa saindo em campo e verificando se cada um deles

está em seu posto. Se algum estiver ausente — especialmente se tiver desaparecido desde ontem à noite —, teremos alguma indicação quanto ao destino que o documento teve.”

“Por que ele estaria ausente?” perguntou o secretário de Assuntos Europeus. “Ele poderia perfeitamente levar a carta a uma embaixada em Londres.”

“Imagino que não. Esses agentes trabalham de maneira independente e suas relações com as embaixadas são com frequência tensas.”

O primeiro-ministro assentiu com a cabeça.

“Acredito que tem razão, Mr. Holmes. Ele levaria um prêmio tão valioso ao centro do poder com as próprias mãos. Penso que sua linha de ação é excelente. Enquanto isso, Hope, não podemos descuidar de nossos outros deveres por causa desse único infortúnio. Se houver qualquer novo desdobramento durante o dia, entraremos em contato com o senhor, e sem dúvida o senhor nos comunicará os resultados de suas próprias investigações.”

Os dois estadistas curvaram-se e saíram gravemente da sala.

Depois que nossos ilustres haviam partido, Holmes acendeu seu cachimbo em silêncio e passou algum tempo perdido nos mais profundos pensamentos. Eu havia aberto o jornal da manhã e estava imerso num crime sensacional que ocorrera em Londres na noite anterior, quando meu amigo soltou uma exclamação, levantou-se de um salto e pousou o cachimbo sobre o aparador da lareira.

“Sim”, disse ele, “não há melhor maneira de abordar isso. A situação é crítica, mas não desesperada. Mesmo agora, se pudéssemos saber qual deles a pegou, é certamente possível que ela ainda não tenha saído de suas mãos. Afinal, é uma questão de dinheiro com essa gente, e eu tenho o Tesouro Britânico atrás de mim. Se a carta estiver no mercado, eu a comprarei — mesmo que isso signifique um *penny* a mais no imposto de renda. É concebível que o sujeito a retenha para ver que ofertas vêm deste lado antes de tentar a sorte do outro. Só aqueles três são capazes de um jogo tão ousado; são Oberstein, La Rothière e Eduardo Lucas. Vou procurar um por um.”

Dei uma olhada no meu jornal.

“É aquele Eduardo Lucas de Godolphin Street?”

“É.”

“Você não o encontrará.”

“Por que não?”

“Foi assassinado em sua casa ontem à noite.”

Meu amigo me assombrou tantas vezes no curso de nossas aventuras que fiquei exultante ao constatar o enorme assombro que eu havia provocado nele. Fitou-me de olhos arregalados, estupefato, e me arrancou o jornal das mãos. Este era o parágrafo que eu estivera lendo quando ele se levantou da sua cadeira:

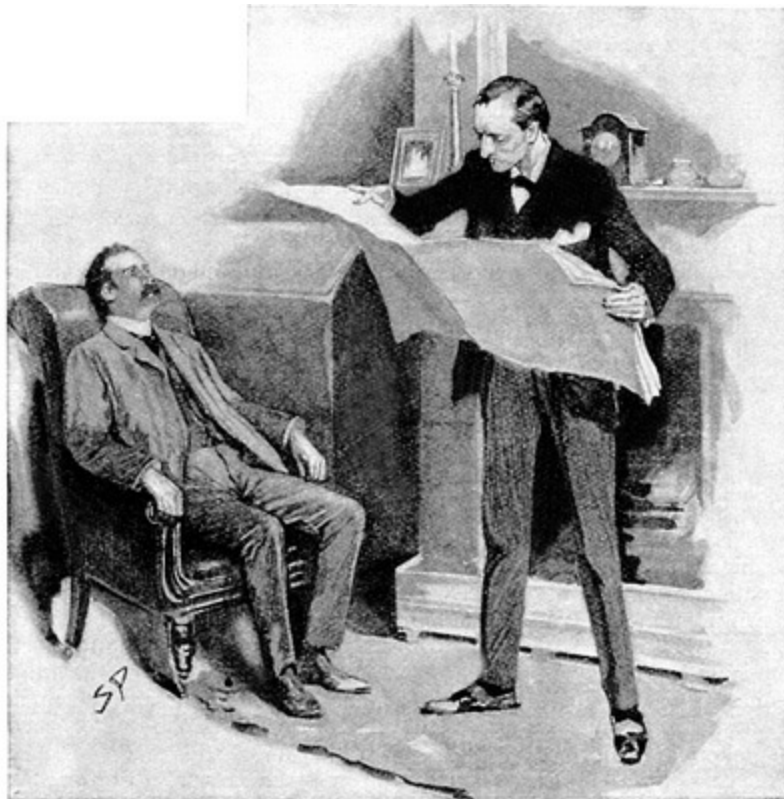
ASSASSINATO EM WESTMINSTER

Um crime de caráter misterioso foi cometido ontem à noite em Godolphin Street, nº 16, casa das filas de residências de estilo antigo e isoladas, construídas no século XVIII, que se erguem entre o rio e a Abadia, quase à sombra da grande torre das Casas do Parlamento. Essa pequena mas seleta mansão é habitada há alguns anos por Mr. Eduardo Lucas, muito conhecido nos círculos da sociedade tanto em razão de sua personalidade encantadora como por ter a merecida reputação de um dos melhores tenores amadores do país. Mr. Lucas é um homem solteiro, de trinta e quatro anos, e sua criadagem consiste de Mrs. Pringle, uma idosa governanta, e Mitton, seu criado pessoal. A primeira se recolhe cedo e dorme no alto da casa. O criado saiu naquela noite, foi visitar um amigo em Hammersmith. Das dez horas em diante, Mr. Lucas ficou a sós na casa. O que aconteceu durante esse tempo, ainda não se sabe, mas às onze e quarenta e cinco o policial Barret, passando pela Godolphin Street, observou que a porta do nº 16 estava aberta. Bateu, mas não recebeu nenhuma resposta. Percebendo uma luz na sala da frente, avançou pelo corredor e bateu novamente, mas sem resposta. Empurrou então a porta e entrou. A sala estava num estado de absoluta desordem; a mobília fora toda arrastada para um lado e no centro só se via uma cadeira caída. Ao lado dessa cadeira, e ainda agarrando uma de suas pernas, jazia o infeliz morador da casa. Fora apunhalado no coração e devia ter morrido instantaneamente. A faca com que o crime foi cometido é uma adaga indiana curva, arrancada de um conjunto de armas orientais que adornava uma das paredes. Roubo não parece ter sido o motivo do crime, uma vez que não houve tentativa de remover os valiosos objetos da sala. Mr. Eduardo Lucas era tão conhecido e querido que seu violento e cruel destino despertará o interesse e as intensas condolências de um amplo círculo de amigos.

“Bem, Watson, que conclusão tira disto?” perguntou Holmes, após uma longa pausa.

“É uma espantosa coincidência.”

“Uma coincidência! Aqui está um dos três homens que havíamos citado como possíveis atores neste drama, e ele sofre uma morte violenta exatamente durante as horas em que sabemos que esse drama estava sendo encenado. As probabilidades de que isso não seja uma coincidência são enormes. Nenhum número poderia expressá-las. Não, meu caro Watson, os dois fatos estão relacionados — *têm* que estar relacionados. Cabe a nós descobrir a relação.”



“Meu caro Watson, os dois fatos estão relacionados — *têm* que estar relacionados.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Mas agora a polícia já deve saber de tudo.”

“De maneira alguma. Eles sabem tudo que estão vendo em Godolphin Street. Não sabem — e não saberão — de nada do que se passou em Whitehall Terrace. Só *nós* sabemos de ambos os eventos e podemos estabelecer a relação entre eles. Há um ponto óbvio que, de todo modo, teria me levado a desconfiar de Lucas. Godolphin Street, em Westminster, fica a poucos minutos a pé de Whitehall Terrace. Os outros agentes secretos que citei moram do outro lado do West End. Teria sido mais fácil para Lucas que

para os outros, portanto, estabelecer uma ligação ou receber uma mensagem de um dos criados do secretário — um pequeno detalhe, mas como os acontecimentos se comprimem num pequeno número de horas, pode se mostrar essencial. Ei! Que temos aqui?”

Mrs. Hudson aparecera com o cartão de uma dama em sua salva. Holmes olhou-o de relance, ergueu as sobrelanceiras e o entregou para mim.

“Pergunte a Lady Hilda Trelawney Hope se poderia ter a bondade de subir”, disse.

Um momento depois nosso modesto apartamento, já tão honrado naquela manhã, foi ainda mais honrado pela entrada da mais linda mulher de Londres. Eu ouvira falar muitas vezes da beleza da filha caçula do duque de Belminster, mas nenhuma descrição, nenhuma contemplação de fotografias sem cor haviam me preparado para o encanto sutil e delicado e o bonito colorido daquele semblante requintado. Apesar disso, tal como a vimos naquela manhã de outono, sua beleza não seria a primeira coisa a impressionar o observador. As faces eram lindas, mas estavam pálidas de emoção; os olhos eram brilhantes, mas era o brilho da febre; a boca sensível estava apertada e sem cor num esforço de autocontrole. O terror — não a beleza — foi o que primeiro nos saltou aos olhos quando nossa bela visitante parou por um instante à porta aberta.

“Meu marido esteve aqui, Mr. Holmes?”

“Sim, madame, ele esteve aqui.”

“Mr. Holmes, eu lhe imploro que não lhe diga que vim!” Holmes curvou-se friamente e indicou uma cadeira à dama.

“Vossa Senhoria me põe numa posição muito delicada. Peço-lhe que se sente e me diga o que deseja; mas lamento não poder fazer nenhuma promessa incondicional.”

Ela cruzou rapidamente a sala e sentou-se de costas para a janela. Era uma presença majestosa — alta, elegante e intensamente feminina.



“Sentou-se de costas para a janela.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1905]

“Mr. Holmes”, disse ela — juntando e separando as mãos enluvadas — “vou falar francamente com o senhor, na esperança de que isso possa induzi-lo a falar também francamente comigo. Reina total confiança entre meu marido e mim em todos os assuntos, exceto um. Trata-se da política. Nesse ponto seus lábios estão selados. Ele não me diz nada. Ora, estou ciente de que houve uma ocorrência extremamente desagradável em nossa casa ontem à noite. Sei que um papel desapareceu. Mas como o assunto é político, meu marido se recusa a confiar inteiramente em mim. Mas é essencial — essencial, repito — que eu compreenda por completo o que está em jogo. O senhor é a única outra pessoa, afora esses políticos, que conhece os verdadeiros fatos. Eu lhe imploro portanto, Mr. Holmes, que me conte exatamente o que aconteceu e que consequências terá. Conte-me tudo, Mr. Holmes. Não permita que a consideração pelos interesses de seu cliente o mantenha calado, porque eu lhe asseguro que os interesses dele, se pudesse ao menos ver isso, seriam mais bem servidos se confiasse plenamente em mim. Que papel era esse que foi roubado?”

“Madame, o que me pede é realmente impossível.”

Ela gemeu e enterrou o rosto nas mãos.

“Precisa compreender isso, madame. Se seu marido considera adequado mantê-la na ignorância sobre esse assunto, caberia a mim, que só tomei conhecimento dos verdadeiros fatos sob a promessa de sigilo profissional, contar-lhe o que ele ocultou? Não é justo pedir isso. É a ele que deve perguntar.”

“Eu perguntei a ele. Vim procurá-lo como último recurso. Mas sem me dizer nada de preciso, Mr. Holmes, o senhor pode me prestar um enorme serviço se me esclarecer sobre um ponto.”

“Qual, madame?”

“A carreira política de meu marido corre grande risco de ser afetada em consequência desse incidente?”

“Bem, madame, a menos que ele seja reparado, poderá ter certamente um efeito muito lamentável.”

“Ah!” ela respirou fundo, como alguém cujas dúvidas foram sanadas.

“Mais uma pergunta, Mr. Holmes. A partir de uma expressão que meu marido soltou sob o primeiro choque desse desastre, compreendi que a perda desse documento poderia acarretar terríveis consequências públicas.” “Se ele disse isso, certamente não o posso negar.”

“De que natureza são elas?”

“Não, madame, agora está novamente me perguntando mais do que posso responder.”

“Então não tomarei mais o seu tempo. Não posso censurá-lo, Mr. Holmes, por ter se recusado a falar mais livremente, e de sua parte, estou certa, o senhor não pensará o pior de mim por desejar, mesmo contra a vontade dele, partilhar as ansiedades do meu marido. Mais uma vez, peço-lhe que não diga nada sobre minha visita.” Lançou-nos um olhar da porta, e tive uma última impressão daquele rosto belo e aflito, os olhos sobressaltados e a boca exangue. Um instante depois ela se fora.



“Lançou-nos um olhar da porta.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“E então, Watson? O belo sexo é o seu departamento”, disse Holmes com um sorriso, quando a porta se fechou, silenciando por fim o fru-fru de saias. “Qual era o jogo da bela dama? Que queria ela realmente?”

“A meu ver suas palavras pareceram muito claras e sua ansiedade é muito natural.”

“Hum! Pense no aspecto dela, Watson, suas maneiras, seu nervosismo contido, sua agitação, sua insistência em fazer perguntas. Lembre-se de que ela vem de uma casta que não demonstra emoções facilmente.”

“Não há dúvida de que estava muito abalada.”

“Lembre-se também da curiosa convicção com que nos garantiu que seria melhor para o marido que soubesse de tudo. Que queria dizer com isso? E você deve ter observado, Watson, que ela deu um jeito de ter a luz nas suas costas. Não queria que decifrássemos sua expressão.”

“Sim; escolheu a única cadeira da sala.”

“Mas os motivos das mulheres são tão inescrutáveis... Lembre-se daquela mulher em Margate de quem desconfiei pela mesma razão. Não

passara pó no nariz — esta se provou ser a explicação correta. Como construir alguma coisa sobre esse tipo de areia movediça? A mais trivial das ações delas pode significar volumes, ou sua mais extraordinária conduta pode depender de um grampo ou de um ferro de frisar o cabelo. Bom dia, Watson.”

“Vai sair?”

“Sim, vou passar o tempo agradavelmente em Godolphin Street com nossos amigos das forças regulares. A solução de nosso problema está com Eduardo Lucas, embora eu deva admitir que não faço a mínima ideia da forma que pode assumir. É um erro capital teorizar antes de conhecer os fatos. Fique de sentinela, meu bom Watson, e receba quaisquer novas visitas. Estarei com você para o almoço, se puder.”



Durante todo aquele dia, no dia seguinte e no outro, Holmes esteve num estado de espírito que seus amigos chamariam de taciturno e outros de rabugento. Entrava e saía correndo, fumava sem parar, tocava fragmentos em seu violino, mergulhava em devaneios, devorava sanduíches em horas irregulares e mal respondia às perguntas ocasionais que eu lhe fazia. Estava evidente para mim que as coisas não corriam bem com ele ou com sua busca. Não dizia nada sobre o caso, e foi pelos jornais que me inteirei dos detalhes da investigação e da prisão e subsequente libertação de John Mitton, o criado pessoal do falecido. O inquérito revelou o óbvio: “Homicídio premeditado”, mas os envolvidos continuaram tão desconhecidos como sempre. Nenhum motivo foi aventado. A sala estava cheia de objetos de valor, mas nenhum fora levado. Os papéis do morto não haviam sido mexidos. Foram cuidadosamente examinados e mostraram que ele era um ardente estudioso da política internacional, um infatigável bisbilhoteiro, um notável linguista e um incansável correspondente. Mantivera relações íntimas com os mais eminentes políticos de vários países. Nada de sensacional, porém, foi descoberto entre os documentos que enchiam suas gavetas. Quanto às suas relações com as mulheres, pareciam ter sido promíscuas mas superficiais. Conhecera muitas delas, mas tivera poucas amigas e não amara nenhuma. Seus hábitos eram regulares, sua conduta inofensiva. Sua morte era um absoluto mistério e provavelmente assim permaneceria.

Quanto à prisão de John Mitton, o criado, foi uma medida desesperada como alternativa à inação absoluta. Mas não foi possível acusá-lo de nada. Havia visitado amigos em Hammersmith aquela noite. O álibi era completo. É verdade que deixou os amigos numa hora que lhe teria permitido chegar a Westminster antes do momento em que o crime foi descoberto, mas a explicação que ele mesmo deu, de que fizera parte do trajeto a pé, pareceu bastante plausível tendo em vista a bela noite que fazia. Ele chegara de fato à meia-noite, e se mostrara devastado pela inesperada tragédia. Sempre tivera boas relações com o patrão. Vários pertences do morto — notavelmente um pequeno estojo de navalhas de barba — haviam sido encontrados entre suas coisas, mas o criado explicou que haviam sido presentes do falecido e a governanta pôde corroborar a história. Mitton trabalhava para Lucas havia três anos. É digno de nota que Lucas não levava o criado consigo para o Continente. Às vezes passava três meses seguidos em Paris, mas Mitton era deixado tomando conta da casa de Godolphin Street. Quanto à governanta, não ouvira nada na noite do crime. Se o patrão tivesse recebido uma visita, ela própria a teria feito entrar.

Assim, por três manhãs o mistério persistiu, até onde pude acompanhá-lo pelos jornais. Se Holmes sabia mais, guardava segredo, mas, como ele me disse que o inspetor Lestrade estava lhe confidenciando tudo sobre o caso, eu sabia que ele acompanhava de perto todos os desdobramentos. No quarto dia foi publicado um longo telegrama de Paris que parecia resolver toda a questão.

Acaba de ser feita pela polícia parisiense [dizia o *Daily Telegraph*] uma descoberta que levanta o véu que pendia em torno do trágico destino de Mr. Eduardo Lucas, violentamente assassinado na noite da última segunda-feira em Godolphin Street, em Westminster. Nossos leitores se lembrarão de que o cavalheiro falecido foi encontrado apunhalado em sua sala e que houve certa suspeita ligada a seu criado, mas a acusação foi sustada por um álibi. Ontem uma senhora, conhecida como Mme. Henri Fournaye, residente numa casinha na rue Auterlitz, foi denunciada às autoridades como louca por seus empregados. Um exame mostrou que ela de fato desenvolvera uma forma perigosa e permanente de insanidade. Ao investigar, a polícia descobriu que Mme. Henri Fournaye voltara de uma viagem a Londres apenas na última terça-feira e há indícios que a vinculam ao crime em Westminster. Uma comparação de fotografias provou conclusivamente que M. Henri Fournaye e Eduardo Lucas são na realidade uma só pessoa e que o falecido, por alguma razão, levava uma vida dupla em Londres e Paris. Mme. Fournaye, que é de origem hispano-americana, tem um temperamento

extremamente excitável e sofreu no passado ataques de ciúme que chegaram ao desvario. Conjecturou-se que foi num desses ataques que cometeu o terrível crime que causou tamanha sensação em Londres. Os movimentos dela na segunda-feira à noite ainda não foram reconstituídos, mas é certo que uma mulher que correspondia à sua descrição atraiu grande atenção em Charing Cross Station na manhã de terça-feira pela extravagância de sua aparência e a violência de seus gestos. É provável, portanto, que o crime tenha sido cometido quando ela estava insana ou que tenha tido o efeito de pôr a infeliz mulher fora de si. No momento ela está incapaz de fornecer qualquer explicação coerente de seu comportamento passado e os médicos não alimentam nenhuma esperança de que recobre a razão. Há indícios de que uma mulher que poderia ter sido Mme. Fournaye foi vista durante algumas horas na noite de segunda-feira observando a casa de Godolphin Street.

“Que pensa disso, Holmes?” eu lera o relato em voz alta para ele, enquanto terminava seu desjejum.

“Meu caro Watson”, disse ele, levantando-se da mesa e pondo-se a andar de um lado para outro na sala, “você tem sido extremamente paciente, mas se eu não lhe disse nada nos últimos três dias, é porque não há nada para dizer. Mesmo agora, este comunicado de Paris não nos ajuda muito.”

“Mas é sem dúvida decisivo com relação à morte do homem.”

“A morte do homem é um mero incidente — um episódio trivial — em comparação à nossa verdadeira missão, que é descobrir esse documento e salvar a Europa de uma catástrofe. Só aconteceu uma coisa importante nos três últimos dias, e é o fato de nada ter acontecido. Recebo relatórios quase de hora em hora do governo, e é certo que em nenhum lugar da Europa há qualquer sinal de perturbação. Ora, se o teor dessa carta tivesse vazado — não, ele *não pode* ter vazado —, mas nesse caso onde ela pode estar? Quem está com ela? Por que está sendo ocultada? Esta é a pergunta que martela em meu cérebro. Teria sido realmente por coincidência que Lucas foi morto na noite em que a carta desapareceu? Teria a carta chegado a ele? Nesse caso, por que não está entre os seus papéis? Será que a louca da mulher dele a levou consigo? Nesse caso, estaria ela na sua casa em Paris? Como poderia eu procurá-la sem despertar suspeitas na polícia francesa? Este é um caso, meu caro Watson, em que a Justiça é tão perigosa para nós quanto os criminosos. Todos os homens estão contra nós e contudo os interesses em jogo são colossais. Se eu conseguir levá-lo a um resultado satisfatório, certamente representará a glória máxima de minha carreira. Ah, cá está a

última notícia da linha de frente. Passou os olhos rapidamente no bilhete que segurava. “Viva! Lestrade parece ter observado algo de interessante. Ponha o chapéu, Watson, e vamos dar uma volta juntos em Westminster.”

Era minha primeira visita ao cenário do crime — uma casa alta, encardida, estreita, pretensiosa, formal e sólida como o século que a produziu. Os traços de buldogue de Lestrade fitaram-nos da janela da frente e ele nos saudou calorosamente quando um policial nos abriu a porta. A sala em que fomos introduzidos era aquela em que o crime fora cometido, mas não restava nenhum vestígio dele, exceto uma mancha feia e irregular no tapete. Era um pequeno tapete quadrado de drogueteno centro da sala, circundado por ampla extensão de um belo e antiquado assoalho de tacos quadrados de madeira, muito polido. Sobre a lareira havia um magnífico arranjo de armas, uma das quais havia sido usada naquela trágica noite. Junto à janela via-se uma suntuosa escrivaninha, e todos os detalhes do aposento, os quadros, os tapetes e as colgaduras, tudo era indicativo de um gosto suntuoso à beira da efeminação.

“Viu as notícias de Paris?”

Holmes respondeu com a cabeça.

“Nossos amigos franceses parecem ter acertado em cheio desta vez. Não há dúvida de que é como eles dizem. Ela bateu à porta — visita inesperada, acredito, porque ele mantinha sua vida em dois compartimentos estanques —, ele a fez entrar, não podia deixá-la na rua. Ela lhe disse como o descobrira, censurou-o. Uma coisa levou a outra, e depois, com esta adaga tão à mão, o fim logo veio. Mas o episódio não durou só um instante, porque estas cadeiras estavam todas arrastadas para aquele lado e ele segurava uma, como se tentasse mantê-la afastada com ela. Ficou tudo tão claro como se tivéssemos visto.”

Holmes arqueou as sobrancelhas.

“E apesar disso mandou me chamar?”

“Ah, sim, há um outro problema — uma insignificância, mas o tipo de coisa que desperta o seu interesse —, esquisito, sabe, e o que o senhor poderia chamar de extravagante. Nada tem a ver com o fato principal, não pode ter, a julgar pelas aparências.”

“Mas o que é?”

“Bem, o senhor sabe, depois de um crime deste tipo tomamos muito cuidado para manter as coisas onde estão. Nada foi tirado do lugar. Houve um policial aqui de guarda dia e noite. Esta manhã, quando o homem estava enterrado e a investigação terminada — no que diz respeito a esta sala — pensamos que podíamos arrumá-la um pouco. Esse tapete. Como vê, não está pregado; está apenas estendido ali. Precisamos levantá-lo. Descobrimos...”

“Sim? Descobriram...”

A ansiedade deixou o semblante de Holmes tenso.

“Bem, tenho certeza de que não adivinharia nem em cem anos o que encontramos. Vê aquela mancha no tapete? Bem, um bocado deveria ter vazado, não é?”

“Sem dúvida alguma deveria.”

“Bem, ficará surpreso de ouvir que não há nenhuma mancha correspondente nos tacos brancos.”

“Nenhuma mancha! Mas deve...”

“Sim, deveria haver. Mas o fato é que não há.”

Segurou a ponta do tapete e levantou-a, mostrando que era realmente como dizia.



“Segurou a ponta do tapete e levantou-a.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Mas o avesso está tão manchado quanto o lado de cima. Isso tem de ter deixado uma marca.”

Lestrade deu uma risadinha, encantado por ter deixado o famoso especialista perplexo.

“Agora vou lhe mostrar a explicação. *Há* uma segunda mancha, mas ela não corresponde a esta. Veja o senhor mesmo.” Enquanto falava virou uma outra ponta do tapete e, sem dúvida, havia sob ela um grande borrão rubro nos tacos brancos do antigo assoalho quadriculado. “Como explica isto, Mr. Holmes?”



“Há uma segunda mancha.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1905]

“Ora, é muito simples. As duas manchas se correspondiam, mas o tapete foi girado. Como ele é quadrado e não está fixado, foi fácil fazer isso.”

“A polícia não precisa do senhor para lhe dizer que o tapete deve ter sido girado. Isso está bastante claro, porque se o estendermos neste sentido as manchas ficarão uma sobre a outra. Mas o que quero saber é quem mudou o tapete de posição, e por quê.”

Pude ver pela face rígida de Holmes que, no seu íntimo, ele vibrava de nervosismo.

“Ouça, Lestrade!” disse, “esse policial que está no corredor ficou aqui de guarda o tempo todo?”

“Sim, ficou.”

“Bem, siga o meu conselho. Interrogue-o cuidadosamente. Não faça isso na nossa frente. Vamos esperar aqui. Leve-o à sala dos fundos. Terá mais probabilidade de obter uma confissão se ele estiver sozinho. Pergunte-lhe como se atreveu a permitir que pessoas entrassem e a deixá-las sozinhas nesta sala. Não lhe pergunte se fez isso. Dê isso como líquido e certo. Diga-lhe que

sabe que alguém esteve aqui. Pressione-o. Diga-lhe que uma confissão completa é sua única chance de perdão. Faça exatamente o que estou lhe dizendo!”

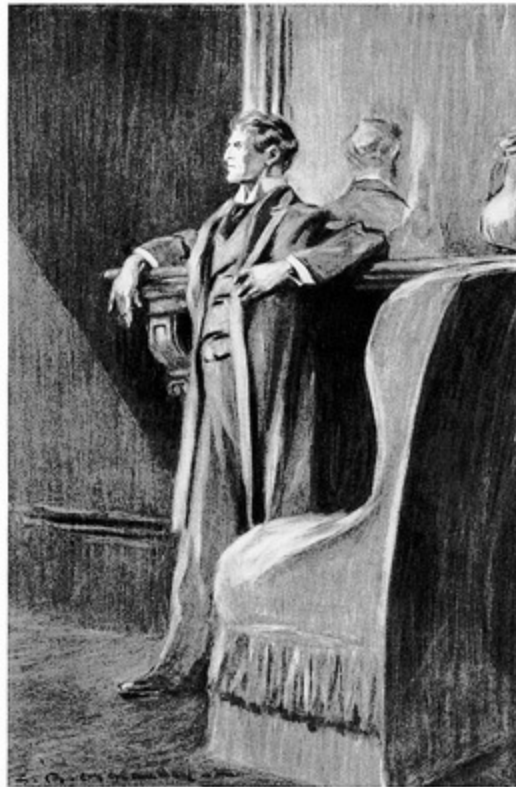
“Deus do Céu, se ele souber, arrancarei tudo dele!” exclamou Lestrade. Disparou para o vestíbulo e poucos momentos depois sua voz intimidante soava na sala dos fundos.

“Agora, Watson, agora!” exclamou Holmes, com uma frenética animação. Toda a força demoníaca do homem, mascarada sob aquelas maneiras apáticas, irrompeu num paroxismo de energia. Arrancou o tapete do chão e num instante estava de quatro, tentando agarrar cada um dos quadrados de madeira que haviam estado debaixo dele. Um deles se ergueu quando enfiou as unhas na sua borda. Levantou-se como a tampa de uma caixa. Uma pequena cavidade preta abriu-se debaixo dele. Holmes enfiou sua mão ávida ali e a tirou com um rosnado doloroso de raiva e decepção. Estava vazio.



“Levantou-se como a tampa de uma caixa.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Rápido, Watson, rápido! Ponha-o de novo no lugar!” A tampa de madeira foi abaixada e o tapete mal acabara de ser estendido quando ouvimos a voz de Lestrade no corredor. Ele encontrou Holmes languidamente recostado no aparador da lareira, resignado e paciente, esforçando-se por ocultar seus irreprimíveis bocejos.



“Ele encontrou Holmes languidamente recostado no aparador da lareira.” [Charles Raymond Macaulay, *Return of Sherlock Holmes* (McClure Phillips), 1905]

“Desculpe-me por fazê-lo esperar, Mr. Holmes. Vejo que está mortalmente entediado com toda esta história. Bem, ele confessou direitinho. Entre aqui, MacPherson. Deixe que estes cavalheiros saibam de sua conduta absolutamente indesculpável.”

O corpulento policial, muito aflito e arrependido, entrou na sala.

“Não tive má intenção, garanto. A moça chegou aqui na porta ontem à noite — confundiu a casa, foi isso. E começamos a conversar. É solitário aqui quando a gente fica o dia todo de guarda.”

“Bem, que aconteceu então?”

“Ela queria ver onde o crime foi cometido — tinha lido sobre ele nos jornais, disse. Era uma jovem muito respeitável, polida, senhor, e não vi nenhum mal em deixá-la dar uma espiada. Quando ela viu a marca no tapete, caiu de repente no chão e ficou prostrada como se estivesse morta. Corri aos fundos e peguei um pouco d’água, mas não consegui reanimá-la. Então dei um pulo no Ivy Plant, aqui perto, para conseguir um pouco de conhaque, mas quando cheguei com ele a moça já havia se recuperado e fora embora — certamente estava envergonhada, sem coragem de me encarar.”

“E sobre a mudança de posição do tapete?”

“Bem, senhor, é verdade que ele estava um pouco enrugado quando voltei. O senhor entende, ela caiu sobre ele, e está estendido num assoalho encerado, sem nada para mantê-lo no lugar. Eu o endireitei depois.”

“Isto é uma lição, para você aprender que não pode me enganar, policial MacPherson”, disse Lestrade com dignidade. “Sem dúvida pensou que sua infração nunca poderia ser descoberta, e no entanto uma mera olhadela no tapete bastou para me convencer de que alguém fora autorizado a entrar na sala. Sorte sua que não está faltando nada, ou você se veria em apuros. Lamento tê-lo chamado por causa de um assunto tão insignificante, Mr. Holmes, mas pensei que o problema da falta de correspondência entre as duas manchas o interessaria.”

“Sem dúvida foi extremamente interessante. Essa mulher só esteve aqui uma vez, policial?”

“Sim, senhor, só uma vez.”

“Quem era ela?”

“Não sei como se chama, senhor. Estava respondendo a um anúncio sobre datilografia e veio ao número errado — uma jovem muito agradável, muito cortês, senhor.”

“Alta? Bonita?”

“Sim, senhor; era uma jovem de boa estatura. Suponho que se poderia dizer que era bonita. Alguns diriam talvez que era muito bonita. ‘Oh, policial, deixe-me dar uma espiada!’ disse ela. Tinha maneiras cativantes, persuasivas, como se poderia dizer, e pensei que não havia mal em deixá-la só enfiar a cabeça na porta.”

“Como estava vestida?”

“Discretamente, senhor — uma capa comprida chegando até os pés.”

“A que horas foi isso?”

“Começava a anoitecer. Estavam acendendo os lampiões quando voltei com o conhaque.”

“Muito bom”, disse Holmes. “Venha, Watson, creio que temos trabalho mais importante a fazer em outro lugar.”

Quando saímos da casa, Lestrade ficou na sala da frente, enquanto o arrendido policial abriu a porta da rua para nós. No degrau, Holmes se virou e mostrou alguma coisa na mão. O policial olhou atentamente.

“Meu Deus, senhor!” exclamou, com espanto no rosto. Holmes pôs o dedo nos lábios, enfiou a mão de novo no bolso do peito e caiu na risada quando nos vimos na rua. “Excelente!” disse. “Venha, Watson, vão se erguer as cortinas para o último ato. Você ficará aliviado ao ouvir que não haverá guerra, que o Right Honourable Trelawney Hope não sofrerá nenhum revés em sua brilhante carreira, que o soberano imprudente não receberá nenhuma punição por sua imprudência, que o primeiro-ministro não terá de lidar com nenhuma complicação europeia e que, com um pouco de tato e habilidade de nossa parte, ninguém gastará um *penny* a mais pelo que poderia ter sido um incidente muito perigoso.” Enchi-me de admiração por esse homem extraordinário.

“Você resolveu o caso!”

“Não completamente, Watson. Alguns pontos continuam tão obscuros como sempre. Mas já sabemos tanto que seria nossa culpa se não conseguíssemos descobrir o resto. Vamos direto para Whitehall Terrace pôr o assunto em pratos limpos.”

Quando chegamos à residência do secretário para Assuntos Europeus, foi por Lady Hilda Trelawney Hope que Sherlock Holmes perguntou. Fomos introduzidos no jardim de inverno;

“Mr. Holmes!” disse a dama, e seu rosto estava cor-de-rosa de indignação. “Isto é sem dúvida extremamente desleal e pouco generoso da sua parte. Eu desejava, como expliquei, manter minha visita ao senhor em sigilo, para que meu marido não pensasse que eu estava me intrometendo em seus negócios. Apesar disso, o senhor me compromete vindo aqui e mostrando assim que há relações de negócios entre nós.”

“Infelizmente, madame, não tive nenhuma alternativa. Fui encarregado de recuperar esse papel imensamente importante. Devo portanto lhe pedir, madame, que tenha a bondade de colocá-lo em minhas mãos.”



“Madame, fui encarregado de recuperar esse papel imensamente importante.” [Frederic Dorr Steele, *Collier's*, 1905]

A dama levantou-se de um salto e num instante seu rosto bonito perdeu toda a cor. Seus olhos ficaram vítreos — ela cambaleou —, pensei que ia desmaiar. Depois, com grande esforço, ela se recobrou do choque e seu semblante foi tomado por supremo espanto e indignação.

“O senhor... o senhor me insulta, Mr. Holmes.”



“O senhor me insulta, Mr. Holmes.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Vamos, vamos, madame, é inútil. Dê-me a carta.”

Ela correu para a campainha.

“O mordomo o acompanhará até a porta.”

“Não toque, Lady Hilda. Se o fizer, todos os meus grandes esforços para evitar um escândalo serão frustrados. Entregue a carta, e tudo ficará bem. Se trabalhar comigo, posso resolver tudo. Se trabalhar contra mim, terei de desmascará-la.”

Ela se postou numa atitude de nobre desafio, uma figura imponente, seus olhos fixos nele como se estivesse lendo sua alma. Tinha a mão na campainha, mas esquecera-se de tocá-la.

“Está tentando me assustar. Não é muito cavalheiresco, Mr. Holmes, vir aqui e amedrontar uma mulher. Diz que sabe alguma coisa. Que é que o senhor sabe?”

“Por favor sente-se, madame. Vai se machucar se cair. Não falarei até que se sente. Obrigado.”

“Tem cinco minutos, Mr. Holmes.”

“Um é suficiente, Lady Hilda. Sei de sua visita a Eduardo Lucas, e que entregou esse documento a ele; sei de sua engenhosa volta àquela sala ontem à noite e da maneira como tirou a carta do esconderijo debaixo do tapete.”

Ela o fitou de olhos arregalados, o rosto lívido, e engoliu duas vezes antes de conseguir falar.

“O senhor está louco, Mr. Holmes — está louco!” exclamou finalmente.

Ele tirou um pedacinho de cartolina do bolso. Era o rosto de uma mulher cortado de um retrato.

“Saí com isso porque pensei que poderia ser útil” disse ele. “O policial o reconheceu.”

Ela sufocou um grito e sua cabeça caiu para trás na cadeira.

“Vamos, Lady Hilda. Vossa Senhoria está com a carta. O assunto ainda pode se resolver. Não tenho nenhum desejo de lhe causar problemas. Meu dever terminará quando eu tiver entregado a carta perdida ao seu marido. Siga meu conselho e seja franca comigo; é sua única chance.”

A coragem dela era admirável. Mesmo nessa altura, não reconhecia sua derrota. “Eu lhe repito, Mr. Holmes, está sendo vítima de um engano absurdo.”

Holmes levantou-se.

“Sinto muito por Vossa Senhoria, Lady Hilda. Fiz o melhor que podia para ajudá-la; posso ver que é tudo inútil.”

Ele tocou a campainha. O mordomo entrou.

“Mr. Trelawney Hope está em casa?”

“Chegará a um quarto para a uma.”

Holmes deu uma olhada em seu relógio.

“Daqui a meia hora”, disse. “Muito bem, vou esperar.”

O mordomo mal fechara a porta atrás de si quando Lady Hilda se pôs de joelhos aos pés de Holmes, as mãos estendidas, o belo rosto erguido e molhado de lágrimas.

“Oh, poupe-me, Mr. Holmes! Poupe-me!” suplicou, num desvario. “Pelo amor de Deus, não lhe conte! Eu o amo tanto! Seria incapaz de lançar uma sombra sobre a vida dele, e isto, eu sei, partiria seu nobre coração.”

Holmes levantou a dama. “Fico grato, madame, por ver que caiu em si

mesmo neste último momento! Não há um instante a perder. Onde está a carta?”

Ela correu até uma escrivaninha, destrancou-a e tirou um comprido envelope azul.

“Aqui está, Mr. Holmes. Quisera nunca a ter visto!”

“Como poderemos devolvê-la?” Holmes murmurou. “Rápido, rápido, temos de pensar em algum modo! Onde está o estojo de documentos?”

“Ainda no quarto dele.”

“Que golpe de sorte! Rápido, madame, traga-o aqui!”

Um momento depois ela apareceu com uma caixa vermelha e chata na mão. “Como a abriu antes? Tem uma cópia da chave? Sim, claro que tem. Abra-a!”

Lady Hilda tirou uma chavezinha do decote. A caixa foi aberta. Estava cheia de papéis. Holmes enfiou o envelope azul bem no meio deles, entre as folhas de um outro documento. O estojo foi fechado, trancado e devolvido ao quarto de dormir do secretário.

“Agora estamos prontos para ele”, disse Holmes; “ainda temos dez minutos. Estou fazendo um grande esforço para acobertá-la, Lady Hilda. Em troca a senhora passará esse tempo contando-me francamente o verdadeiro significado deste extraordinário caso.”

“Vou lhe contar tudo, Mr. Holmes”, exclamou a dama. “Oh, Mr. Holmes, eu preferiria cortar minha mão direita antes de dar a ele um minuto de sofrimento! Não há uma mulher em toda Londres que ame seu marido como eu, e no entanto se ele soubesse como agi — como fui compelida a agir —, nunca me perdoaria. Pois sua honradez é tamanha que não poderia esquecer ou perdoar um lapso em outrem. Ajude-me, Mr. Holmes! Minha felicidade, a felicidade dele, nossas próprias vidas estão em jogo!”

“Rápido, madame, o tempo está terminando!”

“Foi uma carta minha, Mr. Holmes, uma carta imprudente escrita antes de meu casamento — uma carta tola, a carta de uma moça impulsiva, amorosa. Ela era inocente, mas aos olhos dele seria criminosa. Se ele a tivesse lido, sua confiança em mim teria sido destruída para sempre. Faz anos que a escrevi. Pensava que todo esse assunto estava esquecido. Por fim ouvi desse homem, Lucas, que ela fora parar nas suas mãos e que ele a mostraria a

meu marido. Implorei sua misericórdia. Ele disse que a devolveria se eu lhe levasse certo documento que descreveu e que estaria no estojo de documentos de meu marido. Ele tinha um espião no gabinete, que lhe falara da existência dele. Assegurou-me que meu marido não seria prejudicado. Ponha-se no meu lugar, Mr. Holmes! Que devia eu fazer?”

“Contar tudo ao seu marido.” “Eu não podia, Mr. Holmes, não podia! De um lado parecia estar a ruína certa; de outro, por terrível que parecesse pegar papéis do meu marido, em se tratando de política eu não podia compreender as consequências, ao passo que num assunto de amor e confiança elas eram absolutamente claras para mim. Eu fiz aquilo, Mr. Holmes! Tirei um molde da chave dele; esse homem, Lucas, deu-me uma cópia. Abri o estojo, tirei o papel e levei-o a Godolphin Street.”

“Que aconteceu lá, madame?”

“Bati à porta como combinado. Lucas abriu. Segui-o até a sala, deixando a porta do vestíbulo aberta atrás de mim, pois temia ficar a sós com aquele homem. Lembro que havia uma mulher lá fora quando entrei. Nosso negócio foi rápido. Ele tinha minha carta sobre sua escrivaninha. Eu lhe entreguei o documento. Ele me deu a carta. Nesse instante houve um barulho à porta. Ouvimos passos no corredor. Lucas levantou rapidamente a ponta do tapete, enfiou o documento num esconderijo ali e cobriu-o.

“O que aconteceu depois é como um pesadelo. Tenho a visão de um rosto moreno, frenético, de uma voz de mulher que gritava em francês: ‘Minha espera não foi em vão! Finalmente, finalmente eu o encontrei com ela!’ Houve uma luta feroz. Eu o vi com uma cadeira na mão, uma faca brilhava na dela. Dei as costas à horrível cena, saí correndo da casa e só na manhã seguinte, pelo jornal, tomei conhecimento do pavoroso desfecho. Naquela noite eu estava feliz, pois tinha a minha carta e ainda não vira o que o futuro traria.

“Foi na manhã seguinte que compreendi que havia apenas trocado uma aflição por outra. A angústia de meu marido com a perda da carta deixou-me consternada. Mal pude me impedir de me ajoelhar imediatamente aos pés dele e contar o que havia feito. Mas isso significaria também uma confissão do passado. Fui procurar o senhor aquela manhã para compreender toda a gravidade de meu delito. Desde o instante em que a compreendi, não pude pensar em outra coisa senão em recuperar o documento do meu marido.

Ainda devia estar onde Lucas o pôs, porque foi escondido antes que aquela mulher medonha entrasse na sala. Se não tivesse sido a entrada dela, eu não teria sabido onde era o esconderijo dele. Como eu poderia entrar naquela sala? Durante dois dias eu vigiei o lugar, mas a porta nunca era deixada aberta. Ontem à noite fiz minha última tentativa. O que fiz e com que resultado, o senhor já sabe. Trouxe o papel comigo e pensei em destruí-lo, já que não conseguia ver nenhuma maneira de devolvê-lo sem confessar minha culpa ao meu marido. Céus, ouço os passos dele na escada!”

O secretário para Assuntos Europeus irrompeu na sala, alvoroçado.

“Alguma notícia, Mr. Holmes, alguma notícia?” exclamou.

“Tenho algumas esperanças.”

“Ah, graças a Deus!” seu rosto ficou radiante. “O primeiro-ministro vai almoçar comigo. Ele pode partilhar nossas esperanças? Embora tenha nervos de aço, sei que ele mal conseguiu dormir desde esse terrível acontecimento. Jacobs, pode pedir ao primeiro-ministro para subir? Quanto a você, minha cara, lamento mas este é um assunto político. Iremos ao seu encontro dentro de poucos minutos na sala de jantar.”

As maneiras do primeiro-ministro eram contidas, mas pude ver pelo brilho de seus olhos e os espasmos de suas mãos ossudas que partilhava o nervosismo do jovem colega.

“Pelo que entendi o senhor tem algo a relatar, Mr. Holmes?”

“Por enquanto, notícias puramente negativas”, respondeu meu amigo. “Investiguei todos os pontos onde ela poderia estar e tenho certeza de que não há perigo a temer.”

“Mas isso não é suficiente, Mr. Holmes. Não podemos viver para sempre em cima de um vulcão como este. Precisamos ter algo de definido.”

“Tenho esperanças de consegui-lo. É por isso que estou aqui. Quanto mais penso no assunto, mais me convenço de que a carta nunca saiu desta casa.”

“Mr. Holmes!”

“Se tivesse saído, certamente seria de conhecimento público agora.”

“Mas por que alguém a pegaria para mantê-la nesta casa?”

“Não estou convencido de que alguém a pegou.”

“Então como poderia ela ter saído do estojo de documentos?”

“Não estou convencido de que chegou a sair do estojo de documentos.”

“Mr. Holmes, isto é não é hora para brincadeiras. Eu lhe assegurei que ela saiu da caixa.”

“Examinou a caixa desde terça-feira de manhã?”

“Não; não foi necessário.”

“É possível que não a tenha notado.”

“Não, é impossível.”

“Mas não estou convencido disso; já vi coisas desse tipo acontecerem. Presumo que haja outros papéis lá. Ora, ela pode ter se misturado com eles.”

“Estava por cima.”

“Alguém pode ter sacudido o estojo e a deslocado.”

“Não, não; eu tirei tudo.”

“Certamente é fácil tirar isso a limpo, Hope”, disse o premiê. “Peça que tragam o estojo aqui.”

O secretário tocou a campainha.

“Jacobs, traga meu estojo de documentos. Isto é uma ridícula perda de tempo, mas se mais os satisfaz, será feito. Obrigado, Jacobs; ponha-a aqui. Sempre mantenho a chave na corrente do meu relógio. Aqui estão os papéis, estão vendo. Carta de Lord Merrow, relatório de Sir Charles Hardy, memorando de Belgrado, nota sobre os impostos russo-alemães sobre cereais, carta de Madri, bilhete de Lord Flowers... Céus! Que é isto? Lord Bellinger! Lord Bellinger!”

O premiê arrancou-lhe o envelope azul da mão.



“O premiê arrancou-lhe o envelope azul da mão.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1904]

“Sim, é ele — e a carta intacta. Hope, eu o felicito.”

“Muito obrigado! Muito obrigado! Que peso estou tirando do meu coração! Mas isto é inconcebível... impossível! É um mágico, um feiticeiro, Mr. Holmes! Como sabia que estava aí?”

“Bem, eu sabia que não estava em nenhum outro lugar.”

“Não consigo acreditar em meus olhos!” Correu à porta. “Onde está minha mulher? Preciso lhe dizer que está tudo bem. Hilda! Hilda!” ouvimos a voz dele na escada.

O premiê fitou Holmes com olhos dardejantes.

“Vamos, senhor”, disse. “Há mais nesta história do que parece. Como a carta voltou para a caixa?”

Holmes esquivou-se, sorrindo, do exame penetrante daqueles olhos maravilhosos.

“Nós também temos nossos segredos diplomáticos”, disse; e, pegando o chapéu, virou-se para a porta.

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

As aventuras de Sherlock Holmes
O cão dos Baskerville
Um estudo em vermelho
As memórias de Sherlock Holmes
O signo dos quatro
O Vale do Medo
A volta de Sherlock Holmes
Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood
O conde de Monte Cristo
Os três mosqueteiros
Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame
Victor Hugo

O Lobo do Mar
Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda
Howard Pyle

20 mil léguas submarinas
Jules Verne

Títulos disponíveis também em Edição Comentada e Ilustrada
Veja a lista completa da coleção no site www.zahar.com.br

Título original: *The Return of Sherlock Holmes*

Copyright desta edição © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 — 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

Imagem da capa: © Richard Nowitz/Getty Images

Produção do arquivo ePub: Rejane Megale

Edição digital: março 2016

ISBN: 978-85-378-1550-2



O signo dos quatro

Doyle, Arthur Conan

9788537814840

180 páginas

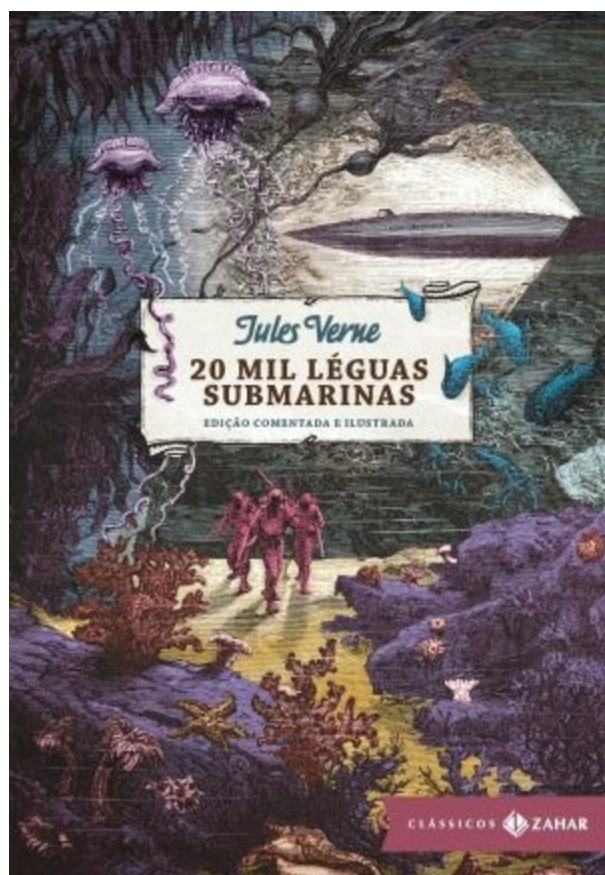
[Compre agora e leia](#)

Assassinato, roubo, traição e vingança em mais um romance do detetive mais amado da literatura policial

O signo dos quatro traz Sherlock Holmes confiante como nunca, e irresistivelmente atraído pelas agruras de sua cliente Mary Morsan, uma bela mulher atormentada por um passado nebuloso. Com seu caro Watson, Holmes vê-se às voltas com uma aventura repleta de elementos dramáticos: as figuras misteriosas de um pigmeu e um homem com perna de pau, uma caçada desesperada, um cão digno de confiança e uma furiosa perseguição pelo Tâmis.

Essa edição traz texto integral e 22 ilustrações originais. A versão impressa apresenta capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)



Jules Verne
**20 MIL LÉGUAS
SUBMARINAS**

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

CLÁSSICOS  ZAHAR

20 mil léguas submarinas

Verne, Jules

9788537806661

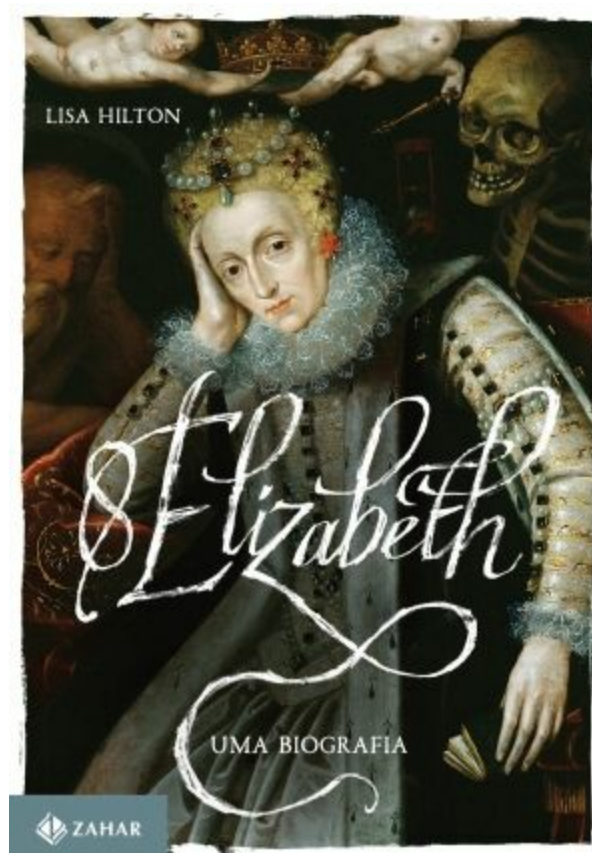
455 páginas

[Compre agora e leia](#)

Há mais de 150 anos, a obra mais famosa de Jules Verne encanta leitores de todas as idades. O escritor ajudou a criar um novo gênero literário, a ficção científica, e seus livros tinham um traço premonitório. Muitas das invenções humanas posteriores foram antecipadas em suas páginas. "20 mil léguas submarinas" é um exemplo. A aventura é das mais emocionantes. O leitor é transportado para 1866, ano em que navios de diferentes nacionalidades começam a naufragar e sofrer misteriosas avarias. As descrições revelam que um ser "comprido, fusiforme, fosforescente em certas ocasiões, infinitamente maior e mais veloz que uma baleia" seria o responsável.

Imediatamente, governantes e homens da ciência mobilizam-se para deter o misterioso monstro marinho. A missão, porém, não sai como esperado. Os responsáveis pela expedição são capturados pelo capitão Nemo, enigmático e problemático, criador do moderno submarino Náutilus, confundido com o tal monstro misterioso. A aventura só começou. A trupe vai viajar pelo fundo do mar, enfrentando águas remotas, criaturas das profundezas e uma fauna e flora exuberantes. Um clássico da literatura mundial que merecia uma edição brasileira à altura. Esta chega agora com tradução cuidadosa, mais de 70 gravuras de época e notas explicativas.

[Compre agora e leia](#)



Elizabeth I

Hilton, Lisa

9788537815687

412 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um retrato original e definitivo da Rainha Virgem narrado com todos os elementos de um impressionante romance

Filha de Henrique VIII e Ana Bolena, Elizabeth I foi a quinta e última monarca da dinastia Tudor e a maior governante da história da Inglaterra, que sob seu comando se tornou a grande potência política, econômica e cultural do Ocidente no século XVI. Seu reinado durou 45 anos e sua trajetória, lendária, está envolta em drama, escândalos e intrigas.

Escrita pela jornalista e romancista inglesa Lisa Hilton, essa biografia apresenta um novo olhar sobre a Rainha Virgem e é uma das mais relevantes contribuições ao estudo do tema nos últimos dez anos. Apoiada em novas pesquisas, oferece uma perspectiva inédita e original da vida pessoal da monarca e de como ela governou para transformar a Inglaterra de reino em "Estado".

Aliando prosa envolvente e rigor acadêmico, a autora recria com vivacidade não só o cenário da era elisabetana como também o complexo caráter da soberana, mapeando sua jornada desde suas origens e infância - rebaixada de bebê real à filha ilegítima após a decapitação da mãe até seus últimos dias.

Inclui caderno de imagens coloridas com os principais retratos de Elizabeth I e de outras figuras protagonistas em sua biografia, como

Ana Bolena e Maria Stuart.

"Inovador... Como a história deve ser escrita." Andrew Roberts, historiador britânico, autor de Hitler & Churchill

"... uma nova abordagem de Elizabeth I, posicionando-a com solidez no contexto da Europa renascentista e além." HistoryToday

"Ao mesmo tempo que analisa com erudição os ideais renascentistas e a política elisabetana, Lisa Hilton concede à história toda a sensualidade esperada de um livro sobre os Tudor." The Independent

[Compre agora e leia](#)

Inclui posfácio do autor sobre o Brasil

REDES Manuel Castells DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA



Movimentos sociais
na era da internet



Redes de indignação e esperança

Castells, Manuel

9788537811153

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

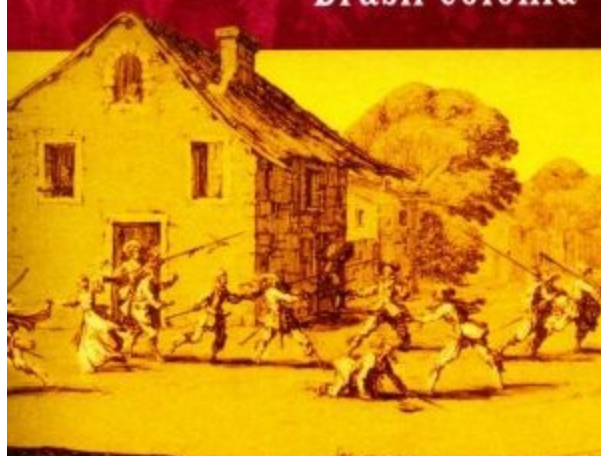
Principal pensador das sociedades conectadas em rede, Manuel Castells examina os movimentos sociais que eclodiram em 2011 - como a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos - e oferece uma análise pioneira de suas características sociais inovadoras: conexão e comunicação horizontais; ocupação do espaço público urbano; criação de tempo e de espaço próprios; ausência de lideranças e de programas; aspecto ao mesmo tempo local e global. Tudo isso, observa o autor, propiciado pelo modelo da internet.

O sociólogo espanhol faz um relato dos eventos-chave dos movimentos e divulga informações importantes sobre o contexto específico das lutas. Mapeando as atividades e práticas das diversas rebeliões, Castells sugere duas questões fundamentais: o que detonou as mobilizações de massa de 2011 pelo mundo? Como compreender essas novas formas de ação e participação política? Para ele, a resposta é simples: os movimentos começaram na internet e se disseminaram por contágio, via comunicação sem fio, mídias móveis e troca viral de imagens e conteúdos. Segundo ele, a internet criou um "espaço de autonomia" para a troca de informações e para a partilha de sentimentos coletivos de indignação e esperança - um novo modelo de participação cidadã.

[Compre agora e leia](#)

JORGE ZAHAR EDITOR

Rebeliões no Brasil Colônia



LUCIANO FIGUEIREDO

Descobrindo o Brasil

Rebeliões no Brasil Colônia

Figueiredo, Luciano

9788537807644

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inúmeras rebeliões e movimentos armados coletivos sacudiram a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Esse livro propõe uma revisão das leituras tradicionais sobre o tema, mostrando como as lutas por direitos políticos, sociais e econômicos fizeram emergir uma nova identidade colonial.

[Compre agora e leia](#)